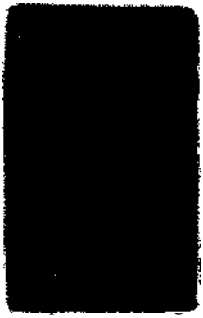
Richoic Viewing Secrets

A HANDBOOK

Joseph McMoneagle



Segredos da visualização remota

A HANDBOOK

A visão remota não é simplesmente usar a capacidade psíquica para obter informações. É usar o protocolo científico para *desenvolver e ampliar* essa capacidade, de modo que as pessoas comuns possam aprender a fazer o que os "videntes" fazem.

Este livro *o* ensina a aprender *sozinho.*

aprendeu a ter visão remota no Exército dos EUA - ele era o Visualizador Remoto nº 001 do programa Stargate do Exército - e recebeu o prêmio Legião do Mérito por sua contribuição em várias operações de inteligência. Em *Remote Viewing Secrets,* o autor de *Mind Trek* e *The Ultimate Time Machine* usa exemplos, exercícios e anedotas para compartilhar o que aprendeu e como aprendeu, além de fornecer tudo o que você precisa para começar a desenvolver suas próprias habilidades.

Remote Viewing Secrets é facilmente o guia mais completo, autêntico e informativo sobre visão remota publicado até hoje.

"Há muitas informações novas aqui. Recomendado."

- *Library Journal*

"Uma perspectiva privilegiada. McMoneagle ignora o hype ... e se concentra em como a visão remota é praticada. Há uma grande quantidade de informações aqui das quais qualquer pessoa pode se beneficiar."

- Richard S. Broughton, Ph.D., Diretor do Instituto de Parapsicologia, J.B. Rhine Center, Durham, NC

"Leitura obrigatória para qualquer pessoa seriamente interessada em compreender - ou praticar - a visão remota. McMoneagle não só tem a melhor compreensão prática e teórica possível
compreensão prática e teórica possível que alguém pode ter neste estágio de nosso conhecimento; ele é tão refrescantemente sensível sobre isso!"

- Dr. Charles T. Tart, Ph.D., editor de *Altered States of Consciousness* (*Estados Alterados de Consciência*) e professor do Institute of Transpersonal Psychology (Instituto de Psicologia Transpessoal). Palo Alto. *CA*

HAMPTON ROADS
PUBLISHING COMPANY, INC.

Nova Ciência/Parapsicologia
$14.95

ISB-N-1-57174-159-3
22 211 $20.00
REMOTE VIEWING SECR
Banyen 03/04
9"781571"741592"

Também de Joseph McMoneagle

Mind Trek

A máquina do tempo definitiva

Segredos da visão remota

UM MANUAL

Joseph McMoneagle

HAMPTON ROADS
PUBLISHING COMPANY, INC.

Copyright© 2000 por
Joseph McMoneagle

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reproduzir este trabalho de qualquer f o r m a , sem permissão por escrito da editora, exceto para breves passagens relacionadas a uma resenha.

Design da capa por Mayapriya Long Imagem de fundo da capa por Digital Stock

Para obter informações, escreva:
Hampton Roads Publishing Company, Inc.
1125 Stoney Ridge Road
Charlottesville, VA 22902

Ou ligue para: 434-296-2772
FAX: 434-296-5096
e-mail: hrpc@hrpub.com www.hrpub.com

Se não for possível encomendar este livro em sua livraria local, você pode encomendá-lo diretamente da editora. Estão disponíveis descontos por quantidade para organizações.
Ligue para 1-800-766-8009, ligação gratuita.

Número do cartão de catálogo da Biblioteca do Congresso: 99-

95410 ISBN 1-57174-159-3

10 9 8 7 6 5

Impresso em papel sem ácido nos Estados Unidos

Dedicatória

Este livro é dedicado à minha
mãe e ao meu pai
porque eu sei que eles sabem.

Toda a realidade se curva à
ilusão da
vida e da morte.

Índice:

Introdução xi

Uma breve história do ensino
e da aprendizagem

Capítulo Um A arte marcial da visão remota 1
O estado mental correto.

Capítulo Dois Níveis de Visualização Remota 7
Faixa branca. Faixa amarela. Faixa laranja. Faixa marrom. Faixa preta (primeiro estágio). Faixa preta (segundo estágio). Faixa preta (terceiro estágio). Faixa preta (quarto estágio). Faixa vermelha/preta - Grande Mestre.

capítulo Três O que é Remote Viewing Is 21
Definições. Diferenças nos protocolos. Diferenças nos métodos. Para que a visualização remota é melhor usada. Não se pode confiar na visualização remota para: Expectativas irracionais. A fraqueza das estatísticas.

Capítulo Quatro O estado mental de um observador remoto 37
Preocupações originais.

Capítulo Cinco Quem Faz a bom remoto Viewer?_____45
O que a SRI-International sabia na época. Características do sujeito. Informações adicionais. A contribuição dos militares. O que agora acredito ser verdade. Além do que foi mencionado acima, quem não deve ser um visualizador remoto. Determinação do provável nível de habilidade de um usuário de visualização remota.

Capítulo Seis Protocolos e metodologias,
O que são e por que são diferentes 69
Os protocolos científicos básicos, como são implementados e por quê. Alvos físicos ou do mundo real. Alvos não físicos. Tipos estranhos ou exclusivos de protocolos. Metodologias e estilos básicos usados pelos visualizadores remotos para coletar e processar informações.

Capítulo Sete Treinamento e aprendizado 103
O que está acontecendo durante o treinamento. Diferenças observadas entre homens e mulheres. Diferenças entre aprendizado e aplicativos. Seleção de alvos para treinamento. O que o espectador vê. Boas práticas. Práticas ruins. Como as informações podem ser processadas. Técnicas para enganar a mente consciente (Ego). Processamento de material. Análise de material. Manutenção de registros. Material de direcionamento específico. Lista de verificação sugerida antes da visualização. Exemplo de um pequeno grupo de alvos de treinamento.

Capítulo Oito Aplicativos 139
Aplicações. Dupla ocultação. Carregamento frontal. Várias visualizações remotas. Trabalhando sozinho como visualizador.

Capítulo nove Tempo 151
Tempo presente. Metas passadas. Metas futuras.

Capítulo Dez Relatórios e manutenção de registros formais 159
Manutenção de registros para um experimento típico. Manutenção de registros para aplicativos. Segurança.

Capítulo Onze Coisas Únicas e Estranhas Conhecidas sobre a visualização remota 167
Tempo sideral local (LST). Efeitos do ruído. Hábitos pessoais. Coisas que não parecem favorecer a visão remota. Outras disciplinas de apoio. Instruções para fazer e usar equipamento de radiestesia durante a visualização remota.
Instruções para a construção de equipamentos para v i d ê n c i a .

Capítulo Doze Ética 193
Privacidade. Lucro, ganância e ego. Outras éticas na visão remota. Ética que afeta a visão remota.

Capítulo Treze Recomendações sobre treinamento 205
Expectativas razoáveis. Como estabelecer seu próprio cronograma de treinamento. Como avaliar seus próprios resultados. Saber quando desistir.

Apêndice A Glossário de termos 217

Apêndice B Artigo: Associação aparente entre o tamanho do efeito em experimentos de cognição anômala de resposta livre e o tempo sideral local 223

Apêndice C Artigo: Flutuações geomagnéticas e cognição anômala de resposta livre: Um novo entendimento 243

Apêndice D Folhas de tempo e protocolo para visualização remota 255

Apêndice E Influência remota, manifestações, e aparições 269
Influência remota. Manifestações e aparições.

Apêndice F Lista de periódicos com revisão por pares 277

Índice 281

Segredos da visualização remota

UM MANUAL

Introdução

Seria tolice acreditar que tudo o que você aprenderá com este livro estará de acordo com tudo o que outras pessoas dizem ou escrevem sobre a visão remota. Um dos grandes mistérios da visão remota é o fato de que tantos indivíduos diferentes podem ter um desempenho igualmente bom em sua estrutura. No entanto, tendo dito isso, também é importante saber que a l g u m a s regras se aplicam e que é necessário aprendê-las e segui-las rigorosamente se você realmente d e s e j a usar a visualização remota como ela foi originalmente planejada.

Não é qualquer coisa que pode ser chamada de visão remota. Há estudantes do paranormal, céticos, funcionários do governo, militares, professores (reais e autoproclamados) e até mesmo cientistas que acham que sabem algo sobre visão remota, mas que, na verdade, não têm a menor ideia. Eu me encontraria em um desses grupos, se não fosse pelo fato de ter passado um período considerável da minha vida totalmente imerso no lado da pesquisa e do desenvolvimento da visão remota, principalmente no laboratório que deu início a tudo, o Cognitive Sciences Lab (CSL).

Se eu tivesse de escolher um único lugar onde a visão remota foi testada, re-testada e avaliada, ou onde os muitos aspectos de direcionamento, análise e as metodologias associadas a eles foram mais examinados, seria

tem que ser a CSL. Passei quase quinze anos lá, tanto como pesquisador associado quanto como sujeito, e ainda estou empregado em tempo integral por essa organização. Além disso, fui um dos visualizadores remotos originais recrutados para o que hoje é comumente chamado de Projeto STARGATE, o projeto outrora secreto do Exército criado para usar visualizadores remotos treinados para fins de inteligência durante a Guerra Fria. Como tal, fiz aplicações (às vezes chamadas de operacionais) de visualização remota em apoio a essa unidade por um período de quase dezoito anos, até seu encerramento em novembro de 1995. Desde então, continuei a fazer aplicações privadas de visualização remota para várias empresas e indivíduos, além de pesquisar visualização remota para a CSL e outros laboratórios.

Já vi muita água passar por baixo da ponte e desenvolvi uma perspectiva única sobre o ensino e o aprendizado da visualização remota. Vinte e um anos de experiência em algo tão efêmero como a visualização remota pode não ser algo que alguém normalmente gostaria de reivindicar, mas é o que eu faço e faço muito bem. E, como resultado, sei bastante sobre o assunto.

Neste ponto, é necessário introduzir uma advertência muito grande. Seria errado insinuar que sou a única pessoa que sabe algo sobre visão remota. Ao longo de dezoito anos, contando o pessoal de apoio e de visualização, provavelmente de oitenta a oitenta e cinco pessoas estiveram envolvidas no projeto, tanto no lado científico quanto no operacional. Durante algum tempo, as operações foram realizadas por ambos, assim como alguns testes e avaliações científicas. Provavelmente, menos de três dúzias de pessoas eram espectadores. Dos outros, cerca de metade eram cientistas, e o restante desempenhava funções de apoio, como avaliação, análise e monitoramento operacional. É importante entender que nenhum indivíduo jamais foi considerado mais importante do que outro. Sempre foi necessário muito trabalho em equipe e esforço para cumprir a missão - científica, operacional ou outra.

Então, por que haveria diferenças de opinião com relação à visão remota, especialmente com relação a ensiná-la ou aprendê-la? Ao contrário do que se poderia pensar, essas diferenças geralmente não são tão grandes quanto parecem inicialmente. Para os não iniciados, elas podem parecer s e r , mas na verdade não são. Além disso, muitas coisas que estão sendo declaradas como fatos sobre a visão remota precisam ser colocadas em contexto para entender por que essas diferenças de opinião ocorrem.

Por exemplo: alguns membros da unidade podem dizer que acreditam que qualquer pessoa pode aprender a ter visão remota. Outros parecem dizer exatamente o contrário: que a visão remota não pode ser ensinada. Na verdade, nenhuma das afirmações é verdadeira em um contexto tão restrito. Esse é um dos resultados infelizes de viver em uma época em que a declaração de uma única linha ou "frase de efeito" é importante. Geralmente, é tudo o que se tem. Não é de se surpreender que, dadas as duas frases de efeito acima, alguém presuma que duas coisas diferentes estão sendo ditas e que há um grande abismo de diferença entre elas. Ao escrever este manual, espero esclarecer ao leitor onde está a diferença real e onde não está. Quero que todos entendam que a maioria de nós realmente está de acordo e que a diversidade de opiniões não é apenas saudável, mas um requisito se quisermos progredir em qualquer crescimento da compreensão da visão remota.

Uma breve história

Não é minha intenção reescrever a história da visão remota. O que f a r e i , entretanto, é dizer às pessoas onde elas podem obtê-la. Se você estiver interessado no ponto de vista de uma pessoa sobre os primórdios da visão remota e seu próprio papel dentro dela, então terá de obter acesso à Internet World Wide Web. Depois disso, acesse o site do Sr. Ingo Swann em: www.biomindsuperpowers.com/Pages/RealStoryMain.html.

Ele escreveu uma das histórias antigas mais detalhadas e longas disponíveis sobre o assunto. Tudo o que ele diz nesse site é provavelmente tão preciso quanto se pode ser com percepções pessoais, pelo menos de um ponto de vista histórico. No entanto, você deve se lembrar de que essa também é uma visão singular e unilateral desses eventos e que contém pouquíssimos dados relacionados ao projeto militar secreto. É quase certo que surgirão argumentos sobre esses anos de outras pessoas que estavam lá na época e talvez tenham visto as coisas de forma um pouco diferente. Deve-se lembrar, entretanto, que as discordâncias não devem afetar a maneira como pensamos sobre a veracidade da visão remota em si.

Além disso, ao comentar sobre a história da visão remota, seria antiético não fazer referência a um texto pouco conhecido de um homem chamado Rene Warcollier. Ele escreveu um livro intitulado *Mind To Mind,* publicado pela Creative Age Press de Nova York em 1948. O livro foi originalmente concebido como uma palestra que ele proferiu na Sorbonne em junho de 1946, sob o título "A Contribution to the Study of Mental Imagery Through Telepathic Drawing". Essa palestra foi essencialmente um relatório sobre centenas do que ele chamou de experimentos telepáticos que realizou durante um período de quase quarenta anos. Sua abordagem, tentativas de controle, deferência única aos desenhos e os resultados estatísticos de seus experimentos são muito aplicáveis à pesquisa de visão remota em andamento atualmente. Aqueles realmente interessados em buscar a visão remota como algo mais do que um hobby devem tentar obter uma cópia desse livro antes de começar.

Não se pode contestar o fato de que o Laboratório de Ciências Cognitivas do SRI International colocou a visão remota no mapa. O CSL recebeu uma quantidade considerável de financiamento, realizou e apoiou experimentos extensivos e forneceu suporte a operações de inteligência de 1972 a 1995. Se isso não tivesse ocorrido, não teria existido o Projeto STARGATE e a história da visão remota teria sido, de fato, muito curta. Um fato pouco conhecido

fato sobre o CSL que precisa ser dito aqui é que o dinheiro gasto em experimentos durante o período de 23 anos não foi todo gasto lá. Ele foi compartilhado por meio de inúmeros subcontratos com muitos outros laboratórios, permitindo que uma grande quantidade de pesquisas sobre o paranormal fosse realizada em áreas que, às vezes, eram apenas perifericamente relacionadas à visão remota. Isso levou a uma maior compreensão de tudo, desde métodos de avaliação, passando pelo estabelecimento de padrões estatísticos, até como o cérebro humano poderia ser estudado de forma apropriada.

Essas realizações foram e são diretamente atribuídas ao Dr. Hal Puthoff e ao Sr. Russell Targ nos primeiros anos, de 1972 a 1986, e ao Dr. Edwin C. May e seus colegas, de 1986 até o término do projeto em novembro de 1995. (Preciso acrescentar que o Dr. May trabalhou por aproximadamente mais de nove anos na CSL antes de se tornar seu diretor em 1986).

Além disso, dezenas de outros cientistas trabalharam no CSL entre 1972 e 1995, alguns dos quais se tornaram líderes em vários campos, bem como diretores de outros laboratórios ou organizações na vanguarda das investigações sobre a natureza da humanidade. Estou ressaltando esse fato para que o leitor entenda que não houve falta de ciência real e sólida na história ou nos antecedentes da visão remota. Essa ciência deve, por direito, ter um grande peso quando os leitores decidirem o que devem ou não fazer ou acreditar sobre a visão remota e sua forma ou aplicação apropriada.

Também devo declarar aqui que as descobertas e os materiais do laboratório foram compartilhados e usados no elemento operacional do Projeto STARGATE, localizado em Fort Meade, Maryland, pelo menos durante a maior parte do tempo em que ele existiu. Como resultado de dificuldades gerenciais, houve períodos em que isso não aconteceu. Essa é a base para pelo menos três áreas significativas de discordância que podem surgir entre os antigos membros dessa unidade.

São elas:

a. As pesquisas que estabeleciam mudanças em aplicativos específicos de visualização remota às vezes não eram vistas como construtivas ou favoráveis aos requisitos operacionais pelos gerentes de projeto de Fort Meade. Nesses casos, essa pesquisa era sumariamente descartada como desnecessária ou simplesmente descartada. Como essas sugestões quase sempre foram implementadas na CSL, mas não na Unidade Meade, não há apenas discordância sobre sua necessidade, mas uma total falta de compreensão sobre sua eficácia ou sobre a pesquisa que exigia as alterações originais ou recomendadas.

b. Sempre houve uma grande discrepância entre bons e maus gerentes no STAR- GATE. Alguns dedicaram tempo e trabalho para aprender e entender completamente os mínimos e máximos operacionais e científicos. (Em outras palavras, havia coisas para as quais a visualização remota deveria e não deveria ser usada). Isso significa que, durante dezoito anos, houve vários períodos de tarefas apropriadas e inapropriadas, a aplicação de várias metodologias apropriadas e inapropriadas e uma infinidade de técnicas de avaliação que podem ou não ter sido apropriadas em um determinado momento. Como a responsabilidade gerencial total pelo projeto residia na unidade Meade, o lado científico da casa às vezes estava sujeito a essas irregularidades, assim como os visualizadores remotos. Às vezes, isso causava um grande impacto tanto no projeto como um todo quanto nas pessoas que o integravam.

c. Quando você lida com o paranormal, você lida com um campo único que tem a tendência de polarizar os indivíduos em um extremo ou outro - desde o descrente convicto (personalidade do tipo desmascarador de mente estreita) até o fanático (que acredita em quase tudo).

tende a polarizar os indivíduos em um extremo ou outro - desde o descrente obstinado (personalidade de mente estreita do tipo desmascarador) até o fanático (que acredita em quase tudo). As pessoas nas forças armadas não são divinamente inspiradas, portanto, não são exceção a isso. O exército teve e tem seu quinhão de indivíduos muito polarizados, alguns mais do que outros. Alguns estavam dentro e outros fora da Unidade STARGATE.

Portanto, é fácil entender as grandes linhas de divergência que podem estar em questão e que geralmente são responsáveis pelo grande grau de discordância que parece existir entre os indivíduos da área. Tendo trabalhado tanto para o lado operacional quanto para o lado científico da casa, devo argumentar que, em caso de dúvida, quase sempre se deve dar preferência à versão científica de por que as coisas acontecem ou não acontecem.

A razão simples para isso é que, se você tentar defender a visão remota (que, lembre-se, é uma função paranormal) a partir de um ponto de vista estritamente operacional, é quase certo que perderá a batalha. Isso é particularmente verdadeiro quando se tenta defender a visão remota contra um ponto de vista saudável e cético. Embora as aplicações da visão remota possam apresentar alguns exemplos anedóticos muito bons de sucesso, elas deixam muitas explicações para o fato de que elas podem ter acontecido de outra forma que não a visão remota. As batalhas já são bastante difíceis quando os fatos são respaldados pela ciência, mesmo a ciência realizada sob as diretrizes rigorosas de vários comitês de supervisão científica. Esse é um dos principais motivos pelos quais a CSL sempre funcionou com pelo menos três desses comitês entre 1986 e 1995.

Aqueles que desejarem conhecer uma história mais detalhada do Cognitive Sciences Laboratory e o que ele tem a dizer sobre a visão remota podem fazê-lo na Internet, em: www.lfr.org/csl/index.html.

Como este é um manual sobre visão remota, não há

razão para entrar em maiores detalhes sobre sua história. Tenho certeza de que muitas pessoas farão essa tentativa no futuro. Só peço que, ao considerarem essa história, lembrem-se de que provavelmente mais de noventa e nove por cento do material necessário para estabelecer essa história reside em três áreas:

a. As pessoas que participaram do STARGATE, cada uma com uma visão diferente e cada uma com conhecimento de um período de tempo finito dentro da unidade.

b. A Unidade Operacional, ou Fort Meade, para a qual noventa e nove por cento do material ainda não foi desclassificado ou disponibilizado ao público.

c. O Laboratório de Ciências Cognitivas, onde, sem dúvida, foi realizada a maior parte da pesquisa real. Uma parte significativa desse material já foi publicada em periódicos de revisão por pares[1] e em artigos d e referência. No entanto, assim como o material operacional, grande parte desse material permanece confidencial.

Ensino e aprendizado

Então, isso significa que qualquer pessoa pode aprender a fazer visualização remota e que todos podem aprender a fazer isso igualmente bem?

Na verdade, a resposta é sim e não.

Como resultado da pesquisa e das aplicações, há muitas coisas que agora entendemos sobre a visão remota que não sabíamos no início. Sabemos que a maneira como se aborda o alvo, como o visualizador remoto é gerenciado ou como as informações são tratadas terão efeitos decisivos sobre os resultados. Sabemos muito mais sobre o modo apropriado versus inapropriado que remoto

[1]Uma lista dessas publicações pode ser encontrada no Apêndice F.

A visão remota deve ser aplicada e como não exagerar. Sabemos sobre os hábitos destrutivos e construtivos dos visualizadores remotos ao receber informações, processá-las e traduzi-las para papel ou fita. Provavelmente, sabemos tanto sobre o que não deve ser feito quanto sobre o que deve ser feito durante uma visualização remota. Conhecemos detalhes sobre os protocolos corretos, especificidades sobre metodologias diferentes, exceções que existem entre treinamento e aplicações, formas exclusivas de emprego, práticas boas e ruins, como aproveitar as informações com o tempo, carregamento frontal eficiente e disfuncional e dezenas de outras pistas internas sobre o cerne da visualização remota eficaz. Entendemos, até certo ponto, as prováveis consequências da dieta, ou o contrário, como a visualização remota pode afetar a saúde de uma pessoa. Todas essas coisas podem ser ensinadas, aprendidas e aplicadas.

É possível ensinar todo mundo a se sair tão bem quanto a outra pessoa na visão remota? Não mais do que se pode ensinar todos a serem competidores de primeira linha em natação, atletismo, tiro ou golfe.

A experiência diz que provavelmente é uma mistura de desejo e foco (33%), qualidade e intensidade do treinamento (33%) e o talento natural com que você entra pela porta (33%). Como saber se você tem o que é preciso? Bem, é sobre isso que trata este livro.

Capítulo Um

A arte marcial da visão remota

Michel Random afirma no prefácio de seu livro, *The Marcial Martial Arts, Espadachim, Kendo, Aikido, Judô, Karatê;* Polvo Books Limited, 1977:

> *Os mitos modernos sobre o super-homem, o destruidor invencível, constituem uma tentação perigosa de esticar o arco de energia até o ponto em que a corda se rompe, onde o ser literalmente explode por dentro. Mesmo que esses seres se tornem ídolos comerciais, objetos de aclamação pública, eles não deixam d e ser marionetes inarticuladas trazidas à vida com poder e energia artificiais, que inevitavelmente se voltam uns contra os outros porque não foram assimilados em termos reais. A energia é o que se faz dela. Ela pode ser uma fonte de vida ou uma fonte de morte, uma criação ou destruição. Não há sabedoria exclusiva para o budo e o budo não escapa da sabedoria universal, na qual a finalidade não é nem a retração nem o esgotamento do intelecto, mas sua totalidade e harmonia. Ser, nesse sentido, significa conhecer, e conhecer é acrescentar energia à energia, vida à vida, amor ao amor. Esse é o caminho do universo.*

Quando escreveu essas palavras, ele estava se referindo ao budo, ou Caminho do Guerreiro, em um sentido de arte marcial . Entretanto,

tendo estudado as artes marciais e a visão remota por mais de vinte anos, devo dizer que a visão remota, pelo menos da forma como a compreendi, pode ser expressa da mesma maneira.

A visão remota é um modo - *RV'do*[2]. É uma disciplina, uma ciência e uma técnica que contém certos princípios que não podem e não devem ser diluídos. Assim como nas artes marciais, os métodos ou *estilos* que entraram em ação podem ser diferentes, mas os princípios essenciais que sustentam os fundamentos de sua prática não devem e não podem ser alterados.

Esses princípios determinam que, para ser ensinado e bem ensinado, é preciso aprender não apenas os aspectos que podem ser praticados por meio da repetição sob protocolo, mas também as realidades mais efêmeras que afetam diretamente as regras fundamentais de integridade que unem tudo isso. A prática é *o corpo da mente* sendo condicionado, e a filosofia ou espiritualidade que apoia esse condicionamento é a *alma da mente.*

O estado correto da mente

Gostamos de pensar que todos os mestres de artes marciais japoneses são zen-budistas, mas não são. A religião tradicional e original do Japão é o xintoísmo. Xintoísmo significa literalmente "o caminho de kami", e kami significa "místico". O xintoísmo não tem fundador, nem escrituras ou textos oficiais, nem dogmas e, mesmo assim, sobreviveu às eras, incluindo a chegada do budismo no ano 538. Como resultado de várias mudanças no budismo, o zen foi introduzido no Japão em algum momento do século XIII. O Zen não pode ser descrito muito bem a não ser dizendo o que ele "não é". Não é um sistema de ideias, metafísica ou religião. É ainda menos dotado de dogmas, crenças, votos ou símbolos do que os demais.

[2]*RV'do* é uma marca registrada.

No Zen, não se busca nada. Não se pode obter mérito algum, não se exige fé, não é necessário um salvador, não há recompensa justa, não há escolha em todas as coisas, nem há qualquer desejo de realização.

Quando me perguntam sobre o que é preciso aprender para fazer visualização remota, minha resposta normal é: "Zen".

A meditação zen dá grande ênfase ao estado mental e espiritual do praticante. As funções de racionalização e cálculo da mente são suspensas para que a mente e o corpo possam reagir imediatamente e em uníssono a uma influência externa. Nas artes marciais, isso pode ser uma ameaça física. Para o observador remoto, é a conclusão de um pensamento sem que o pensamento seja necessário.[3]

Ao seguir o caminho da visualização remota, a pessoa aprende a ser um recipiente vazio, dentro do qual podem se formar ideias que são relevantes para um local, evento, objeto, pessoa ou conceito desconhecido. Essas ideias não estão conectadas a nenhum desejo, vontade, problema, crença ou estrutura pessoal que possa já existir dentro de nós.

Como não há como descrever realmente a experiência perfeita de um conhecimento tão íntimo e completo como o que ocorre durante o compartilhamento do sujeito e do alvo, o treinamento se torna mais um *desaprendizado* de hábitos desenvolvidos desde a infância. São hábitos que atrapalham a simbiose perfeita entre a mente e o alvo.

O estado mental correto durante a visualização remota é muito parecido com a tentativa de se equilibrar mentalmente em uma cerca de arame fino. Ao se esforçar para encontrar o ponto perfeito de equilíbrio dentro do vazio, você chega a um ponto de exclusão de todos os outros pensamentos. É apenas a súbita percepção de que você está em harmonia, perfeitamente equilibrado na borda, que arruína o estado de ser. Conforme explicado por muitos mestres zen, essa é uma condição mental quase tão difícil de dominar quanto de descrever.

[3]Uma lista dessas publicações pode ser encontrada no Apêndice F.

Portanto, um estado de espírito correto é essencial para a busca do RV'do. O desenvolvimento desse estado mental correto requer, no mínimo, o seguinte

a. Eliminação dos aspectos negativos do ego. Quando se trata de experiência em visão remota, seguir uma doutrina de interesse próprio individual é altamente corrosivo para seus objetivos finais. Um senso exagerado de autoimportância sempre será destrutivo para o objetivo maior. A autoimportância exige que você estabeleça níveis crescentes de excelência. Você logo descobre que é impossível cumprir as expectativas. O medo do fracasso se torna seu mestre.

b. Renúncia total a qualquer expectativa pessoal de perfeição. Provavelmente, você nunca encontrará a perfeição na visão remota. Ela é igual a qualquer outro sentido. Erros serão cometidos, os filtros às vezes serão ativados ou desativados de forma inadequada ou suas aberturas de percepção não serão suficientemente precisas. Definir expectativas específicas ou personalizadas só complicará as coisas. Isso tornará mais difícil para você lidar com as falhas quando elas ocorrerem e aumentará o número delas. Você precisa entender desde o início que cada um de nós aprende à sua própria maneira, aprende em sua própria velocidade e o sucesso é medido de forma diferente para cada um de nós. Não há como se comparar com aqueles que vieram antes de você. Tampouco é necessário fazer isso.

c. Será necessário um crescimento tanto espiritual quanto filosófico. A visão remota é compatível com uma forte fé em uma ordem superior, um ser ou uma energia maior, e não deve, de forma alguma, ser ofensiva às suas crenças religiosas.

d. A palavra medo, em todas as suas permutações, terá de ser eliminada de seu vocabulário. O medo gera

O medo pode causar paranoia, raiva e ressentimento e é totalmente destrutivo para o processo de visão remota. O medo implica um acordo tácito para participar da raiz ou das energias negativas que estão na base de sua própria criação. Se você acha que será prejudicado, então será, e se você acha que algo é maligno, então é. Somos nossos piores inimigos quando se trata da geração do medo e do lado sombrio.

e. Por fim, será necessária uma busca contínua e equilibrada da verdade. Acima de tudo, você deve manter sua capacidade de pensar criticamente, de fazer perguntas, de manter um ceticismo saudável e de caminhar na linha central da realidade aceitável. A realidade aceitável, nesse caso, é um ponto médio, em algum lugar entre os extremos percebidos. A facilidade com que uma pessoa é capaz de se iludir nesse campo é lendária. A distância entre saber que algo é verdade e acreditar nisso pode ser medida em menos de um piscar de olhos. A credibilidade de uma pessoa é tão frágil quanto um ovo de pássaro azul. Uma vez quebrada, ela é irreparavelmente destruída e, para sempre, fica em algum lugar fora de alcance, mais um saco de ossos em alguma pilha de mídia.

Ao construir uma nova casa, é dada muita atenção à fundação. O maior cuidado é concentrado na base de concreto reforçado com aço sobre a qual o restante da casa se assentará. Muito antes de começar a se parecer com uma casa, as paredes de pedra sólida, os blocos de concreto preenchidos com núcleo ou as paredes de concreto moldado são construídos e, em seguida, enterrados sob toneladas de terra. Embora grande parte dessa construção nunca mais seja vista, é o cuidado e a atenção meticulosa aos detalhes na construção da fundação que determinam a longevidade, a resistência e o suporte inerentes à estrutura acabada.

O que foi dito acima se refere a essa base, agora vem a estrutura superior.

Capítulo Dois

Níveis de visão remota

Na verdade, não tenho certeza de que seja possível estabelecer níveis específicos de visão remota. Outros tentaram fazer isso, mas a dificuldade reside no fato de que todos nós processamos informações mentalmente de forma diferente. Enquanto isso acontecer, não se pode esperar que duas pessoas reajam da mesma forma ao desenvolver sua capacidade de visão remota. Na verdade, você deve esperar ver diferenças entre os indivíduos desde o início de sua exposição.

Entretanto, por natureza, pensamos em níveis e, de certa forma, esperamos por eles. Portanto, como um guia, mostrarei o que uma pessoa comum pode esperar. De acordo com o conceito de RV'do, apresentei-os de forma muito semelhante aos diferentes cinturões que se pode esperar encontrar em uma arte marcial. Tentarei descrever cada uma delas da forma mais completa possível.

Faixa branca

Geralmente é o iniciante ou novato, alguém que está sendo exposto à visão remota pela primeira vez. Há uma grande honra em ser chamado de novato. Para cada *Ômega*, ou fim, tem de haver um *Alfa,* um começo. Todos que realmente entendem as artes marciais

entende que o início é exatamente onde esperamos chegar.

Todos os mestres começam com uma faixa branca e uma primeira introdução à técnica. Anos mais tarde, quando já dominaram suficientemente não apenas uma técnica, mas muitas, são capazes de sintetizar o que aprenderam em algo poderoso e simples. A chave para se tornar um mestre é pegar o que é necessário dos outros, usá-lo para identificar seu próprio talento ou habilidade natural e, em seguida, criar algo igualmente eficaz, mas com uma simplicidade e graça muito maiores.

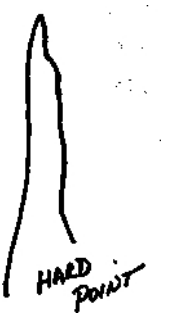
Portanto, o visualizador remoto iniciante pode esperar aprender uma técnica muito básica ou inicial nesse estágio. Ela deve ser simples o suficiente para ser compreendida, poderosa o suficiente para produzir um nível básico de resposta, mas significativa o suficiente para mostrar que há mais (com esforço) disponível.

O espectador com faixa branca pode esperar descrever uma gestalt principal, mas muito pouco mais. Uma gestalt é a soma dos elementos que criam uma impressão geral de um alvo. Grande parte das informações que um faixa-branca pode esperar ver será fragmentada de forma quase irreconhecível e terá pouquíssimas interconexões. Em outras palavras, muitas delas não farão sentido algum.

Além da visualização remota ativa em si, os visualizadores faixa-branca devem entender algumas das regras. Por exemplo, eles devem aprender as diferenças entre protocolos bons e ruins. Eles devem ser capazes de definir o que é visualização remota e as diferenças entre visualização remota e outras formas de comportamento paranormal. (A maior parte disso pode ser encontrada no Capítulo Três).

A seguir, um exemplo de um alvo com um resultado de visualização remota que pode ser esperado de um visualizador de faixa branca:

Alvo real



Resultado esperado

Faixa amarela

As diferenças entre as faixas branca e amarela provavelmente não parecerão muito significativas, mas são. É nesse momento que os visualizadores começam a receber mais informações que são reconhecidas como provenientes de seus "sentidos". Na verdade, esse é um termo comumente usado: "Sinto *que* há muito vermelho no local do alvo".

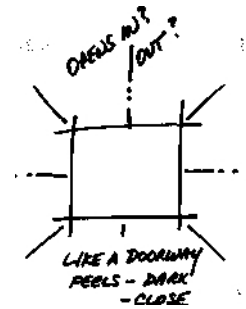
Esse nível de habilidade geralmente resulta no primeiro uso da palavra "gostar" também. "It's. . . bem *como* uma piscina, mas não é de fato uma piscina".

O motivo dessa mudança é que você descobriu essencialmente o local em sua mente onde os dados chegam, mas não tem absolutamente nenhum controle sobre a quantidade de processamento que faz com eles. Na verdade, você ainda não tem controle sobre o acesso total a eles.

Descrições gerais dos alvos podem ser esperadas, bem como uma sensação geral do ambiente. Além da visualização remota propriamente dita, os alunos da faixa amarela devem começar a aprender sobre os requisitos mentais necessários, a competência, a estabilidade, a inteligência e os requisitos educacionais. Eles devem compreender os aspectos negativos da visualização remota e quais efeitos podem ser esperados da instabilidade mental. Eles devem ser ensinados sobre como suas experiências afetarão as pessoas ao s e u redor, como

como família, amigos ou conhecidos. (Muito disso será apresentado no Capítulo 4.) A seguir, um exemplo dos resultados de um visualizador de faixa amarela:

Meta real



Resultado esperado

Faixa laranja

Esse nível de aprendizado pode ser resumido nas palavras "*impacto estético"*. O impacto estético trata de como o senso de arte, a beleza e o gosto do espectador remoto são a f e t a d o s . As coisas que você mais gosta e não gosta no alvo se tornarão evidentes. O problema com isso é que também se tornará difícil dizer onde começa ou termina a informação real do alvo e onde está sua imaginação em relação a ela. O observador da faixa laranja terá muita dificuldade em controlar o processo criativo natural e a imaginação. separando-o da fonte de informações do alvo real.

O lado positivo é que os detalhes anteriormente confusos começarão a se unir de forma significativa, mostrando links e conexões dentro do alvo. Ao mesmo tempo, você começará a reconhecer ou perceber a sobreposição gerada internamente. Chamamos isso de "sobreposição analítica", porque geralmente é produzida na parte de processamento da mente e não tem nada a ver com os dados reais da visualização remota, conforme apresentados em sua forma bruta.

Embora esse seja um dos estágios mais exigentes do aprendizado de visualização remota, também pode ser um dos mais divertidos.

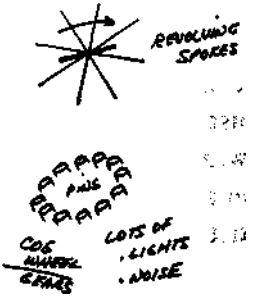
divertidas. Se prestar atenção, você aprenderá muito sobre como e por que processa as informações da maneira que faz e poderá se livrar de muitos dos maus hábitos que adquiriu ao longo do seu desenvolvimento humano.

Um pequeno exemplo seria: Uma *sensação* de luz brilhante refletida em uma superfície, para a maioria das pessoas, significa quase que automaticamente que há vidro no alvo. Entretanto, com o tempo, aprendemos que a *sensação* de luz brilhante refletida também pode vir de concreto, aço ou metal, uma grande área de areia branca, a superfície da água, um espelho, janelas ou pode ser produzida artificialmente. Assim, aprendemos rapidamente sobre um hábito ruim chamado *suposição.*

Além dos aspectos de visualização desse estágio, os visualizadores da faixa laranja também devem aprender sobre como os visualizadores são selecionados, como alguns desenvolvem mais talento do que outros e por quê. Isso permitirá que eles superem os principais problemas em si mesmos que possam estar impedindo que se tornem melhores espectadores.

Esse estágio é o que chamo de o primeiro dos três estágios de "fazer ou quebrar". É aqui que os aspirantes a novos espectadores descobrem se têm ou não o que é preciso para continuar em um processo de aprendizado que realmente não tem fim. Se eles querem dedicar uma parte significativa de suas vidas para entender e se centralizar no "RV'do". (Muitas dessas informações podem ser encontradas no Capítulo Cinco.) A seguir, um exemplo de visualização de faixa amarela:

Meta real



Resultado esperado

Faixa marrom

As emoções começam a se manifestar. Ao entrar no estágio de faixa marrom, você descobrirá que precisa aprender a lidar com as emoções. Essas emoções serão geradas no alvo, bem como sua reação emocional ao que pode ser percebido no alvo. Isso não parece muito, mas é uma das coisas mais difíceis que um visualizador remoto precisa superar.

As emoções são reações primárias a eventos e circunstâncias que desenvolvemos dentro de nós durante um longo período de tempo. Em geral, reagimos emocionalmente às coisas muito antes de sermos capazes de pensar sobre elas em um sentido racional. Portanto, as emoções obscurecem o material de visualização, dificultam a definição dos detalhes e os cobrem com pensamentos preconcebidos.

Como também é nesse ponto que começamos a tirar conclusões, isso cria uma combinação muito perigosa. A maioria tem experiência suficiente para saber que o que você *acha que* está "vendo" às vezes não é o que você *acha que* está vendo.

Lembro-me de uma cena de um filme em que Mel Gibson vê a filha de seu parceiro sendo agredida. Ele reage emocionalmente à situação, pula no agressor por trás e o derruba no chão. Infelizmente, acontece que ela conseguiu um emprego como atriz e eles estão no meio da filmagem de uma cena em um cenário de rua.

Nesse estágio da visualização, é muito fácil cometer esse tipo de erro: chegar a uma conclusão precipitada. Também é muito fácil se deixar envolver pela emoção de outra pessoa no alvo e imaginar o que ela pode estar sentindo, com base nos detalhes. Esses tipos de emoções podem ou não estar corretos.

O que é bom nesse estágio de aprendizado é que ele nos força a desacelerar e a prestar muita atenção aos detalhes. Com o tempo, passamos a perceber que há várias conclusões que podem se encaixar em um determinado conjunto de detalhes semelhantes.

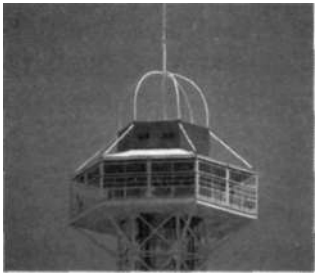
Por e x e m p l o : Um grande quadrado cheio de água pode não ser uma piscina. Pode ser uma fossa séptica, um viveiro de peixes sem peixes, um espelho d'água ou um tanque de retenção. Um objeto alto e fino com o que parece ser frondes no topo pode ser uma palmeira ou também pode ser uma antena de televisão.

Se prestarmos atenção nesse estágio, aprenderemos muito sobre como devemos o r g a n i z a r os detalhes.

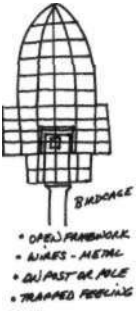
Os espectadores que estão buscando a faixa marrom em RV'do também devem aprender tudo sobre os vários métodos ou técnicas que podem ser usados na visualização remota. Eles devem ter uma compreensão clara dos prós e contras em relação aos tipos de alvos, por que alguns alvos são muito bons para visualização remota e outros não.

Protocolos estranhos e únicos foram desenvolvidos ao longo dos anos para tratar de tipos muito restritos ou específicos de alvos de visão remota, tais como: perguntas binárias (sim/não, certo/errado, comprar/não comprar, etc.), cura, alvos subatômicos ou microalvos, problemas relacionados a eventos, etc. Tudo isso deve estar claramente entendido a esta a l t u r a .

Algumas formas, métodos ou técnicas bastante exóticos também podem ser aprendidos. O observador de faixa marrom deve ter pelo menos um conhecimento sólido do que são essas formas e os prós e contras de cada uma delas. (Informações sobre esses assuntos podem ser encontradas no Capítulo Seis.) Segue um exemplo de visualização de faixa marrom:



Alvo real



Resultado esperado

Faixa preta (primeiro estágio)

Ao entrar nessa região da faixa, começa-se a refinar as ideias e os conceitos pertinentes ao alvo. Esses são os conceitos que orientam a situação-alvo. Por que as coisas estão acontecendo do jeito que estão e qual deve ser o resultado final.

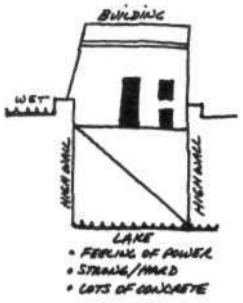
Esse é o nível de visualização remota que permite o desenho em escala, a proporção correta dos elementos do alvo entre si e a interconexão entre uma área do alvo e outra. É onde o espectador começa a entender a relação completa das pessoas dentro do alvo, suas motivações e por que elas estão lá. Esse nível de habilidade representa as inter-relações dos elementos dentro do alvo e dá significado a ele.

A análise do material do alvo será muito boa nesse estágio, mas ainda não será perfeita. Pode-se esperar acertar um alvo escolhido aleatoriamente pelo menos cinquenta por cento do tempo, e a pessoa deve ser capaz de produzir de 30 a 50% de informações que façam muito sentido sobre o alvo, mostrem detalhes significativos e/ou estabeleçam conclusões sólidas sobre o alvo.

Nesse ponto, além de ver as técnicas, o novo espectador de faixa preta deve ter uma compreensão muito clara dos métodos de ensino e aprendizado aos quais foi submetido. Ele deve entender o que pode ser transmitido por um método de ensino e o que não pode, ou o que depende do talento. Eles devem aprender os detalhes que envolvem a aplicação da visualização remota - por que há diferenças entre os métodos de aprendizado e os métodos de aplicação.

Quando os Black Belts (Primeiro Estágio) concluírem o treinamento, eles deverão ser capazes de identificar e selecionar alvos apropriados para o aprendizado e de configurar adequadamente um alvo para fins de aplicação. (A seleção de metas apropriadas é apresentada no Capítulo 7.) A seguir, os resultados da visualização de um Black Belt (Primeiro Estágio):

Meta real



Resultado esperado

Faixa preta (segundo estágio)

Toda a estrutura da visualização remota deve mudar nesse ponto. Normalmente, os observadores não estarão mais pensando nos alvos da mesma forma que pensavam até agora.

Os desenhos se tornarão tridimensionais e os aspectos ocultos de um alvo começarão a se destacar. Os espectadores terão uma percepção muito clara de onde estão em relação ao alvo e poderão mudar essa percepção à vontade.

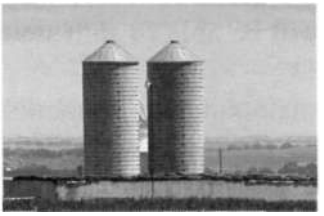
Esse é um estágio muito difícil de manter e não pode ser feito facilmente nem mesmo pelo mais proficiente dos espectadores. Esse é o segundo nível de visualização "d e c i s i v o ". A maioria das pessoas que aprendem a visualizar remotamente e que dedicam uma quantidade considerável de tempo e esforço para fazê-lo geralmente chega ao fundo do poço nesse ponto. Isso provavelmente tem a ver com a estrutura de crenças filosóficas, ou seja, depende do que eles podem mudar em si mesmos e do que não podem.

A maior parte do que podemos ver e entender sobre nossas crenças geralmente pode ser mudada. Porém, há m u i t a s coisas, filosoficamente, que nunca poderemos ver. O simples fato de alguém ser exposto às possibilidades não garante que ele a s observará ou se tornará consciente delas.

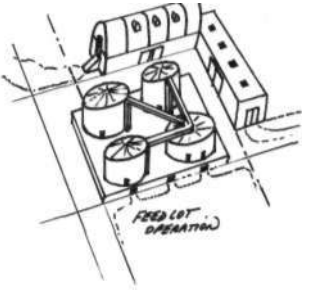
Há aspectos do tempo/espaço que sempre permanecerão fora do alcance de alguns indivíduos. Não importa o quanto t e n t e m , eles nunca verão ou entenderão a próxima camada.

De um ponto de vista prático, não há nada de errado n i s s o . De fato, tentar forçar uma mudança em alguém nesse nível pode resultar em danos graves à psique. Essa área fica no limite da razão. Forçar a questão aqui não é recomendado.

Entretanto, um faixa preta do segundo estágio ainda pode aprender os aspectos não visuais desse estágio, que lidam com o "carregamento frontal". Até este ponto, não abordei essa questão muito importante, porque aprender qualquer coisa sobre ela sem entender a base de todos os estágios que vêm antes só criaria confusão e mal-entendidos. (Um exemplo desse nível de visualização é apresentado a seguir:



Meta real



Resultado esperado

Faixa preta (terceiro estágio)

Os faixas-pretas do terceiro estágio devem ser capazes de descrever toda a história do alvo no contexto da expressão abstrata e devem ser capazes de detalhar as conexões ou o lugar do alvo na realidade e no espaço/tempo.

Isso realmente abre as portas para a história, o futuro e como o alvo flui no tempo. Isso também é o melhor que se pode esperar de qualquer pessoa com relação à habilidade de visão remota. As habilidades que se seguem são muito mais avançadas e, embora não sejam absolutamente necessárias para o processo de visualização remota como é usado em aplicações cotidianas, elas podem trazer uma compreensão muito mais profunda da RV'do para o praticante.

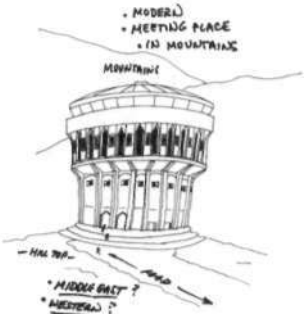
Uma pessoa que atinge esse nível e que consegue demonstrar essa habilidade de forma consistente pode enfrentar qualquer desafio. Não há alvos ou condições de visão remota que não possam ser enfrentados.

Seria apropriado afirmar que alguém que tenha atingido esse estágio é, ou deveria ser considerado, um Mestre de RV'do. Não há necessidade de ir além desse ponto. No entanto, alguns desejarão fazê-lo.

Em um sentido não visual, esse nível é onde se aprende tudo sobre o tempo, o que provavelmente é real e o que provavelmente não é real. O direcionamento para o passado, presente e futuro exige condições exclusivas que alguém nesse nível deve entender claramente. (Informações sobre essas formas de direcionamento podem ser encontradas no Capítulo 9).

As habilidades adicionais que devem ser dominadas nesse nível são: relatórios, manutenção de registros formais, características únicas/estranhas conhecidas por impactar a visão remota e outras disciplinas paranormais que impactam/apoiam a visão remota. (Essas são encontradas nos Capítulos Dez e Onze).

Um exemplo desse nível de visualização demonstra o aumento da profundidade e do conhecimento sobre o alvo. Em muitos casos, o espectador apresentará desenhos quase perfeitos do alvo.



Alvo real **Resultados**

esperados Local de culto.

Local onde pessoas de cultura semelhante se reúnem.

Grande e muito aberto por dentro.

Oriente Médio.

Edifício moderno que reflete a arquitetura antiga.

Faixa preta (quarto estágio)

Este é o terceiro ponto "d e c i s i v o". É aqui que o mestre é introduzido em um tipo ou nível diferente de conhecimento.

Manifestações e aparições dentro e fora do alvo especificado começam a ocorrer ocasionalmente. É nesse ponto que a sabedoria se torna um aspecto real da estrutura. Não estou falando de sabedoria como um conhecimento que pode ser ensinado, estou falando da sabedoria que é transmitida sobre a condição humana. Essa forma de sabedoria não tem nada a ver com definições "locais" de certo ou errado, mas tem tudo a ver com a dignidade humana e a retidão, como os seres humanos devem ser respeitados e/ou tratados.

O Mestre de RV'do, nesse nível, começa a ver elementos da realidade que normalmente permanecem ocultos, relacionados a ideais construtivos e destrutivos; ideais que estão enterrados sob ou por trás da natureza das coisas . O conhecimento espontâneo

O conhecimento e a compreensão espontâneos são automáticos nesse estágio. Saber quando é um *conhecimento* correto versus uma *crença* falsa também é aprendido nesse momento.

Uma compreensão completa das intrincadas interações da realidade torna-se aparente. Além disso, obtém-se pelo menos uma compreensão parcial de como alterar os resultados futuros por meio da ação, bem como da cura de si mesmo e dos outros. Alguns desses aspectos são levemente abordados no Capítulo Treze. A maioria dessas condições não está sendo vivenciada em tempo integral nem é muito bem controlada pelo indivíduo quando ocorre.

Faixa Vermelha/Preta - Grande Mestre

O que ocorre aqui é uma integração total de tudo o que foi aprendido com o que agora é compreendido sobre os próprios pontos fortes e fracos. É um local de autorrealização, um momento de intensa limpeza espiritual e ética. É onde o aluno do RV'do evolui de volta ao ponto *Alfa*, o início.

É a posição final de foco e compreensão. Mas também é a posição de maior simplicidade. É uma união quase perfeita do talento paranormal de uma pessoa misturado à realidade existente. As pessoas que atingem esse nível não precisam mais pensar em como fazer isso, elas simplesmente fazem.

Capítulo Três

O que é a visão remota

O que define a visualização remota às vezes é difícil de ser entendido pelo leigo ou pelo visualizador remoto iniciante. Na verdade, às vezes, as coisas podem se tornar tão complexas que um cientista teria dificuldade em garantir que a visualização remota e não outra coisa esteja realmente ocorrendo, porque a visualização remota é tão semelhante a outras coisas, como o funcionamento psíquico. Os médiuns funcionam de inúmeras maneiras. Alguns fazem o que é chamado de "leitura fria", em que se sentam na frente de alguém e descrevem coisas que estão acontecendo em suas vidas. Embora isso exija m u i t a sensibilidade em relação às outras pessoas, não garante necessariamente que uma transferência real de informações esteja ocorrendo de forma psíquica.

Sabemos, por exemplo, que o simples fato de estar na sala com uma pessoa que sabe a resposta para algo e poder estudá-la por um curto período de tempo é, às vezes, suficiente para obter informações que ela possui sem nunca abordá-la diretamente. Eles não precisam nos passar as informações verbalmente e não precisam escrevê-las. Apenas por meio da observação, elas acabarão gerando informações suficientes para nos dizer o que precisamos saber.

As pessoas fazem isso de várias maneiras diferentes. Você se lembra de quando era criança e jogava aquele jogo em que escondia algo e depois dava dicas para alguém

que a procurava, enquanto ela se movia pela sala: "Você está ficando mais quente, você está ficando mais quente, você está quente, uh-oh, você está pegando fogo!"

Bem, estou falando do mesmo tipo de coisa. Por exemplo, a maneira como uma pessoa se inclina em uma cadeira pode nos dizer quando estamos chegando perto de uma resposta correta. A maneira como as pessoas cruzam os braços durante uma conversa ou o que fazem com as mãos também transferem informações. Até mesmo onde e como uma pessoa move os olhos ao responder a uma pergunta pode nos dizer se estamos certos ou errados, se ela está inventando uma resposta para nos desviar do caminho ou se simplesmente não sabe.

Os videntes que às vezes usam ferramentas diferentes para praticar seu ofício complicam ainda mais essas situações. Eles podem estar fazendo vidência com uma bola de cristal ou interpretando as cartas de um baralho de Tarô. Alguns médiuns obtêm suas informações espontaneamente, de forma natural ou não treinada. O que quero dizer é que a maioria dos médiuns geralmente opera dentro dos limites de suas próprias regras. Eles não seguem protocolos de visualização remota especificamente desenvolvidos ou projetados e testados. Ser um visualizador remoto exige muito mais do que é exigido de um médium.

Isso não significa que os médiuns que operam por conta própria sejam menos capazes do que os visualizadores remotos; significa apenas que suas técnicas são diferentes e que técnicas ou métodos diferentes, operando *fora de um protocolo apropriado,* afetam diretamente o fato de alguém estar ou não realmente visualizando remotamente.

Portanto, a visualização remota é a capacidade de produzir informações corretas sobre um local, evento, pessoa, objeto ou conceito localizado em outro lugar no tempo/espaço e que é completamente cego para o visualizador remoto e para os outros participantes do processo de coleta de informações.

Dois outros requisitos são:

a. Todas as pessoas presentes durante uma visualização remota devem estar essencialmente cegas para o alvo.

Isso quase sempre é verdade, exceto para formas muito específicas ou muito restritas de material de direcionamento que às vezes podem ser usadas. Esse tipo de material de direcionamento será abordado mais adiante neste manual. Por necessidade, esses métodos mais complexos de direcionamento e os materiais necessários são usados somente por aqueles que entendem claramente como, onde, por que e quando devem ser usados.

b. Deve haver alguma forma ou meio de validar o material após a realização da visualização remota.

Em outras palavras, deve haver algum tipo de feedback. Também deve haver alguma forma de verificar a precisão ou validar se as informações estão corretas.

Esses requisitos certamente d i f e r e n c i a m a visualização remota de outras formas de coleta de informações paranormais, e há uma razão para isso. Atualmente, cerca de sessenta pessoas e oito ou nove laboratórios gastaram mais de vinte e cinco anos de trabalho, suor, pensamento e uma quantia considerável de dinheiro para estabelecer a veracidade da visão remota por meio de estudos muito extensos. Durante esse tempo, essas pessoas foram muito claras ao definir as regras básicas e os protocolos necessários para chamar isso de visão remota. Elas não fizeram isso apenas para separar a visualização remota de outras formas do paranormal. Fizeram isso para que a visão remota *não* fosse vista como qualquer outra forma de funcionamento paranormal. Fizeram isso para que suas novas técnicas de pesquisa pudessem trazer alguma validade e credibilidade ao estudo do funcionamento paranormal em relação à visão remota. E, até certo ponto, eles fizeram isso apenas para serem diferentes.

Aqueles que juntam algo e o chamam de visão remota prestam um desserviço a essas pessoas, a esses laboratórios e diluem o valor e a importância que esses estudos trouxeram ao campo paranormal. Eles também diluem todo o conceito de considerar a visão remota como uma arte marcial - RV'do.

Definições

As principais diferenças entre as palavras *protocolo* e *método* estão nas origens das palavras e nas circunstâncias específicas em que elas são normalmente usadas. Como a compreensão dessas diferenças é fundamental para o entendimento do restante deste livro, eu as apresento aqui:

Um **protocolo**

Um protocolo de visualização remota é um plano detalhado de um experimento, tratamento ou procedimento científico. É a primeira e necessária etapa no projeto de um aplicativo.

Por ser científico, geralmente é projetado e testado em um laboratório, normalmente por meio do consenso dos pesquisadores. Depois de testada, ela está aberta à revisão, avaliação e publicação em um fórum já estabelecido e respeitado para determinar sua validade. Como resultado, ele pode ser alterado várias vezes antes de se tornar aceitável para a maioria que o julga. Em seguida, ele é testado novamente em outros laboratórios com outros sujeitos e replicado antes de ser usado em um formato de aplicativo. É necessário projetar e testar um protocolo para validar a técnica ou o método posteriormente projetado a partir dele ou com base n e l e .

Na visualização remota, um protocolo pode ter muitos métodos ou técnicas diferentes baseados n e l e , mas o protocolo em si nunca é alterado.

Método ou técnica

Um método ou técnica é um procedimento sistemático ou modo de investigação empregado ou próprio de uma disciplina ou arte específica. Na visualização remota, eles são sempre aplicados dentro da estrutura de um protocolo.

Isso tem a ver principalmente com a consistência da forma. Um método é a forma como você decide abordar um problema para produzir uma solução. Na maioria dos casos, ele é projetado para ser repetitivo e, em alguns casos, pode ser usado para ensinar ou

aprender uma habilidade. Ele determina a estrutura por meio da qual você progride para um resultado final. Não precisa ser particularmente científico ou aprovado por ninguém, exceto pela pessoa que o projeta ou decide usá-lo. A razão para usar um método específico é realizar uma tarefa ou transmitir conhecimento específico de um indivíduo para outro. Na visão remota, o uso de um método sem preocupação com o protocolo pode levar rapidamente a resultados exagerados, artificiais ou enganosos.

Por exemplo: Ignorar o requisito de que um monitor também seja cego para um alvo e carregar inadequadamente esse indivíduo com muito conhecimento sobre o alvo resultará inevitavelmente na possibilidade de ações ou declarações inadequadas ocorrerem dentro da sala durante a visualização remota. Isso cria a possibilidade de que o visualizador remoto seja levado a determinadas conclusões, invalidando o restante do processo.

Embora algumas pessoas afirmem que podem controlar isso, a experiência e os estudos sugerem o contrário. A menor possibilidade de que tal ação resulte em um resultado "cozido" é suficiente para prejudicar a reputação da visualização remota e certamente mancha os resultados.

Aplicação

Um aplicativo de visualização remota é a produção de informações por meio do uso de uma técnica ou método baseado em um protocolo testado.

Todas as técnicas e métodos usados na visualização remota devem ser baseados ou projetados com base em protocolos devidamente testados e validados. A razão para uma medida tão rigorosa é garantir que o que se pensa estar acontecendo realmente esteja. É para assegurar que os participantes da coleta de informações não se iludam pensando que está acontecendo algo que não está.

Diferenças nos protocolos

Às vezes, há diferenças nos protocolos. A seguir, exemplos de alguns dos diferentes protocolos que foram usados no passado. Eles são abordados em mais detalhes no apêndice deste livro:

1. Visualização remota de saída. Requer que uma pessoa atue como um sinalizador e esteja presente no local ou evento visado.

2. Visualização remota associativa. Usa alvos proxy para obter respostas binárias (por exemplo, sim/não/outro).

3. Visualização remota coordenada. Usa séries numéricas ou alfa/numéricas para identificar o alvo específico.

4. Visualização remota precognitiva. Fornece informações de natureza preditiva ou fornece informações sobre um alvo antes de ele ser selecionado.

Diferenças nos métodos

Os métodos de visualização remota são as formas ou estilos de visualização que os visualizadores remotos escolhem usar durante a visualização remota. Em alguns casos, eles são usados em um protocolo de visualização remota, mas em outros não. Quando são, trata-se de visualização remota; quando não são, não se trata de visualização remota.

Exemplos de alguns deles são: ERV (Extended Remote Viewing, Visualização Remota Estendida), CRV (inicialmente conhecida como Coordinate Remote Viewing, agora conhecida como Controlled Remote Viewing, Visualização Remota Controlada), SRV (Scientific Remote Viewing, Visualização Remota Científica), que é científica apenas no nome, e TRV (Technical Remote Viewing, Visualização Remota Técnica)[4]uma variação da CRV. Há outras, mas isso dá uma ideia de como as metodologias de visualização remota evoluíram, seja para melhor ou para pior. Algumas delas são usadas em protocolos aprovados,

[4]Scientific Remote Viewing (SRV) e Technical Remote Viewing (TRV) são marcas registradas.

Algumas não são, e outras foram usadas de ambas as formas porque as pessoas que as usaram não entendiam ou não entendem as diferenças básicas entre os protocolos e os métodos aos quais estão vinculadas. Muitos deles foram usados no Projeto STARGATE, mas outros não.

Este manual de treinamento não foi elaborado para fornecer explicações detalhadas sobre todos os métodos que estão sendo usados atualmente, nem para validá-los de forma alguma. Ele foi elaborado para ajudá-lo a entender as diferenças entre um método que está sendo usado corretamente e um que não está. Ao final deste livro, você deverá ter uma ideia clara de qual é qual.

Para que a visualização remota é melhor usada

A visualização remota sempre funciona melhor quando é usada para produzir informações sobre algo que se sabe que existe. Em outras palavras, é preciso ter certeza de que o alvo é real. Os elementos do alvo devem ser relativamente fáceis de verificar.

Há uma razão muito boa para isso. Por exemplo, se estiver tentando determinar o melhor local para prosseguir com uma escavação arqueológica, você deve saber o suficiente sobre os arredores da escavação para saber se o visualizador remoto está ou não na área certa para começar. Você deve ser capaz de fazer isso sem fornecer muitas informações ao visualizador.

Por exemplo: talvez você queira fazer uma escavação de um antigo complexo de túmulos e ele esteja localizado ao lado de algumas ruínas. Esse seria um alvo ideal para a visualização remota.

Por estar localizado próximo a ruínas, ele permite uma margem de manobra considerável no tipo de material de direcionamento que você pode fornecer ao visualizador remoto.

Nesse caso, o visualizador remoto pode ser solicitado diretamente a: "Descreva o objeto mais importante no qual estou (deveria estar) interessado e desenhe uma planta baixa do melhor lugar para eu cavar a fim de encontrá-lo."

Ao manter o observador cego para todo o alvo, você pode comparar a planta baixa dele com a realidade. Se ele disser que a coisa mais importante que você deve procurar é uma múmia envolta em ornamentos de ouro e localizada em um local específico, e você vir "ruínas" no desenho dele, há uma grande chance de ele estar no alvo certo. Isso torna o restante do que foi dito mais provável de ser verdadeiro t a m b é m .

Em outras palavras, se o que é conhecido coincidir, então há uma chance maior do que igual de que o local e a múmia provavelmente também sejam reais. Se não h o u v e r vínculos semelhantes, algo não está funcionando. Tente novamente mais tarde usando uma abordagem de direcionamento diferente.

Se você tivesse fornecido ao visualizador remoto o conhecimento das ruínas em primeiro lugar, teria aberto mão do conhecimento sobre o alvo, o que poderia ter fornecido uma verificação da veracidade da visualização remota. Também poderia ter direcionado o visualizador para um período específico, com base no conhecimento da área em que a escavação está o c o r r e n d o . No mínimo, isso obscurecerá os problemas do alvo com suposições que o espectador poderá ou não ser capaz de r e s o l v e r . Quando você não sabe absolutamente nada sobre um alvo no início, isso deixa todo mundo no escuro e torna quase impossível avaliar a qualidade da visualização remota antes de usar o produto. É por isso que os OVNIs e tipos semelhantes de alvos geralmente são péssimos alvos de visualização remota. O que deve ser entendido aqui é que o visualizador remoto sempre recebe a menor quantidade de informações necessárias para colocá-lo no local do alvo e isso nunca deve ser diretamente pertinente a o que você está procurando por respostas. Na maioria dos casos, trata-se simplesmente de um envelope ou talvez uma fotografia de alguém que realmente esteja lá. Alvos desconhecidos são cheios de problemas. Por exemplo exemplo, um alvo totalmente desconhecido, como um avistamento de OVNI, é um um alvo muito ruim. Mesmo que você tenha uma descrição perfeita da área em que o avistamento o c o r r e u , você ainda fica sem nenhuma informação que possa validar especificidades

sobre o alvo real - os OVNIs. Em minha experiência, as chances de afirmar que o material sobre OVNIs obtido por meio de visão remota está correto são muito próximas de zero.

Da mesma forma, a existência de um alvo totalmente desconhecido quase nunca é verificada no solo. Em outras palavras, quase ninguém gasta a energia ou o dinheiro necessários para determinar a verdade básica sobre a área visada.

Outro problema é que quase nunca há um feedback que possa ser fornecido ao visualizador remoto. Isso não ajuda a melhorar o produto ou a capacidade de visualização remota.

Portanto, eu diria que a visualização remota é muito boa para:

1. DESCREVER PESSOAS, EVENTOS, COISAS, CONCEITOS, LUGARES, ETC., QUE SÃO REAIS

   É muito bom quando uma descrição parcial já está disponível ou quando alguém está disposto a ir até o local do alvo para validar ou coletar material. Isso significa que os alvos devem existir em tempo e espaço reais, devem ser coisas que você possa segurar em suas mãos, experimentar, visitar ou, de alguma forma, estabelecer ou verificar. Você não precisa fazer isso imediatamente, mas deve ser capaz de produzir alguns dados verificáveis em um período de tempo razoável. E, em algum momento, o espectador deve receber um feedback concreto e factual.

2. PRODUÇÃO DE NOVOS LEADS.

   Isso envolve a assistência na segmentação de outras tecnologias. Não se deve esperar que ninguém confie na visualização remota como fonte autônoma de informações, mas você deve ser capaz de usar as informações da visualização remota para alinhar, direcionar, apontar ou usar outras tecnologias. Temos equipamentos que podem localizar três mícrons específicos entre trilhões, ou minério de ferro a 160 quilômetros de distância. A visualização remota é boa para apontar esse equipamento na direção certa. Isso economiza tempo e, em alguns casos, um pouco de dinheiro.

3. RECONSTRUÇÃO DE EVENTOS.

A visão remota é muito boa para preencher os detalhes dos eventos. Poucos de nós têm uma memória à disposição que retenha os tipos de detalhes que gostaríamos de ter sobre um evento. Quando muitas informações relevantes para um evento (por exemplo, um crime) foram coletadas, a visão remota é muito boa em juntar tudo, colocando-as em um padrão coeso e compreensível ou apontando as peças que faltam.

4. TOMADA DE DECISÕES.

Existem mecanismos de direcionamento exclusivos que podem ser usados para ajudar ou auxiliar na tomada de decisões. Isso é especialmente verdadeiro em relação a problemas binários, por exemplo, sim ou não, ir ou não ir, comprar ou não comprar, esquerda ou direita, para cima ou para baixo, etc.

5. FAZER PROJEÇÕES.

Quando usada dentro de um protocolo muito rigoroso, a visão remota pode produzir alguns detalhes surpreendentes sobre coisas que ainda não aconteceram, desde que sejam descritivas. No entanto, é preciso ter muito cuidado quando se trata de tempo. O tempo, ou a projeção de quando algo vai acontecer ou aconteceu, é algo em que a visão remota geralmente não é muito boa.

Não se pode confiar na visualização remota para:

Embora a visualização remota possa ser usada para muitas coisas, há uma série de coisas em q u e ela não pode ser usada.

O direcionamento de uma série de números, palavras específicas ou estados são exemplos de alvos não ideais para a visualização remota. A maneira como a visualização remota funciona atualmente não permite esse grau de detalhe. Isso provavelmente se deve à maneira como as informações são transferidas. Ideias e conceitos gerais que podem ser formados com base em muitos

elementos diferentes (geralmente fragmentados) que são recebidos do alvo geralmente só permitem conclusões ou suposições grosseiras sobre o alvo.

Séries de números, palavras ou frases específicas ocorrem, mas raramente, e somente quando uma coleção de bits de dados permite. Um exemplo seria o nome de uma cidade que tenha um grau suficiente de singularidade ou talvez o nome de um indivíduo importante sobre o qual se s a i b a bastante historicamente.

Em geral, a visão remota não é muito boa para fornecer informações sobre criaturas míticas, eventos hipotéticos, propriedades não físicas ou tipos de alvos fenomenológicos. Em outras palavras, geralmente não é boa para OVNIs, o monstro de Lock Ness, o Sasquatch ou descrições do céu e do inferno (embora eu espere ser corrigido em algum momento sobre o Sasquatch e, pelo menos, sobre os dados que forneci sobre OVNIs até o momento).

Ao determinar se ele pode ser usado para qualquer um desses problemas, é preciso ter muita cautela. Em alguns casos, algumas coisas que, superficialmente, podem parecer e x a g e r a d a s , quando direcionadas adequadamente, podem de fato produzir um resultado.

Por exemplo, até a virada do século, nenhum ocidental jamais havia visto um gorila. A visão remota, aplicada adequadamente, poderia ter reduzido consideravelmente a área de busca na tentativa de encontrar um. Entretanto, também devo dizer que, embora nenhum tenha sido visto, havia evidências significativas e abundantes de que os gorilas existiam. Havia ossos, amostras de cabelo e outros itens disponíveis para a ciência ocidental que quase garantiam que eles existiam antes de um ser localizado fisicamente.

Os OVNIs são outro exemplo. Uma coisa seria visar um local específico no planeta, para o qual você pudesse viajar e v e r i f i c a r adequadamente. Mas usar a visão remota para identificar uma base de OVNIs em Júpiter ou no lado escuro da Lua é totalmente inútil e provavelmente uma perda de tempo. Ao contrário da opinião geral, usar a visualização remota para

produzir um local também não é uma boa ideia. Essa é provavelmente uma das maneiras menos precisas de usar esse recurso. Embora seja possível fornecer descrições muito precisas de locais, a visualização remota geralmente não funcionará muito bem, a menos que haja algo muito exclusivo sobre o local ou que já se saiba que existe uma área geral. Sei que essa será uma notícia triste para aqueles que estão procurando uma criança desaparecida, mas infelizmente é verdade. Encontrar algo ou alguém só funciona quando o trabalho superior da polícia ou dos detetives foi combinado com a visualização remota com antecedência. Isso geralmente ocorre quando as autoridades policiais locais p a s s a r a m um tempo considerável em uma área de crime e o objeto ou a pessoa não foi movido para muito longe desse local. No caso de um sequestro que resulte em uma pessoa desaparecida, isso geralmente significa que a vítima está morta.

Não é difícil entender que, quando se trata de problemas de busca, encontrar uma pessoa morta é muito mais fácil do que encontrar uma pessoa viva. Uma pessoa desaparecida que continua se movendo automaticamente agrava o problema toda vez que o faz.

Expectativas irracionais

As falsas expectativas sobre o que a visualização remota pode ou não fazer geralmente nascem da re-mistificação da visualização remota e de seus recursos, geralmente pela mídia, mas às vezes por pessoas que afirmam ser visualizadores remotos, mas que claramente não entendem o que ela realmente é.

Essas expectativas irracionais podem ser definidas nos seguintes tópicos principais:

1. USUÁRIOS FINAIS DE DADOS DE VISUALIZAÇÃO REMOTA.

   Como eles não têm experiência em v i s u a l i z a ç ã o remota, não é culpa deles se esperam demais. É responsabilidade do visualizador estabelecer as fronteiras ou os limites dentro dos quais ele pode operar. Se os

Se os visualizadores remotos venderem demais sua capacidade, eles nunca atenderão às expectativas. Uma das maneiras mais fáceis de exagerar em alguma coisa é começar a dizer às pessoas como ela é boa, mesmo quando não é.

Com exceção de talvez cinco ocasiões de que tenho conhecimento em vinte e cinco anos, nunca vi a visão remota exceder sessenta e cinco por cento de confiabilidade. Essas cinco ocasiões tiveram a ver com apenas dois espectadores, ambos trabalhando no Laboratório de Ciências Cognitivas. Em todos os cinco casos, o tempo não foi um fator, e o grau de detalhes excruciantes, o tempo e o esforço que esses dois observadores fizeram para garantir um resultado de 90%, ninguém, a não ser um laboratório, poderia pagar. O velho ditado é válido aqui. Se parece bom demais para ser verdade, é porque é.

É responsabilidade do observador ser honesto com relação à capacidade de visualização remota, mesmo que isso seja prejudicial. Se você se sair melhor do que projetou, todos se beneficiarão. Ser honesto sobre o recurso também dá aos usuários das informações conhecimento suficiente para planejar adequadamente seu uso. Dessa forma, se for necessário incorporar tecnologia adicional, eles não descobrirão isso quando for tarde demais.

2. O VISUALIZADOR REMOTO.

A eficácia da visualização remota precisa ser verificada. Portanto, as pessoas não podem avaliar seu próprio material, porque estão muito próximas dele. Ao tentar determinar a qualidade da visualização remota, há muitos elementos que entram em jogo.

Quanto do que foi dito estava correto? Quanto do que poderia ter sido dito foi de fato dito? Quanto do que foi dito estava errado?

Em um laboratório, há procedimentos longos e tediosos para avaliar a visão remota. Mas nos aplicativos não há nenhum. Se os visualizadores remotos produzirem uma quantidade mínima de informações, mas também fornecerem a única coisa

o cliente estiver interessado, então ele é considerado muito bem-sucedido. Se o visualizador remoto produzir volumes de informações corretas sobre o alvo, mas não conseguir produzir esse único elemento de dados necessário, será um fracasso. Durante a maioria dos tipos de aplicação de direcionamento, os dados são perdidos, destruídos, abandonados ou ignorados. Na melhor das hipóteses, são espremidos em alguma forma de relatório, que geralmente exige uma conclusão.

Portanto, a menos que seja feita uma segmentação muito específica, para estabelecer dados precisos sobre um espectador, é quase impossível fazer mais do que uma afirmação geral.

3. A MÍDIA.

Se eu tivesse que escolher a fonte menos confiável para obter detalhes sobre precisão, seria a mídia. A mídia está interessada em uma coisa: frases de efeito. Quanto mais profunda e sensacionalista for a frase de efeito, melhor. Eles citarão algo fora do contexto em um piscar de olhos.

Lembro-me de uma declaração notável que exemplifica essa capacidade de imprecisão. O Dr. Edwin May apareceu no programa especial da ABC, "Put to the Test", onde deu uma entrevista e se referiu a algumas de minhas visões remotas. Em algum ponto da entrevista, ele estava comentando sobre a correspondência quase perfeita entre alguns de meus d e s e n h o s e o alvo. Sua declaração foi mais ou menos assim: "Joe fornece esse tipo de detalhe espetacular em cerca de vinte por cento das vezes. Os cientistas não gostam de dizer isso, mas isso é o mais próximo de um milagre que se pode chegar".

Essa declaração foi feita juntamente com outras a f i r m a ç õ e s que refletiam uma taxa de acerto de cerca de sessenta a sessenta e cinco por cento. Mas nessa declaração, ele estava se referindo especificamente a desenhos quase perfeitos, algo que raramente acontece na visão remota.

Infelizmente, quando a declaração foi editada, ela foi tirada

completamente fora de contexto. Isso resultou em uma enorme reação negativa de outros espectadores, o que foi extremamente injusto tanto para mim quanto para Ed. Minha recomendação é nunca confiar na mídia para declarações de precisão.

A fraqueza das estatísticas

O que se pode esperar de um visualizador remoto *médio* é provavelmente algo cerca de três vezes melhor do que o acaso. A maioria dos bons visualizadores conseguirá fazer contato com um alvo em cerca de 50 a 60% das vezes. Quando fazem contato, cerca de 30 a 80% do que dizem sobre o alvo pode estar correto. Observe que eu disse "poderia estar". Normalmente, não há como saber até que as informações tenham sido usadas, verificadas e confrontadas com o que se pode saber sobre o alvo. Nos aplicativos, esse processo às vezes pode levar anos.

As estatísticas não significam nada para o cliente que precisa de ajuda e certamente não significam nada para os espectadores que sabem que cada visualização remota que fazem pode ser quase perfeita ou um fracasso total.

As estatísticas só devem ser desenvolvidas em um laboratório ou durante a análise *post hoc* de alvos de pesquisa, quando todas as variáveis estiverem sendo controladas. O método de avaliação deve ser aquele que foi aceito.

Os métodos de avaliação são quase tão propensos a críticas quanto a própria visualização remota, portanto, o método usado deve ser um que tenha resistido ao teste do fogo, ou seja, deve ser um que tenha sido aceito pela maioria da comunidade científica.

Capítulo Quatro

Estado mental de um espectador remoto

Pode parecer um pouco estranho abordar o estado mental de um espectador remoto. Alguns acham que a crença na possibilidade de visão remota por si só deveria ser suficiente para questionar a sanidade de uma pessoa. Mas não é sobre esse tipo de coisa que quero falar aqui. Estou me referindo à capacidade da pessoa de pensar criticamente e de manter um ceticismo saudável em relação ao assunto.

Preocupações originais do

No início, havia uma preocupação com vários aspectos do Projeto STARGATE, mas provavelmente o mais importante na lista era a estabilidade dos jogadores. Isso pode parecer estranho. Você pensaria que encontrar pessoas abertas ao funcionamento psíquico seria o ponto mais alto da lista. No entanto, esse é exatamente o motivo para tomar cuidado.

A realidade dita que, se você quiser iniciar um projeto que investigará o uso de médiuns, não poderá simplesmente entrar no esforço com pessoas que acreditam nisso. Nem, surpreendentemente, você pode entrar na sala com pessoas que se recusam a acreditar.

acreditar. O resultado, em ambos os casos, são pessoas que encontrarão o que querem encontrar. Ambos os grupos já têm uma expectativa *a priori* do que querem ver. As pessoas que acreditaram totalmente nisso serão rápidas em tirar as conclusões necessárias para apoiar o que elas querem acreditar que está acontecendo, em vez de procurar outra coisa que possa estar acontecendo. As pessoas que rejeitam a ideia de imediato não a reconhecerão quando ela estiver acontecendo. Ou, como no caso de alguns cientistas que conheço, só acreditarão que deve haver um caminho de vazamento de informações escondido em algum lugar, mesmo que não consigam encontrá-lo.

Os tipos de pessoas de que você precisa são aquelas que estão abertas a quaisquer possibilidades, mas que também mantêm uma resistência muito saudável e rígida para aceitar uma explicação paranormal como realidade sem que uma prova substancial seja oferecida.

Até minha introdução ao assunto, eu não sabia quão raros eram esses tipos de indivíduos. Acrescente o fato de que você está procurando pessoas que também são talentosas ou dotadas de uma forma psíquica e você começará a entender a dificuldade.

Há uma série de reclamações que se ouve com grande regularidade de ambos os lados da questão. No lado científico, elas geralmente se concentram no ceticismo e no que ele significa. O ceticismo no extremo solto pode significar pouco ou nada e, no extremo oposto, provavelmente representa nada mais do que um disfarce para um exercício de desmascaramento. Muitos não entendem que existe uma diferença.

Uma pessoa que tenta desmascarar a visão remota é, na verdade, alguém que tenta expô-la como uma farsa ou fraude. Elas entram em cena com a crença de que a visão remota é uma farsa ou fraude, de modo que qualquer pretensão de ser cético em um sentido saudável da palavra é destruída desde o início. A maioria das pessoas que assumem o papel de desmascaradores é fanática em sua abordagem. Elas geralmente tentam mostrar como isso pode ser feito por meio de fraude e, em geral

não prestam mais atenção aos protocolos e às regras científicas do que alguém que não os entende. Mesmo quando a fraude ou o engano está sendo usado, não é necessário desmascarar. Uma abordagem honesta e cética e um requisito para a aplicação do protocolo irão expô-la. Em minha opinião, a maioria dos desmascaradores ou das pessoas que entram pela porta com a mente formada está nisso pelo dinheiro e pela notoriedade, ou está operando a partir de algum medo profundo e pessoal sobre o assunto em questão. O termo é usado de forma inadequada quando um cientista que está fazendo seu trabalho como cético honesto é chamado indevidamente de debunker por aqueles que se opõem a uma investigação científica bem fundamentada e sincera.

Um cético, por outro lado, geralmente suspende o julgamento ou o retém, esperando que a prova apareça. Na verdade, é uma doutrina de que não existe conhecimento verdadeiro, que nunca saberemos realmente toda a verdade sobre algo, mas estamos condenados a estudá-lo e conjecturar sobre ele para sempre. Portanto, é muito possível que alguém seja honestamente cético em relação a algo ou alguma coisa e, ainda assim, estude-o detalhadamente de forma correta. Em minha opinião, essa deveria ser a posição de qualquer pessoa que trabalhe no campo paranormal. Meus melhores amigos na investigação do paranormal são céticos honestos. Eles têm uma maneira enlouquecedora de ver coisas que qualquer pessoa ligada a um sistema de crenças não verá. Eles descobrem possíveis caminhos de vazamento de informações que até mesmo o investigador mais inteligente às vezes deixa passar. Na maioria dos casos, eles o mandam de volta à prancheta de desenho para produzir protocolos que sejam tão herméticos quanto possível. Eles *sempre* ajudam e apoiam o processo de descoberta. Prefiro um cético honesto a alguém que já tenha se decidido sobre algo.

Então, por que uma discussão sobre ceticismo seria essencial para um capítulo sobre o estado mental de um espectador remoto?

Porque, quando você se afasta do ceticismo saudável, entra em um reino totalmente diferente - o reino do *crente.*

Os fenômenos paranormais existem desde o início dos tempos. Eles têm sido usados pelos militares quase desde que existe um exército (veja: *The Psychic Battlefield: Psychics and Soldiers,* William Mandelbaum, St. Martin's Press, 1999). Há muito mistério e mitologia que cresceram em torno do uso de médiuns. Parte disso é bom e parte é ruim. Quando os efeitos sobre as pessoas são bons, geralmente não há problema; quando são ruins, as coisas começam a desmoronar rapidamente.

Em nossa cultura atual, os assuntos paranormais atravessam tanto o campo filosófico quanto o religioso. Se você ler a literatura disponível e não muito distante, verá que muitos ainda consideram os parapsicólogos como pessoas que acreditam em espíritos, possessão, registros akáshicos, coisas que acontecem durante a noite e (tremor), até mesmo na existência de um Deus. O assunto não conseguiu se livrar de suas conexões com a "idade das trevas". Quando a ciência moderna nasceu ou veio à luz, como alguns dizem, houve um grande esforço para negar essa conexão. Embora este provavelmente não seja o lugar para discutir os méritos de tal crença, ainda é necessário apontar que muitos crentes têm fortes convicções filosóficas e religiosas e se recusam a romper com o passado.

Assim que você reconhece essa conexão, começa a habitar em uma área muito cinzenta. São as crenças filosóficas e teológicas (ou deficiências, conforme o caso) que sustentam a capacidade de viver com os outros, interagir, integrar mudanças e lidar com as condições da vida. A maneira como você pensa nessas duas áreas medeia os próprios pensamentos que o impulsionam. É a origem de nossas motivações.

Nossos medos, culpas, felicidade, depressões - até mesmo a maneira como nos relacionamos com os outros - são totalmente sustentados por esses dois assuntos. Tudo e qualquer coisa que experimentamos em relação ao paranormal tem um impacto tanto menor quanto maior em nossa crença filosófica ou teológica. Portanto, muda nossa própria natureza. It alters the way we respond to crises, changes the very foundation of our understanding or belief in how conscien-

A consciência opera, a maneira como nos relacionamos com os outros, como pensamos sobre o certo e o errado e, definitivamente, nos faz repensar os princípios básicos que envolvem causa e efeito.

Mesmo para aqueles que têm um ceticismo muito forte e saudável, que são capazes de andar na linha central, questionando continuamente a realidade do que podem estar vivenciando, o impacto é profundo. Aqueles que não são mentalmente estáveis no início não possuem as habilidades de pensamento crítico que podem protegê-los de mudanças repentinas e prejudiciais. É apenas uma questão de tempo até que sofram danos irreversíveis. Basta conversar com qualquer psicólogo clínico ou psiquiatra experiente para saber que isso é verdade. Uma vez destruída uma pedra significativa da crença no alicerce de alguém, é quase impossível reconstruí-la. Não é preciso destruir muitas pedras na estrutura das pessoas para que toda a faculdade mental delas desmorone.

Outro motivo pelo qual as mudanças na crença filosófica e teológica são importantes diz respeito aos desafios do próprio assunto.

A arena paranormal está repleta de fraudes - pelo menos três tipos. A primeira é, na verdade, uma das mais fáceis de detectar - seria a fraude deliberada. Se você estiver fazendo seu trabalho de casa e investigando o paranormal de maneira apropriada e científica, o projeto de seu protocolo, a revisão por pares e as salvaguardas experimentais devem detectar a maior parte delas. Provavelmente, o maior erro que a maioria das pessoas comete é confiar totalmente nesses fatos e presumir que já pensou em tudo. Bem, adivinhe? Elas não podem. O fato é que o mundo do paranormal está repleto de fraudes. Não há dúvida de que há centenas de pessoas que afirmam ser médiuns e que são totalmente fraudulentas e muito boas nisso.

Há muito tempo aceitei o fato de que, no estudo da psicologia, é preciso *presumir que* haverá fraudes e tomar medidas proativas para evitá-las. Isso significa que, ao projetar protocolos de visão remota, você deve presumir que todos estão tentando consertar os resultados. Sim, isso inclui também os pesquisadores.

E quanto ao treinamento?

É mais ou menos o c o n t r á r i o . Eu não assumiria que a pessoa que está me treinando (e recebendo meu dinheiro) está realmente me treinando em alguma coisa, a menos que eu soubesse que não havia espaço para fraude em seu nome. A maioria dos instrutores presume que a pessoa que está sendo treinada não estaria trapaceando de alguma forma, pois está tentando aprender honestamente. Bem, isso pode não ser v e r d a d e .

Nos laboratórios em que t r a b a l h e i , eles lhe dirão logo de cara que estão elaborando os protocolos para evitar fraudes, e não se deve levar isso para o lado pessoal. Concordo plenamente e não levo para o lado pessoal.

Há um segundo tipo de fraude, que podemos chamar de acidental. Eu sei, agora há muitas sobrancelhas levantadas por aí. Porém, há casos de vazamento de informações em experimentos de visão remota que corroboram a fraude acidental, ou o que poderia ser interpretado como tal. Isso seria quando alguém faz algo que acredita honestamente estar correto, simplesmente porque desconhece as regras. Alguns médiuns acreditariam que acrescentar informações após a conclusão de um projeto, porque honestamente estavam pensando nas informações naquele momento, mas não se lembraram de a n o t á - l a s , é a c e i t á v e l . Ou, como se trata de um tipo de meta operacional ou de aplicativos, não há problema em burlar as regras. O que i m p o r t a é o resultado final, certo?

Totalmente errado.

O que acontece é que isso cria uma atmosfera que apoia fortemente a terceira e mais letal forma de fraude, que chamo de autoilusão. É quando você viola um número significativo de questões menores, permitindo um resultado falso, o que contribui para alterar sua própria crença de que o que está fazendo é correto. É realmente incrível como as pessoas ficam defensivas quando você tenta apontar um possível caminho de vazamento que precisa ser vedado, mesmo quando elas sabem que você provavelmente está certo. É terrivelmente difícil abrir mão de uma crença confirmada de que o que você está fazendo ou tem feito

que está fazendo está funcionando, ou que você está certo e não errado em qualquer posição que tenha a s s u m i d o .

A autoilusão é uma séria ameaça à estabilidade mental, especialmente quando começa a modificar o comportamento. Já me vi trilhando esse caminho em mais de uma ocasião e suspeito que voltarei a trilhá-lo. É preciso muito esforço, abertura e dependência de outras pessoas para dizer quando você pode estar lidando com esse tipo de problema. Em meus mais de vinte anos lidando com as condições que cercam o campo do paranormal, vi inúmeros casos em que foram tomadas decisões seriamente ruins. Quase sem exceção, essas chamadas ruins foram resultado de não levar a sério o estado mental de uma pessoa ou de não reconhecer o impacto que a exposição ao paranormal poderia ter em um indivíduo vulnerável. Nem o posto (militar ou civil), a idade, a experiência, a ou a capacidade demonstrada anteriormente em outras áreas foram um bom indicador de quem poderia ou n ã o lidar com o problema. O início do Projeto STARGATE envolveu testes psicológicos extensivos e várias entrevistas, bem como um programa gradual de exposição, para garantir que indivíduos centrados e estáveis pudessem participar, indivíduos que pudessem lidar e integrar o que seriam expostos. O término dessa abordagem abriu mais uma vez a porta para essa questão, que pode resultar, no mínimo, em autoflagelação. ilusão com relação à visão remota.

Há um argumento a ser apresentado sobre tudo o que acabei de dizer. "Essas coisas paranormais são todas exploratórias e eu sou o mestre de minha própria mente, meu próprio corpo e minha própria sanidade. Ninguém deve controlar a que estou exposto, assim como ninguém deve controlar minha liberdade de religião."

Isso é absolutamente correto.

A única razão para este capítulo inteiro e tudo o que eu disse sobre ele é simplesmente dar um aviso. O pior que pode acontecer é as pessoas irem longe demais e realmente se tornarem vítimas de suas próprias perseguições. O mínimo é

talvez fraude acidental ou autoilusão. Porém, isso ainda precisa ser abordado. Não seria ético saber que essa possibilidade existe e não prestar atenção a ela. Seria inaceitável que um laboratório ou qualquer outra instalação expusesse alguém que é obviamente instável aos efeitos que essas experiências filosóficas ou teológicas impactantes podem trazer. Essa é uma responsabilidade que todo cientista, treinador e espectador remoto deve reconhecer e assumir.

Capítulo Cinco

Quem é um bom visualizador remoto?

Um dos maiores problemas enfrentados por qualquer um de nós que queira usar ou estudar a arte da visualização remota é encontrar os visualizadores remotos. Uma quantidade considerável de informações tem aparecido na Internet, em anúncios, livros, artigos de revistas e outras mídias que descrevem esse processo. Grande parte delas descreve como identificar quem seriam bons visualizadores remotos ou quais habilidades seriam necessárias para aprender a visualização remota. Os conselhos variam de "qualquer pessoa pode aprender" a "somente aqueles com muito talento psíquico são capazes de aprender". Embora haja um pouco de verdade em quase tudo o que você lê, o contexto em que a a f i r m a ç ã o é feita determina sua precisão.

Quando o Exército dos Estados Unidos decidiu encontrar, treinar e usar visualizadores remotos para o Projeto STARGATE, ninguém sabia o que isso significava. Não havia livros ou artigos que descrevessem claramente um método para encontrar alguém que pudesse ser v i d e n t e , nem existia nenhum método conhecido para treinar alguém em visão remota. As pessoas que estavam tentando organizar e estabelecer o projeto decidiram deixar que o bom senso os levasse aonde deveriam ir. O primeiro lugar que procuraram, é claro, foi o SRI-International,

onde a visão remota já havia sido estudada por quase cinco anos, e foi possível encontrar comentários relativos ao treinamento e a indivíduos superdotados e não superdotados.

O que o SRI-International sabia na época

No início de 1978, não se sabia muito sobre os "traços comuns" que poderiam ser encontrados em um vidente típico. Dependendo da pessoa com quem você conversasse, poderia obter qualquer uma das várias respostas, quase todas subjetivas. No entanto, alguns comentários relativos ao assunto podem ser encontrados em uma das publicações originais relacionadas à visão remota: *A Perceptual Channel for Information Transfer over Kilometer Distances (Um Canal Perceptual para Transferência de Informações em Distâncias de Quilômetros): Perspectiva histórica e pesquisas recentes.* Harold E. Puthoff e Russell Targ, membro e membro sênior do Institute of Electrical and Electronics Engineers, Inc., (IEEE) Annals No. 603PR004, 1976.

Nas primeiras páginas de seu relatório, Hal e Russell afirmam:

> *"O desenvolvimento no SRI de um procedimento experimental bem-sucedido para obter essa capacidade evoluiu até o ponto em que pessoas como cientistas do governo e monitores contratados, sem exposição prévia a esses conceitos, aprenderam a ter um bom desempenho; e os sujeitos que treinaram durante o período de um ano tiveram um desempenho excelente em uma variedade de condições experimentais. Nossos dados acumulados indicam, portanto, que tanto pessoas especialmente selecionadas quanto não selecionadas podem ser auxiliadas no desenvolvimento de habilidades de percepção remota até um nível de transferência de informações úteis."*

Para que ninguém chegue imediatamente a uma série de conclusões errôneas, há uma série de suposições que o leitor *não* deve fazer automaticamente com base nessas declarações. São elas:

"Ter um bom desempenho", como foi usado aqui, não implica

A visualização remota de classe mundial, como os tipos de exemplos que são apresentados na mídia como exemplos do atual estado da arte da visualização remota. O que eles realmente querem dizer aqui é a capacidade de demonstrar funcionamento psíquico sob condições controladas (ou obter um resultado melhor do que o acaso).

Além disso, "sujeitos que treinaram em um período de um ano" não significa automaticamente que lhes foi ensinado algum segredo mais profundo ou habilidade psíquica que ninguém mais possuía. Significava simplesmente, na é p o c a , mais exposição - ou prática. É claro que quase todas as pessoas que têm permissão para praticar algo por um período substancial de tempo apresentarão alguma melhora, se não for por outro motivo que não seja a familiaridade com o processo. o processo.

Embora inicialmente todos entendessem que quase qualquer pessoa que entrasse pela porta poderia demonstrar algum grau de talento, o que não é dito no documento é que a maioria das pessoas com quem Hal e Russell trabalharam eram aquelas que:

a) Apresentavam algum grau de talento desde o início.

b) Optaram voluntariamente por continuar o envolvimento devido a um forte interesse pessoal no assunto (o que é obviamente uma forma de auto-seleção).

Podemos aprender com isso que, ao buscar a coleta de dados experimentais com o uso de sujeitos autosselecionados, ou sujeitos escolhidos porque foram inicialmente testados como talentosos, estaríamos emulando alguns dos métodos de pesquisa mais produtivos usados por outros no campo paranormal.

Portanto, o que se torna importante são as observações de Hal e Russell relevantes para os traços comuns que eles encontraram nas pessoas com as quais escolheram trabalhar, mesmo que t e n h a m sido deduzidas subjetivamente na época.

Voltando e lendo essa publicação com a intenção de descobrir algumas dessas observações, é possível encontrar algumas informações muito interessantes.

Características do sujeito

1. Os sujeitos devem ter a capacidade de processar informações em um ambiente de alta estimulação (por exemplo, um ambiente Gansfeld).

Um ambiente de Gansfeld é um procedimento em que os participantes relaxam enquanto visualizam uma fonte uniforme de iluminação por meio de bolas de pingue-pongue cortadas ao meio e coladas sobre os olhos abertos, ao mesmo tempo em que ouvem uma estimulação auditiva uniforme relativamente alta (sons de fundo de ruído branco).

2. Os participantes devem ser auto-selecionados.

3. Os participantes devem ser capazes de aprender por meio de exemplos.

4. Os sujeitos devem estar abertos à probabilidade de transferência de informações paranormais.

5. Os participantes devem ser capazes de lidar com o escrutínio público, as reações negativas da sociedade, o ridículo e o fracasso.

6. Os participantes devem ter um talento artístico capaz de expressar suas percepções, por exemplo, desenhar, fazer esboços etc. (Hoje sabemos que "talento artístico" pode significar qualquer coisa, inclusive pintar um quadro de alta qualidade verbalmente).

7. Os participantes devem ser capazes de fornecer soluções imaginativas (fora da caixa) para os problemas.

8. Os participantes devem demonstrar características de especialização do lado direito do cérebro, como um talento para o ritmo e a melodia musicais ou um senso criativo mais elevado para formas, formatos e texturas.

9. Os participantes devem ter preferência por relatar dados não analíticos em vez de uma necessidade de produzir função ou nomear o alvo.

Informações adicionais

Um documento adicional que estava disponível e que se sabe ter sido usado pelos fundadores do STARGATE do Exército para identificar possíveis sujeitos de visão remota foi um artigo publicado no Journal of Communications intitulado *Psi Conducive States,* de William G. Braud, pp. 142-152 (1975). Na época, William Braud era professor associado de psicologia na Universidade de Houston, Texas.

De acordo com suas descobertas de pesquisas em diferentes áreas de estudo, incluindo estados alterados de consciência, psicologia cognitiva, estudos hemisféricos, filosofias orientais e esotéricas, tradição mística e parapsicologia, ele sugeriu que o que ele chamou de "síndrome psi conducente" de fato existia e que "tem sete características principais. Algumas dessas características (ou 'síndromes') são fisiológicas, algumas são psicológicas e outras são fenomenológicas".

Embora descrevam estados específicos conducentes à psi e não características específicas do visualizador remoto, eles nos fornecem indiretamente coisas às quais devemos prestar atenção ou que podem ser necessárias em um visualizador remoto. São elas:

a. Os participantes devem estar fisicamente relaxados. [*O que significa ser capaz de controlar seu estresse.]*

b. Há uma redução na excitação ou ativação física. [*Os indivíduos devem ser capazes de desacelerar suas respostas corporais e acalmar sua fisiologia.]*

c. Há uma redução na entrada e no processamento sensorial. [*O indivíduo deve ser capaz de eliminar distrações externas ou meditar.]*

OBSERVAÇÃO: Isso pode parecer contradizer o ambiente altamente estimulado mencionado dois parágrafos antes (parágrafo a.), mas na verdade não contradiz. O que Braud está falando

O modelo de Gansfeld lida especificamente com distrações ou estímulos externos que podem capturar ou ocupar a atenção do sujeito; enquanto o modelo de Gansfeld é um procedimento que reduz efetivamente o "ruído" sensório-perceptual, somático e cognitivo que interfere nos sinais psi mais fracos, incentivando assim o desempenho psi.

d. Os indivíduos devem ter uma maior consciência dos processos internos, sentimentos e imagens (incluindo sonhos e fantasias). [*Em outras palavras, devem ser capazes de, pelo menos, controlar o que fazem com as informações, reduzir suas suposições e tentar separar a imaginação da realidade.]*

e. O funcionamento psi deve diminuir com o "modo de ação/funcionamento do hemisfério esquerdo" e aumentar com o "modo receptivo/funcionamento do hemisfério direito". [*Os indivíduos devem ser capazes de se centralizar receptivamente.]*

f. Os indivíduos devem ter uma visão alterada da natureza do mundo. [*O tempo é uma ilusão, há uma unidade e uma relação entre todas as coisas, o bem e o mal são conceitos humanos - o que sugere pelo menos uma suspensão do julgamento e da interpretação. de julgamento e interpretação]*.

g. O ato de funcionamento psíquico deve ser (pelo menos) momentaneamente importante. [*O sujeito precisa ter uma forte motivação para alcançar um resultado. Isso implicaria em um vínculo empático com alguém que tenha necessidade das informações]*.

A contribuição militar

Aos critérios acima, é claro que se deve acrescentar o bom senso. Encontrar um médium em uma estrutura militar é, na verdade, muito fácil. Você procura alguém que tenha sobrevivido repetida e consistentemente ao impossível.

É como procurar aquele posto de gasolina que nunca foi roubado. Em uma pesquisa computadorizada de postos de gasolina, ele se destacará como um corvo branco.

Os militares encarregados de encontrar médiuns acrescentaram sua própria lista de possíveis indicadores que apareceriam em um histórico militar comum. Alguns deles eram:

1. Sucesso constante, qualquer que seja a tarefa.

2. Gostado pelos colegas, mas considerado diferente da norma.

3. Geralmente opera fora dos limites normais.

4. Disposto a buscar novos caminhos de abordagem.

5. Aberto a tudo o que funciona.

6. Capaz de pensamento crítico e sem medo de expressar sua opinião.

7. Altamente e excepcionalmente criativo.

Essas foram as diretrizes gerais usadas para encontrar os videntes originais usados no programa STARGATE. É claro que nem todos os parâmetros acima foram encontrados em todos os sujeitos, e nem todos os parâmetros acima se mostraram completamente precisos em termos de critérios de seleção. Houve problemas.

O que agora acredito ser verdade

Agora sei que, quando se trata de medir traços ou características específicas em seres humanos, não há absolutos. Diferentes características e diferentes combinações de características, quando encontradas em diferentes pessoas, significam coisas diferentes e quase sempre produzem um resultado diferente. Embora algumas dessas combinações possam mudar

Embora algumas dessas combinações possam alterar a conveniência de uma pessoa em detrimento de outra como possível vidente ou observador remoto, a conveniência realmente não importa, nem equivale a uma demonstração de habilidade.

Mesmo assim, alguns traços ou características são importantes demais para serem ignorados. Portanto, compartilharei o que acredito ser verdade sobre os traços e características mencionados acima e por que isso pode ser verdade. Entenda que, como isso se baseia em observação pessoal, é altamente subjetivo e não deve ser considerado como a palavra final a esse respeito.

Capacidade de processar informações
em um ambiente de alto estímulo

Isso parece ser necessário por dois motivos: por causa da maneira como as informações psíquicas provavelmente estão sendo recebidas, bem como pelo que tentamos fazer automaticamente com nosso processamento.

Pense na tela da mente como se fosse uma floresta. Ela está repleta de árvores - muitas árvores. Como a mente é muito fértil, não podemos impedir que elas cresçam. Essas árvores representam todas as distrações de processamento mental que podem estar ocorrendo. Algumas dessas árvores estão balançando em uma direção (da esquerda para a direita) porque estamos pensando nelas; as demais, ou aquelas em que não estamos pensando, estão balançando em uma direção oposta (da direita para a esquerda). Ao mesmo tempo, também estamos sendo distraídos por uma tentativa contínua de nos concentrarmos novamente nas árvores que balançam da esquerda para a direita. Para reconhecer a chegada de informações de visualização remota, precisamos fazer algo que faça com que todas as outras árvores, ou informações que não sejam de visualização remota, balancem para o lado oposto. Há duas maneiras de fazer isso.

Podemos nos submergir em um fundo de estímulo ou ruído genérico. Esse seria um estímulo que não tem significado, de modo que todas as árvores balançam em uma única direção. Ou podemos fazer algo com nossa consciência que a leve a pensar que todas as árvores estão indo em uma direção,

geralmente ocupando a mente com algo trivial, de modo que ela fique ocupada, mas não tão ocupada a ponto de não reconhecer as informações recebidas ou psíquicas.

Isso é como procurar movimento contra a floresta com nossos olhos. Se você olhar diretamente para a floresta, provavelmente não verá a nova árvore quando ela aparecer de repente. Mas, se olhar com sua visão periférica, provavelmente verá.

Portanto, os indivíduos que conseguem se ensinar a operar automaticamente, enquanto estão conscientemente ocupados com algo trivial, geralmente se saem melhor na descrição de árvores psíquicas.

A segunda parte importante para entender como isso funciona diz respeito ao processamento. Uma vez que a árvore psíquica tenha sido notada, você deve desenhá-la exatamente como foi vista. Não é necessária nenhuma análise. Em outras palavras, se você começar a pensar sobre ela e/ou a analisá-la logicamente, ela rapidamente se transformará em algo diferente do que era antes. Outra maneira de dizer isso seria dizer que alguém de repente parou de notar todas as árvores de fundo balançando em uma direção, o que quase automaticamente difunde o contorno da árvore psíquica, que então começa a mudar rapidamente.

Pense nisso como uma metodologia de processamento duplo, em que você está tentando reconhecer coisas que aparecem nos dois lados de uma cerca simultaneamente. Assim que você tenta fazer mais do que isso, não só perde a visão dos dois lados da cerca, como também descobre que já esqueceu as informações que obteve até aquele momento.

Sei que isso parece uma tarefa quase impossível de ser realizada, mas há vários exemplos de como fazer isso em nossa vida cotidiana. Dirigir um carro e ouvir um noticiário no rádio; cortar a grama com um cortador de grama enquanto pensa em algo que fará mais tarde; conversar com um amigo enquanto prepara o jantar são bons exemplos, assim como caminhar em combate. Em um minuto, você está totalmente concentrado em uma trilha e, no seguinte, de repente, está agachado e com o estômago cheio de borboletas. Por quê? Você simplesmente sabe.

Os sujeitos são auto-selecionados

Isso não tem absolutamente nenhum impacto sobre a capacidade de alguém demonstrar talento ou capacidade de visão remota. Entretanto, pode ser extremamente importante ao determinar a estabilidade psicológica de um possível sujeito para treinamento ou por outros motivos. Vou me aprofundar nesse assunto mais adiante neste capítulo.

Os indivíduos devem ser capazes de aprender por meio do exemplo

Isso parece não ser grande coisa, mas pode ser. Há muitas pessoas que já estão profundamente envolvidas no campo para-anormal. A maioria dessas pessoas nunca viu um protocolo real de visão remota. (Não estou falando de metodologia aqui, mas de protocolo).

Uma das chaves para o sucesso da visualização remota é emular uma boa prática - seguir o protocolo. Se você acha que pode entrar pela porta e fazer isso "do seu jeito" e se sair muito melhor, boa sorte.

Uma pessoa incapaz de deixar de lado sua estrutura de crenças sobre como a coleta de informações de visualização remota pode operar provavelmente vai se divertir com o Sr. Toad, mas definitivamente não aprenderá muito sobre visualização remota.

Os participantes devem estar abertos à probabilidade de transferência de informações paranormais

Se você fechar sua mente para essa possibilidade, não importa o quanto tente, provavelmente não terá sucesso. Não é preciso ser um cientista de foguetes para entender que alguém que se recusa a acreditar que uma bicicleta pode ser pilotada tem grande probabilidade de não conseguir pilotar uma bicicleta.

Isso não deve ser confundido com alguém que não acredita que a visão remota seja real, mas está aberto a essa possibilidade. Conheço dezenas de céticos declarados e honestos que afirmaram logo de cara sua descrença. O fato de entrarem no processo experimental com a mente aberta mudou rapidamente seu ponto de vista. Já vi mentes fechadas serem convencidas, mas não com muita frequência.

Em geral, eles afirmam estar completamente fechados à ideia, mas

demonstraram a ausência de psi. (Isso é violar o acaso na direção oposta. Algo semelhante a ter dito a alguém que ele é vidente se conseguir dar cara em uma moeda virada 90 de 100 vezes - e se esforçar tanto para não fazê-lo que, em vez disso, ele vira a coroa 85 de 100 vezes).

Os participantes devem ser capazes de lidar com o escrutínio público, as reações negativas da sociedade e o ridículo, bem como o fracasso

Isso provavelmente não importa em termos de demonstração de talento como espectador remoto, pelo menos no início. Entretanto, com o tempo, isso desgastará o espectador remoto, especialmente a parte de lidar com o fracasso.

A maioria das pessoas consegue lidar com muitos abusos se estiver fazendo algo que gosta de fazer. Porém, um elemento se alimenta do outro. Se você não for bem apoiado por sua pequena parcela da humanidade ou por sua infraestrutura social, verá isso refletido em sua taxa de fracasso. Não demora muito para que a expectativa de fracasso comece a comandar sua vida. Por sua vez, isso também alimenta a síndrome da rejeição social. Portanto, esses problemas se apoiam mutuamente e, com o tempo, podem ser devastadores. É como estar sob um lento gotejamento de ácido.

É preciso ter uma pele grossa ao entrar no processo ou ser capaz de desenvolvê-la ao longo do caminho.

A sociedade e a cultura podem ser injustas com relação à visualização remota, mas esse exame minucioso, na verdade, desempenha uma função. Como um visualizador remoto, se você conseguir resistir aos ataques de fora do sistema, descobrirá que pode resistir a praticamente qualquer coisa. Ele desempenha praticamente a mesma função da têmpera do aço com fogo e água. O que sai do outro lado é flexível e tem a capacidade de lidar com muitos castigos enquanto r e a l i z a o trabalho.

Os sujeitos devem ter um talento artístico

Isso nasceu, em parte, da crença de que a melhor maneira de exibir informações de visão remota é por meio de desenhos.

Inicialmente, a visualização remota girava em torno da capacidade de esboçar ou desenhar bem. Havia um comentário no relatório do IEEE que sugeria que as pessoas que sabiam desenhar eram melhores visualizadores remotos (". . . os desenhos que fazem são, em geral, mais precisos do que sua descrição verbal", p. 337).

Agora sabemos que isso não é verdade da forma como foi sugerido. Entretanto, a habilidade artística parece ser importante por outros motivos. É óbvio que quanto maior for a capacidade de relacionar informações em várias mídias diferentes, melhor será a comunicação dessas informações.

No início do projeto, todos os métodos de avaliação ou julgamento do material estavam vinculados a desenhos. Os desenhos falavam mais alto do que as palavras. Se você estivesse olhando para o Grand Canyon e mostrasse um desenho de cânions ao lado dele, isso teria muito mais impacto sobre os juízes ou céticos do que se você simplesmente dissesse "buraco muito grande no chão".

Atualmente, há muitas maneiras valiosas de comunicar as informações recebidas por meio da visualização remota. Além do desenho, uma das mais valiosas é modelar o alvo em argila ou construí-lo do zero. Uma exibição em 3D de um elemento do alvo realmente fala. Entretanto, as descrições verbais também podem ser de grande valor, se a pessoa dedicar tempo para estudar e entender como elas são usadas por um visualizador remoto específico. Um espectador pode não querer dizer nada com a frase "explosão de luz impressionante", porque ele a usa para quase tudo. Mas outro espectador talvez só use essa frase quando confrontado com um feixe de luz coerente (laser). É por isso que os relacionamentos de longo prazo entre espectadores específicos e analistas específicos se tornam quase tão importantes quanto qualquer outra parte do processo de visualização. Posso quase garantir a duplicação da precisão de um visualizador quando existe esse relacionamento entre o visualizador e o analista.

A chave para o grau de talento artístico exigido realmente recai sobre o termo "consistência" mais do que qualquer outra coisa. Alguém que desenha bonecos de palito para pessoas pode não fornecer os detalhes que outra pessoa fornece; mas se essa pessoa for consistentemente correta

mas, se ele for consistentemente correto quando sugerir a presença de pessoas no alvo, os bonecos de palito terão um grau de importância muito maior. Alguém pode desenhar um ser humano muito próximo da escala e exibir a forma humana quase perfeitamente, mas se não conseguir posicionar a pessoa corretamente na sala percebida, isso não terá valor algum.

Os sujeitos devem ser capazes de fornecer soluções imaginativas (fora da caixa) para os problemas

Isso poderia ser desejável para reduzir o tempo de treinamento em visualização remota, mas não é necessário. A própria arte da visão remota, se ensinada e aprendida adequadamente, produz esse tipo de pessoa.

Os participantes devem demonstrar
Características de especialização do cérebro direito

Nos velhos tempos, isso fazia sentido. Na minha opinião, não faz mais - exceto, talvez, de forma alegórica. Hoje sabemos que o local onde algo ocorre no cérebro provavelmente não é **tão** importante quanto a modalidade de pensamento que está sendo usada pela pessoa.

Uma maneira melhor de formular isso seria dizer que alguém que deseja ser um visualizador remoto deve ter equilíbrio - deve sempre estar em algum lugar no meio. (Sei que você está coçando a cabeça agora. "Ficar no meio? O que ele quer dizer com isso?")

Isso significa que um visualizador remoto está totalmente aberto a qualquer possibilidade - feminino ou masculino, noite ou dia, aberto ou fechado, dentro ou fora, para cima ou para baixo, etc. Se você não pode presumir estar em nenhuma das pontas de uma vara, então deve estar sempre no meio.

Isso também está diretamente relacionado à crença. Se você precisa estar sempre no meio para se sentar em um ponto de partida ideal para a percepção psíquica, então não pode acreditar em nada que o coloque em uma extremidade ou na outra. Os observadores remotos têm de ser tão "neutros" que fluem como água para onde quer que tenham de fluir a fim de buscar a verdade fundamental. Acrescentar um único pensamento ou desejo sobre onde isso deveria estar, ou como poderia estar, os colocará automaticamente em outro lugar.

Nem muito cérebro direito, nem muito cérebro esquerdo, mas bem no meio.

Os participantes precisam estar relaxados

Obviamente, isso requer a capacidade de ficar mentalmente relaxado. Entretanto, isso é algo que pode ser aprendido.

Sou uma personalidade do tipo triplo A, mas quando quero ser, posso parecer e agir como se a grama estivesse crescendo. Não é fácil administrar isso, especialmente quando você acaba de entrar pela porta depois de três horas enfrentando o trânsito ou quando acaba de sair da conferência mensal de planejamento. Mas é possível aprender.

Quase todas as formas de meditação funcionam nesse sentido. Se você conseguir aprender a meditar, poderá aprender a ser um bom observador remoto. Se não conseguir, aprenda a correr de carro ou a jogar raquetebol à vontade, mas não perca seu tempo com a visualização remota.

Os participantes devem ser capazes de reduzir seu nível de excitação física

Isso tem a ver com foco ou com a capacidade de eliminar as distrações que podem ocorrer durante a visualização remota. Outra maneira de dizer isso é: os espectadores se desassociam do que está ao seu redor e se associam ao local, pessoa, objeto ou evento-alvo real. Na verdade, eles mentalmente deixam de estar na sala onde a distração pode estar ocorrendo. Mais uma vez, isso é algo que pode ser aprendido e não precisa ocorrer logo no início.

Os participantes devem ser capazes de reduzir a entrada sensorial

Isso significa simplesmente bloquear a interferência sonora ou visual por meio da capacidade de se concentrar. Fazemos isso o tempo todo. Qualquer pessoa com filhos (de qualquer idade) que consiga manter uma conversa com seu cônjuge à mesa de jantar, assistir e entender o noticiário da noite ou pensar em uma lista de compras enquanto os leva ao estádio de futebol entende do que estou falando.

Mais uma vez, esse é um talento que pode ser aprendido e não precisa estar presente ao decidir se você é um espectador remoto ou não.

Os participantes devem ter uma maior Consciência de processos internos, sentimentos e imagens

Se você não tem uma compreensão geral do motivo pelo qual está deprimido, com raiva, frustrado, ansioso, entediado ou em qualquer outro estado mental, provavelmente terá muita dificuldade com a visualização remota.

Uma das principais chaves para ser um visualizador remoto é ser capaz de olhar para dentro e estudar como e por que você processa ou pensa da maneira que faz. Você precisa ser um pensador claro e crítico, ou enfrentará problemas que podem ser segurados. A visualização remota exige que você seja capaz de, pelo menos, aprender a controlar algumas de suas funções mais íntimas de processamento mental e emocional.

O funcionamento do PSI deve diminuir com o "Modo de ação/funcionamento do hemisfério esquerdo" e aumentar com o "Modo receptivo/funcionamento do hemisfério direito"

Isso já foi amplamente abordado, mas gostaria de acrescentar mais uma vez que eu separaria os modos de ação e os modos receptivos de pensamento do conceito de funcionamento hemisférico direito e esquerdo. Acho que são duas questões distintas e não operam tão intimamente em uníssono como alguns acreditam.

Certamente, facilitar a permanência **em** um modo receptivo em vez de um modo de ação ajudará muito a permitir que a visualização remota funcione. A maioria das pessoas pode aprender isso com a prática e essa não é necessariamente uma característica que precisa existir desde o início.

Os participantes devem ter uma visão alterada da natureza do mundo

Sem dúvida! Esse é definitivamente um requisito que eu colocaria no topo da lista. Tenho certeza de que o tempo e o espaço em sua totalidade são ilusões, e essas mesmas ilusões são a razão pela qual todas as coisas

estão relacionadas. Não há bem ou mal envolvido na visão remota. Pode haver yin e yang, energias construtivas e destrutivas, mas o bem e o mal existem apenas na mente.

Agora, observe que eu não disse q u e o bem e o mal não existem para mim. Eles existem. Mas estou dizendo que você não pode levar esses conceitos para a visualização remota. Ao fazer isso, você ergue muros, constrói túneis e, essencialmente, tenta se orientar para as informações, em vez de deixá-las cair nas mãos de sua mente. Eu poderia encher um livro de tamanho médio apenas com meus próprios argumentos sobre o bem e o mal. No momento, você terá de acreditar na minha p a l a v r a .

É absolutamente essencial que os observadores remotos suspendam o julgamento e a interpretação dos materiais e das informações que possam estar recebendo. Caso contrário, tudo o que perceberem será manchado com a cor de seu desejo ou sombreado pelo vidro escuro do preconceito pessoal.

Eu sei, eu sei. Alguns de vocês acreditam sinceramente que não têm um único osso preconceituoso em seu corpo. Bem, tenho novidades para você! Eliminar o último vestígio de seu preconceito pessoal é provavelmente mais difícil do que fazer uma cirurgia de coração aberto em si mesmo. E posso lhe dizer que não gostaria de ter que fazer isso.

O melhor que alguém pode fazer é deixar o preconceito de lado temporariamente. E, falando por experiência própria, isso requer anos de prática. Pense no preconceito pessoal como a maneira como gostamos que as coisas sejam. Por exemplo, sinto-me confortável com a ideia de que a grama é verde. No entanto, quando entro em uma visualização remota, sinto-me confortável com a ideia de que a grama pode não ser real; eu tenho que estar. Acho que você entendeu o q u e eu quis dizer.

Se você não for capaz de deixar de lado suas vontades pessoais, desejos, gostos, desgostos, etc., é muito improvável que seja um bom visualizador remoto.

O ato de funcionamento psíquico deve ser (pelo menos) momentaneamente importante

Isso é extremamente importante para o sucesso de qualquer visualização remota

visualização. Entretanto, dito isso, devo acrescentar que esse não é realmente um problema meu como visualizador remoto.

Tomem nota, todos os cientistas, pesquisadores e pessoas orientadas a aplicações; cabe a vocês me manterem interessado, certificando-se de que os resultados sejam importantes para mim, e não o contrário. Você pode fazer isso de várias maneiras:

1. Os tipos de alvos usados e seus conteúdos.

2. Os motivos que você me dá para fazer a visualização remota.

   a. Sua importância do ponto de vista social, histórico, cultural ou de sobrevivência, ou

   b. Você paga o suficiente para comprar meu interesse no resultado inevitável, ou

   c. Garantir que o sucesso proporcione alguma outra forma de recompensa que seja intrínseca ao esforço (encontrar uma criança perdida, vítima de sequestro ou algo semelhante).

Provavelmente há formas mais exóticas, mas não me atrevo a incluí-las neste livro.

A ideia aqui é que o espectador remoto deve compartilhar ou desfrutar do valor e da recompensa que vem com o sucesso.

Deve ser consistentemente bem-sucedido em qualquer tarefa

Há inúmeras maneiras de medir o sucesso. A forma como as pessoas se valorizam é de fundamental importância. Se elas se consideram bem-sucedidas, valiosas, então não importa como a sociedade ou a cultura possam medir o sucesso. Essas pessoas, seguras de suas próprias percepções, estarão mais aptas a lidar com os tipos de tratamento que certamente receberão do mundo exterior. Isso é especialmente verdadeiro com relação aos visualizadores remotos. Portanto, o que conta é como elas se sentem por dentro e seu nível de conforto consigo mesmas.

Gostado pelos colegas, mas considerado diferente da norma

Essa característica funciona quando você tem uma linha de base de comparação. No exército, onde há uma grande porcentagem de conformistas, essa característica pode ter um pouco mais de valor. Ela também pode ser valiosa no mundo corporativo, onde há pessoas que burlam o sistema, mas ainda assim parecem ter um grande grau de sucesso. No entanto, para a pessoa comum, isso provavelmente não terá significado, pois ela não está tentando acompanhar os "Jones" e, na verdade, é mais ou menos tranquila em relação a t u d o , ou ao que quer que esteja acontecendo. São pessoas que não estão satisfeitas em fazer o t r a b a l h o da maneira como foram ensinadas. Elas b u s c a m novas maneiras de fazer o trabalho e, de fato, o fazem melhor.

Geralmente opera fora dos limites normais

Novamente, como no parágrafo acima, isso seria importante, mas somente em comparação com uma linha de base geral. Deve-se procurar uma pessoa que demonstre consistentemente a capacidade de encontrar soluções para problemas que não estejam dentro da norma ou que talvez nunca tenham sido tentadas antes. Ou, talvez, uma demonstração de ações totalmente inesperadas, mas bem-sucedidas mesmo assim.

Disposição para buscar novos caminhos de abordagem

Isso é importante do ponto de vista da abertura. Se as pessoas decidirem de antemão que só existem abordagens muito delineadas ou estruturadas para os problemas, elas não estarão abertas o suficiente para ter sucesso na visualização remota. Isso está ligado à premissa que trata dos preconceitos pessoais.

Aberto a tudo o que funciona

Na terra da visão remota, tudo é possível. Geralmente, são as informações surpreendentes que s e revelam corretas. Quanto mais aberta uma pessoa estiver a qualquer possibilidade e menos apegada a uma realidade fixa, maior será a probabilidade de sucesso.

Alta e singularmente criativo

Abordei deliberadamente essa característica fora de ordem, pois quero realmente enfatizar a última característica deste capítulo. Entretanto, esta é igualmente importante.

Uma pessoa muito criativa já está a meio caminho de ser um bom visualizador remoto. As pessoas criativas têm um instinto que valorizam acima de todas as outras habilidades. Esse é o mesmo instinto que, inerentemente, leva um visualizador remoto à resposta certa. A resposta certa, na maioria das vezes, será única.

Mas esse também é um problema de galinha e ovo. O que vem primeiro: o bom visualizador remoto ou o solucionador criativo de problemas? Na verdade, não há uma resposta. E isso realmente não importa. Acredito que onde quer que você encontre uma pessoa muito criativa e bem-sucedida, também encontrará um bom material para a visualização remota. Elas já estão praticando o que precisam aprender.

É claro que se alguém for capaz de aprender a ser criativo e, ao mesmo tempo, aprender a ter visão remota, então ele claramente ganha nos dois sentidos.

Capacidade de pensamento crítico e sem medo de expressar uma opinião

Acredite ou não, essa é provavelmente uma das qualificações mais importantes. É importante porque é uma demonstração ativa da individualidade e da força internalizada de uma pessoa. Ao manter seu pensamento crítico em todos os aspectos, a pessoa está, por natureza, adotando o "meio-termo" na maioria das questões. Lembra como eu disse que isso era importante?

Além das pessoas acima, quem não deve ser um espectador remoto?

Há dois tipos de pessoas que, em geral, são péssimos visualizadores remotos: aqueles que, sob nenhuma condição, acreditam nisso e aqueles que acreditam totalmente, sem fazer perguntas.

Temos até um ditado que é passado pelo laboratório. "Os piores participantes possíveis são os crentes". Isso significa que as pessoas que se envolveram com a visão remota substituíram sua capacidade de pensamento crítico por uma crença inquestionável.

Historicamente, foram causados mais danos às aplicações, pesquisas e desenvolvimento da visão remota por aqueles que a compraram "sem fazer perguntas" do que por todos os ataques deliberados de antagonistas externos.

O pensamento crítico é essencial para garantir que tanto os aplicativos quanto as pesquisas sejam polidos e aperfeiçoados de forma irrepreensível. O pensamento crítico é essencial para limitar adequadamente como e quando a visão remota pode ser usada. E o pensamento crítico é essencial para eliminar crenças errôneas, fraudes ou qualquer outra das milhares de coisas que podem desacreditar o campo em geral.

Todos os cientistas gostam de se considerar pensadores críticos, mas posso lhe dizer que eles têm a mesma probabilidade de perder a capacidade de pensamento crítico que qualquer outra pessoa. Todos os que participam de aplicações ou pesquisas de visão remota têm a responsabilidade de desafiar continuamente as técnicas, os métodos, os protocolos, os testes, as avaliações, os relatórios e as ações dos participantes com um olhar crítico para melhorar e aperfeiçoar os métodos. Se falharmos nessa tarefa, é melhor desistirmos e irmos para casa agora.

Outro tipo de pessoa que não deve se envolver com a visão remota é aquela que não é completamente estável. Isso também não significa necessariamente que seja louco. Muitas pessoas são bastante estáveis e confiáveis, quando envolvidas em áreas de atuação em que se sentem confortáveis.

Nas forças armadas, temos pessoas que funcionam de forma bastante confortável dentro dos limites e restrições do trabalho e da vida militar normal. Mas, quando são transferidas para a arena para-normal, elas perdem a conexão com o mundo real

limites que são necessários para sua estabilidade contínua. No início do programa militar STARGATE, foi feito um grande esforço para garantir essa estabilidade. No entanto, os testes, as entrevistas múltiplas e um processo de verificação de longo prazo são muito caros. Mais tarde no programa, foi tomada a decisão de não fazer mais esses testes para reduzir os custos. Sem entrar em personalidades específicas, posso dizer que, em mais de um caso, indivíduos estáveis foram despojados de seus limites psicológicos e submetidos a áreas de investigação que não deveriam ter sido. Como resultado, eles se tornaram bastante instáveis, emocionalmente, mentalmente ou, às vezes, ambos. O campo ainda está lutando com os danos resultantes das experiências desses indivíduos. Isso é lamentável tanto para a área quanto para as pessoas que sofreram com isso.

Até onde posso ver, não há nenhum tipo de controle sobre quem se envolve com a visão remota na arena pública. As pessoas são recebidas pela porta, entram em programas de treinamento às vezes não comprovados e, de outra forma, são expostas com carta branca a processos que as tiram de seus ambientes estáveis. Alguns ex-militares que conheço tentam influenciar e selecionar aqueles que eles acham que podem ser prejudicados pelo envolvimento com a visão remota, mas, mesmo assim, isso não é feito a menos que a pessoa que deseja participar esteja agindo abertamente de alguma forma que justifique a exclusão. E, infelizmente, muitos dos que agora afirmam ter experiência nesse campo não fazem nenhuma tentativa de selecionar os participantes.

Cerca de 20% das pessoas que entram em contato comigo por meio do meu escritório na Intuitive Intelligence Applications estão procurando ajuda para recuperar suas atitudes estáveis pré-exposição. Como não sou psiquiatra ou psicólogo, sou obrigado a encaminhá-las a conselheiros qualificados para obter ajuda.

Não tenho certeza de como alguém poderia dizer subjetivamente se terá ou não uma reação adversa por meio da exposição à visão remota. Uma maneira, é claro, seria perguntar a si mesmo

se você tem um medo pessoal em relação ao assunto. Em caso afirmativo, provavelmente não é uma boa ideia se envolver.

Outra indicação seria a incapacidade de pensar criticamente sobre o assunto. Se você não consegue entrar no assunto com um ceticismo saudável, então seus limites provavelmente não estão suficientemente estabelecidos para protegê-lo das consequências.

É claro que a crença irracional ou absoluta (como em "Eu sei que isso é verdade!") sobre coisas que ainda não foram comprovadas pode ser outra indicação de que os limites de uma pessoa não são os que deveriam ser.

Coisas óbvias, como ouvir vozes, etc., não são tão óbvias quanto parecem. Geralmente, é necessário um profissional para determinar as diferenças entre alguém que provavelmente está louco e alguém que é agradavelmente excêntrico ou simplesmente estranho e diferente. Todas essas são perguntas que giram em torno de quem deve e quem não deve se envolver com a visão remota. Muitas pessoas realmente não querem ouvir isso em uma discussão, pois pode parecer elitista, prejudicial, controlador ou talvez até mesmo ser visto como um julgamento e um apontar de dedos. No entanto, isso é fundamental para o assunto em questão. É responsabilidade daqueles que já estão envolvidos com a visão remota avaliar um possível participante antes da exposição, e não a exigência do participante de determinar subitamente sua própria instabilidade após a iniciação.

Determinação do nível de habilidade provável de um visualizador remoto

Só conheço uma maneira de fazer isso. Chama-se teste. Você demonstra o que é a visualização remota e como ela funciona para os indivíduos e, em seguida, testa-os quando entram na empresa. O que eles demonstram em termos de talento é provavelmente algo entre cinquenta e cem por cento do que acabarão demonstrando após o treinamento. A maioria dos cientistas que conheço

conheço concorda com essa afirmação. Os que não concordam costumam dizer algo como: "O que você vê é o que você recebe". Em outras palavras, eles não esperam nenhum tipo de melhoria por meio de treinamento.

Obviamente, não acredito na última afirmação, ou não estaria escrevendo este livro. O que observei ao longo de mais de vinte anos é mais ou menos o seguinte: Se as pessoas forem levadas à visualização remota e lhes forem mostrados exemplos encorajadores de um visualizador remoto bem-sucedido, e se for gasto tempo para desenvolver a confiança na probabilidade de a visualização remota funcionar, então, quando testadas, elas geralmente terão um bom desempenho desde o início. Com o passar do tempo, em quase todos os sistemas de treinamento que enfatizam uma metodologia usada dentro de um protocolo apropriado, eles adquirem mais e mais confiança em sua capacidade, e haverá algum aprimoramento. No entanto, esse aprimoramento geralmente varia de mínimo a provavelmente menos de cinquenta por cento do talento inato ou natural com que entraram pela porta.

Portanto, a seleção adequada de matérias ou testes iniciais ajuda muito a identificar os indivíduos que podem ser considerados superdotados. De modo geral, embora os indivíduos superdotados geralmente fiquem em torno de metade de um por cento de uma determinada população, quase todos (o restante de uma determinada população) podem demonstrar resultados bastante consistentes, suficientes para mostrar um funcionamento além do acaso. Muitos podem perder o interesse com o passar do tempo, em função da perda de visão de sua importância relativa em suas vidas.

Mas assim como quase qualquer pessoa pode ser faixa preta em karatê, o mesmo vale para o RV'do. Tudo o que realmente é necessário é um forte desejo de sucesso, sustentado por uma curva de aprendizado razoavelmente longa.

Capítulo Seis

Protocolos e metodologias, O que são e por que são diferentes

Nos últimos anos, surgiram muitos argumentos com relação a esses dois assuntos e, como resultado, s u r g i r a m muitas novas mitologias e confusões. É uma questão difícil de entender, mas eu gostaria de tentar torná-la um pouco mais fácil. Seria um erro dizer que a diferença está simplesmente entre o que os cientistas acreditam e o que os outros acreditam. Conheci tantos cientistas que não entendem o que é um protocolo adequado quanto não cientistas que entendem. Portanto Não se pode realmente fazer esse tipo de suposição aqui.

O Merriam Webster's Collegiate Dictionary, Décima Edição, define um *protocolo,* conforme se aplica aqui, como: "um plano detalhado de um experimento, tratamento ou procedimento científico ou médico".

No entanto, ele lista uma *metodologia* como: "um corpo de métodos, regras e postulados empregados por uma disciplina: um procedimento ou conjunto de procedimentos específicos". Como definição secundária, ele fornece: "a análise dos princípios ou procedimentos de investigação em um campo específico".

Certamente não é difícil ver por que esses dois termos são

comumente misturados e/ou trocados no campo da visualização remota. Então, por que é tão importante se estamos falando de um procedimento em qualquer um dos casos?

O problema está no uso do termo "científico" em conjunto com a visão remota. Se você vai alegar o fato de que algo é diferente por "razões científicas" de algo que, de outra forma, teria a mesma aparência e o mesmo cheiro, então você tem que definir o que faz essa diferença "cientificamente". Você faz isso com um protocolo e não com uma metodologia (ou abordagem).

Se você remover os protocolos específicos que se desenvolveram em torno da visão remota nos últimos vinte e cinco anos, ficará com algo muito genérico, chamado "funcionamento psíquico". Muitos não se lembram das razões para usar o termo "visão remota" em vez de qualquer outro *nom-de-plume,* mas eu me lembro. Isso foi feito especificamente para identificar algo que estava muito distante de qualquer outra forma de funcionamento psíquico. Referir-se aos protocolos de visão remota como métodos presta um grande desserviço aos estudos, pesquisas e intenções originais.

Muitos métodos surgiram da cultura da visão remota que não estão bem assentados em protocolos científicos comprovados e não podem ser chamados de científicos de forma alguma. Como isso é verdade, seu sucesso contínuo se torna quase que exclusivamente dependente de uma variação dos termos. Acho que alguns pensam: "Afinal, o cidadão comum não saberá a diferença". E, para ser franco, o cidadão comum não sabe.

Os protocolos científicos básicos, como são implementados e por quê

Os tipos científicos básicos de protocolos foram projetados para abordar alvos físicos ou do mundo real no passado, no presente ou no futuro. Eles podem incluir lugares, objetos, pessoas,

eventos, tecnologia ou fotografias, todos os quais podem ser estacionários (fixos no local) ou móveis, internos ou externos, próximos ou muito distantes.

Os protocolos desenvolvidos nas forças armadas durante o Projeto STARGATE ampliaram muitos desses protocolos bem conhecidos para abordar áreas adicionais que incluem ideias, conceitos, planos, pensamentos, sentimentos e/ou emoções como alvos.

As áreas que não foram abordadas formalmente, nem pelos militares nem pelos cientistas, são os tipos de alvos que permanecem em grande parte em uma "categoria desconhecida", como alvos do tipo espacial, conceitos baseados em mitologia e, é claro, alienígenas.

Infelizmente, os rumores sobre esses últimos tipos de alvos e sobre o uso da visualização remota para obter informações sobre eles são agora muito comuns. Com poucas exceções, a única razão pela qual a visão remota pode ter sido tentada em primeiro lugar em tais alvos foi o interesse pessoal dos espectadores. Na verdade, a possibilidade de produzir informações verificáveis sobre esses alvos é extremamente remota.

Alvos físicos ou do mundo real

Isso pode ser facilmente identificado pela documentação publicada em periódicos científicos, a maioria dos quais foi feita nos últimos 25 anos. As metas do mundo real têm a mais ampla gama de dificuldades, os tipos de informações que produzem e, certamente, a maneira como são realizadas. A seguir, apresentamos um breve resumo de alguns dos tipos mais importantes de protocolos de alvos físicos:

Alvos de saída

Historicamente, esse é o protocolo de base que trouxe notoriedade à visão remota após a publicação no IEEE por Hal Puthoff e Russell Targ em 1976.

1. Os participantes desse protocolo são os seguintes:

a. **Uma pessoa que decide qual é o alvo.** Essa é uma pessoa que não está associada aos visualizadores remotos ou a qualquer outra pessoa diretamente envolvida no esforço de visualização remota. É a pessoa que estabelece o grupo-alvo. No caso de pesquisa ou estudo, a pessoa que cria o grupo não deve ter nenhum tipo de contato com qualquer outra pessoa envolvida no trabalho de visão remota. Isso evita qualquer possível contaminação ou vazamento sensorial para o visualizador remoto ou para os juízes envolvidos na execução ou avaliação da visualização remota. Em um caso em que ela possa ser usada em um aplicativo, a pessoa que cria o pool geralmente não tem contato direto com o visualizador remoto. Geralmente, há uma pessoa intermediária que lida com os materiais de seleção de alvos entre a pessoa que administra o pool (ou alvos) e o visualizador.

b. **Um visualizador remoto.** Essa é a pessoa que realmente faz a visualização remota e produz as informações psíquicas (também é aqui que você encontrará pessoas que falam e descrevem suas metodologias e não os protocolos reais).

c. **Um monitor.** Nem sempre é necessário, mas às vezes há mais uma pessoa com o espectador enquanto a visualização remota está ocorrendo. O título dessa pessoa pode ser determinado pelo que ela estiver fazendo. Por enquanto, vamos chamá-los simplesmente de monitores. Os monitores sentam-se com os visualizadores enquanto eles estão fazendo a visualização remota. Na verdade, eles não estão monitorando no sentido mais puro da palavra, mas estão lá por um de dois motivos. Se for uma visualização remota para pesquisa ou estudo, o monitor verifica se o protocolo está sendo cumprido e se não há fraude ou erros no protocolo que possam interferir no estudo. Os monitores podem cuidar de

outras coisas, como registro de dados, tempo e manutenção de registros, talvez tarefas de biomonitoramento, esse tipo de coisa. Se a visualização remota for para um propósito de aplicação ou para coletar informações para alguém, o monitor estará lá para garantir que o visualizador remoto não se desvie do protocolo ou, em alguns casos, para ajudar o visualizador com a metodologia específica de coleta. De qualquer f o r m a , o monitor nunca está lá para orientar, conduzir, sugerir ou interferir de alguma forma no que o visualizador remoto está fazendo. O monitor também não está lá para fornecer informações ao visualizador. Há uma maneira de usar o monitor para fornecer uma orientação mínima, mas como isso lida com questões de carregamento frontal, será abordado mais detalhadamente no Capítulo Oito.

d. **Um Outbounder.** Obviamente, essa é a pessoa que visita fisicamente o site de destino e atua como indivíduo ou sinalizador de destino. O trabalho do Outbounder é simplesmente interagir com o local e, dessa forma, fornecer um endereço ao alvo por meio de sua presença. Alguns acreditam que o Outbounder está lá para passar informações telepáticas de volta para o espectador, mas isso provavelmente está errado. Embora a transferência de informações telepáticas certamente esteja ocorrendo, o mesmo acontece com muitas outras formas de comunicação. Se um Outbounder estivesse sendo usado para um tipo de alvo de aplicativos (o que seria raro), se as comunicações telepáticas são tudo o que estamos tentando realizar, por que acrescentar o filtro cognitivo adicional da visualização remota? Isso não faria nenhum sentido. Normalmente, um visualizador fornecerá uma quantidade considerável de informações às quais o Outbounder nunca tem acesso direto no local do alvo.

e. **Um avaliador (analista).** A última pessoa em um protocolo Outbounder é a pessoa que avalia o material. No caso de pesquisa ou estudo, essa é a pessoa que julga o material e determina, por meio de um sistema de avaliação estritamente projetado e predeterminado, se a visão remota ou a transferência de informações realmente ocorreu ou não.

sistema de avaliação estritamente projetado e predeterminado, se a visualização remota ou a transferência de informações realmente ocorreu ou não. No caso de um aplicativo, esse é o analista que verifica se as perguntas predeterminadas foram respondidas. Em ambos os casos, o avaliador não deve ter contato com nenhum membro da equipe externa até que as avaliações ou análises tenham sido feitas e nenhuma outra visita ao local de destino esteja prevista.

2. Um fluxograma de protocolo e uma folha de tempo são fornecidos no Apêndice D.

Direcionamento com coordenadas

Há um mito sobre como e por que as coordenadas passaram a ser usadas. Alguns deles são verdadeiros e outros não. A seguir, apresento meu entendimento das razões por trás disso, conforme relatado a mim pela maioria das pessoas envolvidas.

Inicialmente, o protocolo Outbounder foi usado exclusivamente pelos cientistas do SRI-International. Obviamente, como eles estavam obtendo resultados tão notáveis, não houve nenhuma tentativa apressada de alterá-lo. Mas, eventualmente, ele começou a apresentar algumas dificuldades.

Embora a área da Baía de São Francisco ofereça uma grande variedade de possíveis locais de alvos, depois que os indivíduos trabalham na área por algum tempo, eles começam a ficar entediados com o conjunto de alvos. Além disso, começam a surgir perguntas científicas sobre o que mais pode afetar a visão remota. A distância até o alvo é um fator? A perda de informações é um efeito das diferenças de fuso horário? Esse tipo de coisa. Portanto, era necessário criar uma metodologia diferente para o direcionamento. Mas, como fazer com que os espectadores remotos se concentrem em um local ou evento específico totalmente distante de sua localização quando não há alguém lá atuando como um farol?

É verdade que eles ainda podem enviar um remetente para o local (que pode estar do outro lado do mundo), mas a despesa ao longo do tempo seria enorme. Além disso, é preciso

lembrar que havia um interesse considerável na visão remota por parte de algumas agências de inteligência. Isso apresentava certos tipos de oportunidades de alvos aos quais ninguém poderia ter acesso.

Pelo que entendi, um dos médiuns que trabalhavam n o laboratório, Ingo Swann, sugeriu a resposta. Eles poderiam usar coordenadas de mapas para identificar um local específico n o solo. Assim nasceu o que hoje é conhecido como "sistema coordenado".

Os alvos iniciais selecionados e identificados por coordenadas eram grandes características geográficas, como ilhas, rios, montanhas, cachoeiras, paisagens urbanas e similares. Para a surpresa de todos, ele funcionou tão bem quanto o protocolo de saída.

Entretanto, havia alguns problemas. Não demorou muito para que os céticos começassem a reclamar da memória eidética. Isso alegava que os observadores remotos poderiam ter memorizado (pelo menos inconscientemente) todas as principais características da terra que podem ser identificadas em mapas topográficos, por suas linhas de grade de longitude e latitude. (Interpreto isso como uma forma simpática de dizer que todos nós estávamos trapaceando. O que, obviamente, não estava acontecendo).

De qualquer forma, o uso de coordenadas também agradava aos militares, especialmente para seus tipos de alvos (aeródromos, bunkers, prédios etc.). Assim, para lidar com as questões céticas, o lado militar da casa fez o que os militares fazem de melhor: improvisaram. Em vez de usar coordenadas de grade padrão que qualquer pessoa pode ler, eles usaram mapas militares, que usam um sistema de coordenadas diferente. Em vez de 29 graus, 37 minutos e 15 segundos ao norte, por 082 graus, 22 minutos e 11 segundos a oeste, pode ser algo como HM 3487 9864. Com base no mapa militar específico que está sendo usado, tanto as letras quanto as combinações de números mudam constantemente, sem nenhuma ordem lógica real. Para nossa surpresa, funcionou muito bem, mas ainda havia reclamações sobre a memória eidética. Afinal, éramos "visualizadores remotos militares".

Portanto, pelo menos no lado militar, começamos a colocar a memória eidética real em nossos programas.

As coordenadas do mapa eram colocadas dentro de envelopes lacrados e opacos e, em seguida, escrevíamos coordenadas falsas do lado de fora. Como eram coordenadas falsas, simplesmente deixávamos de fora os graus, minutos e segundos. As coordenadas visíveis eram algo como 457816 987602. A questão é que elas realmente não tinham nenhum significado real, a não ser identificar o projeto daquele dia. Para a real surpresa de ninguém, o visualizador remoto ainda foi para o alvo pretendido com muito pouco problema.

As coordenadas do alvo rapidamente se tornaram quase tudo o que estava escrito na parte externa do envelope que poderia continuar a diferenciar um alvo de outro. Desde que não digam nada sobre o caráter ou o conteúdo do alvo de interesse identificado dentro dele, quase tudo pode ser usado como rótulo identificador ou coordenada sem.

Há apenas duas diferenças entre o protocolo do tipo outbounder e o protocolo de coordenadas:

1. Não há emissor. Alguém ainda decide qual será o alvo, mas, em vez de entregar o alvo a um emissor, ele lacra os detalhes do alvo em um envelope opaco e escreve uma coordenada de identificação na parte externa. No caso de pesquisa ou estudo, o envelope nunca é entregue ao monitor ou espectador. Somente a "coordenada" de identificação é fornecida. No caso de um tipo de alvo de aplicação, isso geralmente não importa, pois o que está sendo feito não é para registro científico, mas para obter informações. Os participantes percebem que a violação do protocolo por meio da adulteração do envelope apenas impedirá a coleta de informações e prejudicará os dados coletados.

2. A outra diferença está no feedback para o alvo. Como não há um local de saída que o visualizador remoto possa visitar para obter feedback depois que a visualização remota tiver sido concluída e as informações avaliadas, torna-se necessário fornecer ao visualizador o máximo de informações possíveis.

informações viáveis sobre o alvo original após a conclusão da visualização remota. A pessoa que controla as informações de direcionamento ou o conjunto de alvos geralmente é a pessoa encarregada disso.

Todos os outros elementos encontrados no protocolo de saída permanecem os mesmos para o protocolo de coordenadas. Um exemplo de fluxograma de protocolo e planilha de tempo são fornecidos no Apêndice D.

Como você já pode ver, muito pouco do protocolo original está sendo alterado. Somente as partes que tratam de levar o visualizador ao alvo certo estão sendo modificadas. Poderíamos argumentar sobre o feedback também, mas como o feedback nunca ocorre enquanto um alvo de visualização remota estiver ativo ou sendo avaliado, provavelmente isso não importa.

Isso nos leva agora aos protocolos de alvos fotográficos.

Alvos fotográficos

Foi nesse ponto que a pesquisa e os aplicativos seguiram caminhos diferentes. Há muitas maneiras diferentes de usar fotografias como mecanismo de direcionamento. Cada uma delas exige uma adesão detalhada a um protocolo ou procedimento específico. Como eu poderia escrever um livro apenas sobre o direcionamento fotográfico, vou me ater às questões centrais, que são: diferenças entre os tipos de direcionamento de pesquisa e o direcionamento de aplicações. O que, e quanto do que, você permite que o espectador veja.

1. Alvos de pesquisa e estudo.

Vou falar primeiro sobre isso porque é o mais fácil. A regra simples é: se você estiver usando fotografias como alvos, elas *nunca* serão mostradas ao espectador até que a visualização remota tenha sido concluída e os resultados tenham sido avaliados. Quando usadas como alvos, elas podem ser seladas em um recipiente opaco.

Os dados são armazenados em um envelope e recebem um número de identidade que é usado como um mecanismo de direcionamento, assim como no sistema de coordenadas. Elas também podem ser armazenadas de forma a impedir sua visualização até que a visualização e a avaliação remotas tenham sido realizadas, como em um arquivo de computador em que tenham recebido números de identidade codificados. O número codificado é fornecido ao visualizador, mas não a fotografia, até que a visualização e a avaliação tenham sido realizadas e os resultados arquivados. Na pesquisa e no estudo, não há variações desse tema. O motivo é que a própria fotografia é o alvo (ou, pelo menos, é uma representação em papel do local, objeto, pessoa ou evento).

2. Alvos de aplicativos.

Isso é muito diferente do uso de fotografias em pesquisas. Nesse caso, a fotografia geralmente não é o alvo, mas está a um passo de distância d e l e . Em outras palavras, o gráfico fotográfico é usado para levar um observador a um alvo específico ou a um elemento dentro do alvo que possa ser de maior interesse.

Há muitas maneiras de usar fotografias para levar um observador remoto a um alvo. No entanto, cada maneira apresenta uma alteração no protocolo básico, portanto, deve-se tomar muito cuidado ao manusear fotografias como material de direcionamento.

Uso de **fotografias pessoais:**

Você pode usar fotografias de pessoas como emissores involuntários. No caso de querer saber "onde" uma pessoa desaparecida pode estar, u m a vez que não há absolutamente nenhuma maneira de o espectador saber essa informação, mostrar a fotografia real do indivíduo ao espectador provavelmente não tem problema. Não seria correto se você f o s s e perguntar ao espectador algo sobre a pessoa que pudesse ser derivado da fotografia. Fotografias de indivíduos conhecidos por estarem em uma área de interesse seriam outro motivo para mostrar ao espectador a fotografia de um indivíduo, mas você nunca deve dizer ao espectador especificamente no que está interessado em relação à área.

Uso de outras fotografias:

Na verdade, é mais fácil dizer o que um espectador remoto não deve ver do que o que ele deve ver, pois é sempre uma decisão de julgamento. Não se deve mostrar aos espectadores fotografias do alvo específico de interesse. Se você estiver interessado no que está acontecendo dentro de um prédio, não mostre ao visualizador (ou monitor) uma fotografia do prédio. Se estiver interessado no que alguém pode estar carregando em uma pasta, não mostre ao espectador uma foto da pasta. Todos querem discutir automaticamente; por que não? Bem, uma das coisas mais bonitas da visão remota é a capacidade do espectador de fornecer informações que, de outra forma, seriam muito surpreendentes. Mas isso só pode ser feito se a pessoa não tiver sido levada a algum tipo de expectativa ou se seus limites não tiverem sido cercados de forma perceptiva. Se o seu interesse for o que a pessoa que está carregando a pasta está fazendo, sua suposição de que a pasta pode conter informações pertinentes a esse interesse pode ser falsa. Ao mostrar aos espectadores uma fotografia da pasta, você os incentivará a limitar suas percepções apenas ao conteúdo de uma pasta ou ao que pode caber nela. De fato, tudo o que o espectador fizer em relação a esse alvo, daquele dia em diante, será mediado pelo que ele sente sobre pastas e seus possíveis conteúdos. Seria melhor cortar um quadrado bem pequeno da fotografia que mostra o rosto da pessoa e perguntar o que ela está fazendo.

Para encurtar o que, de outra forma, seria um capítulo extremamente longo neste livro, sugiro as seguintes regras ao usar fotografias:

1. Sempre forneça o mínimo possível de fotografias ao espectador. Você sempre pode voltar mais tarde e expandir o que está fornecendo, mas nunca poderá desfazer o que alguém já viu.

2. Se uma fotografia sugerir algo sobre o que você

pode estar interessado, coloque-a em um envelope lacrado e dê-lhe uma coordenada.

3. Não presuma que, pelo fato de você não conseguir extrair informações de uma fotografia, o visualizador remoto também não conseguirá. A maioria dos visualizadores remotos realmente bons é muito mais sensível a informações em fotografias do que a média das pessoas.

4. Acima de tudo, nunca presuma que uma fotografia é a maneira mais precisa de atingir um visualizador remoto. O que quer que limite a fotografia também pode limitar o visualizador, ou seja, cercá-lo psicologicamente com relação a outras possibilidades ou informações.

Alvos móveis

Os alvos de saída, coordenados ou fotográficos podem ser afetados quando o alvo é móvel. A menos que o observador tenha uma descrição muito clara de um carro, ônibus, trem, avião, barco etc., é quase impossível avaliar um alvo em movimento. A solução, é claro, é impedi-lo de fazer isso.

Uma variação na localização só pode ocorrer ao longo do tempo. Portanto, um alvo em movimento quase sempre requer várias visualizações remotas em momentos diferentes, e você deve sempre usar material de mira que esteja em movimento. Uma vítima de sequestro às vezes se move com frequência. Portanto, seria uma boa ideia usar uma fotografia da vítima como material de mira e não algo que poderia estar lá no momento do sequestro, como o carro ou a bolsa da vítima.

Aqueles que estão analisando o material de visão remota devem ser informados de que existe a possibilidade de que o alvo seja um alvo móvel. Caso contrário, eles presumirão - porque os elementos de informação que podem estar fornecendo não parecem estar conectados, um elemento ao outro - que o que percebem deve estar errado. Essa é uma das poucas vezes em que

o analista deve ser informado sobre o alvo.

A velocidade do relógio não é relevante para a eficácia do uso da visão remota. O que isso significa é que qualquer derivado ou função do tempo pode ser usado. Por e x e m p l o :

1. Descreva o alvo ao meio-dia em um período de quatro dias.

2. Descreva o alvo em intervalos de 30 minutos.

3. Descreva o alvo em saltos de um segundo.

4. Descreva a mudança do alvo em quatro incrementos iguais de 10^{-12}a 10^{-13}centímetros.

Nesses exemplos, o espectador pode ser informado sobre a tarefa específica (1-4), desde que o alvo esteja sendo visado por meio dos protocolos de saída, coordenadas ou fotografia (envelope selado).

Alvos não físicos

Obviamente, isso impede o uso do protocolo Outbounder, a menos que você esteja mirando em alguém que supostamente foi abduzido por alienígenas e tenha uma data, hora e local específicos para a suposta abdução - e, é claro, não se importe se vai ou não obter uma verificação de suas informações.

Deixando o humor de lado, muitas coisas podem ser visadas usando um sistema de coordenadas (envelopes selados) ou fotografias que ilustram ideias, conceitos, planos, pensamentos, palavras e sentimentos. Alguns bons exemplos de coisas que *não* devem ser visadas são áreas inacessíveis, como o espaço profundo, crenças ou seres mitológicos, alienígenas ou outras incógnitas que podem ser inacessíveis ou para as quais não há ou não pode haver feedback. Um argumento contra essa afirmação pode ser: bem, você mira partículas nucleares para a física e não consegue vê-las. Isso é verdade. Entretanto, os testes com aceleradores e

por outros meios pode, eventualmente, verificar o que pode ter sido postulado por meio da visualização remota. Em outras palavras, outras formas de prova podem eventualmente ser apresentadas para verificar as informações da visualização.

Não sou totalmente contra visar coisas como os possíveis locais de OVNIs abatidos ou círculos nas plantações, porque, na realidade, esses eventos podem nem mesmo ser resultado direto de OVNIs ou alienígenas; nesse caso, informações verificáveis poderiam ser localizadas, fornecendo, assim, feedback. Esses alvos também podem fornecer informações que podem ser testadas de alguma forma para elucidar ainda mais sua realidade, mesmo quando podem ser considerados de origem alienígena. Só que esses alvos devem ser localizados com extremo cuidado e cautela, e não se deve fazer suposições com base em qualquer informação fornecida. Em outras palavras, se essas coisas forem visadas, a visada deve ser deixada para especialistas que tenham acumulado experiência suficiente com um bom protocolo de visão remota para saber as diferenças.

A orientação correta de um visualizador remoto em nosso espaço-tempo é extremamente difícil. O direcionamento não verificável no que pode ser sete ou mais dimensões, ou além de nosso espaço/tempo conhecido, apenas agrava a situação. Até o momento, ninguém sabe ao certo se há alguma verdade nessas hipóteses. Eu, certamente, não sei.

No entanto, ideias, conceitos, planos, pensamentos, palavras e sentimentos são um jogo justo e podem ser alvos. Há várias maneiras de fazer isso, todas elas igualmente aleatórias.

1. Você pode esperar até que o visualizador remoto aborde um desses assuntos durante o direcionamento real e, em seguida, pedir que ele desenvolva o assunto. Há um grande risco de que, se não houver mais informações disponíveis, o visualizador remoto invente as informações porque você demonstrou interesse. Portanto, se você perguntar, não aceite a resposta até que ela tenha sido obtida mais de uma vez durante um período de tempo.

2. As ideias e os conceitos podem ser escritos como perguntas e colocados em envelopes lacrados. Quanto mais cuidado e atenção forem dedicados à tentativa de minimizar a quantidade de visualizações necessárias para obter uma resposta, melhor será para você, é claro. Digamos que você tenha uma pergunta sobre se uma ideia será ou não bem-sucedida; por exemplo, "A arte corporal aumentará em popularidade?" Escrever essa pergunta requer uma quantidade considerável de planejamento e reflexão. Por exemplo, poderia haver um aumento substancial na tatuagem, um crescimento muito pequeno na pintura corporal, mas um campo totalmente novo poderia se abrir em joias corporais decorativas implantadas logo abaixo da pele. Portanto, a forma como você formula a pergunta é extremamente importante. Uma boa regra geral é que, quanto mais
Quanto mais abstrata for a ideia, mais difícil será fornecer o direcionamento adequado.

3. Os pensamentos e sentimentos quase sempre serão espontâneos. Se você quiser obter essas informações em vez de outros tipos de detalhes, precisará tomar um cuidado especial com a forma como define seu direcionamento. Essa é sempre uma diretriz de envelope selado ou, possivelmente, uma combinação de protocolos sendo usados simultaneamente. Por exemplo, se quiser saber o que alguém está pensando, você pode colocar uma fotografia dessa pessoa em um envelope lacrado e pedir ao espectador que descreva o que percebe sobre o alvo. Ou ele produzirá uma declaração espontânea sobre o que a pessoa está pensando ou não. Você precisa confiar na "intenção" para levá-los à resposta apropriada. Dizer aos espectadores que você está interessado em saber o que uma pessoa-alvo pode estar pensando, mesmo que eles não conheçam essa pessoa, geralmente não funciona, pois isso força o espectador a entrar no que chamamos de cenário de "escolha forçada". Há apenas alguns espectadores no mundo com experiência suficiente para lidar com o que a pessoa está pensando.

com um cenário de escolha forçada, e todos eles têm mais de vinte anos de experiência em visualização remota, operando sob protocolos rigorosos.

Tipos de protocolos estranhos ou exclusivos

Protocolos especiais foram desenvolvidos ao longo dos anos para atender a requisitos exclusivos ou estranhos. Às vezes, eles foram projetados para responder a perguntas muito específicas ou restritas, como "sim", "não" e "talvez". Às vezes, foram projetados para serem usados com outros métodos de funcionamento psíquico, como adivinhação de locais precisos, em conjunto com cura, tipos de alvos subatômicos ou micro, ou como marcar um evento específico em um alvo quando a hora ou a data exata não é conhecida. Há até mesmo maneiras de aumentar a probabilidade de precisão, embora às vezes elas sejam bastante questionáveis.

Visualização remota associativa

Quando você se depara com uma exigência de escolha forçada, por exemplo, é sim ou não, é branco ou preto, você vai ou não vai, etc., geralmente se confia na Visualização Remota Associativa (ARV) para fornecer a resposta.

Como eu disse antes, não se pode confiar nas informações que os visualizadores remotos fornecem quando são solicitados a dar respostas de escolha forçada. Portanto, o problema é multifacetado:

Primeiro, para que eles entendam que é necessário responder sim ou não e nada mais, você precisa informá-los sobre o problema. Isso automaticamente carrega o espectador com informações em excesso. O excesso de informações gera todas as coisas erradas na mente do espectador. O que ele "pensa" entra em jogo, em vez do que ele está "vendo". Os gostos e desgostos do espectador, as preferências de resultado e até mesmo a relutância em dar más notícias alteram a maneira como ele reage. Portanto, você precisa separar o espectador

da resposta sim/não de alguma forma - daí o termo "Associativo" em ARV.

O funcionamento é idêntico ao do protocólo de coordenadas, com a seguinte alteração: Primeiro, precisamos saber qual é a pergunta específica de escolha forçada e o tipo de resposta que ela pode exigir. Para fins de argumentação, vamos supor que queremos saber se devemos ou não investir em uma ação de que gostamos por um período de trinta dias. Há uma série de etapas a serem seguidas. Identificamos o período específico de interesse: 1º a 30 de maio. Em seguida, em vez de escolher aleatoriamente um único alvo de um conjunto de alvos possíveis, são escolhidos dois alvos: Alvo A e Alvo B.

A mesma pessoa que normalmente determinaria qual é o alvo faz tudo isso. Mas lembre-se de que nenhuma informação é compartilhada com o visualizador, monitor ou analista.

Depois de escolher dois alvos, essa pessoa atribui os valores (a escolha forçada) a cada um dos alvos. Nesse caso, o alvo A se torna "investir" e o alvo B se torna "não investir".

Vamos supor por um momento que o Alvo A seja a imagem de uma montanha e o Alvo B seja uma ponte. Então:

Alvo A (Montanha)= Investir.

Alvo B (Ponte)= Não investir.

Todas essas informações são ocultadas de todos os outros participantes. O espectador é solicitado a fazer uma visualização remota um dia antes do dia em que a decisão deve ser tomada sobre investir ou não - vamos supor que seja 30 de abril. A tarefa é a seguinte:

"Por favor, descreva a imagem que lhe será mostrada às 09:00 da manhã do dia 1º de junho". (OBSERVAÇÃO: supondo que o período de investimento seja de 1º a 30 de maio, saberemos com certeza somente em 1º de junho se o investimento foi ou não uma boa ideia).

O alvo é então descrito ou desenhado com a maior precisão possível pelo espectador. O analista recebe então a

O espectador recebe os resultados do espectador, juntamente com as duas imagens, e é solicitado a informar com qual imagem os comentários ou desenhos do espectador mais se assemelham. Vamos supor que o espectador comente ou desenhe uma montanha.

Essa informação é passada de volta para a pessoa que selecionou os alvos, que informa à pessoa que deseja a informação: "Você deve investir na ação".

Mas, a essa altura, ainda não sabemos se o espectador estava correto. Sabemos apenas que os comentários e desenhos do espectador correspondiam mais à imagem da montanha, o que equivale a "investir" e, portanto, a ação é comprada. Agora, avance para 1º de junho. Uma análise do desempenho das ações é feita nessa data e uma decisão é tomada *post-hoc* sobre se as ações deveriam ou não ter sido compradas. Se as ações tiverem se saído muito bem, a pessoa que determinou os alvos, na verdade, entrega ao espectador a foto da montanha às 9h da manhã daquele dia. Isso significaria que as coisas funcionaram muito bem. No entanto, se no dia 1º de junho for determinado que as ações não deveriam ter sido compradas, o espectador deverá receber a foto da ponte e, nesse caso, ele verá que sua visão...

O resultado não foi bom e a visualização remota falhou.

Em nenhum caso o espectador deve saber qual era a outra imagem, uma vez que lhe foi mostrada aquela determinada pelo resultado real. Como não sabemos ao c e r t o como o visualizador está obtendo suas informações sobre o alvo, é possível que isso interrompa ou corrompa o processo de transferência de informações.

Há maneiras de aumentar a probabilidade de sucesso usando ARV. São elas:

1. Usando mais de um visualizador. Mas observe que cada visualizador deve ter um conjunto diferente de fotografias representando as escolhas alternativas. O motivo para isso é abordado mais adiante neste livro, em Manuseio de materiais-alvo e vazamento interno.

2. Escolhendo o momento específico para realizar a visualização remota. Isso é abordado em outra p a r t e deste livro, no tópico Tempo Sideral Local.

3. Certificando-se de que as imagens contenham uma gestalt muito clara, com a qual até mesmo os visualizadores menos eficazes geralmente não têm problemas.

4. Certificando-se de que a diferença entre as fotografias seja claramente evidente.

5. Não alterando o protocolo de forma alguma e levando-o até o fim - certo ou errado.

Mas e se você não conseguir decidir entre as fotos? Bem, alguns interpretaram isso como significando que nenhuma ação deve ser tomada. No caso do investimento em ações, isso é insignificante, mas em muitas perguntas de sim ou não, de escolha forçada, isso pode ser muito importante. Por exemplo, talvez você esteja tentando decidir se deve comprar um imóvel na próxima semana. Uma resposta indefinida pode significar "esperar".

Como lidar com problemas de localização

Ao contrário da crença geral, a visão remota raramente é muito boa para localizar coisas. Aqueles que dizem que ela é boa deveriam parar de fantasiar e se iludir.

Às vezes, ela pode produzir uma imagem muito precisa de um local ou evento específico, mas mesmo nos casos mais raros, quando pode ser quase perfeita, ainda é difícil localizar esse local ou evento em um mapa. Por exemplo, se alguém que procura uma criança sequestrada produz uma descrição quase perfeita de um trailer em um parque de trailers, o único problema que resta é colocar esse trailer específico em um d o s 1.285.000 parques de trailers que temos para selecionar.

Mas, de vez em quando, podemos ter sorte, e a visualização conterá outras informações de valor. Talvez h a j a neve no chão e estejamos no início de junho, o que definitivamente

o que definitivamente restringe a área em que o estacionamento de trailers pode estar localizado. Ou talvez o parque em que nosso trailer está localizado seja adjacente a um parque de diversões que tenha uma atração exclusiva para aquele parque. Mas esses tipos de resultados ocorrem menos vezes do que se poderia esperar.

O que gera essas falsas crenças de precisão é uma combinação de exageros nos resultados nas poucas vezes em que realmente funcionou bem para localizar algo, e localizar algo por meio do uso da lógica em um pequeno site de busca e interpretar isso erroneamente como visão remota. Nesse caso, você pode ter recebido uma boa área de busca geral, digamos, 3,5 km por 3 km, e informações sobre a pista de um departamento de polícia local. Nesse caso, pode não se tratar de visão remota, mas de um bom raciocínio lógico combinado com a experiência de pensar fora da caixa. (Sei que isso implica que alguns departamentos de polícia podem ter se tornado rotineiros ou paroquiais em sua abordagem, mas desculpem, pessoal, é verdade. Às vezes vocês são assim).

Na tentativa de encontrar algo paranormal, se você espera usar a visão remota, precisará usar outra coisa também - isso é chamado de radiestesia.

Radiestesia

A radiestesia existe há pelo menos tanto tempo quanto o funcionamento psíquico. A maioria das pessoas já ouviu falar sobre isso em relação à busca de água ou minerais. A maneira como usamos a radiestesia com a visão remota não é muito diferente.

Há inúmeras técnicas usadas para radiestesia e, como este não é um livro sobre radiestesia, elas não serão abordadas aqui (exceto minimamente). Entretanto, se você planeja usar a radiestesia para localizar algo em um mapa, provavelmente vai querer fazer a visualização remota primeiro. A visualização remota produzirá muitas informações que descrevem o local: perto da margem de um lago, em uma região montanhosa, grandes linhas de transmissão de energia nas proximidades, algum tipo de edifício de telhado plano com portas de metal etc. Depois de produzir as informações de visualização remota, da mesma forma que você faria para uma coordenada ou um local selado

Para obter o tipo de alvo do envelope, você obtém um mapa da área em que acha que deve fazer a busca.

Normalmente, isso é feito de alguma forma progressiva. Se estiver procurando uma vítima sequestrada que pode estar em qualquer lugar dos Estados Unidos, obviamente terá de começar com um mapa dos Estados Unidos. Depois de fazer a radiestesia em uma área, você precisa obter um mapa dessa área. Por exemplo, se for o centro da Virgínia, você precisará de um mapa do centro da Virgínia. Em seguida, você isola o local em um condado específico e obtém um mapa desse condado. Você pode isolar ainda mais uma área específica dentro desse condado e obter um mapa dessa área, etc., até chegar ao ponto de procurar características que correspondam à sua visualização remota. Você deve fazer a visualização remota primeiro, para que a observação dos detalhes do mapa não lhe dê uma ideia antecipada do que esperar. Não espere acertar em cheio na primeira tentativa. Certa vez, procurei por quase três anos antes de encontrar a pessoa q u e estava procurando e nunca tive sucesso com a radiestesia.

Há casos em que a radiestesia foi usada pelos militares com grande precisão. Essa necessidade de localizar coisas fez com que dois ou três dos espectadores fossem formalmente treinados em radiestesia.

Eu fui originalmente treinado em radiestesia quando fui designado para a unidade STARGATE em Fort Meade. Mais tarde, fui treinado formalmente no Laboratório de Ciências Cognitivas do SRI International por um radiestesista internacionalmente conhecido com décadas de experiência. As diferenças eram notáveis. Você sempre recebe o q u e está disposto a pagar.

Observe que o uso da radiestesia não exclui a possibilidade de seguir os protocolos estabelecidos para a visão remota. Às vezes, as pessoas não se lembram disso quando começam a combinar metodologias.

Uso da visualização remota **para** cura

Até recentemente, eu teria dito que ainda não tinha visto nenhum exemplo de cura remota. Mas, no ano passado, houve

foram realizados alguns experimentos muito intrigantes justamente nessa área. Os primeiros resultados ainda não comprovam se a cura está ou não o c o r r e n d o , mas há uma melhora acentuada na qualidade de vida que não pode ser ignorada.

Seja como f o r , e ao contrário do que alguns estão dizendo, a visão remota não é cura remota. São dois animais completamente diferentes. A visualização remota tem sido e pode ser usada na arte da cura, no entanto, geralmente como um complemento a alguma outra ferramenta de diagnóstico. É preciso entender que os momentos em que isso pode ser útil são extremamente raros, especialmente porque a visualização remota *nunca* deve *ser usada* no lugar de ferramentas normais de diagnóstico. Ele é usado da mesma forma que qualquer alvo de coordenadas ou envelope selado, só que você incluiria algo que identificasse o paciente como o alvo. Nenhuma informação seria fornecida ao observador, exceto o envelope lacrado e uma declaração do tipo: "Descreva o que preciso saber para curar a pessoa identificada". preenchido dentro do envelope".

Ao não fornecer nenhuma outra informação, você pode usar itens como sexo, idade, raça e saúde geral como uma espécie de sistema de verificação e equilíbrio para as informações que está procurando. Se o observador acertar todos esses itens, então o que ele disser sobre a saúde do paciente também poderá ser mais verdadeiro do que falso. De qualquer forma, as informações da visualização remota podem ser usadas para direcionar mais especificamente outras ferramentas de diagnóstico ou investigações médicas laboratoriais para identificar a doença de um paciente. Em nenhum caso deve ser usada para direcionar um procedimento médico. Ela não é tão precisa e certamente não é tão confiável.

As formas de direcionar pacientes que foram testadas com sucesso no passado são colocar um pequeno pedaço do raio X de um paciente em um envelope com o número de identificação do paciente, direcionar os resultados de laboratório de um paciente ou pedir ao espectador que descreva o que pode estar perturbando emocionalmente um paciente. Tudo isso pode fornecer indicações sobre o próximo passo no diagnóstico do problema de um paciente ou sobre qual ferramenta de diagnóstico será mais proveitosa.

Estruturas subatômicas ou microestruturas

Novamente, o uso do protocolo de coordenadas ou de envelope lacrado é o caminho normal nesse caso. No entanto, a dificuldade passa a ser como enquadrar a pergunta, já que só podemos fazer hipóteses sobre a aparência da maioria das estruturas subatômicas e há muito poucas maneiras de realmente exibi-las. Pode-se lidar com isso da maneira como elas são especificadas no envelope de direcionamento. Alguns exemplos:

Frase normal no envelope: "Descreva a função de onda para o alvo identificado dentro do envelope."

Sugestão: "Descreva a função de onda do alvo identificado dentro do envelope em comparação com a função de onda de uma partícula alfa". (Ou o que quer que se possa supor que seja intimamente relacionado ou semelhante.) No caso de algo que nunca foi sequer cogitado, você pode dizer: "Descreva essa partícula de uma forma que permita o desenvolvimento de uma hipótese para teste."

Os alvos do tipo micro podem ser igualmente difíceis. Se você estiver procurando algo como a chave para uma fita de DNA ou o receptor primário para a célula do vírus da AIDS, esses alvos quase sempre dependem da capacidade dos espectadores de comunicar o que estão percebendo de uma forma que o receptor da informação possa entender e visualizar. Por esse motivo, recomenda-se enfaticamente o seguinte ao tentar lidar com esses alvos:

1. Use somente visualizadores remotos muito experientes, com registros estabelecidos e muito bem testados. Embora isso pareça simples, não é. O fato de um visualizador afirmar que tem um histórico não significa que ele seja real.

2. Use visualizadores que sejam talentosos em artes visuais. Parece haver uma ligação direta entre a capacidade de alguém visualizar claramente e sua capacidade de transmitir corretamente as informações que percebe.

3. Faça com que o espectador tente produzir visão remota

informações sobre o mesmo alvo duas ou três vezes, mas não deixe que eles saibam que estão fazendo isso. A familiaridade com o problema parece proporcionar uma melhor taxa de sucesso com microtipos de alvos, mesmo quando a familiaridade é desenvolvida apenas por meios psíquicos. (Observação: Isso não impede que o monitor ou qualquer outra pessoa na sala com o espectador seja mantida totalmente cega em relação ao alvo t a m b é m . Ninguém na sala deve saber que se trata do mesmo alvo).

4. Os espectadores devem ser incentivados a usar qualquer método visual necessário para apresentar a melhor imagem possível do que estão percebendo. Isso incluiria todas as formas de arte e meios de expressão: argila, desenho ou até mesmo construção em madeira, metais e plásticos, pré-formados ou não.

Alvos **relacionados a eventos**

Um dos tipos mais difíceis de alvos é um evento cuja data ou hora real não foi bem estabelecida. Muitos acham que é necessário dar alguma dica ao espectador sobre o que seria o evento real. Isso *não* é absolutamente o que você deseja fazer. Há vários motivos para isso.

A primeira é a suposição de que o evento tenha o c o r r i d o . Como a data e a hora não podem ser bem estabelecidas, isso automaticamente torna o restante das informações suspeitas. Não se pode presumir que um evento ocorreu quando não há nada mais substancial para se basear além de rumores.

Como exemplo, vamos usar o que se presume ser os efeitos de uma enorme explosão em uma área isolada de tundra congelada nos territórios do norte da Sibéria. Sabemos que ela provavelmente ocorreu em algum momento dentro de um período de 30 dias de uma data específica, devido a todos os rumores que saíram da região, levados por caçadores e lenhadores; mas, além d i s s o , não temos nenhuma outra ideia sobre o que aconteceu. Então, nós realmente

viajamos para lá e conversamos com as pessoas que moram na região. Elas têm vagas lembranças de um enorme estrondo seguido de luzes estranhas no céu naquela noite. Na verdade, vemos no solo que há árvores despedaçadas com um metro de diâmetro, e elas se estendem para fora no que parece ser um raio de efeito de explosão a partir de um centro ou local central. Pode até haver danos causados pelo fogo.

Com base nessas evidências, pode-se concluir que houve uma explosão. Queremos usar um visualizador remoto para identificar de fato a data específica e, se possível, o horário dessa explosão. Podemos fazer isso restringindo o evento ao período aproximado de 72 horas que desenvolvemos a partir de conversas com os habitantes locais. Como você faz isso?

Primeiro, é uma grande suposição que tenha ocorrido uma explosão. Pode não haver nada mais em nossos bancos de memória que possa explicar a estranheza do evento, mas isso não significa que se deva presumir que se trata de uma explosão. Há muitas coisas que poderiam ser, e a visualização remota é a melhor maneira de se abrir para essas possibilidades. Portanto, para começar, basta direcionar o visualizador para o "centro de massa" ou o núcleo do local do evento. Podemos fazer isso fornecendo coordenadas específicas colocadas em um envelope lacrado.

Já temos alguns detalhes muito interessantes sobre o evento, mas o que seria bom seria uma descrição do evento em si e um horário mais preciso em que ele ocorreu. Dessa forma, outros dados que poderíamos querer investigar podem ser incluídos - por exemplo, talvez estudar a composição química dos anéis das árvores nos arredores da área da explosão, ou observar os depósitos minerais no gelo das montanhas ao redor etc.

Para isso, fornecemos ao monitor que trabalha com o espectador as seguintes diretrizes:

"Peça ao espectador que nos forneça uma descrição geral do local dentro do envelope. Se o espectador indicar que ocorreu um evento importante, ele deverá retroceder em incrementos de quatro horas. Se não tiver ocorrido nenhum evento, avance-o em incrementos de quatro horas."

A pergunta dentro do envelope deve ser a seguinte: "Descreva o evento que ocorreu antes ou depois do meio-dia (e escolha a data do meio).

Por que queremos fazer isso dessa forma? Sabemos que, assim que você começa a mover os espectadores no tempo, eles sabem que há um evento que devem procurar. Como foi solicitado que eles descrevessem primeiro o que foi identificado como local, se eles descreverem o local corretamente, mas não o evento, saberemos que estão sendo precisos, mas terão de avançar no tempo. Se eles descreverem o local e parecerem estar relatando os efeitos do evento, saberemos que precisam retroceder no tempo. Em ambos os casos, eles já demonstraram sua precisão ao fornecer descrições precisas do local. Se não descreverem o local com exatidão, sabemos que nem precisamos ler o restante de suas informações de visão remota porque não estavam no alvo certo. Em ambos os casos, permitimos que o espectador fosse preciso em um modo duplo-cego primeiro. Se você precisar de uma precisão maior do que quatro horas, poderá voltar a mirar mais tarde usando o mesmo método, avançando ou retrocedendo em períodos de 30 minutos. Uma vez que o tempo tenha sido bem estabelecido, você pode redirecionar para obter mais detalhes sobre o evento em si, que pode ter sido praticamente qualquer coisa.

Apenas para fins de interesse, estou usando o evento na Bacia de Tunguska, em 30 de junho de 1908, como exemplo. O local do evento dá a impressão de que ocorreu uma enorme explosão que derrubou árvores em um raio de vinte quilômetros. Segundo consta, ela derrubou animais de fazenda a quase 400 quilômetros de distância. A explosão foi atribuída a um meteorito, a um buraco negro e à antimatéria. Eu sugeriria, com base em visão remota, que foi na verdade um meteorito bastante grande viajando em alta velocidade (provavelmente acima de 60 mil pés por segundo), que atingiu as camadas externas da atmosfera quase perpendicularmente à onda de arco da Terra, dissolvendo-se em um único cone de energia focado sobre a Bacia de Tunguska,

causando danos como uma carga moldada causaria no exterior de uma blindagem. No entanto, isso é apenas uma conjectura e não foi verificado posteriormente. [RV 16 de setembro de 1988].

Metodologias e estilos básicos usados por visualizadores remotos para coletar e processar informações

e processar informações

Até agora, tenho falado sobre *protocolos* e coisas que os afetam. Agora falarei sobre os *métodos* que os visualizadores remotos usam para se desassociar do aqui e agora, a fim de coletar informações psíquicas.

Em fóruns públicos e na Internet, houve muita conversa feia no passado sobre qual "método" está genuinamente associado à visão remota e qual não está. Para mim, isso é um tanto engraçado, pois quem discute isso não está entendendo o ponto principal. Como os protocolos são cientificamente desenvolvidos e testados com algum rigor, qualquer mudança requer testes e avaliações substanciais antes de ser considerada aceitável. Os métodos, por outro lado, ou como um médium coleta informações, não precisam ser testados ou avaliados. Desde que sejam executados dentro dos limites de protocolos aceitáveis, isso é desnecessário.

Portanto, agora falarei sobre alguns deles. A lista completa é, na verdade, bastante longa, portanto, vou me limitar aos mais significativos.

Visualização remota ampliada (ERV)

Esse é o nome dado a algumas das metodologias originais de visualização remota usadas pelos visualizadores remotos em Fort Meade. É preciso apenas no sentido de designar um período de tempo - aproximadamente de setembro de 1978 a setembro de 1984. Também é preciso porque descreve quase todas as abordagens de visualização remota dos visualizadores remotos como alguma forma de

estado alterado autoinduzido. É impreciso no sentido de que dois espectadores nunca operaram da mesma forma, nunca estiveram no mesmo estado alterado, nem produziram informações por meio do mesmo método de processamento internalizado.

Alguns apontariam para isso e diriam: "Veja, exatamente o que havia de errado com o programa. Não há consistência". No entanto, eles estariam totalmente errados, pois esse foi um período em que foram geradas algumas das melhores visões remotas já produzidas pelo projeto. Foi também um dos períodos mais prolíficos de produção de visualização remota.

Quase sem exceção, os alvos estavam sempre contidos em envelopes lacrados, e os espectadores podiam oferecer o que hoje é considerado "resposta livre" em relação ao alvo de interesse.

Os espectadores conseguiam isso desenvolvendo seus próprios meios de foco ou meditação, o que, por sua vez, induzia a um estado alterado autoimposto muito eficaz. Esse estado alterado permitia a dissociação total do ambiente imediato e a livre associação com o ambiente e os eventos do alvo, que eram então relatados.

Os visualizadores remotos sobreviventes da época lhe dirão que essa forma livre aparente, embora vista por muitos como difícil de lidar, era extremamente eficaz. As pessoas que geralmente não gostavam dessa metodologia não eram, obviamente, as que precisavam produzir as informações, nem as que precisavam analisá-las. Eram as pessoas que tinham de "vender a ideia" da visão remota para os outros. Aqueles que observam alguém usando essa metodologia, se não tiverem uma mente aberta para o funcionamento paranormal em primeiro lugar, quase sempre se sentirão desconfortáveis. Em termos mais curtos, ela era objetável para todos, exceto para o observador.

Aprender a metodologia é simples. Por meio da meditação ou de outros dispositivos, treinamento etc., você aprende a se colocar em um estado de semi-transe ou a se dissociar do ambiente imediato, mantendo o foco no objetivo final,

que é estabelecer uma associação com qualquer que seja o alvo. Em seguida, você relata o que pode estar vendo, sentindo, ouvindo ou percebendo de outra forma. A capacidade de aprender isso requer um foco considerável e muita prática, e tudo isso deve ser feito dentro do protocolo. Não é uma maneira barata de aprender a visualização remota, pois exige m u i t o tempo e trabalho.

Visualização remota controlada (às vezes chamada de Visualização remota coordenada [CRV])

Originalmente desenvolvido por Ingo Swann enquanto trabalhava no SRI-International, esse é agora o método de visualização remota mais comumente mencionado ou geralmente aceito, principalmente devido à facilidade de treinamento e ao número de pessoas que afirmam ter experiência em ensiná-lo. Entretanto, o que a maioria das pessoas não entende é que o modo como é ensinado e o modo como é realmente usado para aplicações gerais seguem dois conjuntos de regras completamente diferentes. Aqueles que são treinados não são automaticamente vacinados com todo o conhecimento necessário para aplicá-lo adequadamente. Algo tão simples como seguir um protocolo apropriado para preparar o alvo, como os protocolos para o manuseio adequado do alvo, é pouco compreendido ou até mesmo desconhecido para muitos.

O criador desse sistema de treinamento também não distribuiu um documento completo com esse sistema de treinamento. Se você realmente entender o sistema de treinamento e a base rigorosa sobre a qual ele foi desenvolvido, poderá compreender o motivo. Ele nunca foi planejado para ser usado em massa pela população em geral. Não há detalhes, portanto, sobre como ou por que algo é feito no treinamento e nunca é feito em um aplicativo, ou vice-versa.

Há uma cópia existente de um documento disponível na Internet que supostamente é um manual completo do CRV, mas, como ele foi projetado para treinamento, não aborda nenhuma das questões relacionadas aos aplicativos. Mas já existem muitas pessoas que o estão usando como um guia para aplicações também

como treinamento, introduzindo mais erros no sistema.

A premissa por trás do CRV é que todos os seres humanos recebem e lidam com informações psíquicas no dia a dia. O problema é que, para reconhecer as informações psíquicas e usá-las voluntariamente, elas precisam chegar à cognição, onde podemos tentar controlá-las. Isso automaticamente permite que dados falsos sejam introduzidos pela mente consciente, que introduz erros por meio de fantasias, falta de controle, reações emocionais às informações básicas, etc. Ou, pelo menos, essa é a suposição.

O sistema de treinamento CRV, um tanto draconiano, foi projetado para ensinar a mente inconsciente a dar comandos ao sistema sem passar pelo processo de cognição. Em outras palavras, se o alvo for uma montanha, então deixe que a mão seja comandada para desenhar uma montanha pelo subconsciente sem interferência cognitiva.

Provavelmente, há mérito nessa teoria, pois é possível demonstrar prontamente que um sistema de aprendizado estruturado ou ordenado pode ser usado para treinar o subconsciente a responder com base em informações psíquicas. Porém, somente sob os controles mais rigorosos do protocolo e somente após um longo e rigoroso período de treinamento que ocorre fora do processo de controle do protocolo. Um ponto amplamente ignorado por muitos.

Os testes de indivíduos que foram formalmente treinados com o CRV às vezes mostram respostas fenomenais em cenários de treinamento fora dos protocolos. Mas essas mesmas pessoas falham miseravelmente quando forçadas a operar dentro dos protocolos. Por quê? Provavelmente porque a pessoa que faz o treinamento entende perfeitamente o processo de treinamento, mas não entende a teoria básica ou subjacente a ele. Os instrutores também não levam em conta que o nível de talento real dos alunos influencia muito o desempenho deles em qualquer metodologia. Os instrutores passaram a confiar demais em um processo, que é pouco compreendido desde o início.

Em minha opinião, o processo CRV foi originalmente projetado para produzir respostas quase robóticas de um indivíduo,

que podem ser estruturados para se enquadrarem em categorias básicas ou em diferentes graus de informação e complexidade. Esses diferentes graus ou estágios são empilhados de forma linear e, por meio de um treinamento rigoroso, o aluno percorre esses estágios repetidamente, até conseguir responder automaticamente a categorias específicas sem pensar. É necessário um enorme grau de disciplina pessoal para concluir com êxito o programa de treinamento de CRV, após o qual o processo de pensamento cognitivo deve ter sido minimizado no processo de visão remota.

Na verdade, ele acaba instilando uma estrutura de resposta muito controlada na pessoa que deseja ser um visualizador remoto. Mas, na maioria dos casos, elas ainda saem com muito pouca compreensão dos protocolos apropriados e por que eles são necessários. Para a maioria das pessoas, isso simplifica demais uma questão muito complexa que ninguém entende de fato. Mas será que funciona?

A resposta verdadeira é: sim. Funciona tão bem quanto qualquer outro treinamento ou metodologia de visão remota inventada ao longo dos anos. Nem melhor, nem pior. Em última análise, ela ainda é impulsionada pelo talento natural ou inato do aluno e não do professor.

Cartas de tarô, canalização, escrita automática, vidência ou outras formas exóticas de produção de informações

Há muita controvérsia em torno dessas questões. Sinto a necessidade de abordá-las aqui. Essa seria uma questão importante se metodologia significasse a mesma coisa que protocolo, mas não significa. Como tentei diferenciar entre métodos e protocolo, um é absoluto e o outro não.

Em vários casos, informações valiosas foram obtidas por meio da leitura de cartas de tarô, materiais canalizados, escrita automática ou vidência. Basta dar uma olhada na história para encontrar muitas referências a essas ocorrências. Para os defensores de um método de produção de informações psíquicas, a

A visão remota é um método que não é muito eficaz, mas é um método que não é muito eficaz. O principal problema está no fato de que esses outros métodos não seguem tradicionalmente os protocolos aprovados que são usados para a visão remota. Os médiuns ou outras pessoas na sala raramente ficam cegos para o alvo, não há esforço para controlar os dados depois de coletados e grande parte dos relatórios é feita em retrospectiva, sem a manutenção de registros que geralmente é encontrada na visualização remota. Isso não significa que os métodos não funcionem.

Em minha observação, ao longo de vinte e um anos, alguns dados psíquicos muito bons foram fornecidos por leitores de cartas, canalizadores, escritores automáticos e até mesmo pelo cético momentaneamente concentrado *enquanto operava dentro de um protocolo de visão remota apropriado.* Em minha experiência, esses dados são tão precisos quanto as informações que já vi serem produzidas em ERV ou CRV. A questão aqui é que o protocolo apropriado parece colocar todas as peças do quebra-cabeça no lugar certo para permitir que o funcionamento psíquico ocorra.

Se o alvo for configurado adequadamente, a intenção dos participantes for tratada corretamente, uma expectativa de sucesso for ressaltada e todos os caminhos de vazamento conhecidos forem fechados, haverá produção de informações psíquicas. Se o protocolo for um protocolo de visualização remota aceitável, não importa se as informações produzidas são obtidas olhando para um símbolo em um baralho de cartas e interpretando-o psiquicamente ou se são produzidas por meio dos rigores da CRV. Os requisitos básicos foram atendidos do ponto de vista científico, portanto, a questão é discutível.

Muitas pessoas já me ouviram dizer que, se alguém quiser ficar de cabeça para baixo em um balde de sopa de ervilhas enquanto assobia Dixie pela narina esquerda e conseguir produzir informações dentro do protocolo de visão remota, então estou disposto a chamá-la de visão remota.

É verdade que quanto maiores forem os requisitos metodológicos que você impõe entre você e o alvo, mais difícil será produzir informações psíquicas. Eu serei o

O primeiro a admitir prontamente que há uma enorme possibilidade de distração ao ficar de cabeça para baixo em um balde de sopa. A ideia seria reduzir a distração, não aumentá-la.

Mas essa regra não se aplica apenas a alguém que está de cabeça para baixo em um balde de sopa. Ela se aplica a todas as metodologias.

Portanto, mais uma vez, estou afirmando que é mais do que provável que seja uma diferença no talento psíquico individual e nas propensões que o sustentam que dá melhor expressão ao funcionamento psíquico bem-sucedido dentro de um protocolo comumente aceito.

Minhas observações ao longo de muitos anos me levam a acreditar que quanto mais simples for o processo, melhor. Quanto mais talento natural você puder trazer para a sala, melhor. Quanto menos condições você exigir ou variáveis aplicar, melhor.

Capítulo Sete

Treinamento e aprendizado

Não acho que seja possível treinar alguém para ser vidente. Isso é como dizer que é possível treinar alguém para cheirar melhor. Poucos de nós prestam muita atenção ao que passa por nossas narinas, até que seja fortemente repugnante ou excessivamente atraente. Caso contrário, um cheiro entra e sai pelo nosso nariz e praticamente não prestamos atenção nele.

Os soldados em combate prestam atenção ao cheiro. Pergunte a qualquer veterano de combate o que o odor de combustível de turbina saindo do motor de um helicóptero, ou o cheiro de sangue apodrecendo ao sol, ou talvez de óleo de arma, faz com eles. Eles aprenderam a diferenciar rapidamente o cheiro da comida que comem e o cheiro da comida que o inimigo come. Conheço homens que poderiam s a i r em uma trilha sob uma selva de três copas e dizer há quanto tempo alguém havia passado, sua nacionalidade, se era homem ou mulher, se estava saudável ou não, apenas pelos odores residuais do corpo que se agarram ao ar parado.

Será que somos ensinados formalmente a cheirar? É claro que a resposta é não. Entretanto, podemos aprender a prestar atenção às diferenças. Isso acontece por meio da experiência. Se você não sentir o odor do combustível de avião e não o equiparar a algo significativo, então o combustível de avião nunca fará diferença para você.

As pessoas que de repente descobrem que são psíquicas começam a

fazer isso automaticamente. Você ajuda as pessoas a descobrir sua natureza psíquica, ajudando-as a ter sua primeira experiência psíquica. Se elas tiverem a mente aberta o suficiente, descobrirão que isso faz parte de sua própria natureza e, quase automaticamente, começarão a ouvir sua voz interior. Elas tentam diferenciar entre o ruído e o que pode ser uma informação válida. Ficar fora da cabeça de alguém e ditar o que é ruído e o que não é é impraticável em teoria e impossível em ação. Assim como o soldado, alguém que queira capitalizar suas habilidades psíquicas de forma significativa precisa simplesmente praticar a atenção. Como não há duas pessoas que prestem atenção da mesma forma ou processem informações exatamente da mesma maneira, provavelmente não há uma maneira melhor de fazer isso. Em outras palavras, *não existe um método mágico para transformar alguém em um vidente talentoso.* Se você acredita que existe, já está saindo do portão de partida para trás.

Isso significa que é mais do que provável que você obtenha praticamente a mesma quantidade de "aprendizado" em qualquer programa de treinamento que em outro. Sua capacidade de prestar atenção e lidar com seu processamento mais íntimo depende totalmente de você mesmo. Isso deve ser um aviso em voz alta sobre o quanto você acredita nos sistemas de treinamento.

No entanto, gostaria de fornecer algumas diretrizes sobre o que você deve ou não esperar de um programa de treinamento válido, algumas ideias sobre o que pode estar acontecendo durante qualquer forma de treinamento e as principais diferenças que observei entre os cenários de treinamento e as aplicações reais.

O que está acontecendo durante o treinamento

Há muito tempo está claro para mim que ninguém aprende nada de novo durante qualquer tipo de programa de treinamento. Na verdade, está ocorrendo um "desaprendizado", uma destruição sistemática e detalhada de conceitos antigos e sistemas automatizados que

que foram instalados desde o dia em que nascemos. À medida que passamos pela vida, pegamos crenças como velcro, nenhuma delas baseada na verdade fundamental.

Começamos nossa instrução com pais que, embora sinceramente motivados, incutem em nós o que acreditam ser verdade, independentemente de ser ou não. Somos ensinados por professores que tentam nos transmitir conhecimento, pelo menos como eles entendem que seja. Não importa se isso está vinculado ao seu próprio idealismo e retórica, ou ao fato de que eles mesmos podem ter sido enganados ou não.

Depois, temos nossos ministros religiosos que, gostem ou não, estão firmemente presos a circuitos fechados de percepções espirituais ou regras paroquiais que não ousam ultrapassar por medo de condenação eterna.

E depois temos nossos grupos de colegas, que quase sempre são consumidos por uma preocupação com a imagem geral, a reputação ou as percepções externas dos outros.

Outros mentores, como rádio, revistas, televisão, governo e jornais, produzem efeitos que podem ser ainda mais sutis.

Os hábitos que formamos determinam a maneira como realmente processamos as informações. Vivemos em uma época que, essencialmente, exige que processemos quantidades cada vez maiores de informações dia após dia, hora após hora e momento após momento. Não temos tempo para dar às coisas o tipo de foco e reflexão que deveríamos dar. Pelo menos, essa é a desculpa. Na verdade, temos, mas a maioria simplesmente se esqueceu de como fazer isso.

Quando nos deparamos com um problema, coletamos rapidamente as informações que podemos. À medida que as informações começam a chegar (algumas delas psíquicas, a propósito), rapidamente aceitamos o que parece se encaixar e descartamos o que parece não se encaixar. Por fim, são processadas informações suficientes para chegar a uma conclusão necessária. Agimos de acordo com a conclusão, excluímos as informações que aparentemente não nos apoiaram e arquivamos apenas o material que apoiou nossa ação e, em seguida, passamos para o próximo requisito de processamento. Quando você

Quando você sobrecarrega um sistema que opera d e s s a forma, aprende rapidamente que ele é movido por duas coisas:

1. Processamento rápido de informações (minimizando a entrada).
2. Busca rápida de soluções (conclusões rápidas).

À medida que somos inundados com mais e mais requisitos de processamento, a quantidade de informações que coletamos para abordar qualquer problema específico começa a se tornar cada vez m e n o r , e nossas conclusões começam a chegar cada vez mais rápido. Na minha opinião, tirar conclusões precipitadas sem obter informações consideráveis prejudica o processo psíquico. Observação: Eu não disse processamento. O processamento rápido ou a ausência de processamento são, na verdade, desejados, pois têm a tendência de impedir a manipulação consciente dos dados. Portanto, uma meta adequada seria expandir a quantidade de informações que você está deixando entrar, atrasando a necessidade de conclusão, mas mantendo a velocidade de processamento. O que é um pouco o contrário do que é comumente aceito.

Diferenças observadas entre homens e mulheres

Em primeiro lugar, gostaria de deixar bem claro que quaisquer comentários, declarações ou rumores que você possa ter ouvido sobre diferenças de qualidade, capacidade ou precisão entre homens e mulheres são invenções. Eles simplesmente não são verdadeiros. Entretanto, ao longo dos anos, observei muitas diferenças interessantes entre os dois gêneros. Se não for por outra razão, essas diferenças devem ser valiosas para pesquisadores e cientistas. As diferenças observadas entre homens e mulheres durante a visão remota não são diferenças de qualidade ou quantidade, mas de técnica ou abordagem.

Durante a visualização, as mulheres são mais propensas a descrever o alvo verbalmente do que por meio de desenhos. Os homens são exatamente o oposto. De fato, às vezes é possível obter dos homens desenhos quase perfeitos dos alvos, mas a verbalização deles será totalmente

errado; e vice-versa para as mulheres. Em geral, a experiência suaviza um pouco os graus de variação, mas isso se aplica em muitos casos. É por isso que você precisa estar disposto a deixar que as mulheres e os homens façam suas próprias escolhas com relação aos métodos. Algumas mulheres sentirão a necessidade de "canalizar" as informações. Alguns homens sentirão a necessidade de "construí-las". O mais interessante é como as pessoas lidam com essas questões. Se um homem está tentando fazer uma visualização remota de um alvo e diz: "Preciso de argila para modelar isso", tudo bem. Ele recebe argila. Se uma mulher diz: "Espere um pouco. Preciso verificar com meus guias" e abre um canal para seus guias, ela é quase automaticamente considerada uma maluca. Jogando argila em uma mesa - tudo bem. Jogar ossos de uma jarra - não está certo.

Certa vez, li um artigo que falava sobre as diferenças entre a substância branca e a substância cinzenta dentro do crânio humano. Homens e mulheres têm quantidades diferentes de cada uma, uma mais do que a outra; mas o artigo dizia que, como os homens têm uma massa cerebral muito maior do que as mulheres, eles ainda possuem o equivalente a qualquer matéria que as mulheres tenham em maior quantidade. Esse artigo, que expõe as diferenças entre a capacidade de homens e mulheres de lidar com a percepção espacial, concluiu que as mulheres geralmente têm mais dificuldade para lidar com problemas espaciais do que os homens. Não sei se acredito nisso. É claro que os homens podem ser capazes de desenhar um mapa com mais eficiência, mas o que isso tem a ver com a descoberta de como ir do ponto A ao B? Se essas diferenças fossem significativas, então não teríamos mulheres pilotando jatos de alta velocidade, dirigindo carros de corrida ou operando máquinas remotas complexas. Isso significa apenas que elas fazem as coisas de forma diferente. Quando aprendemos a respeitar e a empregar as diferenças de percepção ou de capacidade espacial, podemos realmente nos beneficiar em um grau muito maior.

Outra área em que homens e mulheres são diferentes é a emocional. Às vezes, as mulheres parecem ter uma conexão mais próxima com suas emoções do que os homens. Isso certamente é verdade em minhas observações de visualizadores remotos. As mulheres são mais rápidas em apontar os eventos que geram emoções dentro da

visão remota. Os homens são menos propensos a falar sobre elas. Isso representa uma grande diferença no processamento que precisa ser abordada desde o início ao lidar com informações de visualização remota. O que é interessante é que, às vezes, existe a crença de que relatar emoções ou permiti-las durante a visualização remota é um sinal de fraqueza ou instabilidade. Isso está errado! Fraqueza emocional é não se abrir sobre o que está sentindo e pensar que está sendo julgado de alguma forma por causa disso. A instabilidade, por outro lado, pode ser indicada pela emoção, mas não é a emoção em si, mas a incapacidade da pessoa de diferenciar entre sua própria emoção e a que está sendo gerada por um alvo que deve ser questionada.

Na maioria das vezes, as diferenças entre homens e mulheres têm a ver com o equilíbrio interno, onde eles estão centrados. Imagine isso representado por uma balança de equilíbrio. A maioria dos homens tem, em geral, mais características masculinas do que femininas, e as mulheres, mais femininas do que masculinas. Entretanto, é possível que homens e mulheres sejam quase iguais em alguns casos, pelo menos no que diz respeito às características. Embora não haja dados que comprovem isso, acredito que aqueles que estão mais próximos do centro geralmente são os melhores visualizadores remotos. Isso significa simplesmente que elas podem estar bem equipadas para lidar com a entrada psíquica com menos mudanças importantes de processamento internalizado necessárias.

É interessante notar que, nos casos em que observei um desequilíbrio grave de características ou atributos masculinos e femininos, algumas vezes observei um alto grau de instabilidade na visualização remota. Testes formais podem, um dia, provar que essa observação está correta ou que está fora de equilíbrio.

Diferenças entre aprendizado e aplicativos

Uma coisa que a maioria das pessoas não reconhece, especialmente as que não estão familiarizadas com a visualização remota, é a diferença entre aprender a visualização remota e aplicá-la. No

No início, havia muito pouca diferença entre os mesmos protocolos aplicados nos aplicativos e no aprendizado. No entanto, com o passar do tempo, muitos dos desenvolvimentos no treinamento foram essencialmente regras de protocolo escalonadas. Não há muitas diferenças, mas elas são extremamente importantes e podem determinar se você está realmente praticando a visão remota ou se está se iludindo.

Em primeiro lugar, deixe-me dizer que, se eu estivesse ensinando alguém a visualizar remotamente, estaria forçando o uso de protocolos rigorosos e inquestionáveis desde o início. Observe: eu disse "protocolos" e não "métodos". Os protocolos são as regras que você terá de cumprir de qualquer forma, portanto não há uma maneira fácil de introduzi-los. Você simplesmente começa com a prática minimamente aceitável desde o início. Optei por não ensinar visualização remota, mas outros o fazem, portanto, compartilharei com você alguns avisos.

A maioria dos sistemas de treinamento em uso atualmente não reconhece a necessidade de manter todos os que estão próximos à visualização remota totalmente cegos para o alvo. O argumento geralmente apresentado é algo como: "Como podemos reforçar uma resposta correta e não incentivar uma resposta incorreta, se não sabemos qual é o alvo?"

Não seguir os protocolos durante o treinamento, por qualquer motivo, deixa a porta aberta para um resultado que não está necessariamente sendo produzido por meios psíquicos. O aluno pode ter obtido as informações por meios psíquicos, mas, por outro lado, pode tê-las obtido por qualquer uma de várias outras maneiras.

O protocolo de visualização remota exige que o visualizador remoto seja cego ou não tenha nenhuma outra forma de acesso ao alvo sobre o qual está sendo solicitado a fornecer informações. Isso significa que não há dicas, nem antecipação, nem flexibilização das regras. Em muitos, se não na maioria, dos programas de treinamento, alguém na sala, seja o monitor ou não, geralmente sabe qual é o alvo específico. Uma pessoa sensível pode, então, fazer o que chamamos de leitura fria: fornecer informações "lendo" o feedback não verbal que recebe da pessoa que está sendo treinada.

sabe o que é real ou não real sobre o alvo. Muitas pessoas lhe dirão que isso não é possível, a menos que você seja altamente treinado, e eu lhe direi que isso é besteira.

Quando você era jovem, quantas vezes lhe pareceu que seus pais eram videntes e sabiam o que você ia fazer antes mesmo de você fazer? Quando foi a última vez que seu chefe o interrompeu antes que você se envergonhasse? Quantas vezes você pensou: *"Nossa, que garota linda",* apenas para que ela de repente se atirasse em você? Nada disso foi funcionamento psíquico, foi leitura da linguagem corporal. Todos nós fazemos isso. Essa é uma das razões pelas quais os filmes são tão interessantes. Não estamos apenas ouvindo o diálogo quando vamos ao cinema, vamos para ver os visuais, o plano de fundo. Até mesmo a música de fundo está ajudando a transmitir a mensagem visual. Se você não acredita nisso, abaixe o volume da próxima vez que estiver assistindo a um bom filme na TV e veja se perde o interesse nele. Recentemente, assisti a um filme americano inteiro em húngaro na televisão nacional húngara. Não entendi todo o significado, mas aposto que entendi o suficiente para comentar de forma inteligente seu conteúdo. É claro que não falo húngaro.

A questão é que, se você quiser obter informações psíquicas, terá de eliminar todas as outras formas ou possibilidades de transferência de informações. Esses são comumente chamados de "caminhos de vazamento" ou "caminhos de vazamento". É verdade que podemos treinar para aumentar nossas outras sensibilidades e isso será eficaz na maneira como lidamos com os problemas, e isso é bom, mas não é visualização remota. Chamá-la assim presta um claro desserviço a ambos.

Portanto, precisamos identificar as violações de protocolos em um esquema de treinamento e eliminá-las. No caso da maioria dos programas de treinamento existentes, isso significa que ninguém deve conhecer o alvo enquanto você estiver tentando coletar informações sobre ele.

Outra forma de vazamento diz respeito ao manuseio e à proteção das informações. Eu serei o último a insinuar que alguém está trapaceando. Na maioria dos casos, as pessoas não trapaceiam - em

pelo menos conscientemente. No entanto, em casos raros, já vi pessoas acrescentarem informações inocentemente após o término de um esforço de visualização remota - era algo que se esqueceram de acrescentar durante a sessão ou algo que lembraram que estavam pensando no momento. (Observação: quando isso acontece, deve sempre ser observado imediatamente e a visualização remota deve ser abandonada, descartada e rotulada como um protocolo perdido).

Esse tipo de reação quase nunca acontece em aplicativos, mas deveria acontecer. Isso é especialmente verdadeiro quando alguém está usando aplicativos para provar a eficácia da visualização remota para o público. O motivo é simples. É uma violação do protocolo.

Há várias ocasiões em que um visualizador remoto adiciona um último detalhe às informações, à medida que elas são registradas ou arquivadas. O problema é que isso pode ocorrer depois que alguém viu a informação e pode saber qual é o alvo. Apenas uma sobrancelha levantada pode gerar a necessidade de explicar algo de uma forma ou de outra. Em alguns casos, isso pode resultar em uma acusação de fraude, mesmo que não tenha sido feito intencionalmente, é melhor descartar a informação.

O problema é que o cuidado com o controle das informações durante o treinamento e durante as aplicações costuma ser totalmente diferente. Durante as aplicações, se manuseados corretamente, os materiais são religiosamente controlados e mantidos adequadamente. Ninguém quer negar qualquer esforço que tenha sido feito na coleta real de informações.

No treinamento, geralmente não é esse o caso. Os controles, se é que existem, são minimizados. Às vezes, isso proporciona uma oportunidade para que os espectadores vejam acidentalmente o trabalho uns dos outros; às vezes, eles podem ver os alvos uns dos outros ou fazer comparações e depois conversar bastante sobre o que está acontecendo. Simplesmente não há nenhuma garantia de que isso não esteja acontecendo.

O problema que isso cria é que, se isso for feito durante o treinamento, os hábitos e exercícios adequados não são as únicas coisas que estão sendo reforçadas.

são as únicas coisas que estão sendo reforçadas. Os negativos também estão sendo reforçados. É sempre muito mais fácil quebrar o protocolo, de forma inconsciente ou acidental, quando os hábitos adequados não estão sendo reforçados.

Os hábitos ajudam muito a garantir como os materiais estão sendo manuseados, registrados, controlados e arquivados, ou quem tem acesso e por quê. Algumas pessoas arquivam materiais de treinamento com materiais de aplicativos, o que degrada ainda mais a relação entre eles. Os maus hábitos contribuem para o desenvolvimento de caminhos de vazamento. A pessoa inteligente entende que, quando se trata de visualização remota, suas práticas precisam ser sólidas e irrepreensíveis desde o início.

Seleção de alvos para treinamento

Por motivos óbvios, os alvos não são escolhidos especificamente para aplicações. No entanto, para fins de treinamento ou pesquisa, eles podem ser escolhidos. Sabe-se muito sobre como os alvos afetam um visualizador remoto. Por muitas razões, deve-se tomar muito cuidado ao escolher os tipos de alvos a serem usados e em quais combinações. Os alvos usados para treinamento (bem como para pesquisa) geralmente devem obedecer às seguintes diretrizes.

Estágios iniciais do treinamento

a. Os alvos de treinamento devem ser isolados e bem definidos em relação aos arredores ou a outros objetos ou possíveis alvos próximos.

Não é uma boa ideia selecionar edifícios, objetos ou coisas que estejam amontoados com outros edifícios, objetos ou coisas importantes. Por exemplo, não selecione uma única estátua em um jardim de estátuas ou uma estrutura única ao lado de outra estrutura única.

b. Os alvos não devem ser muito complexos.

Do ponto de vista da instrução e da pesquisa, é quase impossível avaliar metas muito complexas. Inevitavelmente, se alguém falar muito ou desenhar vários detalhes, alguns deles corresponderão a alguma coisa no alvo. É muito difícil para a maioria dos novos visualizadores separar os detalhes dos principais gestalts. Isso também agrava os problemas de avaliação do pesquisador ao tentar determinar como comparar os resultados com uma pilha de chamarizes (chamarizes são imagens selecionadas aleatoriamente que são usadas como controles em experimentos). Pode parecer que as Cataratas do Niágara seriam um ótimo alvo, mas, dependendo de onde o observador estiver ou de como a seleção de alvos estiver configurada, você poderá obter uma grande quantidade de informações que, de alguma forma, serão pertinentes ao alvo. Um alvo melhor seria a torre de observação no lado canadense das cataratas.

c. Os alvos de treinamento devem conter os principais gestalts.

Os principais recursos exclusivos do alvo específico devem estar presentes. Por exemplo, seria desejável um parque aquático com um longo escorregador ou uma entrada em arco exclusiva com um padrão repetitivo. Esses elementos produzirão uma resposta significativa nos espectadores, ao passo que itens ou recursos comuns à maioria dos sites não o farão. Lembre-se de que você espera que os novos espectadores remotos se adaptem a um novo sistema de cognição. Isso é difícil nas melhores condições. Os alvos com recursos exclusivos aumentam a probabilidade de que eles os notem.

d. Limite a lista dos principais gestalts.

Isso também tem a ver com a complexidade. Se houver muitas variantes dentro do conjunto de alvos, o visualizador basicamente se perderá ao tentar identificá-las. Os principais gestos que parecem ajudar bastante no treinamento de alguém são: interfaces terra-água, graus variados de terreno acidentado, esparso a

forte influência de estruturas dentro do alvo, o tipo de terreno; deserto, tundra etc., cor predominante, pessoas e atividade. Esses fatores, por si só, oferecem muitas possibilidades ao instruir um novo visualizador remoto. Por exemplo, uma fotografia de alvo pode conter uma montanha, colinas, planície, vales ou ravinas. Cada um traz sua própria gestalt para a resposta geral.

Estágios posteriores do treinamento

A variedade é o tempero da vida. Quando os espectadores começarem a entender de onde as informações estão vindo (dentro da cabeça), é hora de começar a fornecer a eles uma variedade maior de alvos. O que estou falando aqui não requer a alteração do conjunto original de alvos. À medida que os espectadores aprimorarem suas habilidades, eles começarão a fornecer mais detalhes sobre o conteúdo do alvo. O aumento da variedade vem da mudança do foco do que você está interessado que eles produzam. Em outras palavras, não se trata mais de produzir uma grande gestalt sobre o alvo, você deve informá-los de que está interessado em mais detalhes. Se eles disserem que há um prédio, de que tipo ele é? Se descreverem colinas, o que há nelas? O que há lá, árvores, grama, pomares, estradas, uma fazenda? Eles precisam saber que se espera que refinem suas respostas com mais precisão além dos principais gestalts.

Somente quando o espectador tiver demonstrado que pode fazer isso é que se deve tentar começar a visar coisas que violam a lista original de a. a d. acima. Somente quando o espectador tiver demonstrado que consegue distinguir as diferenças é que ele deverá ser sobrecarregado com a escolha de uma estrutura específica em um grupo de estruturas.

O que o espectador vê

É lamentável que o termo visão remota tenha sido originalmente selecionado para definir este protocolo de informações

produção. Ela é constantemente mal interpretada como se significasse realmente "ver" o alvo. Isso é ainda mais complicado por alguns que falam sobre estar fora do corpo quando estão participando de uma visualização remota. Como não é possível confirmar a viagem fora do corpo versus o funcionamento psíquico comum, é impossível saber se alguém está realmente vendo o alvo. Posso dizer que, em geral, esse não é o caso. Se alguém de fato "vê" algo, quase sempre é uma aproximação ou uma representação próxima da realidade, mas não a realidade em si.

Deixando os eventos fora do corpo de lado por um momento, se você acredita que está realmente vendo um alvo, pode presumir que pode levar um tempo para examiná-lo. Nada poderia estar mais longe da verdade. Nada poderia estar mais longe da verdade.

Na verdade, quando os visualizadores remotos se abrem para um alvo ou tentam coletar informações sobre ele, eles estão fazendo algo semelhante a uma degustação rápida. Como no uso do nosso paladar, é uma sensação que atinge o alvo muito rapidamente. Isso é bom, mas também é ruim.

Se, por exemplo, você estiver com os olhos vendados e alguém colocar um pedacinho de morango em sua língua, assim que você esfregá-lo no palato, saberá que é morango - não há muito processamento acontecendo ali. Mas, se alguém colocar um pequeno pedaço de outra coisa em sua língua, que tenha sido embebido em calda de morango, você terá problemas para identificar o que pode ser. A visão remota é muito parecida.

Se você for dominado por algo no alvo, por exemplo, um sabor de morango, é quase impossível descobrir os detalhes ocultos por ele. Isso pode ser feito, mas somente se não tirarmos conclusões precipitadas sobre os morangos. O mesmo se aplica ao oposto. Se for só isso, um pedacinho de morango, então é quase impossível saber quando parar de tentar perceber o que pode estar lá além dele, quando realmente não há mais nada lá. Uma impede o fluxo de informações, e a outra incentiva a invenção de informações,

o tempo todo, incentivando-nos a acreditar que ainda estamos em contato total com o alvo original, o que definitivamente não é o caso. Quando um espectador prova o alvo, é apenas por alguns nanossegundos e depois o contato é interrompido. O restante do exercício é o processamento internalizado, ou seja, determinar quando o morango é importante e quando não é. Definitivamente, não é um modelo em escala real ou pictograma apresentado em total maravilha diante dos olhos de nossa mente.

Às vezes, isso acontece, mas apenas em raras ocasiões e sempre por motivos muito específicos e/ou limitados, o que complica ainda mais o processo.

Há uma confusão adicional em relação à visualização, quando os espectadores são instruídos a esperar tipos específicos de informações com base em seu grau de talento, seu estágio atual de treinamento, habilidade, conhecimento ou experiência, quando nada disso se aplica ou tem qualquer significado real.

Infelizmente, tudo pode acontecer no primeiro dia ou em seu vigésimo ano de experiência. É importante saber disso, porque atualmente está implícito na literatura e nos livros, ou em palestras de quem realmente não sabe, que é isso que você deve buscar; e isso é mito-lógico. Digo-lhe com toda a honestidade que, se é isso que você espera e pelo que está se esforçando, está perdendo seu tempo e, no final, ficará tristemente desapontado. A informação chega ao espectador de várias maneiras e, se não for principalmente por meio da visão, então por meio de quê? Bem, isso é difícil de explicar. Você terá percepções sobre o alvo que são tão vagas quanto um movimento que você captou com o canto do olho, o leve toque de um aroma ou uma sensação que causa arrepios na parte de trás dos braços. Quase nunca é direto, mas precisa ser interpretado de alguma forma. Muitos programas de ensino por aí afirmam que tiram a maior parte dessa "interpretação" do processo de visão remota. Se você acreditar nisso, boa sorte. Os seres humanos são seres cognitivos, e nada chega à nossa mente desperta que não tenha sido processado. Você pode se iludir temporariamente com

Pensando que não está pensando, você pode enterrar o processamento a ponto de achar que não está realmente processando, mas está. Os críticos de minha posição sobre isso afirmam que eu não tenho uma compreensão completa do que está acontecendo nesse caso, que a mente pode ser treinada para "responder automaticamente" a determinados estímulos, sem processamento.

Eles certamente estão certos, mas somente quando a mente é submetida a uma longa sequência de treinamento de escolha forçada. E assim que você começa a sobrepor a mente com a escolha forçada, você está simplesmente invertendo o sistema. Você está colocando o processamento na frente em vez de no final, reduzindo a amplitude dos parâmetros de resposta e eliminando a espontaneidade inconsciente. O resultado espontâneo inconsciente é responsável por mais precisão e detalhes na visualização remota do que qualquer outra forma de resposta.

A melhor abordagem é tentar entender "como" você processa as informações. Estude como sua mente funciona. Você tem uma propensão a visualizar piscinas de quintal sempre que um reservatório de fluido enterrado faz parte de um alvo? Você sente frio ao toque quando há medo envolvido em um alvo? Seu nariz coça quando há fumaça? Você deve estudar suas respostas sutis de corpo e mente e tentar estabelecer uma compreensão do que faz quando está sujeito a algo real dentro de um alvo. Você deve desenvolver uma compreensão da linguagem que seu subconsciente usa para se comunicar com sua mente consciente. A linguagem é dinâmica, muda com frequência e, às vezes, o surpreenderá, mas é aí que você encontrará precisão em suas percepções. Antigamente, isso era chamado de "seguir seu instinto".

Boas práticas

Várias coisas que inicialmente parecem mais difíceis, a longo prazo ajudam a desenvolver seu talento de visualização remota

talento. Essas são o que considero boas práticas. Listei as que considero provavelmente as mais importantes. (Observação: elas se aplicam ao processo de aprendizado e são um pouco modificadas quando se trata de aplicações).

1. Sempre faça sua visualização remota totalmente às cegas e m relação ao alvo - sem dicas, sem antecipação, sem ninguém na sala com você que saiba qual é o alvo e sem nenhuma outra possibilidade de transferência de informações que não seja por meios psíquicos.

2. Sempre mantenha seu próprio caderno de anotações sobre o que está pensando e por que e s t á pensando, com o objetivo de aprender algo sobre seu método de processamento cognitivo interno.

3. Inicialmente, tente se ater aos principais gestos e, aos poucos, vá se aprofundando nos detalhes. Abra-se para o que quer que seu subconsciente queira compartilhar com você, quando ele quiser compartilhar.

4. Mantenha seu senso de humor. Seu subconsciente é um trapaceiro, um brincalhão. Ele brincará com você. Aproveite a viagem. Isso é importante. Quando ele não puder fornecer informações de outra forma, ele as fornecerá enterradas no humor.

5. Entenda que você está embarcando em um processo de aprendizado que nunca para. Como a linguagem pessoal da mente é dinâmica, você nunca deixará de aprender ou entender algo sobre ela. É um processo sem fim. Se você acha que pode se safar com algumas semanas de esforço e depois saber t u d o , precisa começar a jogar boliche ou algo menos estressante.

Práticas ruins

Provavelmente eu poderia escrever um livro inteiro sobre isso, mas realmente não é necessário. Quase sem exceção, se você sentir que está enganando a si mesmo, é uma prática ruim. Se sentir que não está fazendo a coisa certa, é uma prática ruim. Se achar que alguém está lhe enganando, provavelmente está. Mas, para fins de clareza, listarei algumas das piores práticas.

1. Não faça listas de coisas que precisam "ser" para que funcione. Tudo o que você está fazendo, na verdade, é criar uma lista de motivos para o fracasso. Aprenda a operar independentemente do lugar, da hora ou da circunstância. Você não aprende a sentir o paladar, o olfato, a audição, a visão ou o tato dentro de parâmetros restritos, então por que tentar se forçar a "perceber" somente sob determinadas condições?

2. Exceto pelas formalidades dos protocolos que não devem ser violados de forma alguma, considere tudo o que alguém disser a você com um grão de sal. Isso vale para o que você está lendo aqui. Ninguém tem todas as respostas. Todos estão aprendendo à medida que avançam. Na verdade, a maneira de julgar se alguém realmente sabe o que está fazendo será a disposição de admitir isso.

3. Enquanto estiver aprendendo, nunca, nunca, nunca, nunca aceite dicas sobre o alvo, aceite qualquer forma de antecipação ou permita que alguém que saiba qual é o alvo esteja em sua presença enquanto você estiver praticando a visualização remota. Isso é importante por vários motivos, entre os quais o mais importante é que, se houver espaço para dúvidas em sua mente, isso as produzirá e você nunca saberá com certeza se está realmente praticando a visualização remota ou se está apenas sendo enganado para acreditar que está. Se você tiver muito pouco talento natural ou não for talhado para esse tipo de coisa, é melhor descobrir isso logo de início em vez de mais tarde. Caso contrário, pode ser uma experiência muito cara.

4. Não trapaceie. A única pessoa que você está enganando é a si mesmo. Isso ficará bem claro para aqueles que você está tentando impressionar mais tarde.

5. Tente não ter nenhuma expectativa além do nível em que você está trabalhando. Ninguém opera em um nível superior de desempenho o tempo todo. Pense na visualização remota como uma rebatida em um time de beisebol. Todos têm a expectativa de que você vai acertar em cheio toda vez que for rebater. Entretanto, os profissionais entendem que "controle" é tudo. Eles preferem muito mais ter um homem que possa garantir uma rebatida quase sempre que estiver na base do que alguém que a coloca fora do campo de vez em quando. Não force.

6. Não faça afirmações sem fundamento. Isso prejudica muito o campo e fará com que você seja rapidamente considerado um tolo.

Como as informações podem ser processadas

Ninguém sabe realmente de onde vêm as informações, como elas são fornecidas ou como podemos processá-las. Há muitas teorias, mas nenhuma resposta concreta. A teoria predominante diz que há alguma forma de emissão (geralmente considerada como proveniente do alvo), algum tipo de mecanismo de transferência (um dispositivo ou método de transmissão) e alguma forma de receptor (visualizador remoto). Ninguém tem ideia da veracidade disso. Apenas parece ser assim.

Estamos presos às nossas observações e à nossa lógica quando se trata de decidir como a realidade funciona. Podemos dividi-la em partes, até a menor partícula (que provavelmente ainda não é pequena o suficiente), mas não temos uma compreensão real de como as leis do tempo/espaço realmente funcionam. Pode não haver

não haver um emissor, uma transmissão ou um receptor. Pode ser que todos sejam a mesma coisa.

Seja como for, acho que processamos as informações de alguma forma. Isso precisa ser feito para que possamos verbalizar ou desenhar algo sobre o alvo. Isso significa que pensamos sobre o assunto. Sem dúvida, é nesse ponto que estão os problemas, por vários motivos.

Primeiro, muitos presumem que as informações chegam totalmente intactas e sem obstruções. Isso significaria que o emissor, a transmissão e o receptor são perfeitos. Eu duvido disso. Além disso, muitos supõem que o subconsciente é o proprietário de primeiro nível das informações e que o subconsciente não comete erros; também duvido disso. E, por fim, muitos acham que é possível obter informações do subconsciente e usá-las no nível cognitivo sem fazer nenhum processamento (ou pelo menos um processamento mínimo), o que acredito ser totalmente fictício.

Tudo isso parece bastante desesperador, não é mesmo? No entanto, de alguma forma, às vezes ainda obtemos informações precisas. Como? Acredito que seja exatamente o oposto do que todo mundo pensa. É porque processamos, cogitamos o que está acontecendo dentro de nossas cabeças. Aplicamos a lógica de alta ordem *junto com os sentimentos* sobre o que estamos realmente percebendo ou conhecendo, o que, estranhamente, parece aumentar algumas vezes e, às vezes, talvez diminuir nossa capacidade. A lógica exige que tenhamos uma seleção de coisas para escolher. Parece que quanto mais acrescentamos em termos de seleção, pior se torna o problema da precisão. Mas, apenas superficialmente, isso é verdade. É verdade se forçarmos as coisas a entrar em nossa percepção em vez de permitir que elas se estabeleçam por conta própria. Forçamos as coisas por meio de suposições,

Portanto, a primeira coisa que precisamos fazer é *controlar a suposição.*

O outro lado da moeda são os sentimentos. Como nos sentimos em relação às coisas que estamos considerando. Infelizmente, é muito difícil nos separarmos de nossas próprias necessidades. Temos a necessidade de estar certos. Queremos certas coisas por uma questão de preconceito ou preferência pessoal. Até exigimos que as coisas ocorram de uma determinada maneira

maneira quando vemos a lista de possíveis resultados. Todas essas coisas são motivadas pelo ego. São coisas conscientes que nascem de nossas personalidades. Portanto, precisamos aprender a *controlar o ego.* Precisamos aprender a controlar nossa expectativa de determinados resultados e seguir o fluxo.

Se você puder refrear o ego e evitar suposições, em outras palavras, ganhar tempo para o processamento aberto, então você percorrerá um longo caminho para permitir que seu talento inato para o funcionamento psíquico opere. Quando isso é combinado com um protocolo apropriado que "permite" o funcionamento psíquico (em vez de uma pseudoforma de funcionamento psíquico), a combinação é dinamite. Mas é uma guerra constante. Como o arremessador no monte, você está sempre em guerra consigo mesmo, com o controle, na busca do jogo perfeito.

Técnicas para enganar a mente consciente (Ego)

Com o passar dos anos, desenvolvi várias técnicas para enganar meu ego ou mente consciente, para adormecê-lo enquanto tento produzir informações psíquicas. Não tenho ideia se elas funcionarão para outras pessoas, mas as relaciono aqui, caso funcionem.

1. Dê à sua mente desperta uma tarefa simples para mantê-la ocupada. Não algo muito difícil, mas algo que a mantenha concentrada de modo geral, longe do que você está tentando fazer em termos de visão remota. Arrancar ervas daninhas no jardim, varrer folhas, desenhar uma obra de arte, fazer uma caminhada na floresta ou, quando estiver preso em uma mesa de escritório, rabiscar.
   em um escritório, rabiscar. Qualquer coisa que dê à sua mente ativa e desperta algo com que se ocupar.

2. Desenvolva uma atitude de que o sucesso ou o fracasso não é a medida pela qual você julgará seus esforços. Julgue seus esforços com base em sua capacidade de limpar a mente, centralizar

seus pensamentos, enfrentar o desafio e extrair o máximo possível da experiência. Não pense em estar certo, pense em fazer a coisa certa, honrar a habilidade e aceitar o que lhe for concedido em resposta. Você não sente a necessidade de provar que pode realmente sentir o gosto de morangos, sente? Ignore a necessidade de demonstrar sua habilidade psíquica.

3. Entenda que ser vidente é apenas um talento inato. Provavelmente exige tanto esforço quanto tocar um instrumento musical ou alguma forma de proeza atlética. A questão é que há uma enorme variedade de talentos que podem ser encontrados na espécie humana. Permitir
que todos os seres humanos possuem pelo menos alguns talentos que você mesmo não tem. Enterre seu orgulho e reconheça as habilidades dos outros. Quando você automaticamente respeitar outro ser humano e honrá-lo acima de si mesmo, independentemente da forma de talento inato dele, saberá que está vencendo a batalha.

4. Abandone a ideia de que algum dia terá a resposta perfeita ou a resposta completa entregue a você em uma plataforma. Perca sua necessidade de chegar a uma conclusão e, automaticamente, jogue fora suas suposições. Pedaços e fragmentos - essas são as habilidades de um vidente. Você não deve nem mesmo tentar determinar o que eles significam no esquema das coisas. Pense em si mesmo como um canal para informações não vinculadas. Quando você conseguir fazer isso, as informações fluirão.

Processamento de material

Só posso compartilhar o que faço. Passei vinte e um anos desenvolvendo um modelo de processamento em minha cabeça que parece funcionar para mim da melhor forma possível. Ele é mais ou menos assim.

Quando algo, uma palavra, frase, pictograma ou pensamento vem à minha mente, eu o classifico categoricamente como apenas isso - uma palavra, uma frase, um pictograma ou pensamento. Inicialmente, não dou mais atenção a isso. Em seguida, "saboreio novamente" o alvo, abrindo-o novamente. Considero cada nova degustação diferente de qualquer outra. Não presumo que estou obtendo a mesma coisa e não presumo que qualquer coisa que eu obtenha será igual ou c o m b i n a r á com qualquer outra coisa que eu tenha obtido anteriormente. Faço isso rapidamente três ou quatro vezes. Isso começa a produzir uma sensação em relação ao alvo, um conceito geral - o que chamamos de gestalt. Talvez seja a sensação de uma praia, talvez uma praia com algum tipo de sabor comercial. Em seguida, v o l t o e começo a examinar os itens específicos que categorizei ou arquivei. No contexto do sentimento, alguns podem se apoiar uns nos outros. Faço essas combinações iniciais, provisórias, e as arquivo novamente apenas como provisórias. Começo a experimentar novamente o alvo várias vezes. Nesse momento, começo a receber dados mais complexos.

Acredito que isso acontece porque consegui estabelecer uma base suave para o tipo de estrutura que minha mente quer construir e que me dirá mais sobre o alvo. Na maioria dos casos, quando estou fazendo isso para pesquisa, não preciso ir muito além, pois tudo o que é necessário é uma gestalt muito boa, com bons detalhes, para fornecer o tipo de dados necessários para apoiar o estudo em andamento. No caso dos aplicativos, entretanto, é um processo repetitivo que começa a construir cada vez mais uma estrutura em relação ao alvo, produzindo, por fim, dados suficientes em minha mente para formar uma imagem mais coesa. Esse processo nunca é forçado, conduzido ou sobreposto às minhas próprias expectativas. É permitido que ele se desenvolva lenta e metodicamente até que algo seja produzido por conta própria. Geralmente, eu mesmo fico totalmente surpreso com o resultado final. Q u a n t o mais surpreso eu fico, melhor eu sei que s e r á .

Muitas vezes me perguntam se consigo distinguir entre uma visão remota boa e uma ruim. A resposta é não.

Entretanto, se eu ficar totalmente surpreso com o resultado, posso quase garantir que será uma boa informação.

Análise do material

Os visualizadores remotos nunca devem analisar seu próprio material. Deixe que outra pessoa faça isso. Isso é especialmente pertinente para o processo de aprendizado. Há muitos motivos para isso, e vou compartilhar os mais importantes em ordem de importância.

1. Você está tentando derrotar seu ego treinando a si mesmo para não fazer suposições nem chegar a conclusões precipitadas sobre o material ou a entrada da visualização remota. Ao analisar seu próprio material, você está simplesmente dando a volta por cima e reforçando a necessidade de suposições e conclusões. Que loucura é essa?

2. Independentemente do que alguém lhe diga, você não tem a menor ideia do que está certo ou errado em seu material. Pelo menos alguém que esteja a par do alvo real tem alguma ideia do que deve se encaixar. Portanto, deixe que eles façam a análise. Se você souber qual é o alvo, terá perdido qualquer esperança de voltar a visitá-lo, pelo menos em um futuro muito próximo.

3. Como um visualizador remoto, você tem a tarefa de analisar e assumir o comando de seu funcionamento interno, de seus métodos de processamento internalizados; a precisão da visualização remota, por outro lado, é auxiliada por alguém que o analisa. Isso requer um observador independente observador independente, alguém separado de você. Com o tempo, essa pessoa pode reconhecer hábitos e coisas que você nunca reconheceria em si mesmo. Com o tempo, ela passa a entender essas pequenas peculiaridades que indicam quando você está operando no auge

ou operando em seu vale. Isso ajuda muito na avaliação do material a ser usado.

Manutenção de registros

Provavelmente, nenhum aspecto de aprender a ser um visualizador remoto é mais importante do que manter registros. Os psicólogos serão os primeiros a lhe dizer que a maneira como nos lembramos das coisas geralmente não é a maneira ou a sequência em que elas aconteceram. Todos os seres humanos têm memória seletiva. Nossos cérebros operam dessa forma. O objetivo é otimizar nossa capacidade de sobrevivência, categorizar as coisas que são mais importantes e mais valiosas para nós, tudo dentro de uma estrutura que se altera com a idade da pessoa. Estamos constantemente compensando as mudanças. Portanto, no mínimo, os observadores remotos devem manter um registro de todas as suas atividades. Isso é difícil de fazer. Eu mesmo o violo tanto quanto qualquer outra pessoa. Mas, se você confiar em Se você não se lembrar de nada, será traído. Recomendo que esse registro seja um livro permanentemente encadernado, como um diário, pois você estará menos inclinado a arrancar páginas dele ou tentar modificar algo nele. Quando mantenho um registro, tento usar um caderno de laboratório com páginas numeradas e permanentemente encadernado. É praticamente impossível misturar uma sequência de eventos dessa forma.

A pessoa que realiza o treinamento também deve manter um registro de eventos muito detalhado, com referências cruzadas de números de arquivos. Se não o fizer, você também não poderá confiar na memória dela. Normalmente, esse hábito ajuda a separar os verdadeiros instrutores dos "aspirantes". Eles precisam assumir os problemas e as falhas em suas técnicas de treinamento, assim como o espectador. Desconfie muito de qualquer pessoa que lhe mostre um registro de eventos quase perfeito. Atuo em um ambiente científico há mais de quatorze anos e posso dizer que, por mais que se tente garantir que tudo ocorra da forma mais próxima possível da perfeição, não é possível.

perfeito possível, as coisas sempre dão errado. Isso deve fazer parte do registro. Isso tem muito a ver com o fato de todos aprenderem tudo o que puderem sobre visualização remota, não apenas as partes da visualização. É por meio desses registros que o progresso acaba sendo feito. Erros recorrentes no protocolo, na sequência ou em possíveis caminhos de vazamento de informações aparecerão quando você tiver os registros para estudar. Tudo isso contribui para a criação de um sistema hermético e aprimorado. Quanto mais rígido for o sistema, maior será a probabilidade de sucesso. Anote tudo. No final, você nunca se arrependerá de ter feito isso.

(Observação: Manter um diário pessoal é útil por muito mais motivos do que apenas o treinamento em visão remota. Ele lhe dá uma referência sólida para refletir sobre outras coisas que estão acontecendo em sua vida. Lembre-se de que os diários pessoais contêm informações muito confidenciais e devem ser manuseados e armazenados adequadamente. Nunca forneça seu diário pessoal a o u t r a pessoa).

Esboço de um diário científico

Há uma série de elementos que devem estar contidos em um relatório formal de laboratório sobre visualização remota. Abaixo estão exemplos desses elementos.

Consentimento para participar

Trata-se de um documento assinado pelo sujeito ou participante, mostrando que ele foi totalmente informado sobre sua participação em um experimento parapsicológico. A seguir, um exemplo de um formulário desse tipo:

Intuitive Intelligence Applications, Inc.
P.O. Box 100, Nellysford, Virgínia 22958

CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAR DE UM ESTUDO PROPOSTO DE VISUALIZAÇÃO REMOTA VISUALIZAÇÃO REMOTA

Você está convidado a participar de uma pesquisa destinada a melhorar a detecção de qualquer ocorrência de Visão Remota (RV). Prevemos que um estudo bem-sucedido levará a experimentos mais eficientes para entender os possíveis mecanismos da RV.

Antes do início do experimento, você receberá um cronograma de datas e locais. Esse experimento envolverá viagens para um local ou locais designados pelo laboratório ou por um cliente. Se aceitar esse convite, você será solicitado a participar de dez a vinte testes, aproximadamente de janeiro a dezembro de 1991. Não haverá mais do que três testes por dia, cada um com duração aproximada de 15 a 30 minutos. Para cada teste, em um horário previamente combinado, a equipe do laboratório selecionará um número binário alvo (ou seja, uma fotografia) de um conjunto de fotografias e o colocará em um local designado no laboratório de Nellysford. Esse alvo permanecerá no local designado durante o período de um teste. Os receptores poderão ter acesso ao alvo somente por meio de visualização remota. Nesse momento, você será solicitado a trabalhar com um monitor de experiência em um local silencioso por um período não superior a 30 minutos. Durante esse período, será solicitado que você escreva e desenhe em detalhes suas impressões sobre o material-alvo.

Ao final de cada teste, o monitor coletará e guardará todas as suas respostas originais escritas, desenhadas ou gravadas de RV. Em seguida, o monitor do experimento fornecerá uma cópia do gráfico fotográfico do alvo como feedback do teste.

Na conclusão do estudo, você será informado sobre os detalhes da análise, o resultado estatístico da sua contribuição e o resultado geral do experimento. A confidencialidade de sua participação neste experimento será protegida o tempo todo. Seu nome não será usado. As referências a você nos registros deste experimento e em quaisquer resultados publicados serão codificadas ou apenas de forma consolidada. Pesquisas semelhantes em outros laboratórios mostraram que não há riscos à saúde envolvidos na participação nesse tipo de experimento. Esse campo de pesquisa, no entanto, é considerado por alguns como não tendo fundamento científico. Alguns amigos ou colegas, portanto, podem considerar que sua participação indica uma crença no oculto ou no paranormal. Embora, até o n d e os investigadores sabem, ninguém tenha sofrido danos na carreira por participar de uma pesquisa científica do tipo que estamos propondo, você deve estar ciente de que sua credibilidade com algumas pessoas pode ser prejudicada se você decidir revelar sua participação nessa pesquisa. experimento.

Além disso, não há razão para acreditar que, tendo participado de estudos como esse, você poderá usar suas habilidades para obter ganhos pessoais específicos. Ocasionalmente, os participantes passam a acreditar que possuem a capacidade de usar as chamadas habilidades psíquicas para

lucro pessoal em situações de risco (por exemplo, participação em jogos de azar ou investimentos especulativos). Algumas pessoas que participaram de experimentos desse tipo agiram com base em tais suposições para sua aparente desvantagem. Portanto, existe o risco de você acreditar que possui uma habilidade que talvez não possua. Você é avisado desse risco e advertido de que assume a responsabilidade por quaisquer suposições que fizer sobre suas habilidades ou capacidades pessoais.

Se houver necessidade de atendimento médico de emergência durante sua participação neste estudo nas instalações da Intuitive Intelligence Applications em Nellysford, Virgínia, ligaremos para o Urgent Care Center of Nellysford, explicaremos a natureza da emergência e tomaremos as medidas adequadas, se necessário.

Se esta explicação lhe deixar alguma dúvida, pergunte e obtenha respostas satisfatórias antes de assinar abaixo. Se tiver dúvidas posteriormente, entre em contato com Joseph W. McMoneagle pelo telefone____. Nossos protocolos são revisados institucionalmente, assim como nosso plano de estudo, para garantir que o(a) Sr.(a) seja protegido(a) ao máximo possível de quaisquer riscos à saúde que possam estar associados à sua participação neste estudo. Outras perguntas ou comentários podem ser enviados a este escritório a qualquer momento.

Sua participação na pesquisa é voluntária. Você terá a liberdade de deixar de participar a qualquer momento. Se decidir participar ou s e desistir da participação posteriormente, não haverá consequências adversas para você.

Após receber as informações fornecidas acima e as respostas às minhas perguntas, eu,_____concordo em participar como sujeito na atividade descrita. Autorizo o uso e a publicação de quaisquer dados ou informações resultantes de minha participação, desde que eu não seja identificado pessoalmente. Além disso, entendo que informações adicionais sobre o experimento estarão disponíveis para mim mediante solicitação e que posso retirar meu consentimento para participar deste experimento a qualquer momento. Sou adulto e não estou atualmente sob medicação ou tratamento médico, exceto

Sua assinatura indica que você leu e entendeu as informações acima, que suas perguntas foram respondidas de forma satisfatória e que você decidiu participar com base nas informações fornecidas. Uma cópia deste formulário será fornecida a você.

Assinatura do sujeito Assinatura da testemunha

\- -

Assinatura do pesquisador principal

.....

Data

Registro de experimento

Esta é uma folha que se torna parte permanente do arquivo do experimento e registra os dados mínimos exigidos pelo laboratório para fins de histórico e estudo. A seguir, um exemplo d e uma folha desse tipo:

FOLHA DE INFORMAÇÕES DO EXPERIMENTO

DATA:_____

PESQUISADOR PRINCIPAL:_____

MONITOR:_____

ASSUNTO:_____

LOCAL DO EXPERIMENTO:_____

HORA INICIADA:_____HORA DE PARADA:_____

FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO ASSINADO:_____

_____

(Sim)(Data)

MATERIAIS ESPECÍFICOS DE DIRECIONAMENTO FORNECIDOS AO ESPECTADOR:

FEEDBACK FORNECIDO: _____

ID: Data Assinatura da testemunha

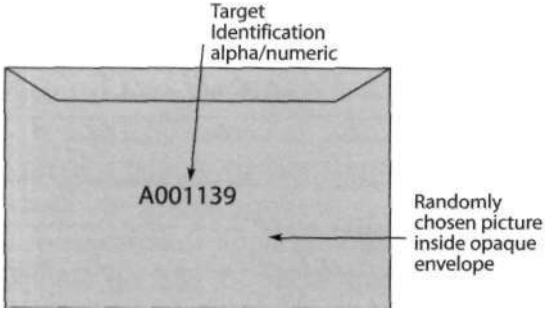
Material de direcionamento específico usado

Este material de direcionamento deve ser chamado de: "Envelope selado: A001389"

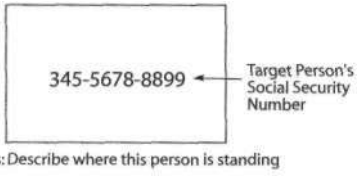
Esse envelope original lacrado seria verificado ainda lacrado pela testemunha quando o material da sessão de visualização remota fosse gravado. Em seguida, ele é fornecido ao visualizador remoto para feedback.

(Sempre se toma cuidado para diferenciar entre o material real que é fornecido ao espectador para fins de visualização remota e o que de fato estava dentro do envelope. O que de fato estava dentro do envelope será registrado como o "feedback" específico fornecido ao visualizador nesse caso).

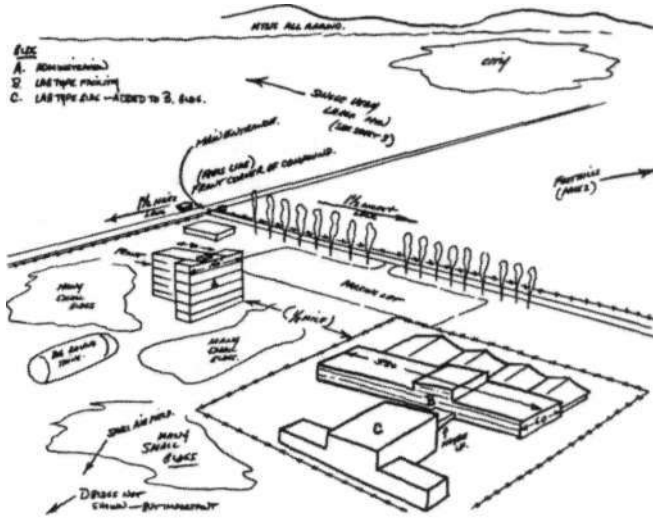
Em circunstâncias de pesquisa em que uma fotografia pode ter sido selada dentro do envelope, essa fotografia só é fornecida ao visualizador para feedback após a realização do julgamento. Isso exclui um caminho de vazamento de informações que poderia existir entre a pessoa que está avaliando a visualização remota e a própria visualização remota.



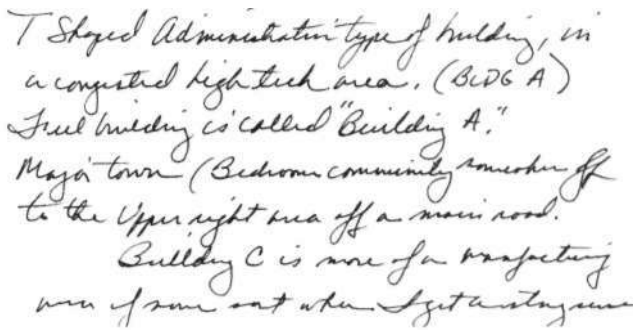
Exemplo de envelope direcionado



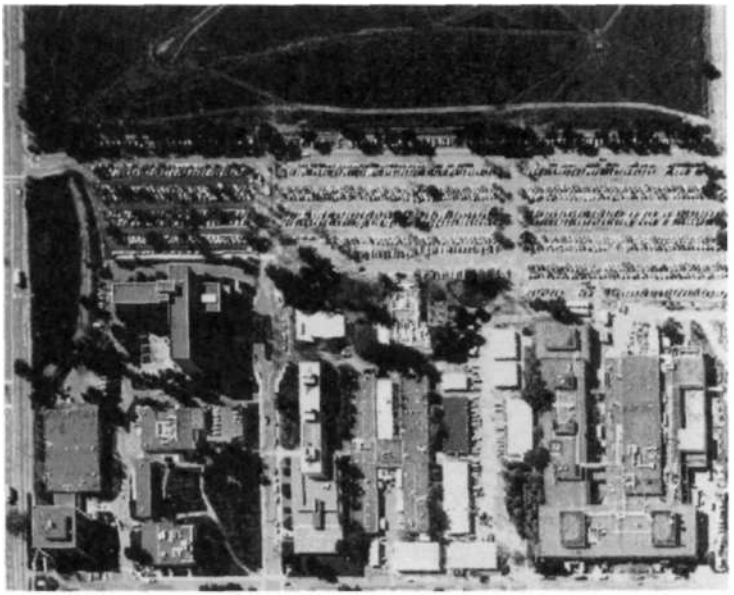
Exemplo de informações contidas no envelope direcionado



Exemplo de dados do espectador coletados



(Diferente deste exemplo: Todos os dados de visualização remota que são produzidos são registrados e armazenados, incluindo dados que não são pertinentes ou que podem ser imprecisos.
Nada é descartado na pesquisa).



Exemplo de feedback fornecido ao visualizador remoto

Lista de verificação sugerida antes da visualização

Antes de fazer uma visualização remota, há uma série de perguntas que você deve fazer a si mesmo.

Com relação à pesquisa ou às aplicações, se você tiver uma resposta afirmativa a qualquer uma dessas perguntas, exceto talvez as de número 12 e 15, talvez seja melhor pensar em adiar ou adiar a visualização remota para um momento posterior.

Com relação ao treinamento, você pode ver a lista de verificação como uma forma de testar quais dessas coisas podem irritá-lo a ponto de falhar, ou como parte da condição "aprender a operar sob a maioria das condições".

Com exceção do número quatro, que não é possível evitar biologicamente, treinei sem a lista de verificação . Ao fazer isso,

aprendi a superar as possíveis irritações que podem interferir na visão remota.

1. Estou com fome?
2. Estou com sede?
3. Estou desconfortável?
4. Preciso usar o banheiro?
5. Há algum ruído irritante ou repetitivo presente?
6. Estou ansioso com alguma coisa? (A visão remota não conta.)
7. Estou chateado com alguma coisa?
8. Estou com raiva de alguma coisa?
9. Estou anormalmente preocupado com alguma coisa?
10. Há animais de estimação presentes que possam interferir?
11. Há pessoas presentes que possam interferir?
12. Os telefones podem tocar?
13. Espero algum convidado no futuro imediato?
14. Preciso de canetas, lápis, papel ou outros materiais?
15. A luz ambiente está muito clara?
16. Há alguma distração na sala?

Exemplo de um pequeno alvo de treinamento Pool

A seguir, um exemplo de um pequeno tanque de alvos para fins de treinamento. As imagens demonstram os tipos de coisas que são bons alvos.

(Caverna) A1

(Igreja) A2

(Igreja)A3

(Penhasco próximo à água)B1

(Edifício com cúpula)B2

(Casa na encosta)B3

(Ruínas indígenas)C1

(Topo da montanha)C2

(Monte Rushmore)C3

(Píer)DI

(Linha de costa rochosa)D2

(Montanha-russa)D3

(Estátua contra a parede)E1

(Mina de terra)E2

(Prédio alto)E3

(Prédio único)F1

(Prédio único)F2

(Cachoeira)F3

Capítulo Oito

Aplicativos

Quanto tempo leva para se tornar um visualizador remoto? Um dia? Uma semana? Mais tempo? A verdadeira resposta está na competência. Teoricamente, uma pessoa poderia entrar em um laboratório e, em três horas, fazer uma visualização remota muito respeitável. Em minha observação, isso tem acontecido com frequência. Lembre-se, a visão remota é apenas mais um sentido, como o paladar ou a visão. A dificuldade está na competência, na confiabilidade e/ou na estabilidade.

No STARGATE, nunca consideramos alguém como um visualizador remoto até que ele tenha concluído o treinamento. No entanto, o treinamento em nosso programa quase sempre durava, no mínimo, de três a dezoito meses, geralmente dependendo do talento inato da pessoa que entrava pela porta. Uma pessoa com muito talento natural geralmente conseguia ser bastante produtiva em noventa dias. As pessoas com muito pouco talento natural ou levavam o período completo de treinamento ou não o concluíam. (Sim, nós também tínhamos isso.)

Na minha opinião, você não pode se basear no treinamento. Na minha opinião, estou treinando há quase vinte e dois anos e espero que, enquanto eu quiser jogar esse jogo, sempre estarei treinando até certo ponto. Portanto, a palavra "treinamento" realmente não funciona para mim quando se trata de chamar alguém de espectador remoto. Isso é especialmente verdadeiro

já que muitas lojas de treinamento falsas foram abertas após a divulgação das informações originais sobre visão remota para a imprensa na *Nigbtline* em 1995.

Eu provavelmente usaria os seguintes critérios para identificar alguém como um verdadeiro usuário de visão remota:

1. *Desempenho.* Ser capaz de demonstrar capacidade de visão remota por um período de tempo *(provavelmente superior a um ano),* mantendo consistentemente uma taxa de acerto superior à chance. Isso implica automaticamente em alguma forma de teste, que leva em conta uma medida de precisão e estatísticas com base em uma metodologia científica. Infelizmente, embora todos os laboratórios científicos façam isso, a maioria das pessoas não tem acesso a laboratórios científicos. Quase sem exceção, a maioria das pessoas que são treinadas como visualizadores estão em aplicativos ou são treinadas por aqueles que se c o n c e n t r a m em aplicativos. Para não menosprezar aqueles que são ótimos visualizadores e não têm acesso a um laboratório desse tipo, eu modificaria esse requisito para incluir qualquer forma de "teste" que imite uma avaliação científica, em que eles possam provar uma taxa de acerto estatístico de qualquer tipo dentro de um protocolo aceitável. Eu não flexibilizaria esse requisito para incluir "acertos" nos cenários de aplicativos por motivos óbvios - eles não são controlados e a avaliação é subjetiva.

2. *Contribuição para o campo.* Um espectador remoto deve fornecer algo significativo para o campo da visão remota, seja ajudando a entendê-lo ou como sujeito por meio da participação. O serviço da boca para fora não conta. Tampouco o direito de se gabar ou as histórias de proezas. Participar ativamente de uma forma que seja prejudicial ou danosa para o campo deve ser motivo para expulsão.

3. *Adesão ao protocolo.* Como todos os bons clubes ou associações, você pode provar seu valor mostrando que

você não apenas entende as regras e sabe por que elas existem, mas também entende claramente o que é um protocolo. Você deve viver de acordo com essas regras e defendê-las. Às vezes, isso exige muito mais coragem do que muitos estão dispostos a ter.

Aplicativos

Se você tiver sido bem treinado, deverá haver uma transferência quase perfeita dos alvos de treinamento para os tipos de alvos de aplicação. A dificuldade será que as pessoas que lhe fornecerem o alvo também saberão muito pouco ou quase nada sobre eles. O que, se você entendeu alguma coisa do que eu disse até agora, deve facilitar ainda mais a obtenção das informações.

Um alvo de aplicações realmente bom é um alvo sobre o qual alguém sabe pelo menos alguma coisa, mas precisa de informações adicionais para tomar algum tipo de decisão em relação a ele. Como a visão remota nunca se destina a fornecer essas informações por si só, ela é mais bem utilizada quando pode ajudar a indicar uma maneira mais direta de saber ou uma maneira mais direta de obter o que você gostaria de saber.

Por exemplo, digamos que eu tenha um Boeing 727, que sei que acabou de passar por um forte tremor. Talvez ele estivesse na rota do Panamá para Miami, quando o piloto teve que fazer uma correção repentina de curso para evitar bater em um avião menor. A maioria das aeronaves pode sofrer bastante, mas é sempre bom fazer uma inspeção completa após uma ocorrência desse tipo; além disso, os regulamentos exigem isso. Como eu poderia me beneficiar com o uso da visão remota? Sei que tenho que fazer um raio X de toda a parte inacessível do avião para detectar possíveis fraturas por estresse. Então, como a visualização remota reduziria esse custo?

Para começar, há alguns pontos fundamentais. (Como tenho experiência em aeronaves, posso reduzir as áreas mais críticas e que provavelmente merecem uma primeira olhada para talvez sete). Como sei muito sobre a aeronave, também já sei onde foram feitos reparos anteriores ou onde há problemas anteriores anotados no diário de bordo. Portanto, há informações consideráveis disponíveis. Agora, gostaria de trazer um visualizador para reduzir ainda mais meus custos.

Tiro uma foto instantânea do avião específico com as marcas na cauda, escrevo "identificar possíveis danos" no verso e coloco em um envelope. Em seguida, peço a um visualizador remoto que me diga o que eu quero saber sobre o alvo no envelope.

Ele me dá um desenho muito rudimentar do que eu sei que parece ser a interseção de um suporte da asa principal com a fuselagem. Esse seria o primeiro lugar que eu radiografaria.

Os críticos podem dizer: "Bem, você tem que radiografar toda a aeronave de qualquer maneira, então onde está a economia em usar um visualizador?" Isso é verdade, se você tiver que radiografar toda a aeronave. Mas e se for lá que estiver o dano mais grave e você o localizar primeiro? Talvez o reparo do dano exceda o valor do avião, então você decide dar baixa. Você acabou de economizar o custo de todos os outros raios X, horas-homem na área de manutenção, etc.

Na verdade, há provavelmente uma chance de 60/40, no mínimo, de que a visão remota ajude. Por algumas centenas de dólares, não parece valer a pena?

Ou talvez você receba a notícia de que alguma organização terrorista cruzou a fronteira em algum lugar do território continental dos Estados Unidos com uma arma de destruição em massa. Seu problema é que isso pode ter ocorrido em um período de doze horas. Mesmo que você soubesse onde eles cruzaram a fronteira, ainda teria de sete a dez estados para vasculhar, o que seria uma tarefa esmagadora. O que você realmente está enfrentando, além de encontrá-los, é o tempo. Quanto mais tempo você levar para encontrá-los, maior será a probabilidade de eles terem sucesso em sua missão.

Como no caso do Boeing 727, um visualizador pode, às vezes, reduzir sua área de busca em 80% imediatamente. Uma chance de 60/40, por outro lado, de que o visualizador esteja correto, você diz? Bem, eu gostaria de ter essa vantagem. Ninguém sabe por onde começar, então é melhor estar onde você tem uma chance de 60/40 de encontrar os terroristas primeiro. Qualquer aumento nas chances pode significar a diferença entre o sucesso e o fracasso em relação ao tempo. Caso o observador esteja errado, você teria que procurar em toda a área de qualquer maneira.

Nenhum desses cenários tem a intenção de impedir qualquer outra forma de participação ou coleta e análise de informações. A visualização remota deve ser usada para aprimorar, e não para prejudicar, o que for exigido ou necessário. Se usada corretamente, ela pode ser vantajosa. Porém, é preciso ter uma mente aberta e inventiva para estruturar a abordagem.

Alguns alvos são melhores do que outros para serem usados em um esforço do tipo aplicações, e quase sempre serão os tipos de alvos em que pelo menos algo é conhecido e você está procurando preencher uma lacuna ou um desconhecido. Há vários motivos para isso.

Se você souber algo sobre o alvo em primeiro lugar, então, quando o visualizador remoto fornecer informações, será mais fácil ver como elas podem se encaixar no alvo em geral. Ele também fornece informações suficientes para ajudar a avaliar o restante do material que o visualizador está fornecendo.

Voltando ao exemplo do Boeing 727, se o espectador estiver totalmente cego para o alvo e as informações que ele fornecer forem claramente pertinentes a uma aeronave, então você pode presumir que o alvo foi adquirido. É ainda melhor se você tiver muitas informações básicas sobre um Boeing 727, e muitos dos detalhes que você já conhece sobre o avião começarem a coincidir com as informações do espectador. Isso não é apenas uma indicação clara de que o visualizador adquiriu o alvo adequadamente, mas também de que ele fez contato com um 727. Portanto, quando você precisar avaliar a parte do material sobre a qual não sabe nada, estará mais

inclinado a entender sua qualidade ou provável precisão.

Se as informações fornecidas pelo visualizador não corresponderem a nada parecido com um Boeing 727, então você pode dizer com segurança que não houve contato com o alvo e, em seguida, voltar a mirar ou procurar outro visualizador.

Nesse contexto, é fácil ver por que você pode ter dificuldade em confiar nas informações fornecidas pelos visualizadores quando eles têm conhecimento prévio do alvo. O simples fato de dizer ao espectador que se trata de uma aeronave desde o início, "para economizar tempo" é a desculpa usual, destrói qualquer possibilidade de usar informações conhecidas para confirmar as informações desconhecidas quando o esforço for avaliado ou analisado.

Há tipos de alvos de aplicação em que se sabe muito pouco. Como se sabe muito pouco, é preciso tomar ainda mais cuidado para garantir que o conhecimento prévio sobre esses alvos não chegue ao visualizador. Caso contrário, não haverá quase nenhum meio de avaliar o material.

É claro que há outra maneira de tentar confirmar se um espectador está ou não no alvo. É possível colocar em paralelo um alvo difícil ou quase desconhecido com dois alvos sobre os quais você sabe tudo. Basicamente, peça ao visualizador remoto para fazer todos os três e, em seguida, presuma que a precisão do alvo real é pelo menos tão boa quanto a dos dois que você pode avaliar. Mas você aumentou automaticamente a carga de trabalho em três vezes, o que reduz ainda mais a expectativa de sucesso. Não é algo que você queira fazer, exceto como último recurso.

Portanto, para os aplicativos, ao contrário da opinião geral, a mira cega é quase uma necessidade. O visualizador remoto deve saber pouco ou nada sobre o alvo real.

Duplo-cego

Há também algo conhecido como "duplo cego". É quando ninguém que realmente trabalhe com o problema

sabe nada sobre o alvo. O alvo é configurado como um envelope selado e opaco e entregue às pessoas que de fato interagirão com a pessoa que está interagindo com o visualizador remoto.

Em cenários de aplicativos, o duplo cego quase nunca é usado, principalmente porque exige uma terceira camada de pessoas dentro do sistema de coleta de visualização remota. Essa camada extra de pessoas representa requisitos adicionais de especialização que já são difíceis de obter, bem como um grau muito maior de despesas.

No entanto, há ocasiões em que essa exigência é feita. Normalmente, isso não tem nada a ver com o alvo específico que está sendo t r a t a d o , mas tem tudo a ver com a "crença" daqueles que acabarão lidando com os resultados.

Há muito medo autoimposto em torno de um aplicativo que exige um duplo cego, especialmente por parte dos espectadores. Eles acham que estabelecer essa exigência é um comentário nada sutil sobre até que ponto alguém está disposto a confiar neles ou que, de alguma forma, isso implica que eles são desonestos. Já fiz centenas, se não milhares, de alvos duplo-cegos em pesquisas e aplicações e nunca me senti ofendido. Estatisticamente, eles se enquadram mais ou menos nos mesmos parâmetros dos alvos cegos e, em geral, não são mais difíceis.

Dito isso, também posso dizer que, quando se trata de aplicações, a segmentação duplamente cega provavelmente não é necessária, exceto em casos extremos em que a prova de princípio é necessária para convencer um novo participante ou usuário no campo da visão remota. O direcionamento duplo cego sempre será essencial dentro da estrutura da pesquisa. Em outras palavras, se você quiser ser um visualizador remoto e esperar jogar n o lado da pesquisa, terá de s e acostumar com isso, especialmente se tiver alguma sensibilidade a essas coisas.

Carregamento frontal

Front-loading (carregamento frontal) é um termo interessante que nasceu da visualização remota, uma vez que estava sendo buscado apenas com relação a aplicações. Após alguns anos de esforços, muitos acreditavam que, para ir direto ao ponto em um problema e não perder tempo com partes do alvo que não eram importantes, você poderia simplesmente "carregar" o visualizador remoto. Ou seja, fornecer aos visualizadores remotos uma quantidade mínima de informações pertinentes ao alvo, o que os levaria mais rapidamente à área importante de interesse.

Não há nada de errado com isso na teoria, mas há muita coisa errada na prática. É necessário que alguém com profundo conhecimento sobre a transferência de informações - de um ser humano para outro - entenda quando pode estar fazendo isso de forma inadequada. Todos nós gostaríamos de pensar que sabemos quando isso acontece, mas o fato é que não sabemos. O que geralmente acontece é que o espectador é informado em demasia sobre o alvo. Isso injeta uma enorme quantidade de sobreposição e criação inventiva no processo. Torna-se então muito difícil diferenciar entre o que é informação verdadeiramente psíquica e a informação que se baseia apenas na lógica. Alguns acham que isso não importa. E, no final, talvez não importe, se você conseguir o que espera alcançar. Mas, nesse caso, você não pode afirmar que foi a visão remota (material psíquico) que salvou o dia. Isso incentiva o uso inadequado dos visualizadores remotos, ensina-os a depender do carregamento frontal e, em última análise, faz com que a visualização remota seja vendida em excesso.

Usando o exemplo do nosso avião a jato 727, você provavelmente poderá dizer ao espectador que se trata de um avião. Você pode até dizer que está interessado principalmente na seção central da aeronave. No entanto, dizer ao espectador que você está interessado em qualquer dano à aeronave seria um exagero. Se não houver nenhum dano, o espectador provavelmente inventará algum. Há um risco de que isso aconteça

de qualquer forma, apenas informando que se trata de uma aeronave.

O momento em que o carregamento frontal pode ser usado de forma muito p o s i t i v a seria para responder a uma pergunta sobre um alvo sem que eles saibam qual é o alvo. Novamente, usando o 727 como exemplo: "Há uma foto de um objeto neste envelope. Queremos saber o que você pode nos dizer sobre a estrutura do objeto que possa ser importante para nós."

O importante é se há ou não danos estruturais significativos. Nesse caso, o resultado está sendo impulsionado tanto pelas intenções quanto pelas expectativas de um tipo específico de resultado, nenhum dos quais precisa ser dito em voz alta para qualquer pessoa diretamente conectada à visualização remota real.

Os aspectos mais importantes a serem lembrados sobre o carregamento frontal são os seguintes:

1. Ele deve ser usado com moderação, se for o caso.

2. Se você não tiver um mínimo de três anos de experiência em dar tarefas a visualizadores remotos, provavelmente não deveria fazer o carregamento frontal.

3. Há um risco muito grave de que você cause mais danos do que benefícios com o carregamento frontal.

4. Se houver dúvida quanto ao resultado, descarte-o e volte a abordar o alvo usando um visualizador diferente.

Múltiplas visualizações remotas

Ao direcionar o mesmo visualizador para um alvo que ele já trabalhou, muitos acham que o visualizador deve saber o que ele disse ou deixou de dizer que estava certo sobre o alvo na primeira visualização. Seu raciocínio parece ser sólido. O espectador obteve a informação em primeiro lugar. O feedback positivo incentiva o espectador a ser

mais produtivo e o ajuda a se concentrar no que é mais importante. O problema é que eles também estão sendo informados sobre o que e r r a r a m , o que enquadra completamente o alvo em relação ao que é desejado e é o pior tipo de carregamento frontal.

Se você for visitar novamente um alvo com os mesmos espectadores, poderá usar o material que eles lhe deram para o r i e n t á - l o s , mas não poderá dizer o motivo. Em outras palavras, você não pode dizer o que eles podem ter acertado ou errado sobre o alvo. O motivo é simples. Ao fazer isso, você estará incentivando-os a confiar na lógica, com base no que eles sabem que agora está certo ou errado sobre o alvo, em vez de confiar em sua capacidade psíquica inata.

Usando o Boeing 727 novamente como exemplo, digamos que um espectador tenha fornecido um desenho bastante preciso de um suporte primário da asa e como ele se conecta à fuselagem principal. Digamos que haja uma indicação no desenho de que pode haver uma seção danificada, mas, sem mais informações, é difícil dizer. Se você já tiver dito ao espectador que ele fez desenhos bastante precisos da aeronave, quando ele os revisitar em uma sessão posterior de visualização remota, ele estará mais inclinado a não acrescentar ou alterar o que já foi desenhado. Como ela não sabe especificamente o que está certo ou errado nos desenhos ou no roteiro, ela não vai querer alterá-los. Se você disser especificamente o que está certo ou errado nos desenhos, ele vai querer acrescentar o que logicamente "parece" estar faltando. Isso desvia a atenção das informações psíquicas reais ou, no mínimo, transforma o teste em um teste de escolha forçada. Como todo mundo sabe, a escolha forçada quase nunca funciona bem. Se você não disser nada, ele estará mais inclinado a voltar a satisfazer a intenção e a expectativa não ditas, ou o motivo da visão remota em primeiro lugar.

Ao não dizer nada sobre precisão, você p o d e apontar para algo nos desenhos ou transcrições da sessão original e pedir que ele ou ela "expanda essa área".

Isso meio que implica que pode haver algo importante ali, mas não diz o que é. Isso incentiva o espectador a procurar algo relacionado a essa área. Isso incentiva o espectador a procurar algo relacionado ao que está lá, mas que ele acha que ainda não viu. Uma diferença sutil, mas, nesse ramo, a sutileza é tudo. Ela separa a realidade da fantasia e da ilusão.

Se for tomado cuidado, o mesmo visualizador remoto pode visitar novamente o mesmo alvo muitas vezes. Basta dizer: "Volte a se concentrar nessa área sobre a qual você nos falou" e apontar para algo nos desenhos ou na transcrição verbal da visualização anterior. Isso de fato torna o feedback posterior muito mais significativo.

Trabalhando sozinho como espectador

De fato, não existe a possibilidade de trabalhar totalmente sozinho. Isso significa que o espectador não tem absolutamente mais ninguém para ajudá-lo. Embora eu geralmente faça toda a visualização remota sozinha, há duas formas de estrutura de apoio que uso, dependendo de se tratar ou não de um alvo d e pesquisa ou de aplicação.

Um alvo de pesquisa quase sempre está em outro lugar. Isso significa que o envelope lacrado, a fotografia, o nome da pessoa, o título do evento, o que quer que seja, está sempre em outro lugar onde não posso vê-lo de fato. Geralmente me dizem onde está - na tela do computador, em um envelope na mesa de alguém - ou simplesmente que foi preparado especificamente para mim e que agora eles têm a expectativa de que eu produza um resultado que responda às suas perguntas. Portanto, de certa forma, não estou trabalhando sozinho, pois outra pessoa é realmente responsável pelo alvo, preparando-o de alguma forma ou me direcionando a ele.

Nas aplicações, que sempre ocorrem em minha proximidade, minha esposa sempre decide como o alvo será apresentado. Há mais de dez anos ela vem preparando meus alvos para mim. Eles quase sempre são embrulhados de forma muito

cuidadosamente dentro de uma folha interna e, em seguida, bem lacrado dentro de um envelope, geralmente do tipo que um banqueiro usaria e que não é possível ler. Nunca quebro o lacre nem abro o envelope, mesmo quando já t e r m i n e i . Eu o devolvo nas mesmas condições, juntamente com as informações sobre a visualização remota. Ela pode reformular as informações básicas de visualização em resposta direta às perguntas do solicitante original.

Isso é absolutamente essencial por vários motivos. Em primeiro lugar, se o cliente quiser que eu analise o problema novamente, poderei fazê-lo sem nenhum problema. Além disso, ele pode decidir que eu realmente não respondi à pergunta de forma adequada e pode querer que eu dê outra olhada. Nunca presumo que, por estar analisando o mesmo alvo novamente, não fiz algo certo. Não presumo n a d a sobre meu trabalho. Sempre deixo que outra pessoa me diga se o trabalho foi bom ou ruim depois de c o n c l u í d o . Em todos os casos, não discuto o que faço para clientes particulares, sejam eles pessoas ou empresas. Ocasionalmente, peço permissão, mas em todos os casos em que a permissão não foi concedida, não peço novamente e não violo a exigência de total confidencialidade. Isso f r u s t r o u alguns redatores de revistas, televisão ou jornais que gostariam de usar exemplos do meu trabalho, mas isso é uma p e n a .

Capítulo nove

O tempo

Existem muitas crenças muito estranhas sobre o tempo e sua influência na visão remota. Já ouvi pessoas dizerem que não é possível voltar no tempo muito além do início do primeiro observador. Obviamente, elas acreditam que se trata de telepatia; alguém tinha de estar presente para observar algo, se alguma informação fosse transferida. Outros disseram que não é possível avançar mais do que 2012, 2025, 2500, etc. Eles acreditam nisso por uma série de razões: a maneira como certos calendários terminarão, o fato de os extraterrestres (ETs) serem uma das principais causas preventivas e até mesmo o fato de Deus negar acesso ao material. A verdade é que ninguém realmente sabe.

Historicamente, acho que seria preciso dizer que depende de quão longe você pode estender sua crença ou prova em princípio; em outras palavras, o que se observou ser verdade. Portanto, uma coisa é certa: se não acontecer em seu tempo de vida pessoal, provavelmente não será levado muito a sério. Que se dane, nós não estaremos aqui, certo? Mas não deveríamos encontrar um motivo para acreditar? Não deveríamos nos preocupar com um futuro que talvez nem vivenciemos? Acho que sim, se não for por outro motivo que não seja o que podemos deixar para nossos filhos, talvez um planeta envenenado por gases, com excesso de população ou padrões climáticos corrompidos.

Os fatos sobre o assunto são escassos e, às vezes, complicados. Mas vou compartilhar o que minha experiência me mostrou ser verdade.

Tempo presente

Como expliquei em meu livro, *The Ultimate Time Machine,* provavelmente não existe algo como o presente. Nós nos enganamos e acreditamos que existe, a fim de nos ajustarmos e reconhecermos nosso lugar na realidade. Isso nos ajuda a localizar onde estamos no tempo/espaço. Seja como for, o tempo presente implica algo que está acontecendo ou um objeto/coisa que existe relativamente perto de onde estamos no tempo. Envolve onde as pessoas podem estar enquanto pensamos nelas, que eventos podem estar ocorrendo ou que objeto/coisa pode ser percebido em um local distante de nós como se estivesse no mesmo momento. É muito fácil visar essas coisas, não porque seja mais fácil visualizá-las remotamente do que a maioria dos outros alvos, mas porque nossos "sistemas de crenças" nos permitem comprá-las como reais.

Pense nisso por um momento. Algumas pessoas estão dispostas a comprar a capacidade de descrever um evento, pessoa, objeto, lugar ou coisa totalmente escolhida ao acaso e à qual não temos absolutamente nenhuma outra forma de acesso em tempo real, mas essas mesmas pessoas rejeitarão a noção de direcionamento passado ou futuro. Por quê? Não faz nenhum sentido, não é mesmo?

Na verdade, o problema está na capacidade de racionalização de cada um. Você pode racionalizar a existência do alvo em seu próprio período de tempo, mas não pode em um período de tempo do qual não tem conhecimento. Não é de surpreender, na verdade. Em outras palavras, você está disposto a suspender sua descrença apenas até certo ponto. Você está disposto a concordar com o funcionamento psíquico, mas não com a distorção do tempo.

E se eu lhe dissesse que, na minha experiência, a maioria dos visualizadores remotos que visam algo no presente geralmente fornece algumas informações pertinentes ao alvo no passado e no futuro? Bem, isso é exatamente o que acontece em

na maioria dos casos. O primeiro alvo que eu matei funcionou dessa forma, e tenho certeza de que não será o último. Vi uma bicicleta vermelha em um bicicletário do lado de fora da porta da frente do edifício-alvo. O emissor não viu nenhuma bicicleta, porque não havia nenhuma bicicleta lá quando o alvo estava sendo visado. No entanto, quando a visualização remota foi concluída e todos nós voltamos ao alvo para receber meu feedback, alguém entrou em uma bicicleta vermelha e a estacionou no rack, de certa forma cumprindo a profecia.

Há inúmeros exemplos de informações fornecidas por videntes sobre alvos do tempo presente, em que as informações estavam ligeiramente erradas em uma direção ou outra. Sempre me fascinou o fato de ninguém falar sobre o fenômeno, nem levar em conta as informações do passado/futuro ao tentar avaliar como ou por que a visão remota funciona.

Uma coisa pode ser dita sobre alvos em tempo real: eles podem se situar predominantemente em tempo real, mas geralmente também contêm informações de passado e futuro próximos. Isso significa que fixar um alvo no tempo é extremamente importante para o processo de visualização remota. Quanto mais preciso você puder fazer isso, melhor.

Por necessidade, ao visar algo no tempo presente, ou mesmo no passado ou futuro, você deve fornecer uma das seguintes declarações:

1. Descreva o alvo, como ele existe agora.

2. Queremos saber sobre o alvo, como ele existe hoje, 14 de julho de 1999, às 10:15 da manhã.

3. Nosso interesse está apenas no tempo presente.

Certa vez, fiz uma série de alvos no SRI-International para os quais não foi mencionado nenhum momento específico de interesse. Cada um deles falhou. Anos mais tarde, os edifícios que eu havia descrito naquelas sessões de visualização remota foram de fato construídos naqueles locais específicos de alvos.

Alvos anteriores

A principal crença sobre alvos passados diz respeito à telepatia. Muitos que acreditam que a visualização remota é possível não acreditam que seja possível visualizar remotamente além de um ponto em que havia consciência humana presente. Você precisa de pelo menos uma mente para transmitir as informações para outra mente. Essa é uma ótima hipótese, desde que você acredite que a maior parte, ou pelo menos parte, das informações transferidas seja por telepatia. O que complica isso é o fato de que ambos os elementos provavelmente são verdadeiros. Estou convencido de que pelo menos uma parte das informações que estão sendo transmitidas vem por meio da telepatia. Mas eu discordaria que isso torna a telepatia necessária para a visão remota.

Acho que a visão remota usa quaisquer linhas de comunicação ou recursos de informação que estejam disponíveis. Quando não há nenhuma linha de informação disponível por meio da telepatia, ela procura em outro lugar.

Infelizmente, há muito poucas evidências que eu possa oferecer. Eu poderia perguntar aos cristãos: se isso é verdade, então de onde vieram as informações? Por que não se faz referência à criação anterior à existência de Adão ou Eva na Bíblia? Ah, é isso mesmo, ela foi inspirada pela palavra de Deus. Certo, Deus não é uma entidade inteligente? Não estou propondo que Deus dê informações a espectadores remotos, estou apenas questionando como pensamos sobre consciência, conhecimento, como ou de onde tudo isso pode vir. Parece-me que, em nossa natureza desastrada, seríamos um tanto arrogantes ao afirmar que conhecemos todas as fontes de conhecimento ou como as informações podem ser compartilhadas ou geradas em todo o cosmos. Mas esses são apenas meus pensamentos.

Para ser mais enfático, não vi absolutamente nenhuma evidência que limite a capacidade de visão remota do passado, a não ser nossa capacidade de acreditar que isso pode ser feito. Normalmente, são geradas informações sobre o passado para as quais há muito pouco conhecimento disponível na forma atual.

Às vezes, são necessários anos para provar que as informações estavam corretas. Eventualmente, em muitos casos, é provado que ela estava correta. Em vários casos, esperei de quatorze a sete anos adolescentes pela confirmação de uma visualização remota do passado. Não é menos satisfatório ver que se estava certo dezesseis anos depois do que em tempo real. O que, naturalmente, a p o n t a uma pequena reviravolta nos alvos do passado: talvez o ato de telepatia esteja totalmente dentro de nós mesmos. Eventualmente, quando descobrimos que estamos certos, talvez seja quando enviamos a informação para nós mesmos no passado. Assim, os dados de confirmação do futuro fornecem as informações precisas sobre o passado, ou pelo menos o que estamos dispostos a acreditar que é preciso.

Pode ser que as informações de visão remota sobre o passado estejam presas na realidade de "nosso próprio tempo". Em outras palavras, elas só são consideradas reais porque esse é o consenso da época em que foram produzidas. Um visualizador remoto coloca o início da metalurgia formal em cerca de 120 mil anos. A crença atual é de 80 mil. Dez anos depois, é descoberta uma prova de que são 120 mil anos. O visualizador é considerado correto. Setenta e cinco anos depois, o observador está morto e os arqueólogos provam com sucesso que na verdade são 220 mil. Portanto, a informação só é válida durante o período de conhecimento do observador. Não sei se é assim que funciona, mas não seria interessante se fosse?

Portanto, ao trabalhar com alvos passados, você deve identificá-los tão bem quanto faria com um alvo presente (veja 1, 2 e 3 acima). Mas preciso acrescentar uma observação de cautela aqui. Se você geralmente tem como alvo alguém do passado e quer depender da data que essa pessoa lhe fornece, deve ter muito cuidado com o que faz com ela. De acordo com minha experiência e com a experiência de quase todas as pessoas que sabem a l g u m a coisa sobre visualização remota, você não pode depender de datas ou horários que um visualizador remoto possa fornecer. Apenas nos casos mais raros uma visualização remota pode fornecer uma data ou hora que seja mais do que geral, no extremo. É um dos produtos menos confiáveis.

Alvos futuros

Não é possível ter uma visão remota após o fim do calendário maia.

Na verdade, alguém me disse isso em uma palestra que dei em Lynchburg, Virgínia. Ao que respondi: "Você pode estar certo, mas duvido muito". Na realidade, ninguém sabe até que ponto é possível visualizar o futuro remotamente e ainda assim produzir informações precisas.

Essencialmente, a visualização remota do futuro é o mesmo que fazer uma previsão. Você está prevendo que algo a c o n t e c e r á ou que algo será conhecido, em alguma data e hora futuras, que corresponda com precisão ao que foi dito na visualização remota. Muitos têm grandes problemas com essa realidade.

A maioria dos problemas envolve probabilidades, a crença em múltiplos universos, múltiplas cadeias de realidade ou coisas predeterminadas. É claro que o fato de as coisas serem predefinidas ou predeterminadas implicaria que todos nós não temos livre arbítrio e, portanto, um dos principais princípios de nossa crença religiosa, bem como a crença em nossa própria natureza divina, seria destruído.

Bem, não precisa se preocupar porque a visualização remota do futuro não implica em n a d a disso. Se isso acontecer, então você está levando a visualização remota e as previsões muito a sério. Imagine-se como um único ponto em uma folha de papel branco, bem no centro. É onde você está agora. Cada molécula na folha de papel é um ato conectivo que forma um fio que chamamos de vida. Essa seria uma linha que conecta o ponto onde ele se encontra no centro a algum outro lugar em uma data futura na folha. Como seria possível prever em que ponto da folha esse segundo ponto poderia estar?

Eu acredito que você pode, com algum grau de precisão. Baseio essa crença no fato de ter feito isso, mas, reconhecidamente, apenas localmente ou no que se pode supor ser quase em tempo real. Eu estava fazendo uma afirmação que estava predestinada a se tornar

verdadeira? Em outras palavras, eu estava estabelecendo um resultado predeterminado para alguém ou alguma coisa? Não. Eu simplesmente estava correto em meu palpite sobre onde aquele ponto cairia na folha de papel. Pode-se desenhar um círculo, usando um compasso, colocando a ponta do compasso no ponto de origem e passando a linha do lápis pelo segundo ponto no papel. Todas as moléculas contidas nesse círculo representam todas as rotas prováveis ou possíveis que poderiam ter sido seguidas até a linha desenhada. Todas as moléculas que caem imediatamente sobre a linha representam todos os resultados possíveis. A única coisa que pode ser dita sobre uma previsão que se torna realidade no futuro é que o visualizador remoto "fez algo realmente incrível". Nesse caso, todos os resultados possíveis representam a infinidade de possibilidades que ocorrem por acaso. Em comparação com o palpite único de um espectador, é realmente incrível que tal previsão possa ser feita com precisão. Acho que fica claro por que é mais fácil acreditar que existe um futuro predeterminado do que o c o n t r á r i o .

Ingo Swann, um conhecido médium e observador remoto do laboratório do SRI-International, e um dos participantes originais das avaliações da CIA sobre visão remota no início da década de 1970, fez previsões surpreendentes sobre os planetas distantes em nosso sistema solar. Ele fez essas previsões até dois anos antes de esses planetas serem visitados pela primeira vez por satélites exploradores/ coletores de informações do espaço profundo. Não houve declínio significativo em sua precisão para esses alvos em relação a quaisquer outros alvos que ele trabalhou enquanto estava no SRI-International.

Literalmente, dezenas de alvos trabalhados por espectadores dentro do Programa STARGATE fizeram previsões bem-sucedidas relacionadas a eventos envolvendo pessoas, lugares ou coisas, geralmente entre 90 e 365 dias. Mais do que algumas previsões que fiz em meus arquivos são válidas por cerca de 15 a 17 anos. E aqueles que leram meu livro *The Ultimate Time Machine (A máquina do tempo definitiva)* sabem que provavelmente estou buscando um recorde mundial e a razão disso.

Se você acredita nas previsões de Edgar Cayce, então precisa acreditar que há um teto provável de cerca de cinquenta anos ou mais para previsões precisas. Se você acreditar em parte do que Nostrodamus está dizendo, então estará aumentando seu teto de crença para mais de quatrocentos anos. Tudo isso é bom, mas, racionalmente, a maioria só vai comprar o que é relativo ao seu próprio tempo de vida e relevante para o que está acontecendo na estrutura de sua crença.

Portanto, ao visar o futuro, embora provavelmente não haja limite para o quão longe você pode ir, é melhor se ater a algo com o qual as pessoas se importarão e que seja relevante para o período de tempo delas. Ir muito além disso geralmente será visto como fantasia ou ficção científica.

Mais uma vez, assim como nas recomendações dos itens 1, 2 e 3 acima, você deve ser o mais específico possível ao visar datas e horários no futuro. Espere que o passado imediato e o futuro imediato também sejam afetados por esses períodos de tempo específicos. As principais dificuldades que você encontrará ao visar o futuro serão a capacidade de captar as informações. Basta ir alguns anos para o futuro para perder d e vista as conceitualizações que orientam o que realmente está acontecendo. Por exemplo, como um visualizador remoto, como você explicaria um laser de bomba de alta energia três anos antes de ele ser descoberto?

Capítulo Dez

Relatórios e manutenção de registros formais

A grande questão aqui é "o que é necessário?"

A regra sobre a manutenção de registros para pesquisas ou estudos formais é: guarde tudo. Cada anotação, página - impressa ou escrita, cada diário de bordo, cada fita de áudio ou vídeo, até mesmo os materiais que você estragou totalmente, você mantém, todos devidamente etiquetados e arquivados. Na verdade, você deve etiquetar tudo em uma única categoria sequencialmente, como: Fita de áudio 1, 2 e 3; Diário de bordo A, B ou C; Diário pessoal do experimentador, Edição um, Edição dois, etc. As páginas internas do diário de bordo devem ser numeradas e coladas, para que você possa ver facilmente se as páginas foram removidas ou adicionadas posteriormente. Deve haver registros de arquivo datados de quando todos os materiais foram feitos, quem estava presente, a que se referiam, por que e, se possível, os resultados esperados, bem como os resultados reais. Se possível, esses itens devem ser rubricados.

Parece muito trabalhoso, e é. Mas, quando se trata de fazer afirmações, é a única coisa que será suficiente cientificamente ou em um tribunal. Se tiver que argumentar sobre a descoberta, você ficará feliz por ter guardado tudo. Se tiver que defender seu trabalho contra um desafio público, ficará feliz por ter guardado tudo.

fez. Se você tiver que defender seu bom nome (e, trabalhando no paranormal, isso sempre será uma realidade), ficará feliz por ter feito isso. Porém, o mais importante é que, quando quiser voltar meses ou até anos depois e estudar os dados, para ver onde pode ter cometido um erro em seu pensamento ou para obter insights para uma possível modificação em seu método, eles estarão bem ali, olhando-o nos olhos. Se você confiar em sua memória, eu lhe digo que ela falhará.

Manutenção de registros para um experimento típico

O caderno experimental deve ser firmemente encadernado e não deve ser possível remover ou acrescentar páginas. Ele deve ter todas as páginas numeradas em algum lugar em ordem sequencial. Podem ser em algarismos romanos, arábicos, escritos, alfabéticos; não importa, desde que tenham alguma sequência registrada ou uma cadeia ininterrupta. O caderno deve ser claramente identificado como pertencente a você ou a quem for encarregado de manter o registro. Os cadernos são sempre mantidos à tinta, não a lápis. Na maioria das áreas científicas, os cadernos devem ser marcados com hora/data e rubricados por uma segunda pessoa no final do dia de trabalho. Isso é tudo o que é necessário.

Tenho minhas próprias preferências de cadernos quando tenho a tarefa de fazer algo formal. Sempre mantenho minhas anotações em tinta preta, pois ela faz cópias melhores. Mantenho meus cadernos etiquetados sequencialmente, Livro Um, Livro Dois, etc., embora raramente use mais do que um único caderno para qualquer experimento específico em que seja necessário manter um. No início de cada dia, escrevo a data específica e anoto o(s) local(is), pois eles podem mudar. Ao longo do lado esquerdo da página, geralmente insiro a hora de cada entrada ou parágrafo, desenho etc. Meus cadernos são pautados como papel quadriculado, às vezes, e, às vezes, como papel de carta. Como papel quadriculado, eles geralmente são quadrados de um quarto de polegada de

linhas azuis claras. Isso me ajuda graficamente quando tenho que desenhar algo em escala ou em relação a outros objetos, me ajuda a criar colunas para dados ou a separar um elemento de dados de outro.

Para um experimento específico, listo onde ele está ocorrendo, as datas de início/parada e os horários pertinentes. Relaciono quem está presente e quais são suas funções específicas relacionadas ao experimento, o que vai acontecer no experimento (tanto o esperado quanto o observado). Posso fazer anotações sobre como ele se desenrola ou detalhes sobre o que acontece (minhas observações) e por que o experimento está sendo realizado. Se eu for o observador, geralmente farei a visualização remota separadamente do livro de anotações, apenas porque ele é registrado e arquivado separadamente.

Todos os vídeos, fitas de áudio ou outros materiais pertinentes a um experimento formal devem ser numerados de alguma forma que os identifique especificamente a esse experimento. Eles devem ser formalmente registrados e um registro separado de sua existência deve ser mantido. Eles devem ser controlados e armazenados adequadamente de acordo com suas necessidades individuais. Eles devem ser referenciados com suas identificações de controle ou arquivo no caderno.

É necessário ter uma palavra de cautela. Não há problema em manter seus registros em um computador, mas eles devem ser *adicionados* ao arquivo físico no notebook. Se esses registros forem usados no lugar do registro impresso do notebook, há uma série de requisitos adicionais que precisam ser atendidos.

Deve-se sempre fazer backup dos registros do computador e as cópias de backup devem ser mantidas em uma instalação separada de onde os computadores estão localizados. Provavelmente, esse local deve ser um cofre de segurança em um banco ou em um cofre com classificação de incêndio em algum lugar fora das instalações. Esses backups devem ser feitos diariamente. Lembre-se de que esse é um registro permanente, portanto, *não gire* as fitas, como faria com as fitas de backup de software operacional.

Os arquivos de computador provavelmente devem ser copiados e as cópias devem ser mantidas tanto pelo autor quanto por uma testemunha. A

A testemunha não deve permitir o acesso às suas cópias das fitas, exceto quando elas forem necessárias em um tribunal ou para validar ou confirmar o material e as declarações em apoio à pesquisa. Por melhores que sejam os equipamentos atuais, há sempre o risco de que os materiais mantidos em mídia de computador corram os mesmos riscos que os cadernos. Eles podem ser perdidos, destruídos ou roubados. Portanto, é preciso garantir a segurança adequada.

Como estamos preocupados até mesmo com as anotações manuscritas em experimentos formais, e nada é deliberadamente destruído, não há requisitos com relação à proteção de lixo ou materiais descartados.

Manutenção de registros para aplicações

Idealmente, provavelmente deveria ser o mesmo que para experimentos formais, mas isso geralmente é pedir demais de alguém que pode estar operando com um único assistente ou com recursos mínimos. A maioria dos visualizadores remotos realmente bons que conheço está enterrada até os olhos em solicitações de suporte (principalmente de clientes que não pagam, eu acrescentaria), e eles simplesmente não têm tempo para fazer todo o trabalho que isso implicaria. (Esse é um dos principais fatores na ciência que faz com que os custos indiretos aumentem muito. Em um laboratório, apenas a manutenção de registros às vezes é um trabalho para duas pessoas, algo que ninguém fora do laboratório considera quando vê a planilha de despesas).

Ao fazer um tipo de alvo de aplicações, não é necessário manter nenhuma informação além das básicas. A seguir, o que eu consideraria o mínimo para um tipo de alvo de aplicações:

1. Informações do solicitante: ou seja, nome, endereço, números de telefone, informações de contato, tarefa específica ou requisito de informações, quaisquer folhas de orientação, materiais ou fac-símiles enviados pertinentes à tarefa em questão.

2. Informações reais de direcionamento que foram usadas para apontar o espectador na direção certa. Como foram fornecidas ao visualizador, especificamente o que foi dito ou apresentado, quaisquer perguntas ou questionamentos que possam ter sido compartilhados com o visualizador enquanto ele trabalhava no alvo.

3. O que o visualizador produziu. Esse seria o único lugar em que eu diria que você deve guardar tudo. Normalmente, coloco o que produzo em um envelope de manila e escrevo o número real de direcionamento na parte externa. O número de direcionamento é o número de identificação alfanumérico escolhido aleatoriamente que minha esposa geralmente escreve na parte externa do envelope de direcionamento. Ele se torna o número de referência comum para qualquer coisa pertinente ao cliente ou à sua solicitação específica de visualização remota.

4. No final do projeto, geralmente faço uma folha de resumo, que lista tudo o que não foi encontrado no outro material e que eu possa considerar importante. Ela também pode conter pequenos fatos ou comentários relacionados a observações que eu possa ter feito durante o projeto, como dificuldades que eu possa ter tido com o alvo, características únicas sobre a visualização que tragam compreensão ou conclusões sobre a visão remota que eu possa não ter tido antes, até mesmo pensamentos aleatórios que não tenham valor aparente, simplesmente porque não confio na minha memória ou porque pareceram importantes na é p o c a .

5. Todos os que participaram do esforço dos aplicativos devem ser registrados. Às vezes, isso é valioso quando você precisa verificar um ponto posteriormente ou t e n t a r recriar as circunstâncias em que algo foi determinado.

Eu sempre forneço ao meu cliente relatórios intermediários e finais sobre suas metas . Relatórios intermediários geralmente não são

A comunicação entre o cliente e o visualizador remoto não é necessária, a menos que você esteja visitando novamente o mesmo alvo ou, de alguma forma, rastreando um evento ou situação que abranja um período de tempo durante o qual o cliente queira saber o progresso. Lembre-se de que qualquer comunicação entre o cliente e o visualizador remoto é proibida entre o momento em que os materiais de direcionamento foram passados ao visualizador e o envio do relatório final. Portanto, a coordenação de alterações na segmentação com base em relatórios provisórios precisa ser feita entre o cliente e outra pessoa, não o visualizador.

Todos os meus relatórios provisórios, bem como os finais, incluirão todos os desenhos que fiz e uma narrativa detalhada do que explorei. Às vezes, retiro deliberadamente partes ou seções dos desenhos se eu achar que eles seriam confusos ou enganosos para o cliente, com base na narrativa. Mas isso é muito raro. Na maioria dos casos, usarei um número considerável de notas de rodapé para tentar explicar por que ou como algo pode ter entrado em minha consciência. (Por exemplo, às vezes é difícil saber que um grupo de passageiros estava em um ônibus, um trem ou um avião). Acho que as notas de advertência sobre não tirar conclusões precipitadas ou ter cuidado ao interpretar os dados ajudam muito o cliente a entender o valor dos dados de visão remota e como ou onde eles devem ser incorporados a outras formas de dados.

Tento manter os registros do que faço pelo mesmo limite de tempo exigido para os impostos - um período de seis a sete anos. Depois disso, recolho tudo o que considero importante deles do ponto de vista científico ou histórico e depois os destruo.

Segurança

Nos tipos de direcionamento de aplicativos, algumas coisas devem ser feitas para garantir e proteger o cliente - tanto sua

reputação e o conteúdo de seus interesses. Regras mínimas que eu sugeriria:

1. Use o número de identificação alfa/numérico do alvo para fazer a correlação cruzada de todos os materiais, mas divida os materiais em arquivos diferentes. Mantenha os diferentes arquivos em diferentes armários de arquivos, cofres ou locais.

2. Destrua ou torne ilegíveis todos os materiais, mídias de armazenamento ou outras fontes de informações conectadas de forma identificável a um cliente específico, que você vai jogar fora ou descartar de outra forma. É surpreendente o número de empresas e corporações que se expõem totalmente à vitimização, simplesmente por não triturarem os papéis que estão descartando.

3. Materiais corporativos muito confidenciais, sigilosos ou de propriedade exclusiva, que lhe foram passados por um cliente ou produzidos em nome de um cliente, devem ser criptografados se armazenados em mídia de computador ou, como alternativa, armazenados em um cofre ou contêiner de segurança aprovado. Se for à prova de fogo, melhor ainda.

4. Após a conclusão de um projeto, todos os materiais que não forem mais necessários para a sua própria operação devem ser devolvidos ao cliente por meios seguros ou devem (com a permissão dele) ser destruídos.

5. Enquanto estiver fazendo algo para um cliente, o mesmo grau de segurança deve ser fornecido aos materiais dele que você daria a algo que não gostaria que fosse compartilhado fora do seu próprio escritório. Tranque o trabalho à noite, não o leve para casa, não o deixe guardado em uma pasta ou na casa de um amigo.

6. Ao transmitir informações, sempre tome cuidado para usar o modo de transmissão necessário

para proteger o grau de sensibilidade necessário. Uma regra geral que sempre usei: se a perda da informação puder causar risco de morte ou ser devastadora para uma empresa ou pessoa, entregue-a em mãos. Se realmente puder causar danos graves, use carta registrada. Se for embaraçoso para uma pessoa ou corporação, use carta registrada com recibo e, em todos os outros casos, correio normal de primeira classe. Sempre a encaminhe especificamente a uma pessoa, de preferência a que está coordenando o direcionamento.

7. Nunca fale sobre o alvo por telefone celular. Discuta o mínimo possível em um telefone comum. Use um fax se for necessário. Divida o assunto em seções por e-mail. Usando os mesmos critérios acima, se a divulgação puder ser sensível ou devastadora para sua empresa, nunca use o e-mail. Nunca use o telefone ou o fax. Comunique-se apenas pessoalmente ou por meio de correio certificado ou registrado.

Há também preocupações com a segurança física, mas elas são muito diversas para serem abordadas especificamente neste livro. Normalmente, você pode deixar o bom senso prevalecer. Em caso de dúvida, é melhor errar pelo lado seguro.

Capítulo Onze

Coisas únicas e estranhas conhecidas sobre a visão remota

Algumas coisas muito estranhas são conhecidas sobre a visualização remota. Sabemos bastante sobre algumas delas, outras estão sendo testadas. Porém, todas são bastante exclusivas. Escolhi listar algumas delas aqui não apenas porque são interessantes por si só, mas porque, se forem verdadeiras e usadas corretamente, podem ter um efeito dramático na precisão da visualização remota.

Tempo Sideral Local (LST)

O diretor de operações dos laboratórios do Laboratório de Ciências Cognitivas (CSL), S. James P. Spottiswoode, reconheceu uma associação aparente entre os tamanhos dos efeitos em experimentos de cognição anômala de resposta livre e o horário sideral local.

Observação: O termo "cognição anômala de resposta livre" é o termo usado na CSL para denotar o funcionamento psíquico sob controle (incluindo a visão remota).

O horário sideral local é mais conhecido como horário solar. O horário solar funciona em um relógio de vinte e quatro horas, mas na verdade é um

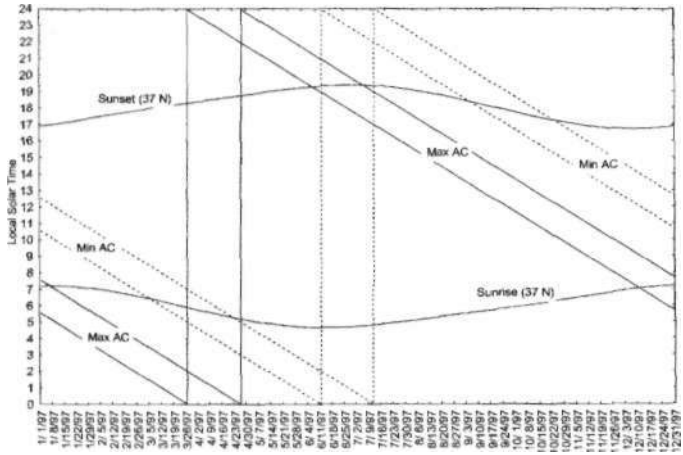
O horário solar é alguns minutos mais lento do que o horário normal do nosso relógio a cada dia, portanto, o meio-dia EST no meu quintal da frente recuará alguns minutos a cada período de vinte e quatro horas, chegando um pouco mais cedo a cada dia. O horário solar também é específico para o local em que você está no planeta. Os dados que James estudou são pertinentes apenas ao hemisfério norte, pois foi lá que foram coletados; portanto, o que é dito sobre o tempo sideral local no momento só pode ser dito sobre essa faixa de longitude ao redor do mundo. Grande parte dos dados que foram estudados vem de experimentos de visão remota considerados bem-sucedidos. James comparou um banco de dados existente de 1.468 experimentos de resposta livre com o horário sideral local específico para os locais e datas/horários em que foram realizados. O que ele descobriu foi surpreendente. Para testes que ocorreram dentro de uma hora das 13,5 horas. Tempo Sideral Local (LST), parece haver uma diferença de tamanho de efeito de aproximadamente 340%. Isso significa um aumento na precisão de quase 3,5 vezes a distribuição normal. (Para aqueles que gostariam de saber, esse valor é p:0,001).

Em uma tentativa de validar esses dados, James reuniu um banco de dados independente de 1.015 testes semelhantes, que foram comparados com o relógio de 24 horas LST, e esses testes mostraram (dentro de uma hora de 13,5 horas LST) um aumento de 450% no tamanho do efeito (p:0,05), confirmando o efeito.

Ele também estudou possíveis artefatos devido à distribuição não uniforme de tentativas no tempo do relógio e variações do tamanho do efeito com o experimento, rejeitando-os como explicações para a descoberta. Sua conclusão é que, "supondo que algum viés sistemático desconhecido não esteja presente nos dados, parece que o desempenho da Cognição Anômala depende fortemente da LST em que o teste ocorre". Isso significa que há fortes evidências que sugerem uma relação de causa e efeito entre o desempenho de um observador remoto (ou vidente) e o local em que ele se encontra e a que horas na superfície do planeta.

O gráfico a seguir mostra como o Tempo Sideral Local

para a minha localização (a 37 graus de latitude norte) no período de janeiro de 1997 até o final do ano.

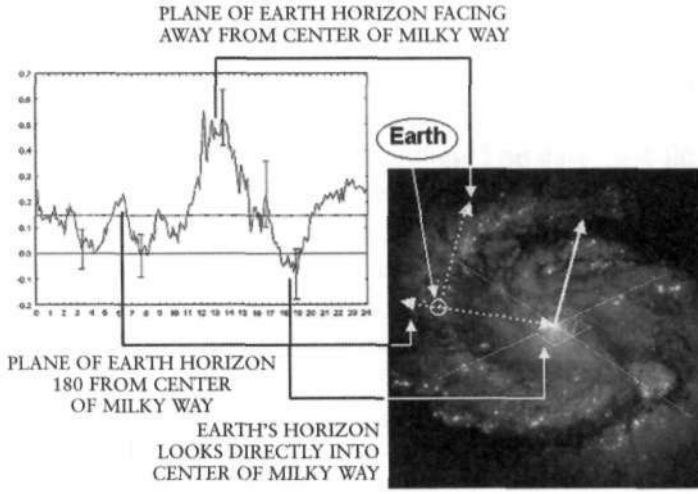


Com permissão da CSL

A coluna esquerda de números representa o relógio de vinte e quatro horas pelo qual operamos. Os números inferiores são, obviamente, as datas dos meses, espalhadas ao longo do ano. As linhas horizontais onduladas representam o nascer e o pôr do sol. Elas são onduladas devido às diferenças sazonais. As linhas AC máximas delimitam a janela de uma hora logo antes e logo depois das 13,5 horas do Horário Sideral Local para cada período do ano. Esse seria o momento mais oportuno para a visualização remota. As AC mínimas são momentos que coincidem com vales no gráfico LST, o que sabemos que corresponde a muito pouca ou nenhuma cognição anômala ocorrendo.

Assim, por exemplo, se eu tivesse de fazer uma visualização remota no dia 12 de maio de 1997, teria sido melhor fazê-la entre 21h e 23h. Tentar fazer uma visualização remota entre 14h e 16h naquele dia provavelmente não teria produzido resultados muito bons.

Outra maneira de visualizar o que está acontecendo aqui é ver como isso se relaciona com o local onde você pode estar e onde o horizonte da Terra está em relação ao núcleo da Via Láctea.



Com permissão da CSL

Quando sua exposição ao plano da Via Láctea está longe de seu núcleo, há um aumento de quase cinco vezes na precisão da visualização remota.

Isso significa que as estrelas têm um efeito direto sobre a visão remota ou outras formas de funcionamento psíquico? Ninguém sabe. Isso pode estar diretamente relacionado a quase tudo. O fato de notarmos que o efeito é uma correlação de nosso posicionamento físico na superfície do planeta não significa que nossa relação com as estrelas seja crítica. Há uma infinidade de coisas relacionadas à nossa posição que provavelmente devem ser consideradas. Portanto, o júri ainda não decidiu. Mas pode-se dizer que, se você estiver interessado em fazer uma boa visualização remota, deve prestar atenção ao Tempo Sideral Local.

Uma cópia completa do artigo de James Spottiswoode pode ser encontrada no Apêndice B.

Efeitos do ruído

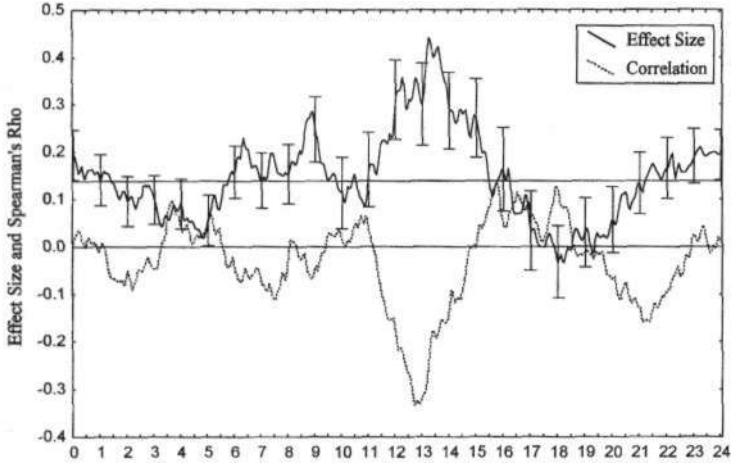
Na tentativa de estabelecer se existe ou não uma correlação entre a cognição anômala (visão remota ou

James obteve sucesso misto ao comparar outras formas de desempenho psíquico de resposta livre e flutuações geomagnéticas (GMF). Ele conseguiu confirmar essa correlação quando comparou um banco de dados muito grande de 2.879 tentativas de resposta livre com o índice geomagnético do aplicativo, onde o tamanho do efeito da resposta livre ou (cognição anômala) foi de -0,029 *(p:0,06)*. Ele afirma que um grande aumento na magnitude da correlação foi encontrado aproximadamente às 13 horas do horário sideral local (LST).

O que é realmente interessante sobre esse estudo específico é que, no passado, foram encontradas correlações variadas com o GMF em diferentes estudos. Por exemplo, um estudo muito grande de visão remota mostrou uma correlação geral quase nula, mas agora sabemos que poucos dos rastros desse estudo ocorreram durante o período crítico de LST.

Em outro caso, um estudo comparável apresentou uma correlação grande de -0,22 e, por circunstância, todos os testes foram realizados perto das 13 horas LST. Ao analisar o gráfico abaixo, observe a redução significativa do GMF durante o período em que se espera que o c o r r a um aumento na precisão da visualização remota.

Veja como o GMF se compara ao modelo LST anterior por volta das 13,5 horas:



Em referência ao gráfico acima, as linhas pontilhadas representam o GMF em comparação com o gráfico do Tempo Sideral Local (linha sólida). É evidente que quando as flutuações geomagnéticas são mais baixas, elas são mais baixas ao mesmo tempo em que o LST mostra que se supõe que uma boa visualização remota esteja o c o r r e n d o .

Uma cópia completa desse estudo do GMF feito por James Spottiswoode está incluída no Apêndice C.

Hábitos pessoais

Vários hábitos pessoais afetam o visualizador. Embora nenhum deles realmente impeça o sucesso da v i s u a l i z a ç ã o remota, às vezes eles têm um efeito profundo nos resultados e, portanto, devem ser mencionados.

1. **Dieta.** No passado, os visualizadores remotos relataram que alguns aspectos da dieta afetavam a visualização remota. Não há provas de que i s s o seja v e r d a d e , mas como alguns acreditam que sim, isso torna a questão importante até certo ponto. Praticamente qualquer coisa que aumente ou diminua a estimulação do sistema nervoso pode ser considerada contraindicada. Portanto, consumir cafeína ou álcool provavelmente não é uma boa ideia. Outra questão tem a ver com a digestão. Se você se distrair com necessidades corporais, isso obviamente atrapalhará o grau de concentração necessário para atuar como um visualizador remoto. Você não deve tentar fazer a visualização remota imediatamente após consumir uma grande refeição, especialmente uma refeição que contenha uma grande quantidade de material difícil de digerir, como carne ou alimentos ácidos. O fato de estar com fome também não ajuda. Se estiver pensando na necessidade de comer ou estiver incomodado com a necessidade de comer, isso deve ser r e s o l v i d o pelo menos uma hora antes da visualização remota.

2. Drogas. Já me perguntaram muito sobre drogas. Alguns afirmam que certos tipos de drogas favorecem o estado alterado que abre as portas para as informações de visão remota. Nada poderia estar mais longe da verdade. As drogas suprimem sua capacidade de

A arte da visão remota tem muito a ver com o processamento de informações e muito pouco com a recepção, que supostamente ocorre. A arte da visualização remota tem muito a ver com o processamento das informações e muito pouco com a recepção, que se supõe estar ocorrendo. Qualquer coisa que atrapalhe a capacidade de entender claramente e lidar com a forma como você pode estar processando as informações só pode prejudicar o resultado geral. Nenhum bom visualizador remoto que eu conheça apóia o uso de qualquer tipo de droga. A ideia é aprender a controlar o que está acontecendo, e as drogas sempre têm um efeito adverso sobre essa capacidade. As drogas estão fora de questão.

3. Dormir. Alguns de nós se dão muito bem com sete horas de sono por noite. Alguns conseguem se virar com apenas cinco ou precisam de até dez. Isso tem a ver com o que você está acostumado a fazer. Você deve dormir o quanto sabe que vai precisar para eliminar a sensação de cansaço. "Bem descansado" é uma frase que vem à mente quando se pensa no que é necessário para fins de visualização.

4. **Estado de espírito.** Isso é muito difícil de controlar, mas é uma das intrusões mais debilitantes para uma boa visualização remota. Se você acabou de ter uma discussão com alguém, dirigiu em um trânsito ruim, sente-se pressionado ou apressado ou não está propício para a visualização remota, isso aparecerá nos resultados. Uma atitude positiva de "posso fazer" é essencial para o sucesso da visualização remota. Qualquer coisa que você possa fazer para melhorar seu estado de espírito é altamente recomendável. As maneiras de fazer isso incluem ter um horário de início definido ou reconhecido, algo para o qual você possa começar a planejar claramente e reorientar seu foco. Se não estiver se sentindo bem para a visualização remota, adie-a para um momento melhor. Somente você pode dizer quando está bem ou mal. Você deve fazer algo que lhe dê prazer uma hora antes da visualização. Pode ser um hobby ou outra atividade que o relaxe ou redirecione sua atenção. Deve ser algo que mantenha a mente ocupada, mas que não o estimule demais. Desenvolva uma boa atitude em relação ao sucesso ou ao fracasso, recompensando-se de alguma forma por ter sido bem-sucedido. Conheço espectadores que fazem isso

só se permitir comer doces depois de uma visualização remota bem-sucedida e em nenhum outro momento. Por fim, aprenda a lidar com o fracasso, afinal, ele simplesmente faz parte do processo de aprendizado. Acima de tudo, não se leve a sério. Quando você o faz, a queda da graça é muito mais dolorosa. Mantenha seu senso de humor.

5. **Controle seu ego.** Quando você está indo muito bem, seu ego é bem massageado. Quando não está indo tão bem, seu ego vai lhe dar uma surra. Na verdade, o ego é provavelmente o elemento mais destrutivo de todos os maus hábitos que alguém pode apresentar como espectador. Ele restringe seu mundo. É o motor que impulsiona muitos dos pequenos traços de personalidade desagradáveis que são destrutivos e atrapalham a ajuda aos outros. Sem o apego do ego ao que você faz, não há ganância ou foco no material. É o caminho mais difícil de seguir, mas as recompensas como espectador são muito maiores no longo prazo.

Coisas que não parecem apoiar a visualização remota

Além dos itens acima, outras coisas que parecem não favorecer a visualização remota incluem:

1. Um espaço de trabalho desordenado. Se você estiver enterrado na bagunça, isso se refletirá em seu trabalho. No entanto, é preciso entender que a bagunça para uma pessoa é proteção e conforto para outra. Conheço um escritor muito bom em cujo escritório quase não se consegue entrar, pois há tantos papéis, livros e revistas empilhados. Obviamente, isso traz muito conforto para o ambiente dele. Portanto, ao falar de desordem, estou me referindo a coisas que são distrações e não dão apoio. Alguns acreditam que qualquer coisa no espaço de trabalho introduz fantasia ou sobreposição no processo. Não acredito que isso seja verdade. Em minha experiência, sentir-se confortável em seu espaço de trabalho é mais importante. Além disso, lembre-se de que qualquer lugar em que você tenha de usar a visualização remota para dar apoio a outras pessoas

estará desorganizado. Esses são ambientes do mundo real. Por que se instruir em uma situação ideal, quando você terá de operar em ambientes que não são ideais?

2. Interferência. Desligue seus telefones, aparelhos de fax e despertador, leve o gato para fora da porta da frente, vá ao banheiro antes de começar e exija privacidade durante a visualização remota.

3. Ferramentas. Certifique-se de ter todas as ferramentas de que precisará antes de começar. Os tipos certos de canetas e papel, uma régua, se necessário, lápis ou qualquer outra coisa. Nada é mais irritante do que descobrir que está faltando algo que é essencial para o processo.

4. **Silencioso.** Não estou falando de silêncio no necrotério, mas de um silêncio razoável. Houve uma época em que todos acreditavam que uma sala à prova de som era essencial para a capacidade de visualização. Isso provavelmente está errado. Pode ser uma desculpa para o fracasso quando se está procurando por uma, mas não é essencial para a visualização remota. Você não gostaria de ter um bate-estaca ou outra máquina pesada operando do lado de fora de sua janela. De fato, a ausência de ruídos agudos, repetitivos ou irritantes provavelmente é uma boa ideia. Lembre-se de que você está tentando estimular a concentração. Alguns dizem que esse é um bom motivo para a sala à prova de som, mas quando você para e pensa sobre isso, percebe que a condição mundial que consideramos normal é a condição operacional comum. Acredito que tornar as condições mais ideais do que se pode razoavelmente esperar é preparar-se para o fracasso, pois assim quase qualquer pequena distração interferirá no processo.

Outras disciplinas de apoio

Outras coisas podem apoiar o controle mental que você está tentando estabelecer. Elas vão desde o quase impossível até o que é geralmente possível de ser alcançado. Algumas delas são:

1. Sonho lúcido. De acordo com Stephen LaBerge, Ph.D., do Centro de Pesquisa do Sono da Universidade de Stanford, o sonho lúcido é "estar acordado em seus sonhos". Em um momento ou outro, todo mundo já deve ter tido um sonho lúcido, ou seja, ver-se vivendo um sonho que, de repente, você reconhece como sendo um sonho. Talvez seja caminhar pelo corredor até o banheiro no meio da noite ou trabalhar naquele projeto difícil que você estava tentando dominar. Bem no meio da experiência, você percebe: "Ei, estou sonhando". Normalmente, isso resulta no seu despertar, mas, às vezes, oferece a plataforma ou a oportunidade de controlar o que está vivenciando. Em meados da década de 1980, participei de vários experimentos com Steven LaBerge em seu laboratório do sono. Fui encarregado de criar um sonho lúcido, um estado em que eu sabia que estava dormindo, mas acordado e sonhando. Quando percebi que estava sonhando lúcido, minha tarefa era fazer uma visualização remota de um alvo designado aleatoriamente. Fomos bem-sucedidos em várias ocasiões. De fato, alguns desses sucessos foram absolutamente surpreendentes. Acredito que, embora o estado de sonho lúcido seja difícil de iniciar, manter ou usar, ele é bastante propício para a visualização remota, e a disciplina necessária para controlar esse estado apoia o tipo de disciplina necessária para a visualização. (Mais informações sobre o sonho lúcido podem ser encontradas no livro *Lucid Dreaming, The Power of Being Awake & Aware in Your Dreams,* de Stephen LaBerge, Ph.D., J.P. Tarcher, Inc., Los Angeles, 1985 (distribuído pela Houghton Mifflin Co., Boston, Massachusetts).

2. **Viagem fora do corpo.** Às vezes conhecida como viagem astral ou clarividência viajante. Essa é a capacidade de realmente se realocar em outro lugar em todos os sentidos, exceto fisicamente. Às vezes, isso é confundido com a visão remota. Em comparação, o observador remoto senta-se em uma sala e descreve suas percepções em relação a um alvo em outro local. Embora ele possa descrever com precisão esse outro local, nunca há dúvida de que ele está na sala onde seu corpo está localizado.

Na Experiência Fora do Corpo (EFC), as pessoas realmente percebem que viajaram para esse local e estão presentes em todos os aspectos, exceto na presença de seus corpos físicos, que permanecem em seu local de origem.

Após minha experiência de quase morte em 1970, tive EFCs espontâneas contínuas, mas não conseguia controlá-las. Em 1983, havia um homem no mundo em quem eu sentia que podia confiar e que afirmava poder controlá-las: Robert Monroe. Ele vivenciava EFCs desde 1958 e havia demonstrado seu controle sobre esses eventos notáveis. Então, participei de um seminário da Gateway Voyage no Monroe Institute, na Virgínia, no outono de 1983, e depois perguntei se ele poderia me ajudar. Trabalhamos juntos em seu laboratório por um período de quase 14 meses, quando finalmente consegui aprender a controlar a habilidade, embora não tão bem quanto ele. Conseguimos visitar vários alvos, tanto no sentido fora do corpo quanto por meio de visão remota.

Embora existam diferenças profundas entre esses dois métodos e uma série de dificuldades que não abordarei aqui, percebi que houve um aumento substancial no controle da minha capacidade de visão remota como resultado da experiência. Você pode saber mais sobre as EFCs lendo o livro clássico de Monroe, *Journeys Out of the Body (Viagens fora do corpo),* Doubleday and Co., 1971. Se não for por outro motivo que não seja o crescimento pessoal e a percepção, recomendo enfaticamente um seminário do Gateway Voyage. (Entre em contato com o Monroe Institute escrevendo para 52 Roberts Mountain Road, Faber, Virginia 22938, ou pelo telefone: (804) 361-1500).

3. Relaxamento. Isso é diferente do que chamo de meditação, que é abordado no item número quatro. O relaxamento é mental, além de físico. As pessoas relaxam de maneiras diferentes, dependendo de suas personalidades. Uma das melhores maneiras é por meio da música. Não estou falando de música estimulante, como bateria, rock ou heavy metal. Estou falando de tipos de música mais suaves, voltados para acalmar os nervos ou o humor. A música também pode ser usada em conjunto com outras atividades que tragam uma sensação de descanso para o espírito, como

ioga ou Tai Chi, ou quase qualquer atividade que traga uma sensação suave e tranquilizadora para a alma do participante.

Algumas pessoas gostam de ouvir música enquanto trabalham no jardim ou simplesmente sentadas na margem de um rio em comunhão com a natureza. A ideia é d e s a c e l e r a r, ficar um pouco centrado e deixar a mente à deriva, ou esvaziar-se da desarmonia, tornar-se equilibrado. Para muitos de nós que buscamos refúgio nesse tipo de relaxamento, há benefícios tanto mentais quanto físicos. Porém, alguns descobrirão que são quase incapazes de relaxar. Elas precisam ter algo e m andamento, alguma atividade para ocupar a mente. Elas estão sempre em movimento, agitadas ou cheias de ansiedade. O verdadeiro relaxamento é um estado difícil de dominar. Dominá-lo será benéfico não apenas para a visualização remota, mas para sua saúde e criatividade em geral. Descobri que aqueles que conseguem dominá-lo se saem muito melhor na visualização remota do que aqueles que não conseguem. Se você não consegue passar um "tempo sozinho" consigo mesmo, como poderá passar um tempo com um alvo de visão remota? Há muitos livros disponíveis sobre relaxamento, mas como cada personalidade é diferente, você terá de encontrar um que se adapte melhor a você.

4. Meditação. A única definição de meditação que eu aceitaria é a do Dr. Charles Tart, que afirma que ela é "antes de tudo uma profunda passividade, combinada com consciência". Você pode encontrar o que ele diz sobre isso em *Altered States of Consciousness (Estados Alterados de Consciência),* editado por Charles Tart, Ph.D., Harper San Francisco, 1990. Esse é um compêndio de conhecimento que todos deveriam ter em suas estantes se levarem a sério a questão do paranormal.

Quando esse livro foi publicado, havia pouquíssimos artigos ou publicações sérias disponíveis fazendo referência à meditação, pelo menos cientificamente. Fico feliz em dizer que agora há um número consideravelmente maior. A ideia por trás da meditação é que, quando alguém se senta passivamente e tenta silenciar os fogos internos da atividade, pensamentos e recursos mais profundos se tornam aparentes e vêm à tona. Tudo o que você precisa fazer é mudar "pensamentos e

recursos" para "informações" e você terá uma definição quase perfeita do ato de visão remota. O relaxamento físico desempenha um papel importante na capacidade de meditar, portanto, se você não tiver lidado com o item três acima, precisará voltar a ele antes de se envolver com os princípios da meditação. Um dos benefícios exclusivos da meditação praticada é a capacidade de lidar com distrações. Aqueles que dominam uma técnica de meditação geralmente demonstram a capacidade de lidar rapidamente com uma distração, processá-la e depois deixá-la de lado enquanto retornam ao estado de pensamento mais profundo.

A meditação zen, que é muito popular, começa com u m a posição sentada adequada e respiração controlada. A ideia é atingir um estado alterado de lucidez, no qual você perde toda a conexão com o corpo e é capaz de levar uma enorme quantidade de concentração a um estado de total desapego, ou nada. Sabe-se que experiências místicas e religiosas de nível superior ocorrem nesse estado. O que isso faz com a percepção é o objetivo do visualizador remoto: ser capaz de observar e relatar à sua própria mente, sem conceitos ou conclusões sobrepostas. Posso lhe dizer que sua capacidade de meditar bem se traduzirá em sucessos mais frequentes ao tentar a visualização remota.

5. Hipnose. A auto-hipnose é uma forma de unir meditação e relaxamento. É a capacidade de relaxar totalmente ou se separar do corpo (em combinação com o relaxamento) e entrar em um estado alterado (auto-hipnose) em que o subconsciente se torna mais acessível. É interessante notar que essa combinação, na verdade, abre a pessoa para a sugestão verbal e não verbal - em resumo, para a comunicação neurolinguística.

A comunicação neurolinguística é a capacidade de passar informações de uma pessoa para a outra por meio do uso de movimentos ou gestos do corpo, das mãos, das pernas, da cabeça ou do rosto. Isso pode ser feito intencionalmente, como expressões que acompanham declarações, ou não intencionalmente, por meio de nossos hábitos dos quais não estamos conscientes, como se mover no assento ou cruzar os braços sobre o peito.

Agora deve ser o momento de você se lembrar do que eu disse sobre não ter ninguém na sala que saiba alguma coisa sobre o alvo. Bem, este é o motivo. O tempo em um estado auto-hipnótico é o momento perfeito para treinar o subconsciente por meio de exercícios repetitivos. Portanto, se você praticar estados hipnóticos autoinduzidos enquanto estiver praticando a visão remota e corrigir as deficiências da visão à medida que avança, estará se treinando para responder automaticamente ao que é necessário para produzir um resultado positivo ou bem-sucedido. Um dos melhores livros disponíveis sobre hipnose e, em particular, sobre auto-hipnose, é *Hypnosis, Questions & Answers,* B. Zilbergeld, M.G. Edelstien e D.L. Araoz, editores, W.W. Norton Company, Nova York, 1986.

6. Outros aspectos. Duas áreas restantes de discussão são importantes, pois trazem muito à tona a estrutura de crenças do indivíduo que está tentando ser um bom visualizador remoto. Ambas as áreas são praticamente ignoradas, pelo menos no mundo ocidental. São as crenças teológicas e as crenças filosóficas. Se alguém lhe disser que elas não são importantes, afaste-se agora, pois você e essa pessoa estão brincando com fogo. Ambas são absolutamente *essenciais* para a visão remota. A crença filosófica basicamente tem a ver com a sabedoria pessoal e a busca por ela. É uma busca por uma boa compreensão da realidade que é mais especulativa do que objetiva. Geralmente inclui ética, estética, lógica, metafísica e conhecimento cognitivo. A crença teológica, por outro lado, é mediada pela crença em um deus, uma fonte mística, um grande engenheiro, a fonte de todo o poder ou, para alguns, uma teoria unificadora que sustenta a existência. Em ambos os casos, o posicionamento filosófico ou teológico determina sua aceitação de como ou por que algumas coisas acontecem.

Pense nessa posição como se estivesse se equilibrando em uma gangorra. O ponto médio, ou fulcro, é considerado o local de equilíbrio. É lá que você quer estar. Se você estiver muito longe de uma extremidade, vamos supor que seja a direita, provavelmente não está

aberto o suficiente para permitir o funcionamento da visualização remota. Se você estiver muito à esquerda, provavelmente está *muito* aberto, muito aéreo ou aéreo para lidar com isso. Em um caso (à direita), a atividade paranormal aumentará seu grau de raiva e descrença. Isso afeta diretamente sua *expectativa* de sucesso e sua *intenção* de vivenciá-lo - o que afeta o resultado. No outro caso (à esquerda), você não será capaz de reconhecer o *conjunto de regras* dentro das quais ela deve operar. Você estará ignorando os protocolos e violando os princípios básicos da verdade nos quais ele deve residir para poder operar. O excesso de cada extremidade da gangorra será destrutivo.

À medida que uma pessoa é exposta à visão remota, ela deve mover as pessoas que estão um pouco à direita ou à esquerda mais para o centro ou ponto de apoio. Infelizmente, como a crença filosófica e teológica quase nunca é abordada (na verdade, é geralmente ignorada), ela parece levar as pessoas que já estão à direita ou à esquerda para seus respectivos extremos. Para mim, toda essa questão sempre foi um ponto ou foco na ética. É responsabilidade daqueles que apresentam a visão remota às pessoas (sejam eles cientistas, instrutores autodenominados, gurus ungidos ou uma agência oficial do governo) garantir que a orientação adequada seja fornecida com relação às mudanças filosóficas ou teológicas e aos roteiros apropriados. Na maioria dos casos, eles não apenas não se esforçam para abordar o assunto de forma alguma, como também não sabem como fazê-lo ou não reconhecem essa responsabilidade.

O preconceito religioso é inevitável, pois ninguém é exceção nesse aspecto. Mesmo os cientistas que afirmam ser ateus não estão excluídos. Pelo fato de alguém afirmar não acreditar em um deus, não se deve presumir automaticamente que ele não acredita que exista uma ordem ou regra pela qual as coisas funcionam. Na verdade, a maioria dos cientistas que conheço e que afirmam ser ateus acredita que existem regras para o funcionamento da realidade e, na maioria dos casos, eles se empenharam muito mais contra o fenômeno paranormal do que aqueles que têm uma religião.

dobrado. A religião pode fazer algumas coisas interessantes com relação ao que as pessoas estão dispostas a aceitar como normal. Muitos indivíduos são abertamente hostis à visão remota porque alguns deles se recusam a reconhecer Deus como o poder eminente por trás de sua capacidade de visão. Alguns espectadores atribuem sua capacidade ao poder de Deus, o que geralmente gera hostilidade do outro lado da cerca. Em todos os casos, o que você acredita tem um efeito imediato sobre os limites que você está disposto a aceitar e que podem ou não mediar a capacidade de visão remota. Como a realidade teológica do espectador nunca é discutida, ninguém nunca tem uma compreensão clara de quando o limite da verdade (o que é realmente conhecido sobre a visão remota) e a autoilusão (o que é aceito sem questionamento) é ultrapassado. Isso acrescenta uma quantidade substancial de variabilidade aos sujeitos que podem estar envolvidos, ou se você está observando a visão remota ocorrendo ou algo completamente diferente. Em muitos casos, as regras a c a b a m sendo distorcidas em nome da religião, quando não o seriam por outros motivos.

Como já disse anteriormente, eu acredito no que seria considerado um deus por muitos, mas uma regra de ordem por outros. Na minha opinião, Deus e as regras pelas quais a realidade opera são a mesma coisa. Dizer que você acredita em um sem reconhecer o outro não faz o menor sentido para mim. E se a ciência provar que um princípio religioso está errado? Bem, então o princípio religioso obviamente precisa ser mudado. O ponto em que o discurso entra é óbvio. Aceitamos crenças religiosas com base na fé, mas aceitamos a ciência somente pelo que ela pode provar de forma irrefutável. O erro é evidente. Não podemos assumir essa posição em nenhum dos casos. A interpretação humana da religião é quase sempre falha, e presumir que a ciência está correta com base em uma descoberta temporária ou imediata da época é um convite ao desastre, pois, para isso, é preciso se afastar da visão saudável ou parar de seguir a linha intermediária cética.

Estou no planeta há tempo suficiente para entender isso

A filosofia de uma pessoa nunca será a mesma que a de outra. Pode haver pontos em comum, mas sempre haverá diferenças suficientes para gerar discussões. A filosofia em si é uma "crença". Na melhor das hipóteses, ela é especulativa e uma busca por algo que nunca poderá ser realmente alcançado - a sabedoria pessoal. O problema é que ela afeta decisivamente as crenças, os conceitos e as atitudes de todos. Ela tem relação direta com cada ação que tomamos, seja ela pequena ou grande. Aplicamos nossa própria marca pessoal de filosofia a tudo o que fazemos. Ela afeta até mesmo nossos valores e julgamentos éticos. O bem e o mal têm impacto sobre a filosofia pessoal, mas com a mesma importância. Não há nenhuma regra que determine que uma pessoa deve ser boa para ser filosófica. Uma pessoa pode ser considerada má e ainda assim agir filosoficamente.

Certamente havia uma filosofia por trás das decisões de Hitler. Todos nós temos pontos fortes e fracos que afetam nossa posição filosófica. Alguns parecem filosoficamente superficiais em comparação com outros. Mas não se deixe enganar. A filosofia pessoal é profunda, às vezes mais profunda do que você pode imaginar. O preconceito é uma pedra fundamental na casa da crença filosófica de alguém, assim como os valores pessoais, como o certo e o errado. A crença filosófica é o grau de energia por trás da raiva, da frustração com os outros, do quanto estamos dispostos a nos curvar para trás ou quando sentimos a necessidade de cair sobre a espada; é a base de nossos relacionamentos, sejam eles pessoais ou profissionais. Quando uma pessoa é exposta à visão remota pela primeira vez, a posição filosófica em que ela se encontra naquele dia e naquele momento determina sua linha de base. Todas as mudanças que ocorrem desse ponto em diante são construídas com base nessa linha de base. Com tantas bases filosóficas diferentes, não é de surpreender que cada um de nós acabe com uma estrutura de crenças totalmente diferente. É impossível criar uma perspectiva filosófica da mesma forma que cortamos biscoitos de chocolate. Mas, pelo menos, podemos garantir que a temperatura esteja correta e que os biscoitos tenham sido bem cozidos, mas não queimados.

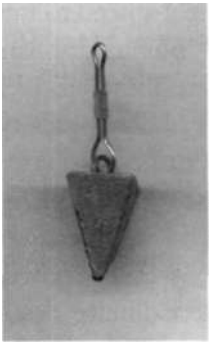
Instruções para fazer e usar o equipamento de radiestesia durante a visualização remota

Há dois tipos de equipamento de radiestesia que são usados durante a visualização remota. Um é usado no lugar do método de visualização remota associativa (ARV) para responder a perguntas do tipo binário, como "SIM" e "NÃO", "PARA CIMA" e "PARA BAIXO", "PARA FRENTE" e "PARA TRÁS" etc., e outro é usado para trabalhar com localizações em um mapa. Qualquer uma delas ou uma combinação de ambas pode ser usada para responder a perguntas sobre localização.

Como não é possível entrar na maioria das lojas e comprar equipamentos de navegação, há maneiras de fazer o seu próprio equipamento ou usar utensílios d o cotidiano.

O instrumento menos complicado é o pêndulo. Você pode fazer um pêndulo amarrando praticamente qualquer objeto pequeno com peso a um fio ou corda curta. Descobri que o barbante mais fino ou a linha de pesca são melhores, e o uso de um objeto de peso menor, porém mais pesado, funciona bem, especialmente onde pode haver brisa ou vento.

Exemplos do que pode ser usado como objeto de peso são: um pequeno peso ou chumbada de pesca (fig. 1a), uma chave de mala (fig. 1b) ou praticamente qualquer coisa pontiaguda em uma extremidade e que pese mais do que a corda.



(fig. la)

(fig. lb)

Incluí fotos de meu próprio pêndulo (figura 2a). Ele também tem uma pequena reentrância sob o olho que pode ser preenchida

com uma pequena porção de qualquer coisa que esteja procurando, como ouro, água ou fios da roupa de alguém (fig. 2b).

(fig. 2a)

(fig. 2b)

A ideia é pendurar o pêndulo em uma corda curta e permitir que seu subconsciente controle a ação do pêndulo enquanto se concentra em uma pergunta específica. Por exemplo, enquanto estiver usando um mapa para procurar onde alguém pode ter perdido o anel, você seguraria o pêndulo diretamente sobre o mapa, movendo-o para frente e para trás enquanto ele fica pendurado em seus dedos, tentando manter o pêndulo o mais imóvel possível. Enquanto estiver fazendo isso, pergunte a si mesmo: "O anel que falta está aqui?" À medida que o pêndulo cruza as áreas do mapa em que o anel não está localizado, ele produzirá um movimento simples que não mudará. Pode ser um movimento para cima e para baixo ou da esquerda para a direita. O movimento será sempre diferente para cada pessoa. Quando você atingir o local no mapa em que o anel

Se o anel estiver localizado, ele mudará repentinamente de direção.

Como o movimento que o pêndulo fará é sempre diferente para cada pessoa e, às vezes, muda até mesmo com a mesma pessoa, você deve calibrar o pêndulo antes de usá-lo. Uma maneira simples de fazer isso seria segurar o pêndulo sobre uma folha de papel em branco e simplesmente dizer: "Isto é sim" e "Isto é não". O pêndulo deve reagir de forma diferente para cada declaração. Basta memorizar qual é qual antes de começar a olhar.

Para demonstrar o que quero dizer com esse movimento, vamos supor que estamos olhando diretamente para baixo na parte superior do pêndulo enquanto examinamos um mapa. Ao mover o pêndulo sobre a área do mapa em que o objeto que você está procurando *não* está localizado, ele balança de um lado para o outro (figura 1). Quando você atinge o local em que o objeto provavelmente *está* localizado, ele muda de direção e começa a balançar para cima e para baixo (figura 2).

(figura 1)

(figura 2)

"De um lado para o outro significa não!" e "Para cima e para baixo significa sim"

Outro aspecto para o qual os pêndulos são bons é responder a perguntas. Se não tiver tempo para configurar um protocolo ARV para buscar a resposta binária para alguma coisa, você pode usar o pêndulo. Calibre-o da mesma forma e depois faça a pergunta a si mesmo para ver o que o pêndulo faz. Como as perguntas binárias são de escolha forçada, eu só usaria o pêndulo para isso se não tivesse tempo para buscar uma resposta por meio do uso do ARV.

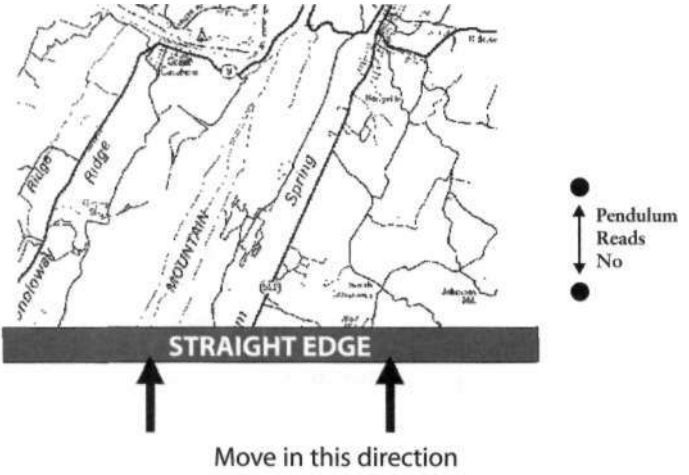
Outra ferramenta simples que pode ser usada para radiestesia é uma régua e um lápis. Eles são usados para determinar um ponto em um mapa, grade ou diagrama. A borda reta não precisa de marcações para ser usada.

Para encontrar um ponto específico, você precisa definir uma linha horizontal e uma vertical. O ponto de interesse será o local onde elas se cruzam.

Para definir a linha horizontal, basta colocar a régua na borda inferior do mapa ou diagrama horizontalmente e empurrá-la para cima com a mão esquerda enquanto usa a mão direita para controlar o pêndulo, enquanto se faz a pergunta pertinente.

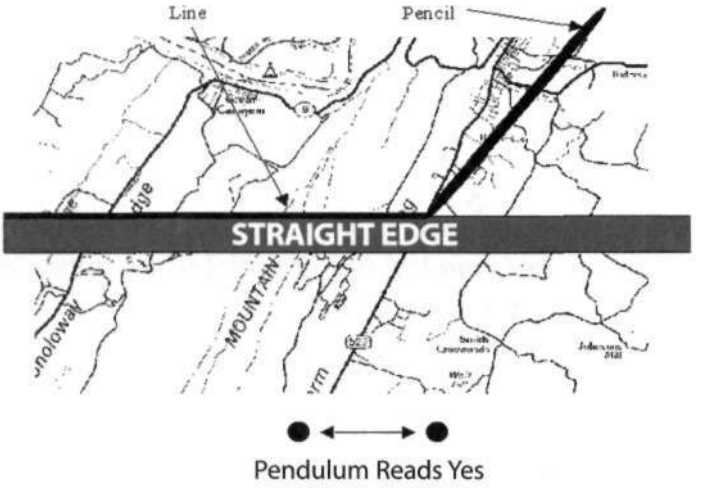
usar a mão direita para controlar o pêndulo, enquanto faz a si mesmo a pergunta pertinente.

Por exemplo, começando na parte inferior (figura 1), você pode estar se perguntando qual é o melhor local para um poço de água potável enquanto empurra a borda reta para cima no centro do mapa ou diagrama.



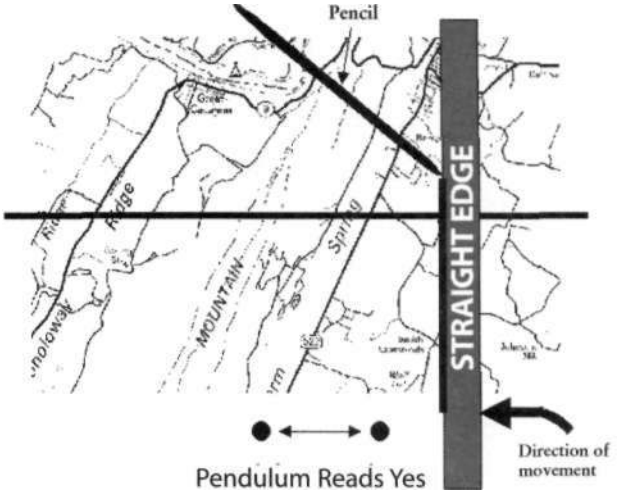
(figura 1)

do mapa. Ao obter uma resposta afirmativa no pêndulo, você desenha uma linha horizontal (figura 2).



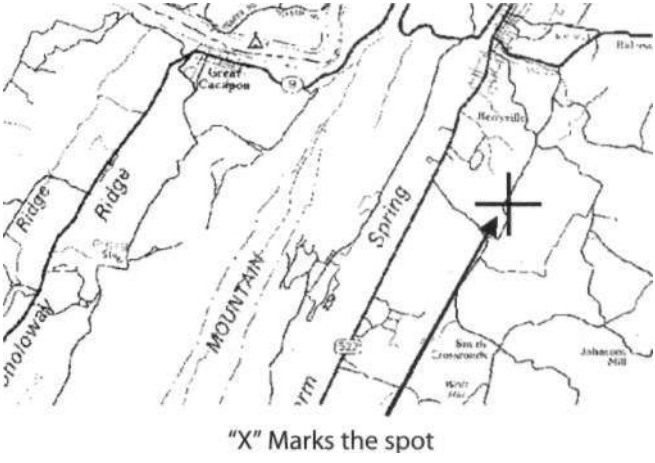
(figura 2)

Repita o processo para uma linha vertical (figura 3).



(figura 3)

O que lhe fornece um local finalizado (figura 4).



(figura 4)

Não se esqueça de que você precisa calibrar as respostas "sim" e "não" com o pêndulo antes de começar.

Há um atalho para o método acima que não requer um pêndulo. Você simplesmente dá a si mesmo um comando

não pisque os olhos a menos que a borda reta esteja diretamente sobre o local correto. Pode ser necessário fazer várias passagens, mas a prática melhorará os resultados. Você simplesmente tenta não piscar enquanto desliza a régua horizontal ou verticalmente pelo mapa. Quando piscar, esse é o ponto em que você deve traçar a linha.

O método de piscar pode ser usado em ocasiões em que você quer saber algo, mas não quer que ninguém saiba que você está fazendo radiestesia. Por exemplo, ao conversar com um estranho que você nunca conheceu, dê a si mesmo o comando: "Pisque quando essa pessoa estiver mentindo". Ou, em uma cena de crime, se estiver se perguntando onde procurar as evidências mais importantes, você pode examinar os arredores e, ao mesmo tempo, dar a si mesmo o comando: "Pisque quando estiver olhando na direção certa". Você precisa continuar repetindo o comando em sua mente enquanto faz a varredura. Deixe que seu subconsciente o oriente sobre quando piscar.

Instruções para a construção de equipamentos para Cristalocação

Cristalocação é outra forma de dizer "olhar para o cristal". É uma forma de adivinhar eventos distantes, passados ou futuros com base em visões vistas em uma bola polida de cristal de rocha. A adivinhação também pode ser feita observando os reflexos na água ou no óleo, ou olhando para uma superfície de metal polido. A adivinhação primitiva era feita com superfícies metálicas redondas e polidas em prata ou ouro, e por meio da observação das faces polidas de pedras preciosas. Ela existe desde o século V, mas tem sido historicamente condenada pela Igreja como obra do demônio.

A maneira como funciona é que a pessoa geralmente olha diretamente para a bola de cristal ou para a superfície refletora, concentrando-se por um longo período de tempo. Eventualmente, uma espécie de névoa começará a aparecer, como uma nuvem de neblina. É dentro dessa névoa ou neblina que as visões são apresentadas ao vidente. É claro que

É claro que você precisa ter em mente a sua pergunta específica enquanto estiver olhando fixamente.

É altamente recomendável que você escreva sua pergunta antes de começar e repita-a várias vezes para si mesmo. Depois de começar, esvazie sua mente de todos os pensamentos. Para que as informações sejam apresentadas, é necessário que haja uma folha em branco sobre a qual escrever.

A vidência geralmente leva um período considerável de observação quando você é um iniciante. Mas, com o tempo, você desenvolverá um talento para isso e a névoa ou neblina aparecerá mais rapidamente. A iluminação deve ser fraca o suficiente para não interferir, mas clara o suficiente para que o interior do cristal ou o fundo do recipiente refletor possa ser visto através do meio de água ou óleo. Alguns até usam a própria fonte de luz como m e c a n i s m o de vidência, como a chama de uma vela ou a fumaça de um incêndio.

Os videntes especialistas dizem que a informação não está realmente no meio, é claro. Ela está na mente do indivíduo. A névoa ou neblina é, na verdade, criada pela mente e ocorre em algum lugar entre a bola de cristal e o vidente. Na verdade, é uma representação criativa da realidade dentro dos processos de pensamento do indivíduo.

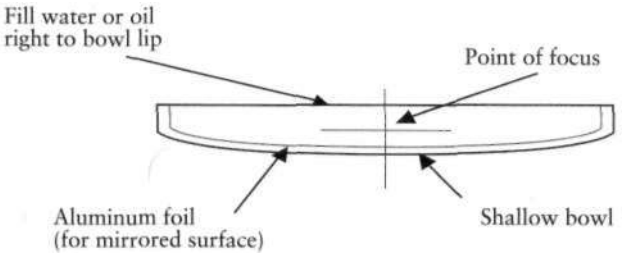
Se a vidência for feita dentro do protocolo de visão remota, ela é considerada uma visão remota. Surpreendentemente, alguns videntes provaram ser muito eficazes em sua produção de informações, simplesmente porque dominaram a capacidade de relatar apenas o que veem, sem interpretações - o objetivo final de qualquer esforço de visualização remota.

É claro que se você estiver interessado em fazer vidência, é possível comprar uma bola de cristal em uma loja local de artigos da nova era. Infelizmente, elas costumam ser muito caras. Lembre-se de que não é necessário que o cristal seja quase perfeito. Na verdade, quanto mais embaçado ou com falhas internas, melhor. Ele também não precisa ser redondo. Um cristal com um único lado polido pode ser usado. Além disso, não precisa ser de cristal. Pode ser praticamente qualquer tipo de pedra ou vidro em que você possa ver. A ideia é ter um lugar para concentrar sua

atenção para eliminar as distrações externas.

Se você quiser construir uma ferramenta de adivinhação muito parecida com a usada pelo Oráculo de Delfos, é realmente muito fácil. Você precisa encontrar um prato raso com fundo em forma de tigela e uma superfície espelhada. Se não conseguir encontrar um com superfície espelhada, você pode criar a superfície espelhada colando uma folha de papel-alumínio no interior da tigela (figura 1).

DISPOSITIVO DE ADIVINHAÇÃO



(figura 1)

O procedimento é simples. Depois de escrever sua pergunta, você precisa relaxar e, em seguida, olhar diretamente para o fluido no ponto de foco até que uma névoa ou neblina comece a se formar. Quando isso começar a acontecer, você deverá procurar na névoa ou neblina uma visão que, de alguma forma, seja pertinente à sua pergunta. Isso exigirá muita paciência, pois inicialmente levará algum tempo até que isso aconteça.

Vou compartilhar uma dica muito importante. Como em qualquer forma de coleta de informações paranormais, não presuma automaticamente que qualquer visão apresentada é uma representação literal de um fato. Na maioria dos casos, seu subconsciente mascarará a informação real.

Se você não tiver uma compreensão básica de seu próprio processamento mental ou não tiver pelo menos uma compreensão moderada de seus próprios medos e desejos subconscientes, não conseguirá chegar ao cerne do que sua mente apresenta.

Capítulo Doze

Ética

A ética não trata apenas do que é bom e do que é ruim, ela engloba um dever e uma obrigação moral. Isso significa q u e ela não é apenas pessoal, mas algo que devemos aos outros. Em outras palavras, eles não deveriam ter de vir nos pedir isso. Como indivíduo, a ética deve ser a espinha dorsal de nossa filosofia de vida pessoal. Muitos têm problemas para determinar o alcance ou os limites do comportamento ético. A maioria pensa que o comportamento ético é determinado por leis governamentais, mas isso é apenas parcialmente verdadeiro. Trata-se mais de um padrão gerado filosoficamente que é desenvolvido e perseguido por indivíduos ou, às vezes, por grupos. Isso significa que, às vezes, parte de seus padrões éticos pode não estar escrita e pode não se originar do que é considerado bom ou ruim apenas pelo seu governo. Eles também podem vir do que você aprendeu com seus pais, professores, ministros ou do que aprendeu com um grupo de colegas. Como todos nós somos cultural e socialmente muito diferentes, é fácil perceber que existem diferenças éticas. Para um, a ética de invadir a vida pessoal ou os sentimentos de alguém s e r i a abominável. Para outro, seria um presente de bondade. O histórico, a experiência, a cultura, a filosofia pessoal e até mesmo a crença teológica geralmente entram em jogo quando se trata de

se trata de ética.

Então, como distinguir um padrão ético adequado de um impróprio?

Só posso sugerir isso. Por ser americano, sou a favor de, pelo menos, começar com os direitos e liberdades pessoais que nossos antepassados nos garantiram com a Constituição. O direito à privacidade pessoal e a proteção dessa privacidade estão no topo da lista. Também gosto da ideia de que um ser humano não fará nada que prejudique ou cause danos a outros ou que, de alguma forma, infrinja seus direitos de ser quem e o que quiser ser (desde que também não esteja prejudicando os outros). Já podemos ver que, para que a ética funcione, todos precisam tê-la, e a chave parece estar em algum lugar dentro da área temática de não causar danos. Portanto, todo comportamento ético deve ser positivo e construtivo, e não negativo ou destrutivo.

Não é preciso ser um cientista para perceber que a história do mundo está repleta de exemplos de governos e estruturas sociais que proclamam certas ações como éticas, mas que nós consideramos que não são. Inúmeros e explícitos atos de racismo e intolerância religiosa foram construídos sobre os alicerces de crenças ou comportamentos éticos errôneos. Em alguns casos, milhões de pessoas aceitaram certos comportamentos como apropriados, o que ocorreu às custas de outros seres humanos. Ou, pelo menos, esse sempre foi o argumento na época. Mas acredito que, mesmo naquela época, as pessoas sabiam que estavam agindo de forma eticamente errada.

Hoje, há gangues em muitas de nossas grandes cidades que seguem o que acreditam ser um "código de ética". Mas, nesses casos, como em toda a história, não é de ética que estamos falando.

Essas situações ocorrem porque, às vezes, as pessoas buscam nos outros as diretrizes para basear seu comportamento ético. Em quase todos os casos, elas fazem isso porque é mais fácil do que se posicionar contra o que, em seu coração, sabem que é errado desde o início. A verdadeira ética é uma questão de coração. É reconhecer que, a cada ação que tomamos, estamos afetando os outros de alguma forma, e isso inclui o meio ambiente, as formas de vida não humanas; essencialmente, tudo o que temos para viver.

essencialmente, tudo com que temos de viver em harmonia no planeta. Ou, se você concordar com a ideia, até mesmo entidades sobre as quais nada sabemos e que também vivem nas estrelas.

Há uma crença de que, como ninguém sabe quando ou onde um observador remoto ou vidente penetra na realidade, não há motivos éticos para que não o façam. Isso está claramente errado. Para começar, as leis relativas à privacidade de uma pessoa existem no que diz respeito a uma escuta telefônica ou à consulta de seus arquivos particulares. Presumir que não há problema em invadir a privacidade de alguém porque se trata de telepatia e ainda não está especificamente definido na lei é um exagero. Embora possa levar algum tempo até que os tribunais decidam o que fazer com relação à telepatia, isso não nega a r e s p o n s a b i l i d a d e pessoal de ninguém em defender o que foi eticamente planejado pela Constituição. Até mesmo meu editor sugeriu que, até que uma lei seja escrita, o melhor que alguém pode fazer é "simpatizar". Eu discordo. O mínimo que alguém deve fazer é reconhecer a intenção e o espírito da lei e depois segui-la.

Os itens a seguir não pretendem ser "regras éticas de comportamento" para visualizadores remotos ou médiuns, mas são sugeridos como uma linha de comportamento mínimo ou, pelo menos, um ponto de partida para discussão.

Privacidade

Eu sugeriria que, quando se trata de visão remota ou comportamento psíquico, existem as mesmas regras de privacidade em relação aos indivíduos que existem em qualquer outro caso. Não é ético bisbilhotar, olhar, invadir ou violar de alguma forma a privacidade pessoal de um indivíduo, exceto nos momentos e nas formas permitidas por lei. Se os pais me procurarem e pedirem que eu encontre seu filho ou filha, e o filho ou filha for maior d e idade, posso fazer apenas o que os pais pediriam a um detetive particular ou policial para fazer: tentar localizar o filho ou filha e depois tentar transmitir uma mensagem de preocupação

dos pais para eles. Não posso fornecer a localização diretamente aos pais, pois isso seria uma violação da privacidade do filho ou da filha. Talvez o filho ou a filha não queira ser encontrado.

É claro que para todos os casos há exceções. Talvez haja motivos para acreditar que o filho ou a filha esteja em apuros, ou que sofra de problemas mentais, ou qualquer outra coisa. Esses são sempre julgamentos éticos ou campos minados. Seja qual for o seu ponto de vista, os direitos do indivíduo devem ser mantidos acima de todos os outros fatores.

Os criminosos também têm direitos. Entretanto, as coisas realmente começam a ficar complicadas aqui. Se invadir a casa de um criminoso ajuda a lei a localizá-lo, isso é ético? Não há mandado. Que eu saiba, isso ainda não foi abordado pelos tribunais, mas é claro que deveria. A maioria dos médiuns tenta fornecer pistas externas à casa ou ao carro do criminoso, algo que pode ser visto pelo público em geral de qualquer forma, como indicadores de localização. E quanto à motivação de um criminoso?

Não acho que um observador remoto ou vidente faça nada além do que um bom traçador de perfis criminais faz: dar o melhor palpite com base em detalhes percebidos e desconectados.

E quanto às ideias?

Vivemos em um mundo em que, cada vez mais, as ideias são consideradas de extremo valor. Novas misturas químicas, processos metalúrgicos (especialmente no setor de computadores ou chips eletrônicos, em que um processo que reduz o isolante em um mícron tem significado) e até mesmo declarações de moda geram lucros enormes. Estamos falando agora do estágio da ideia, onde a criatividade está ocorrendo. E quanto à ética de roubar essa propriedade?

Minha opinião é que a linha divisória aqui não é clara. Em primeiro lugar, presumo automaticamente que todos os processos criativos sejam nada mais do que visão remota ou funcionamento psíquico em qualquer caso. (Lembre-se de como sugeri que eventualmente

A resposta é conhecida de qualquer maneira, e talvez seja então que a enviamos para nós mesmos no passado?) Parece-me que, se eventualmente soubermos de algo porque ele acabará existindo, não é de surpreender que possamos percebê-lo de alguma forma psíquica antes que ele realmente exista. Já há evidências claras de que a maioria das coisas novas que surgem é rapidamente seguida por produtos semelhantes. Há uma tendência de acreditar que as semelhanças são muito sincrônicas para terem sido criadas independentemente, mas acho que essa seria uma suposição incorreta. Sabendo o que sei sobre visão remota, prefiro acreditar que as ideias, assim como as plantas, se propagam repentinamente em várias estufas. Portanto, a linha divisória está em algum lugar entre a ideia e a criação real. Se não pudermos dizer onde essa linha realmente se encontra, teremos que procurar outro indicador para responder ao nosso dilema ético, que, em minha opinião, seria a motivação por trás daqueles que buscam o novo produto.

Visar um indivíduo ou uma empresa para coletar ideias que você possa usar primeiro não é ética nem moralmente responsável. Alguns cortadores de cabelo diriam: "Ei, se eles querem reivindicar uma ideia, eles têm que apresentá-la primeiro. Estamos apenas cortando-a no meio do caminho". Desculpe, mas, na minha opinião, isso ainda é espionagem industrial. Se a sua intenção ou motivação original é "roubar" ou "pegar" a ideia na qual outra pessoa já está trabalhando, então você é eticamente deficiente.

Nos Estados Unidos, a espionagem industrial é considerada ilegal. A propaganda para usar a visão remota na espionagem industrial deve ser punida de acordo com as mesmas leis que estão em vigor atualmente em relação a outras formas de roubo industrial ou invasão de propriedade.

Está claro que alguns médiuns querem ter seu bolo e seu sorvete também. Eles operam sob a ideia de que "já que oficialmente ninguém quer admitir que a visão remota ou o funcionamento psíquico é real ou que funciona, dificilmente poderão me levar ao tribunal e me acusar de roubo por usá-lo". Na

Por outro lado, se eles me levarem ao tribunal e puderem provar que é real, eles basicamente reforçaram minhas alegações sobre o que posso fazer com ela, o que equivale a mais negócios a um preço mais alto." Isso se torna uma espécie de vitória/vitória para o médium.

Entretanto, tanto do ponto de vista moral quanto ético, o médium ou o visualizador remoto que assume essa posição está claramente errado.

Se, por outro lado, a sua motivação for simplesmente o lucro e você estiver buscando informações para apoiar uma ideia que possa ter e usar um visualizador remoto para obtê-las - dos éteres, se preferir - então que seja. Se surgir uma discussão, terá que ser uma questão de advogado de patentes. Ninguém reconhece de onde vêm as ideias. Suspeito que a origem das ideias esteja, na verdade, na cabeça da pessoa que as concebe. O fato de usar a visão remota ou apenas pensar não é relevante. Se você realmente compreende a visão remota ou o funcionamento psíquico, entende que é praticamente a mesma coisa.

Lucro, ganância e ego

Muitos acreditam que a habilidade psíquica e a visão remota são dons de Deus e, portanto, não devem ser usadas para fins lucrativos, para apoiar a ganância ou o engrandecimento pessoal. Se você tentar usá-la dessa forma, ela não funcionará ou você fracassará. Tenho uma triste notícia para você, caso acredite que isso seja verdade. Infelizmente, não é.

Não vi absolutamente nenhuma evidência de que a moralidade ou o comportamento ético de uma pessoa medeie o talento de alguma forma. Certamente há muitos motivos pelos quais essas atitudes podem atrapalhar, mas, em minha opinião, são questões técnicas e não têm nada a ver com a pessoa envolvida. Uma pessoa moralmente corrupta pode ser tão boa no trabalho quanto uma pessoa que não o seja.

Acho que essa crença, na verdade, nasce de uma esperança e de um desejo de que o mundo seja melhor.

desejo de que seja assim. Muitos de nós aprendemos que, quando as pessoas fazem coisas ruins, elas são pegas e sofrem por isso. Talvez, psicologicamente, como algumas pessoas não conseguem ver nenhuma maneira de alguém ser responsabilizado por suas ações como vidente ou observador remoto, exceto aos olhos de Deus, elas têm dificuldade em imaginar por que Deus permitiria que elas usassem isso para o mal ou para coisas ruins.

Às vezes, o próprio ato de ser vidente é visto como obra do demônio. Afinal de contas, se é um "conhecimento semelhante ao de Deus", e somente Deus pode ter isso, então tem de ser inspirado pelo demônio. Todos esses pontos de vista, é claro, são motivados por fervor religioso ou fanatismo, dependendo de seu ponto de vista.

Do meu ponto de vista, a capacidade de ser vidente ou de fazer visão remota é puramente baseada no talento inato, na quantidade de exercício ou prática que você teve ao longo da vida e na aplicação adequada da técnica e do protocolo - nada disso tem a ver com a ética de uma pessoa. A parte da ética é nossa obrigação aplicar a nós mesmos.

Tecnicamente, muitas dessas coisas podem ser percebidas como pertinentes à visualização eficaz, simplesmente porque elas orientam o sistema de crenças das pessoas que participam do ato. Quando você entende isso, o mistério que envolve pessoas más, egos fora de controle e como eles podem afetar o desempenho psíquico se dissipa rapidamente.

Outras éticas na visão remota

Outras questões éticas que envolvem o tema da visão remota são ainda menos claras. Elas têm a ver com "quando" as informações devem ser usadas.

No passado, falei sobre ocasiões em que alguns de meus colegas ficaram sabendo que eu nem sempre compartilhava todas as informações que poderia ter coletado durante uma visualização remota. Isso às vezes acontece, mesmo quando

não há nenhuma restrição ética óbvia. Por que eu não compartilharia informações, especialmente quando solicitado pelas próprias pessoas que serão a f e t a d a s por elas?

A resposta não será uma surpresa para alguns. Como observador remoto com vinte e um anos de experiência, sei que, em muitos casos, por m e l h o r que eu me sinta em relação à informação que estou percebendo, não há como saber com antecedência se ela é absolutamente real ou precisa.

Lembre-se, ser vidente é uma faca de dois gumes. Eu não apenas recebo informações de interesse, mas geralmente tenho alguma percepção do motivo pelo qual as informações são necessárias, mesmo quando não me d i z e m nada. Portanto, se eu perceber que será tomada uma medida que poderá prejudicar alguém porque a informação pode estar errada, eu simplesmente não a forneço.

Digamos que eu produza informações que indiquem que alguém fez algo errado. Mas também sei que mesmo uma investigação subsequente, que pode provar que eles são inocentes, não desfará o que foi insinuado, por isso não f o r n e ç o as informações. Um bom exemplo seria achar que tenho informações suficientes da visão remota para indicar que alguém é pedófilo. A menos que já houvesse uma quantidade substancial de informações disponíveis por meio de outras fontes que indicassem o mesmo, ou que eu tivesse absoluta confiança de que as autoridades não usariam as informações de visão remota como única fonte de informações, eu não relataria as informações. Em nossa sociedade, apenas a acusação de algo assim pode ser devastadora para outro ser humano. Sabendo o que sei sobre visão remota, essa seria a última informação da qual eu dependeria para fazer tal acusação. Portanto, há momentos, independentemente da informação, em que você deve simplesmente calar a boca e ficar quieto.

É claro que, se você tem prestado atenção, deve estar pensando que ninguém deveria usar informações de visualização remota como única fonte para nada. Mas, em minha experiência, quando se trata de perseguição ao crime, é provável que eles usem as informações de visão como informações autônomas, geralmente para gerar novas pistas.

informações autônomas, geralmente para gerar novas pistas. Isso pode ser aceitável se abrir novos caminhos de informação que possam ser abordados com técnicas convencionais de aplicação da lei - e desde que não prejudique outro ser humano.

Outro exemplo de práticas éticas ruins são as "Psychic Hot Lines". Eu sei que isso provavelmente vai irritar muita gente, mas me ouça.

Tenho certeza de que há vários médiuns muito bons que participam de forma muito ética das linhas diretas de médiuns. Entretanto, essa não é a razão pela qual elas foram criadas. É preciso dar uma olhada nas letras miúdas. Os hot lines psíquicos são criados para fins de entretenimento. Elas não foram criadas para dar conselhos críticos e precisos a pessoas que estão sofrendo, procurando o próximo emprego ou que precisam urgentemente de ajuda séria. Aqueles que dizem que são, estão se iludindo. Há muitos exemplos de declarações antiéticas em torno das linhas diretas de médiuns, provavelmente em excesso. "Ele/ela está traindo você." "Seu mapa corporal emocional está preparando-o para uma doença grave." "Você precisa vender sua casa e se mudar." Esses tipos de afirmações, quer o médium acredite que sejam verdadeiras ou não, são inaceitáveis. O melhor dos melhores no mundo psíquico não tem nem de longe o tipo de precisão que seria necessário para aconselhar alguém cegamente a vender uma casa ou cortar um relacionamento.

E quanto aos médiuns e visualizadores remotos *sérios*? Sou um visualizador remoto muito sério e jamais daria esse tipo de conselho a alguém, por qualquer motivo. Nesse ramo, você precisa presumir que o motivo pelo qual alguém está lhe perguntando algo é porque, em primeiro lugar, ele o leva a sério. É uma responsabilidade incrível que não deve ser tomada de ânimo leve. Deve-se dedicar muito tempo e reflexão às linhas éticas que você traça em torno de si mesmo como vidente ou observador remoto. Se elas forem traçadas corretamente, você estará optando por não compartilhar, mais do que compartilhando.

Um último comentário é necessário com relação ao comportamento ético.

No treinamento de visão remota, há muitas técnicas de treinamento que não se concentram no impacto filosófico ou teológico para o espectador. Como a crença tem um efeito tão forte sobre o resultado desse treinamento e, inversamente, o treinamento tem um efeito tão forte sobre a crença, não abordar esse impacto ou não prestar atenção às mudanças que estão ocorrendo no aluno, deixando-o, na verdade, cuidar de si mesmo, é, em minha opinião, um comportamento antiético.

Ética que afeta a visão remota

Várias outras áreas afetam diretamente a visão remota e precisam ser discutidas, pelo menos em termos de ética e/ou comportamento ético.

Mídia.

O Projeto STARGATE foi encerrado em novembro de 1995. Desde então, interagi com dezenas de produtoras de televisão, vários redatores de jornais, revistas e livros, além de apresentadores de programas de rádio ao vivo e gravados. Gostaria de dizer que todos eles foram éticos na forma como abordaram o assunto sério, ou a mim, ou a outras pessoas ligadas à visão remota ou à sua pesquisa. Na verdade, poucos foram.

Muitos dos programas que buscavam filmagens estavam apenas vagamente disfarçados de noticiários, quando sua própria existência é apenas para fins de entretenimento. Em alguns casos, eles fizeram todo o possível para sensacionalizar ou banalizar a verdade para criar uma história melhor.

Algumas empresas orientadas para as notícias gastaram pouco tempo buscando um equilíbrio adequado ao apresentar os fatos; em vez disso, escolheram quem quer que fosse que conseguissem que aparecesse na câmera, independentemente de seu nível de interesse, grau de especialização ou conexão anterior com o assunto.

Muitos na mídia assumiram automaticamente uma atitude

de ridículo muito antes de fazerem suas primeiras entrevistas, tirarem o primeiro pedaço de filme ou fazerem a primeira pergunta de entrevista.

Não me surpreende que muitos nos Estados Unidos, ou em qualquer outro lugar, não saibam o que é ética apropriada. Isso pode parecer uma crítica mais severa do que o necessário, mas não é. Em minha experiência, aqueles que estavam claramente operando com altos padrões éticos eram a menor porcentagem. Pelo menos havia um número suficiente deles para inspirar esperança no setor.

Internet.

Nos Estados Unidos, todos que têm dinheiro para comprar um computador podem ter acesso à Internet. O número de usuários da Internet somente nos Estados Unidos ultrapassou vinte e três milhões. No entanto, é preciso lembrar que o segundo maior país é o Canadá, com apenas 1,75 milhão de usuários de Internet.

À primeira vista, isso parece ótimo. Bem, tenho uma novidade para você: o sistema da Internet é a maior fonte de informações desencontradas disponível para o público atualmente.

Basicamente, não há regras para operar n a Internet. Fora a venda ou a propaganda de medicamentos ou outras substâncias controladas, na rede, você pode d i z e r praticamente tudo o que quiser, pois está protegido pelo seu direito à liberdade de expressão. A Internet é como colocar uma caixa de sabão no parque.

Não há nada de errado nisso, exceto pelo fato de que muitas pessoas que operam na Internet não têm absolutamente nenhum padrão ético. São feitas afirmações e declarações que não têm base em fatos. Elas são projetadas especificamente por vários motivos, mas a verdade não é um d e l e s .

Obviamente, nada será feito em um futuro próximo para corrigir esse problema, e talvez não devesse ser feito. Portanto, sugiro enfaticamente que, se você procurar fatos ou verdades sobre visão remota na Internet, aceite tudo o que encontrar com um grande grão de sal.

que encontrar com um grande grão de sal ou se dê ao trabalho de verificar. Retirar informações diretamente da rede e tentar usá-las só aumentará a confusão.

Capítulo Treze

Recomendações sobre treinamento

Há vinte e um anos venho dizendo a mesma coisa sobre treinamento - não se pode ensinar alguém a ser vidente.

Infelizmente, isso tem sido interpretado de muitas maneiras diferentes, a maioria fora de contexto e, em muitos casos, com más intenções - para desacreditar de alguma forma. Quando digo isso, geralmente o faço dentro do contexto da pergunta.

"Posso aprender a fazer isso?"

O "isso" que está sendo sugerido refere-se a um exemplo específico de visão remota que acabou de ser visto - o que eu chamaria de um resultado de classe mundial.

É claro que a porcentagem do que eu chamaria de visão remota de classe mundial é muito pequena, ou pelo menos tem sido assim comigo. "Bem-sucedido" sempre foi um termo relativo. Estatisticamente, posso dizer enfaticamente que quase todos os cientistas que estudaram a visão remota concordam que, mesmo após algum tipo de treinamento, o número de visualizadores remotos de classe mundial (classe mundial, nesse caso, significa visualizadores que podem desafiar sistemática e consistentemente os resultados do acaso em estudos controlados em um laboratório) provavelmente fica em torno de metade de um por cento de qualquer grupo de pessoas testadas aleatoriamente, ou cerca de uma pessoa em duzentas.

Acho que a confusão está em algum lugar entre essa realidade e o fato de que praticamente todas as pessoas que já entraram em um laboratório e foram testadas demonstram algum grau de capacidade de visão remota, uma afirmação aparentemente contraditória. De fato, ambas as afirmações são verdadeiras. Juntando as duas afirmações, deveríamos ler: "Qualquer pessoa pode ter visão remota; apenas cerca de metade de um por cento consegue fazer isso muito bem." O treinamento faz diferença entre apenas ser capaz de fazer isso e fazer isso muito bem? Sim, provavelmente um pouco, mas não o suficiente para empurre você de um extremo a outro da escala.

Na verdade, essa é uma notícia muito animadora. Isso significa que não há nada sobre visão remota que você não possa obter com uma quantidade razoável de esforço e diligência, e você provavelmente pode obtê-lo de praticamente qualquer pessoa que siga o protocolo e o incentive a praticar, mesmo que seja apenas você mesmo que esteja incentivando. Não há segredos além da maioria dos compartilhados entre estas capas. Você também poderá saber se será bom nisso desde o início.

Sei que essa notícia será desconfortável para algumas pessoas, porque elas podem ter sido levadas a acreditar em algo diferente, mas esses são os fatos, pelo menos como eu os entendo.

Sempre recomendei enfaticamente que, quando se trata de treinar ou aprender sobre visão remota, você deve definir seu próprio curso e prosseguir com vigor. Sugeri que não há realmente nenhum grande mistério em dominá-la, pois ela exige prática mais do que qualquer outra coisa. Como ela é predominantemente orientada pelo talento, assim como a habilidade atlética ou musical, exigirá treinamento do ponto de vista da repetição mais do que qualquer outra coisa. Em outras palavras, siga os protocolos e pratique, pratique, pratique.

Além deste livro, outras fontes de material estão diretamente relacionadas ao aprendizado da visualização remota. Algumas delas se relacionam diretamente e outras menos diretamente. Há também metas que você pode razoavelmente esperar alcançar, bem como metas que a maioria provavelmente nunca alcançará. Posso sugerir

como você poderá avaliar seu progresso e, francamente, quando provavelmente deverá desistir.

É claro que você não precisa acreditar em nada disso, mas pode esperar economizar muito dinheiro, esforço e tempo se acreditar. O importante é lembrar que só você pode avaliar a eficácia do que está fazendo e só você pode determinar quando já deu o suficiente em termos de esforço, dinheiro ou tempo. Lembre-se: pense na visão remota como uma arte marcial. Ela é um m e i o , e não um fim em si mesma.

Expectativas razoáveis

Para quase todas as pessoas que não têm conhecimento prévio sobre visão remota, é possível estabelecer algumas expectativas razoáveis sobre o aprendizado. A sua posição em relação a essas expectativas depende exclusivamente do talento inato que você possui quando entra pela porta. Ninguém pode f a z e r ideia do nível de talento que alguém pode ter antes de testá-lo de fato, mas, assim como os atletas, não é preciso muito para saber se você se sairá bem ou não em um esporte ou atividade específica. Um dos aspectos positivos desse esporte é que ele não é como o basquete ou o futebol. O tamanho não importa e, mesmo que você não seja um astro, pode se divertir com e l e .

Quase sem exceção, qualquer pessoa exposta à visão remota pela primeira vez será capaz de gerar o que é considerado gestalts principais. Isso significa que, depois de entender o que se espera dela, ela deverá, de tempos em tempos, ser capaz de distinguir ilhas, montanhas, desertos, cidades ou outras características geográficas importantes. Inicialmente, eles serão capazes de fazer isso em cerca de 25% das vezes. Aqueles que parecem ser bons nisso - têm talento demonstrável - provavelmente aumentarão sua capacidade para cerca de 50% após exposição e prática suficientes. É impossível estimar quanto tempo levará para chegar ao ponto de cinquenta por cento, pois cada pessoa

têm diferentes graus de foco, participação e prática. Mas eu planejaria meses.

Durante esse período de tempo, é possível que haja pedaços de outros estágios, o que se refletirá nos resultados. Você deve ter em mente que reflexões esporádicas de mais detalhes sobre alvos específicos não garantem necessariamente que alguém tenha um grande talento inerente. A maioria das pessoas expostas à visão remota produzirá fragmentos mais sofisticados de informações sobre um alvo, como valores sensoriais como tato, paladar, som, cor, bem como características dimensionais, percepções mentais ou sentimentos sobre o local. A pessoa comum pode até fornecer declarações sobre um objeto ou função específica no local de destino.

O que é bom nisso é que quase qualquer pessoa pode fazer isso desde o início. As concepções errôneas se concentram na frequência ou na confiabilidade com que alguém pode fornecer as formas mais sofisticadas de dados. Esse tipo de detalhe não acontece com muita frequência com uma pessoa comum e, acredite, também não será muito confiável.

Atualmente, muitos estão sendo expostos à visualização remota por meio de sistemas de treinamento que enfatizam esse nível de realização e fornecem uma estrutura na qual ela pode ser exibida. O problema é que isso é o melhor que a maioria jamais conseguirá. Atualmente, recebo dezenas de telefonemas semanais de pessoas que me perguntam o que estão fazendo de errado. Elas fizeram um ou outro curso de treinamento, mas parecem não conseguir se estabelecer em um produto de visualização de alta qualidade ou consistente. Bem, adivinhe só? Você está no 95º percentil de qualquer grupo de humanos selecionados aleatoriamente.

A maioria dos sistemas de treinamento fornece uma estrutura dentro da qual as informações podem ser divididas em categorias reconhecíveis - desde a gestalt principal facilmente reconhecida até os detalhes mais sofisticados sobre um alvo, como objetos, descrições ou avaliações específicas. Esses sistemas de treinamento podem até fornecer uma abordagem disciplinada para reconhecer como e quando determinados níveis de entrada estão sendo

estão sendo processados. No entanto, o grau de detalhamento do alvo, a precisão e a consistência com que ele pode ser relatado ou o refinamento que a pessoa traz para a tarefa dependem puramente do talento inato da pessoa, ou seja, das habilidades perceptivas que ela traz para a mesa.

Para aqueles que se enquadram na metade de um por cento e têm muito talento, o treinamento pode ser útil para mostrar como analisar o material à medida que você o recebe. Até certo ponto, algumas formas de treinamento até oferecem uma abordagem disciplinada de como você pode processar o material que chega à sua cabeça. Entretanto, você pode esperar um caminho longo e difícil se quiser dominar a visão remota. Por ser talentoso, você terá mais acertos nas "especificidades ou detalhes" sobre os alvos, mas também pode esperar duas coisas. Em primeiro lugar, obter consistência e confiabilidade será uma batalha para toda a vida que você terá de travar dia após dia, alvo após alvo. É algo com o qual você nunca poderá relaxar. Segundo, além da consistência e da confiabilidade, sua habilidade provavelmente não melhorará, não importa o que você faça. Ao longo de suas carreiras, todos os espectadores excepcionais estudados nos laboratórios de ciências cognitivas do SRI International (SRI-I) e da Science Applications International Corporation (SAIC) produziram essencialmente uma linha quase plana em termos de habilidade. Surtos e picos independentes de sucesso aparecem de vez em quando durante um estudo de parâmetro focado ou restrito, mas no geral - ou seja, estatisticamente - os melhores visualizadores remotos não mudam. Eles são tão bons quando entram pela porta quanto são quando saem.

Como montar sua própria programação de treinamento

Não há mágica em montar seu próprio cronograma de treinamento e organizar seu próprio grupo de alvos, mas, por alguma razão, recebo cartas de pessoas o tempo todo perguntando se eu sei onde elas podem se conectar a um grupo de alvos ou participar de exercícios de visão remota.

em exercícios de visão remota. É um processo simples de explicar, mas terrivelmente difícil de realmente sentar e fazer. Ou, o que é ainda mais importante, de esquecer depois de tê-lo feito.

Na verdade, o problema tem mais a ver com o que se passa na mente depois que o conjunto de alvos foi montado. A maioria das pessoas descobre que não consegue deixar de se lembrar de muitos dos alvos que colocou no pool quando o estava construindo. Assim, quando chega a hora de fazer a visualização remota, suas mentes são inundadas com instantâneos de muitos dos alvos que sabem que estão no banco de dados. Nem mesmo a escolha aleatória de um alvo em uma piscina com cem possibilidades parece ajudar. A mente ainda tem a tendência de se encher com todos aqueles instantâneos maravilhosos e todas as coisas em que você pensou enquanto estava construindo seletivamente a piscina.

A única maneira de contornar isso é pedir a outras pessoas que construam a piscina para você e não permitir que elas lhe digam nada a respeito. Supondo que eles sigam as recomendações que apresentei anteriormente sobre o que é um bom alvo de treinamento, você pode reduzir a carga deles dizendo-lhes que façam apenas quatro ou cinco alvos de cada vez. Como outras pessoas estão realmente construindo o alvo para você e você não sabe o que elas selecionaram, o conjunto não precisa ser muito grande. Se não tiver ninguém para ajudá-lo, você estará praticamente preso à construção de um pool substancial ou à possibilidade de encontrar alguém pela Internet ou pelo correio que esteja disposto a compartilhar um pool com você.

Algumas pessoas se perguntam por que alguns de nós, espectadores remotos, não compartilhamos nossos conjuntos de alvos com outras pessoas. Isso se deve ao fato de que é preciso muito tempo e esforço para construir um bom conjunto de alvos de prática. Venho construindo meu conjunto de alvos que uso para praticar há cerca de dez anos. A maioria dos alvos que selecionei foi fotografada por mim mesmo ou obtida por meio de milhares de fotografias livres de direitos autorais disponíveis em fontes comerciais. A maioria dessas fotografias foi cortada adequadamente, materiais estranhos foram removidos, etc. Cheguei ao ponto de apagar pessoas e objetos não conectados

do primeiro plano para não ter nenhuma distração. Eu levo a piscina de prática muito a sério. Isso deve dar uma grande dica de como você deve levar a sério a criação de uma piscina para si mesmo. Se você quer mesmo ensinar algo a si mesmo, deve estar disposto a gastar a quantidade adequada de energia e esforço para reunir as ferramentas certas. *A principal ferramenta para um visualizador remoto é a piscina de prática.*

Em seguida, é importante garantir que você tenha reservado um horário e um local bem específicos para fazer sua sessão de prática. Os requisitos mínimos são:

1. Usar sempre o mesmo local, se possível, pelo menos durante o treinamento.

2. Tente fixar um horário específico que permaneça constante. Se você trabalha, talvez seja às 7h ou às 21h de uma terça ou quinta-feira, pouco antes de sair para o trabalho (se você for uma pessoa matutina) ou depois de chegar em casa e terminar o jantar ou o resto de suas tarefas. Também pode ser nos fins de semana se você não puder d e s l i g a r o trabalho depois de chegar em casa. Os aposentados ou não podem planejar um horário no meio do dia. Ele deve ser centrado em um período em que você sabe que tem boa energia e que nada interromperá o que estiver fazendo.

3. Desligue o telefone, leve o gato e o cachorro para fora, cubra o pássaro, feche a porta e p e n d u r e uma placa de "não p e r t u r b e ". Sua mente precisa estar centrada e focada para aprender.

4. Mantenha um caderno e use-o para tudo o que você não quer esquecer ou que possa parecer importante para você. Lembre-se: se você pensou, é importante.

5. Preste atenção especial aos detalhes. Você deve ser capaz de diferenciar entre os tipos de informação e os detalhes.

A percepção que você está processando: gestos, imagens, sons, sensações, sabores, cores, dimensões, percepções, detalhes, ações, avaliações e conclusões. Tente se concentrar naquelas com as quais você parece não se dar muito bem. Suponha que aqueles com os quais você se dá bem rotineiramente cuidarão de si mesmos.

6. Trabalhe nisso por não mais que quinze minutos. O que você conseguir em quinze minutos é provavelmente tudo o que conseguirá, inicialmente. Mais tarde, quando você puder demonstrar a capacidade de obter os principais gestalts de maneira bastante consistente, aumente o tempo para levar em consideração outros elementos mais detalhados que possam ser pertinentes ao alvo.

7. Sempre escolha seu alvo aleatoriamente e sempre o trabalhe como um alvo cego. (Já mencionei todos os motivos pelos quais isso é necessário).

A maioria de vocês descobrirá que pode fazer um trabalho muito bom com a visão geral do alvo, mas sempre terá dificuldade com os detalhes. Por algum motivo, você não conseguirá acertar os detalhes, exceto de vez em quando. Não tem problema. Bem-vindo ao 95º percentil. Se você conseguir sair razoavelmente bem com consistência nos principais gestos do alvo, com alguns detalhes sobre a cor ou a dimensão do alvo de vez em quando, independentemente do que alguém lhe disser, você está se saindo bem.

Como avaliar seus próprios resultados

É nesse ponto que é muito mais divertido trabalhar com outras pessoas: Você tem alguém com quem compartilhar seus "sucessos". Isso pode ser muito empolgante e ajuda a dar a você o impulso para continuar. Quando você trabalha sozinho, é muito mais difícil manter o ritmo.

Os resultados realmente falam por si. O que você encontra na maioria dos casos são platôs bem reconhecíveis. Esses são como locais de repouso, onde, depois de ter melhorado muito, você se vê subitamente preso. Não se preocupe com isso. É normal e natural. Esses platôs podem durar semanas ou meses. Isso significa uma de duas coisas:

1. Você atingiu seu nível de talento natural e, nesse caso, pode continuar tentando aumentar sua consistência e confiabilidade nesse nível. Como a maioria das coisas na RV, essa não é uma regra fixa.
   Às vezes, depois de uma longa seca no progresso, você verá de repente uma melhora significativa. Será como se, de alguma forma, um bloqueio tivesse sido desbloqueado. Se isso acontecer, ótimo, então você está no. . .

2. ... um verdadeiro platô e, por fim, você passará para o próximo. Você nunca sabe de antemão quantos platôs poderá encontrar, onde seu nível de talento poderá levá-lo ou quanto tempo levará para chegar lá. É sempre uma surpresa. Cuidado com os sistemas de treinamento que lhe dão garantias. Se eles disserem que podem garantir que você será proficiente em um nível específico acima da gestalt geral, eu questionaria.

Saber quando desistir

Essa é provavelmente a pergunta mais fácil de responder. Você desiste quando não está mais se divertindo. A visualização remota deve ser divertida, mesmo quando não se está aprendendo nada. É divertido encontrar-se com outras pessoas que gostam do assunto, é divertido estar com outras pessoas que o praticam e é divertido tentar usá-lo em treinamentos e aplicações. Se estiver ficando frustrado, irritado, deprimido, preocupado, chateado, ansioso ou com qualquer outro sentimento perturbador em relação a isso, então é hora de parar. Se

Se você se pega discutindo com outras pessoas sobre o que está fazendo, é hora de desistir. Se você tem medo de fracassar, é hora de desistir. Se você não consegue ficar satisfeito com o grau de presente que recebeu ao entrar na empresa, é hora de desistir.

Uma das principais informações que você deveria ter obtido nesse livro é o conhecimento de que cada pessoa opera em uma capacidade diferente e em um nível diferente. Você pode aperfeiçoar sua compreensão da visualização remota a ponto de realmente dominar o nível de visualização remota em que você opera pessoalmente. Até mesmo operar no nível de gestalt principal pode lhe trazer informações com as quais você nunca sonhou. Empregada em um sentido criativo, ela pode abrir portas que antes estavam fechadas para você. Se começar a brigar consigo mesmo por causa disso, só estará causando danos.

Como eu mesmo não ensino visão remota, já me pediram muitas vezes ao longo dos anos que recomendasse alguém que ensinasse. Recomendo que você ensine a si mesmo. Acredito sinceramente que isso é apropriado porque acredito que a percepção individual é mais uma questão de desaprender do que de aprender. O segredo do jogo é descobrir seus próprios maus hábitos, pelo menos no que diz respeito ao processamento interno, e erradicá-los. Aprender como fazer isso com outra pessoa só pode dificultar esse processo. Você adquire novos hábitos ao longo do caminho.

Dito isso, se você ainda precisar de alguém para guiá-lo ao longo do caminho, há duas recomendações que eu faria, e as informações de contato de ambas podem ser encontradas na Internet.

1. Paul Smith. Remote Viewing Instructional Services (RVIS) (Serviços de Instrução de Visualização Remota)
2. Lyn Buchanan. Problems, Solutions, and Innovations (PSI) (Problemas, Soluções e Inovações)

Nenhuma recomendação deve ser vista como um julgamento sobre qualquer outra instalação de treinamento, escritório, empresa ou pessoa. Tampouco deve ser interpretada como se não existissem outros. Só recomendo esses dois porque conheço os dois pessoalmente

tenho uma compreensão mais clara de como e por que eles treinam de uma maneira específica e sei que estão abertos a mudanças, melhorias e aprendizado contínuo no campo da visão remota, ou pelo menos espero que estejam.

No que diz respeito à ciência da visão remota, eu recomendaria não confiar em absolutamente nenhuma informação que não tenha origem em um laboratório científico reconhecido ou que não tenha sido publicada em um periódico revisado por pares e devidamente referenciado. Até o momento, absolutamente nenhuma evidência sugere que o que pode ser aprendido sobre a visão remota exige a alteração das regras básicas da ciência.

Apêndice A

Glossário de termos

Há muitos termos associados à visão remota que se desenvolveram ao longo dos anos. Às vezes, é muito difícil manter o controle sobre eles. Alguns dos termos podem ser enganosos, como a própria "Visualização Remota", que implica em ver de fato um alvo quando talvez você não veja n a d a . Para ajudá-lo a entender, incluí esta lista de termos de visualização remota, que são minhas próprias percepções sobre o s i g n i f i c a d o dos diferentes termos.

Usei o termo "hipoteticamente" muitas vezes nesta lista de definições de termos. Os termos com os quais o usei são aqueles em que houve uma suposição e a verdade não foi estabelecida com relação a esse termo ou definição. Em outras palavras, o fato de alguém presumir que algo é verdadeiro não o torna automaticamente verdadeiro.

IMPACTO ESTÉTICO (AI): Uma abertura dramaticamente súbita e espontânea para informações sobre um alvo.

COGNIÇÃO ANÔMALA (AC): Termo usado pelo Laboratório de Ciências Cognitivas para definir a Percepção Extra Sensorial (PES).

APLICAÇÃO: uma aplicação de visão remota é a produção de informações por meio do uso de uma técnica ou método que se baseia em um protocolo testado.

SOBREPOSIÇÃO ANALÍTICA (AOL): Uma observação subjetiva de

informações de entrada feitas pelo visualizador remoto que podem ou não ser relevantes para o alvo real ou seu conteúdo.

APERTURA: ponto de vista do visualizador remoto que hipoteticamente indica uma orientação de percepção ampla ou estreita para o alvo e/ou seus detalhes.

VISUALIZAÇÃO REMOTA ASSOCIATIVA (ARV): Uso de uma metodologia de direcionamento que permite que o visualizador remoto opere em um nível distante do alvo real, a fim de abordar perguntas do tipo escolha forçada (sim/não, ir/parar, investir/não investir etc.).

PRESSUPOSIÇÃO: conclusão baseada em informações insuficientes ou incompletas. As suposições quase sempre estão erradas, em parte ou no todo.

MIRA CEGA: Focar o visualizador remoto em um alvo para o qual o visualizador remoto está totalmente cego e para o qual não há preparação prévia ou outra preparação. (Observação: isso inclui que qualquer outra pessoa que esteja participando da visualização remota t a m b é m esteja cega para o alvo, caso contrário, não se c o n s i d e r a que o visualizador remoto esteja realmente cego para o alvo).

CENTRADO: Ponto ou local de equilíbrio em seus pensamentos. Em um sentido zen, um lugar sem pensamentos ou com pensamentos vazios.

LEITURA FRIA: Interação direta entre um médium e um indivíduo, em que o médium determina informações pertinentes ao indivíduo por outros meios que não os paranormais (por exemplo, lendo reações corporais - neurolinguística).

CONCLUSÃO: Um julgamento fundamentado. Infelizmente, algumas vezes baseado em suposições imprecisas ou incompletas.

CONSCIENTE (Mente): Uma percepção ou observação que é reconhecida e vivenciada. Um conhecimento aceito, verdadeiro ou não, que nos ancora no mundo material e na experiência.

VISUALIZAÇÃO REMOTA COORDENADA (CRV): Forma de visualização remota
forma de visualização remota usada pelos visualizadores remotos há muitos anos, que implicava em solicitar ao visualizador remoto coordenadas geográficas específicas para um local-alvo específico.

COORDENADAS: qualquer conjunto alfanumérico usado para distinguir a identidade de um alvo de outro. (Observação: não implica necessariamente em localização geográfica).

DEBUNKER: Geralmente, um indivíduo de mente fechada que ataca o que não entende ou teme, geralmente sob o pretexto de ceticismo ou com a intenção de provar uma fraude, mesmo que ela não e x i s t a .

EGO: Parte organizada da consciência de uma pessoa que tenta controlar o que será aceito como real, como resultado da interação entre a percepção da pessoa e o que ela acredita ser a realidade.

IMPACTO EMOCIONAL: Percepção súbita ou espontânea do conteúdo emocional humano pertinente ao alvo.

FEEDBACK: respostas corretas do alvo dadas ao espectador depois que a sessão de visualização remota foi encerrada e o alvo não será revisitado.

RESPOSTA **LIVRE**: geralmente se refere aos dados fornecidos por sujeitos que participam de experiências de visão remota ou ganzfeld, em que a resposta do sujeito não é controlada, mas pode ocorrer espontaneamente.

GESTALT: percepção geral ou grosseira de um alvo que pode conter uma noção significativa do que é o alvo, conter padrões ou outros pontos em comum predominantes no alvo, mas fornece elementos insuficientes para permitir uma determinação maior sobre o alvo.

IDEOGRAMA: Uma marca reflexiva em um papel, hipoteticamente feita como resultado do impacto de uma linha de sinal no sistema nervoso autônomo de uma pessoa. (Observação: esse é um elemento essencial de crença ou base para o método CRV de Visualização Remota).

MEDITAÇÃO: contemplação ou reflexão mental com um objetivo pretendido ou resultado esperado.

MÉTODO: Um método (metodologia) é um procedimento sistemático ou modo de investigação empregado por uma disciplina ou arte específica, ou próprio dela. Na visualização remota, esses métodos são sempre aplicados dentro da estrutura de um protocolo.

MONITOR: Pessoa que auxilia o espectador em uma sessão de visão remota. O monitor fornece ao visualizador o material-alvo apropriado, registra as informações da sessão de visualização remota e ajuda o visualizador a permanecer dentro dos limites do protocolo. (Observação: o monitor está sempre tão cego para o alvo quanto o espectador deveria estar).

RUÍDO: Várias formas de sobreposição que são percebidas como possíveis interferências nas informações que estão sendo processadas pelo visualizador remoto.

RV OPERACIONAL: Trata-se de uma visualização remota aplicada diretamente como um aplicativo e que não é usada para prática, demonstração ou estudo científico.

OUTBOUNDER: Pessoa que atua como um sinalizador de alvo ao visitar um local-alvo durante uma sessão de visualização remota. (Observação: isso hipoteticamente faz com que o visualizador remoto se concentre no local-alvo específico de interesse).

PERCEPÇÕES: Informações sobre o alvo que o visualizador remoto adquire e que podem ou não estar corretas sobre o alvo.

PRECOGNIÇÃO: produção de informações sobre um alvo antes que essas informações existam de fato no tempo/espaço (por exemplo, descrever um evento antes que ele realmente aconteça).

PROTOCOLO: um protocolo de visualização remota é um plano detalhado de um experimento científico, tratamento ou procedimento. É a primeira etapa do projeto de um aplicativo.

PSÍQUICO: pessoa sensível a percepções ou entendimentos que não estão disponíveis por meios comuns.

FUNCIONAMENTO PSÍQUICO: coleta e produção de informações sem o uso dos sentidos físicos.

VISUALIZADOR REMOTO: Pessoa que pode demonstrar a aquisição de informações por meio do uso de visão remota enquanto opera sob controles científicos apropriados.

VISÃO REMOTA: A capacidade de acessar e fornecer informações precisas por meios psíquicos sobre uma pessoa, um lugar, um objeto ou um evento que é inacessível por qualquer meio normalmente aceito, independentemente da distância, da proteção ou do tempo. (Observação: o termo foi originalmente cunhado por pesquisadores do SRI International no início da década de 1970).

SESSÃO DE VISÃO REMOTA (FORMAL): período específico de tempo durante o qual o c o r r e uma visão remota de fato.
Deve sempre ter um horário de início registrado e, se possível, o visualizador deve ser informado com antecedência sobre esse horário.

Também tem um horário de término específico, após o qual todos os registros são selados e ninguém acrescenta mais informações aos dados da visualização remota.

SESSÃO DE VISUALIZAÇÃO REMOTA (INFORMAL): pode ser uma sessão de
sessão de prática ou outra visualização remota que seja totalmente controlada pelo visualizador remoto em termos de tempo. Embora o horário de início/fim possa ser aberto e dependa do visualizador, ele não deve ter nenhum feedback ou conhecimento do alvo até que a sessão tenha sido formalmente encerrada.

RV'DO: o modo de visualização remota, ou a arte marcial da visualização remota.

SCRYING: Uso de uma superfície reflexiva ou semirreflexiva para "ver" informações paranormais. (por exemplo, olhar para uma bola de cristal ou outra piscina reflexiva de superfície lisa). A pessoa, na verdade, não vê as coisas ali, mas isso proporciona um bom pano de fundo para o reconhecimento de projeções ou impressões mentais, mantendo os sentidos normais ocupados.

SENTIDO: Qualquer uso de uma faculdade normal, como ver, ouvir, cheirar, saborear ou tocar, como resultado direto de estímulos internos ou externos.

SINAL: informação hipoteticamente sendo transmitida do local, objeto, pessoa ou evento alvo em algum lugar no espaço/tempo.

LINHA DE SINAL: linha hipotética de comunicação que supostamente transporta as informações recebidas pelo visualizador remoto. A existência e/ou a origem de uma linha de sinal é, na verdade, desconhecida.

CÉTICO: doutrina saudável que afirma que o conhecimento verdadeiro ou o conhecimento em qualquer área específica sempre será incerto. Um cético sempre mantém um certo grau de questionamento ou dúvida.

SUBCONSCIENTE (Mente): Fora d a consciência. Parte da mente que possui informações das q u a i s a mente consciente não está ciente ou desperta. Hipoteticamente, o subconsciente é a parte da mente que contém as informações buscadas pela mente consciente durante a visão remota.

ALVO (SITE): O lugar, a pessoa, o objeto ou o evento, localizado em algum lugar específico no espaço/tempo, sobre o qual o visualizador remoto está tentando fornecer informações.

Apêndice B

O texto a seguir foi reimpresso com a permissão do autor, S. James P. Spottiswoode, Cognitive Sciences Laboratory, Palo Alto, Califórnia. Foi publicado originalmente no *The Journal of Scientific Exploration, Vol II, No. 2, 1997.*

ASSOCIAÇÃO APARENTE ENTRE O TAMANHO DO EFEITO EM EXPERIMENTOS DE COGNIÇÃO ANÔMALA DE RESPOSTA LIVRE E O HORÁRIO SIDERAL LOCAL

S. James P. Spottiswoode
Laboratório de Ciências Cognitivas, Palo Alto, CA 94301

Resumo

Nada se sabe sobre o mecanismo físico da cognição anômala (CA) ou ESP. Um primeiro passo para gerar hipóteses específicas seria a descoberta de um parâmetro físico que modulasse claramente o desempenho da CA. Neste artigo, é descrita uma associação entre o tempo real lateral local (LST) em que ocorre um teste e o tamanho do efeito resultante. Em um banco de dados existente de 1.468 tentativas de resposta livre, o tamanho do efeito aumentou 340% para tentativas dentro de 1 hora de 13,5 h LST *(p:0,001)*. Um banco de dados independente de 1.015 tentativas semelhantes foi obtido posteriormente, no qual as tentativas dentro de 1 hora de 13,5 h LST mostraram um aumento no tamanho do efeito de 450% *(p:0,05)*, confirmando o efeito. Possíveis artefatos devido à distribuição não uniforme de testes no horário do relógio e variações do tamanho do efeito com o experimento são discutidos e rejeitados como explicações. Supondo que algum viés sistemático desconhecido não seja

presente nos dados, parece que o desempenho do AC é fortemente dependente do LST no qual o teste ocorre. Essa é a evidência de uma conexão causal entre o desempenho e a orientação do receptor (ou seja, um termo para sujeito ou participante), a Terra e as estrelas fixas.

Introdução

Na última década de pesquisas sobre cognição anômala (CA), um novo termo para percepção extrassensorial ou PES, houve um progresso considerável no sentido de compreender os fatores experimentais necessários para garantir que o efeito seja observado. De fato, a questão da existência já pode ser razoavelmente respondida de forma positiva (Utts, 1996.) Em contrapartida, pouco se avançou na compreensão do mecanismo de transferência de informações em termos físicos. Atualmente, não há parâmetros físicos conhecidos que modifiquem de forma inequívoca o desempenho do CA, e a descoberta de tal variável seria o primeiro passo para elucidar os mecanismos físicos envolvidos.

Do ponto de vista da física, uma característica intrigante da cognição anômala é que não há evidências de que o desempenho diminua com a distância entre o receptor e o alvo em separações de até milhares de quilômetros (Puthoff e Targ, 1976; Dunne *et al.,* 1989). Mais problemático ainda, as evidências de AC pré-cognitiva são fortes e o desempenho nessa situação é comparável ao de protocolos em tempo real; Dunne *et al.* (1989) mostram que o tamanho do efeito em seu banco de dados é independente do intervalo entre a sessão de visualização remota e a definição do alvo em uma faixa de ±150 h. Recentemente, May *et al.* (1995) desenvolveram uma teoria que explica outra classe de experimentos psicológicos que envolvem tentativas de "influenciar" sistemas aleatórios, nos chamados experimentos micro-PK. Seu modelo propõe que os resultados desses experimentos se devem a um fraco canal de informações precognitivas, em oposição a uma interação do tipo força. Assim, ao procurar por

algum mecanismo subjacente que possa explicar todos esses dados, parece que a precognição é uma boa possibilidade: a noção engloba efeitos de micro-PK e resultados de CA precognitivos. Os dados de protocolos em tempo real também podem ser explicados pela precognição se for considerado que a fonte do sinal é a eventual observação da resposta correta.

Dadas essas propriedades do suposto portador físico responsável pela cognição anômala, não é óbvio onde se poderia procurar, entre a física conhecida, um modelo ou uma extensão da teoria fundamental que permitisse esses efeitos. Foi sugerido que as correlações não locais da mecânica quântica poderiam ser usadas para explicar a CA (Walker, 1975), mas o fato de essas correlações não permitirem a sinalização causal as exclui como mecanismo. Na busca de um modelo, o conhecimento de uma variável física que modificasse o desempenho do canal de CA seria extremamente útil.

Está fora do escopo deste documento analisar a pesquisa sobre moduladores físicos de CA, mas mencionaremos os dois mais predominantes na literatura. Há evidências fracas de que o desempenho é aprimorado pela filtragem de campos elétricos com gaiolas de Faraday (Tart, 1988) e que é melhorado durante os períodos em que o campo geomagnético está relativamente quiescente (Spottiswoode, 1993). Foi dada mais atenção a esse último efeito, mas a correlação da CA com as flutuações do campo geomagnético, se é que existe em dados de laboratório, é muito pequena. Por exemplo, na extensa coleção de testes examinados neste artigo, a correlação entre o índice geomagnético *ap* e o tamanho do efeito da CA é pequena (Spearman's *p:-0,05, n*:2.483, p;0,01), embora na direção hipotética. A possibilidade de que o desempenho seja afetado por um parâmetro de média global, como os índices geomagnéticos, sugere que pode ser proveitoso ampliar a busca por uma variável física que descreva o ambiente do receptor, como campos elétricos ou magnéticos, para uma escala maior.

Considere como os dados de cognição anômala poderiam ter sido abordados se, em vez de surgirem de um protocolo baseado nas ciências psicológicas, esses sinais tivessem aparecido como explosões esporádicas de informações de um experimento físico complexo. Nesse caso, o esforço para encontrar a fonte dos sinais não selecionados teria progredido de fontes locais de ruído para um exame da correlação entre o ruído e a atividade fora do laboratório. Uma técnica útil para conseguir isso seria examinar se o ruído esporádico estava correlacionado com o horário local, o que poderia indicar que as flutuações de energia, a vibração do solo ou outra atividade humana ligada ao horário local eram responsáveis. Caso contrário, seria natural verificar se o ruído estava correlacionado com o tempo sideral, indicando uma origem cósmica. Os pulsares foram de fato descobertos exatamente dessa maneira. Este artigo faz essa última pergunta sobre os dados de AC e, assim, dá um primeiro passo para abordar a questão de se o desempenho depende da orientação do receptor em relação ao fundo de estrelas fixas.

Os dados de cognição anômala

A busca por um possível correlato físico do funcionamento do CA requer um grande número de estudos prospectivos ou o exame retrospectivo de dados existentes que foram coletados por outros motivos. Como a coleta de ensaios de cognição anômala de alta qualidade consome tempo e é cara, há uma motivação para usar dados existentes sempre que possível. O autor já havia reunido um banco de dados de respostas livres para outra finalidade e um subconjunto desses dados era adequado para este estudo; a partir de agora, ele será chamado de conjunto de dados original. Esse conjunto de dados original incluía resultados de 22 estudos diferentes, que utilizavam a visualização remota ou o protocolo ganzfeld e cujos horários, datas e locais exatos das trilhas eram conhecidos. As 1.524 tentativas desses estudos foram coletadas em vários laboratórios por diferentes experimentadores nos últimos 20 anos e são mostradas na Tabela 1. A maioria desses estudos foi publicada em revistas revisadas por pares, conferências

procedimentos ou relatórios de laboratório. Deve-se enfatizar, no entanto, que essa coleção não esgota os experimentos de visualização remota e ganzfeld. Os critérios para inclusão no conjunto de dados original eram apenas que o laboratório fosse capaz de fornecer dados no nível do experimento com hora, local e pontuação, e que o experimento tivesse um design de resposta livre. O critério de resposta livre foi estabelecido para coletar dados com o maior tamanho de efeito possível e, assim, maximizar a eficiência da busca por um correlato físico. Deve-se observar que a divisão em estudos foi baseada puramente na forma como o pesquisador apresentou os dados. Em vários casos, os dados de um único protocolo foram apresentados como várias séries de experimentos ou estudos, embora, na verdade, a publicação possa ter sido apresentada como um único experimento. Em alguns casos, a divisão em séries pode corresponder a uma divisão por receptor, em outros, a uma divisão por período de tempo.

Tabela 1. Conjunto de dados originais

ESTUDO	*Ano inicial*	*Ano final*	*N*	*Tamanho do efeito*	***Z***	***P***
PEAR	76	84	330	0.33	6.05	7,1 x l⁻⁹
Schlitz *e* Gruber	79	79	10	0.56	1.76	0.04
Schlitz e Haight	80	80	10	0.15	0.46	0.3
Carpinteiro	86	90	90	0.08	0.73	0.2
Edimburgo. Piloto	90	90	69	-0.05	-0.41	0.66
Edimburgo. Estudo de treinamento	91	91	174	0.07	0.88	0.2
IfP Manual ganzfeld Série 003	86	86	31	-0.28	-1.54	0.9
IfP Manual ganzfeld Série 004	89	89	37	0.12	0.74	0.23
IfP Manual ganzfeld Série 101	86	87	40	0.06	0.36	0.3
Manual do IfP ganzfeld Series 987	87	88	48	0.007	0.05	0.5
PRLA	89	89	20	0.68	3.02	0.001
PRLB	87	89	24	0.91	4.45	4.21 x10^{-6}
Estudo SJPS GMF	91	91	101	0.00	0.00	0.5
SJPS PRV	83	83	19	0.66	2.89	0.002
SJPS RAB	84	84	40	0.08	0.51	0.3
Taquistoscópio SRI	87	87	160	0.2	2.53	0.006
SRI Precognitivo vs. Tempo real	87	87	81	-0.07	-0.61	0.7
Hipnose SRI	87	88	44	-0.07	-0.47	0.6
SRI Fax	87	90	40	0.41	2.57	0.005
Utrecht SI	92	92	50	0.015	0.11	0.4
Utrecht S2	92	93	50	-0.092	-0.65	0.7

Observações:

1. PEAR - Princeton Engineering Anomalies Research, Departamento de Engenharia, Universidade de Princeton; Ifp - Institute for Parapsychology, anteriormente Foundation for Research on the Nature of Man; PRL - Psychophysical Research Laboratories; SRJ - SRI International; SJPS - o autor; Utrecht - Parapsychological Institute, Utrecht.
2. Os escores *Z* de estudos publicados podem ser diferentes dos mostrados aqui devido a métodos alternativos de cálculo do *Z* geral.

Os laboratórios que contribuíram incluíram a maioria dos principais centros onde ocorreu o trabalho de CA de resposta livre. Um dos conjuntos de dados usados aqui, o do grupo Princeton

Engineering Anomalies Research (PEAR), foi submetido a algumas críticas metodológicas (Hansen *et al.,* 1992; Bobyns, Y., 1992). Entretanto, o tamanho do efeito e o intervalo de confiança de 95% associado dos dados do PEAR estão dentro do intervalo relatado por outras pesquisas de resposta livre (Utts, 1996b; Radin, 1996). Portanto, seus dados foram incluídos no conjunto de dados original.

Este documento examina a relação entre o desempenho do AC e a orientação do receptor em relação à esfera celeste e, portanto, o sistema de coordenadas celestes apropriado é brevemente revisado. Convencionalmente, as direções no céu são medidas em relação a um sistema de coordenadas definido pelo eixo de rotação da Terra e pelo plano equatorial. O equador celeste é a projeção do equador da Terra no céu e a declinação de um objeto é definida como o ângulo ao norte ou ao sul desse grande círculo. A ascensão reta de um objeto, ou RA, é definida como o ângulo em torno do equador celeste entre o grande círculo que passa pelo objeto e os polos celestes e um ponto fixo no equador celeste, o equinócio vernal. Assim, a declinação e o RA compreendem um sistema de coordenadas para a esfera celeste da mesma forma que a latitude e a longitude para a superfície da Terra. Em qualquer ponto da superfície da Terra, as estrelas retornam às suas mesmas posições após a passagem de um dia sideral real, sendo esse dia aproximadamente 3' 56" mais curto que um dia solar.[1]Em qualquer local e hora, o tempo sideral local (LST) é definido como o RA do meridiano que é o grande círculo, que passa pelo zênite e pelos polos celestes. Assim, em um mesmo valor de LST para qualquer observador, a mesma faixa de céu estará diretamente acima da cabeça.

Os testes que compõem o banco de dados AC ocorreram em locais na América do Norte e na Europa em horários e datas

[1]O dia solar comum de 24 horas é ligeiramente mais longo do que o dia sideral devido à revolução da Terra ao redor do Sol na mesma direção da rotação diária da Terra. A Terra precisa girar um pouco mais para trazer o Sol de volta à superfície de um meio-dia para o outro, já que o Sol avançou um pouco em relação às estrelas no decorrer de um dia. No decorrer de um ano, há uma rotação extra da Terra em relação às estrelas para compensar a única revolução anual em torno do Sol.

determinada pela programação desses experimentos e totalmente desconectada do objetivo deste estudo. Dessa forma, eles ocorreram principalmente durante o horário normal de trabalho, em várias épocas do ano e, portanto, abrangeram toda a faixa de valores de LST. Entretanto, a faixa de latitudes em que esses experimentos ocorreram foi bastante limitada, quase todos os dados foram obtidos entre 32 e *55* graus norte. Assim, a faixa de declinação foi igualmente restrita. Portanto, este estudo procurou examinar se havia alguma relação entre o LST e o desempenho do CA.

Método

Os dados recebidos foram primeiro filtrados para eliminar os casos em que a hora local foi omitida ou as informações de localização estavam ausentes ou eram muito aproximadas. Uma experiência inteira foi removida do conjunto de dados original, pois não havia informações confiáveis sobre o horário de cada tentativa. Essa seleção reduziu os dados para 1.468 tentativas de 21 estudos do conjunto de dados original. Os valores de SLT para todas as tentativas foram calculados a partir da longitude e do horário local de cada tentativa. Deve-se observar que os dados de horário fornecidos pelos vários pesquisadores são provavelmente os do início de cada teste de CA e podem diferir do horário da medição real em alguns minutos ou até um quarto de hora. A maioria dos testes ocorreu em laboratórios localizados em cidades e vilas, e a longitude para esses testes foi obtida a partir dos valores da cidade fornecidos em um atlas. Os horários locais foram corrigidos para o horário de verão e usados para calcular a LST por meio do programa Xephem versão 2.9. Como verificação, os valores de LST para vários pontos escolhidos aleatoriamente foram calculados manualmente para confirmar a precisão do software.

Os dados da pontuação AC para os testes foram fornecidos pelos vários experimentos em uma das duas formas. Em alguns casos, um tamanho de efeito para cada teste foi calculado a partir de uma medida quase contínua usada no experimento. Esses valores foram usados nesta análise sem processamento adicional. Em outros

Em outros casos, as tentativas foram avaliadas por um procedimento de classificação no qual o receptor, nos experimentos ganzfeld, ou um analista, nos experimentos de visão remota, classificou a descrição do receptor em relação ao alvo real e a vários alvos chamarizes em um procedimento de julgamento cego. Portanto, essas tentativas foram pontuadas como uma classificação, em que o valor 1 indicava que o alvo real foi classificado como o mais próximo da descrição do receptor, 2 como o segundo mais próximo e assim por diante. Essas classificações foram convertidas em tamanhos de efeito de tentativa por meio da fórmula:

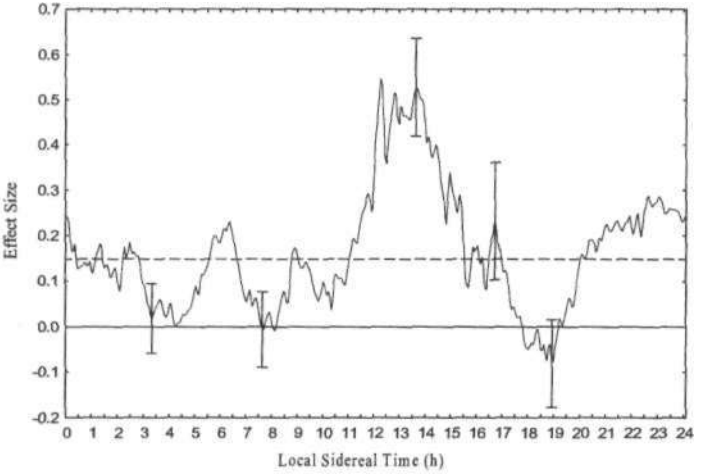
$$es = \frac{r_{MCE} - r_{OBS}}{\sqrt{\left(N^2 - 1\right)/12}}$$

em que r_{MCE} é a classificação da expectativa de chance média, r_{OBS} é a classificação observada e N é o número de alvos usados no procedimento de classificação. Em alguns experimentos, as pontuações foram relatadas como pontuações quase contínuas obtidas de receptores que estimam sua preferência pelo alvo em uma escala e como classificações. Nesses casos, foram usados os tamanhos de efeito calculados pelo pesquisador a partir da medida contínua, em vez de calcular um tamanho de efeito a partir da classificação, pois é provável que a medida contínua contenha mais informações sobre o grau de correspondência entre a descrição e o alvo do que a classificação.

Resultados - Conjunto de dados original

O conjunto de dados original teve um tamanho de efeito médio geral de 0,148 (n:l.468), correspondendo a um *Z* de Stouffer*: 5,99, (p 7* x $10^{-9)}$, enquanto os tamanhos de efeito de estudos individuais variaram de -0,28 até 0,56. Esses dados foram coletados em intervalos de 1 hora de LST e foram encontrados a média e o desvio padrão dos dados de tamanho do efeito para cada intervalo. Foi observado um aumento no tamanho médio do efeito para as tentativas que ocorreram entre 13 e 14 h LST. Os dados são mostrados na Figura 1, onde o tamanho médio do efeito para pontos de dados dentro de uma janela de 2 horas de largura, movendo-se em etapas de 0,1 hora, é plotado. Ao calcular esses dados e os dados subsequentes suavizados

o conjunto de dados foi preenchido com duas cópias de si mesmo, onde os valores de tempo eram 24 horas mais tarde e 24 horas mais cedo do que o tempo real. Assim, o cálculo da média ocorreu em uma janela de 2 horas também para os pontos nas extremidades dos gráficos. A linha tracejada na Figura 1 é o tamanho médio do efeito e as barras de erro correspondem a (1 desvio padrão (DP).



A hora sideral local correspondente ao tamanho máximo do efeito foi estimada calculando-se o centroide do subconjunto de dados que compreende a metade superior do pico das 12 h às 14 h e deu um valor de 13,47 h. Para avaliar a importância desse desvio do tamanho médio do efeito de todo o conjunto de dados, vários valores de intervalos de tempo em torno de 13,47 h foram tomados e o tamanho do efeito principal desses subconjuntos foi comparado ao do restante dos dados. Os resultados são mostrados na Tabela 2, onde o ganho é calculado como a razão entre o tamanho do efeito dentro do intervalo de tempo escolhido e o tamanho do efeito do conjunto completo de dados. Os valores *t* mostrados comparam os dados no subconjunto em torno do pico com o restante dos dados. Por exemplo, as tentativas que ocorreram dentro de
±1 hora de 13,47 h, mostrou um tamanho de efeito médio de 0,507 (":83) em comparação com o tamanho de efeito do conjunto de dados completo de 0,148, um aumento do tamanho do efeito por um fator de 3,42.

Tabela 2. Dados originais.

Período de tempo Em torno de 13,47 h	*ES*	*N*	*Ganho*	**1**	***df***	*p (J - cauda)*
±1.0	0.507	83	3.4?	2.83	1466	0.001
±2.0	0.388	131	2.62	2.80	1466	0.005
±3.0	0.320	194	2.16	2.49	1466	0.01
±4.0	0.248	283	1.67	1.83	1466	0.07

Portanto, parece que os ensaios que ocorrem dentro de ±3,0 horas, ou menos, de 13,47 h são significativamente diferentes do restante dos dados e o tamanho do efeito observado aumenta quanto mais próximo o tempo do ensaio estiver de 13,47 h.

Dados de validação: Coleta e resultados

Depois que a análise acima foi concluída, foi levantada a hipótese de que houve um aumento de aproximadamente três a quatro vezes no tamanho do efeito da cognição anômala para testes que ocorreram perto das 13,5 horas do horário sideral local. Para testar essa hipótese em relação a um novo conjunto de dados, os laboratórios foram contatados com uma solicitação de quaisquer outros dados de resposta livre que atendessem aos mesmos critérios usados para o conjunto de dados original. A Tabela 3 mostra 23 experimentos adicionais, que foram recebidos, compreendendo 1.015 tentativas. Esse conjunto de dados também mostra evidências de CA com um tamanho de efeito geral de 0,085 (n:1.015), produzindo um Z de Stouffer: 2,70 (p:0,004).

Tabela 3. Conjunto de dados de validação

ESTUDO	*Ano inicial*	*Ano final*	*N*	*Tamanho Tamanho do efeito*	*Z*	*P*	
SJPS ARV	95	96	216	0.00	-0.01	0.5	
Edimburgo - KD	95	96	128	048	5.38	3.78	10^{8}
Edimburgo Remetente-Não Remetente	94	94	97	0.14	1.41	0.08	
Ganzfeld de Amsterdã 1982	82	82	32	0.14	0.79	0.2	
Ganzfeld de Amsterdã 1994	94	94	37	0.31	1.90	0.03	
Ganzfeld de Amsterdã 1995	95	95	68	0.058	0.48	0.3	
Ganzfeld de Amsterdã 1996	96	96	39	-0.22	-1.36	0.9	
Manual do Ifp ganzfeld Série 201	87	87	10	-0.48	-1.51	0.9	
IfP Manual ganzfeld Série 202	89	89	20	-0.088	-0.39	0.6	
IfP Manual ganzfeld Série 203	90	91	46	0.075	0.51	0.3	
IfP Manual ganzfeld Série 301	90	91	20	0.018	0.081	0.5	
Manual do Ifp ganzfeld Série 302	90	91	26	0.15	0.76	0.2	
IfP Manual ganzfeld Série 400	87	92	38	-0.018	-0.11	0.5	
IfP Manual ganzfeld Série 401	88	88	12	0.38	1.32	0.09	
IfP Manual ganzfeld Série 989	89	92	17	0.47	1.96	0.03	
Ifp Auto ganzfeld Série CLAIR1	94	96	50	-0.064	-0.46	0.7	
Ifp Auto ganzfeld Série EC1	93	95	51	0.13	0.95	0.2	
Ifp Auto ganzfeld Série FT1	93	94	50	-0.26	-1.84	0.9	
Ifp Auto ganzfeld Série FT2	94	95	50	-0.065	-0.46	0.7	
IfT Auto ganzfeld Série GEN 1	93	94	8	-0.04	-0.11	0.5	

Observações:

1. Edimburgo - Cátedra Koestler de Parapsicologia, Universidade de Edimburgo; Amsterdã - Departamento de Psicologia, Universidade de Amsterdã.
2. Os escores Z de estudos publicados podem ser diferentes dos mostrados aqui devido a métodos alternativos de cálculo do *Z* geral.

Esses novos dados foram processados por meio da mesma análise usada com o conjunto de dados original e um gráfico suavizado dos dados de validação, usando uma janela de média de 2 horas como antes, é mostrado na Figura 2, juntamente com o conjunto de dados original para comparação e barras de erro de ±1 DP. O conjunto de dados de validação também tem um pico amplo no tamanho do efeito perto das 13 horas e o LST para o tamanho máximo do efeito foi de 13,47 horas, idêntico ao valor encontrado no conjunto de dados original. Os tamanhos de efeito como função da largura da janela em torno de 13,47 h para os dados de validação são mostrados na Tabela 4.

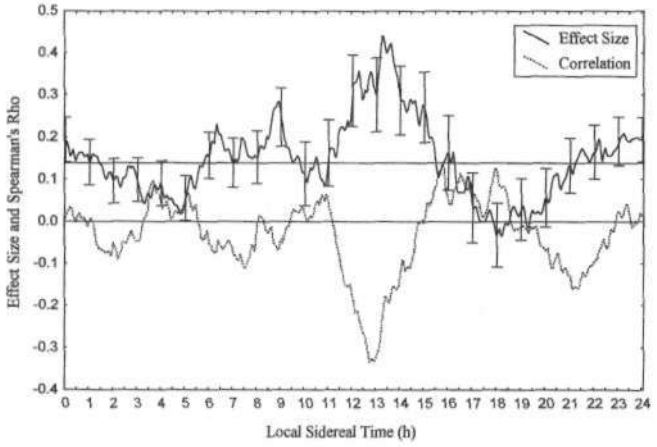


Tabela 4. Dados de validação

Período de tempo Cerca de 13,47 *h*	*ES*	*N*	*Ganho*	*t*	*df*	*p (1 - cauda)*
±1.0	0.383	43	4.51	1.96	1013	0.05
±2.0	0.266	83	3.13	1.69	1013	0.09
±3.0	0.190	136	2.24	1.29	1013	0.20
±4.0	0.130	191	1.53	0.68	1013	0.50

Resultados - Conjuntos de dados combinados

Considerando que os tamanhos de efeito e os ganhos mostrados aqui para o conjunto de dados de validação são próximos aos do conjunto de dados original e que os valores de LST correspondentes ao tamanho máximo do efeito não são diferentes, parece razoável concluir que o pico hipotético no tamanho do efeito foi confirmado no conjunto de dados de validação. Portanto, os conjuntos de dados foram

combinados e a análise repetida para todos os dados considerados em conjunto. Nesse caso, o tamanho do efeito geral é 0,122 (n:2.483) para um *Z* de Stouffer*: 6,09 (p:6* x 10^{-10}). Usando os mesmos métodos anteriores, o LST para o tamanho máximo do efeito foi encontrado como sendo
13,47 h. O conjunto completo de dados é plotado com uma janela de média de 2 horas de largura e barras de erro de ±1 DP na Figura 3, com a média de todo o conjunto de dados tracejada. Em um teste de Monte Carlo, os tamanhos dos efeitos foram permutados aleatoriamente em relação aos dados de tempo e as médias de todas as janelas de 2 horas de largura com centros espaçados em intervalos de 0,1 hora foram computadas. Em 10.000 dessas execuções, 14 produziram um tamanho de efeito médio de janela em algum valor de LST, que era maior ou igual ao observado nos dados reais. Assim, a probabilidade de encontrar um pico de tamanho de efeito da magnitude observada em qualquer valor de LST foi estimada em 0,0014. O aumento no tamanho do efeito observado nas janelas de tempo centradas no máximo é mostrado na Tabela 5. Como pode ser visto nesses dados, pode ser possível aumentar o tamanho do efeito em experimentos de CA em até quatro vezes se eles forem programados para perto de 13,5 h. A largura do pico de 13,5 h foi de ±1,25 h, medida à meia altura acima d a média. Esse gráfico também mostra uma sugestão de um mínimo de tamanho do efeito ocorrendo próximo às 18 h. Vale a pena observar que, embora os dados usados aqui sejam muito díspares, tanto em termos de tamanho do efeito do estudo quanto de protocolo, o subconjunto que foi acidentalmente tomado dentro de ±1 h de 13,47 h produziu uma significância geral de Z:5,20, *p:1* x $10^{(-7)}$ (n:124).

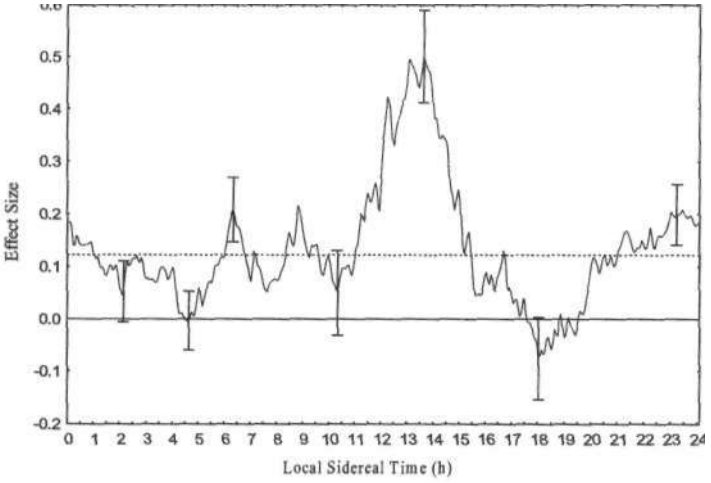


Tabela S. Dados originais e de validação combinados.

Período de tempo Em torno de 13,47 h	*ES*	*N*	*Ganho*	*t*	***df***	*p (1 - cauda)*
±1.0	0.467	124	3.82	3.85	2481	0.0001
±2.0	0.353	217	2.88	3.47	2481	0.0005
±3.0	0.263	331	2.14	2.68	2418	0.007
±4.0	0.196	472	1.61	1.75	2418	0.08

Replicação entre estudos

Para verificar se o efeito das 13,5 horas se repetiu nesses estudos, o tamanho do efeito na região das 13,5 horas e fora desse intervalo de tempo foi calculado para cada estudo. Devido ao pequeno número de tentativas em muitos dos estudos, 15 dos 41 estudos totais não tiveram nenhum dado no pico de 13,5 h, considerado aqui como 13,47 ±2 h, enquanto um experimento teve todos os seus dados no pico e nenhum em outro lugar. Esse estudo contribuiu com 10 trilhas com um tamanho médio de efeito de 0,147. Dos 26 estudos restantes, com dados dentro e fora do pico, 18 tiveram um tamanho médio de efeito no pico maior do que o tamanho médio de efeito para o restante dos dados (p:0,02). Há evidências de outros tipos de pesquisa parapsicológica de que os receptores às vezes erram significativamente os alvos e vale a pena observar que 25 dos *26* estudos com dados *dentro e fora do pico tiveram uma* magnitude *absoluta maior do* tamanho *do efeito* no pico *(p:4 x* 10^{-7}).

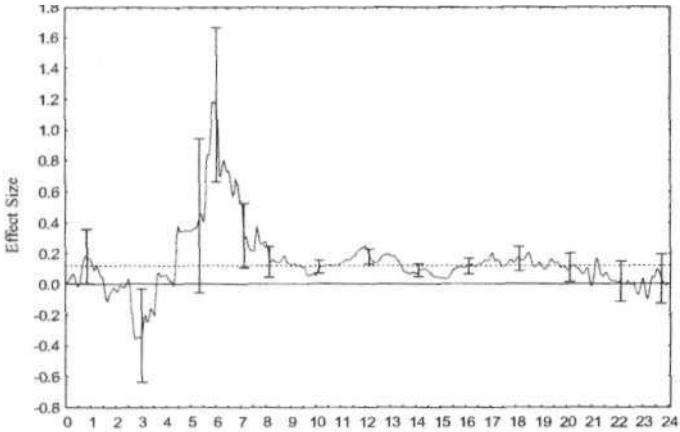
Possíveis artefatos

Os testes nesses estudos ocorreram principalmente durante o horário comercial, sendo que 81% deles ocorreram entre 09h00 e 17h00, horário local. Como os testes ocorreram durante todo o ano, a conversão para o horário de verão para cada horário de trilha efetivamente manchou a distribuição dos horários dos testes de maneira aproximadamente uniforme em toda a faixa de horário de verão. Uma possível explicação para o pico em
13,5 h seria fornecida se duas coisas fossem verdadeiras: que o tamanho do efeito nesses dados dependesse do horário local e que os ensaios responsáveis pelo pico de LST caíssem em um valor de horário local que maximizasse o tamanho do efeito.

A Figura 4 mostra a distribuição do tamanho do efeito em função do horário do relógio local, com a média de todo o conjunto de dados tracejada. É evidente que, embora o tamanho do efeito nesses dados seja aproximadamente independente do horário do relógio durante a maior parte do dia, há um aumento no tamanho do efeito às 6 horas; no entanto, isso se deve a apenas 4 pontos de dados, 3 dos quais são de um experimento (PEAR) que teve um tamanho de efeito médio relativamente alto de 0,33. Na verdade, toda a região das 3h às 8h contém apenas 18 experimentos e, com um número tão pequeno de pontos de dados, não é possível fazer uma estimativa confiável do comportamento do tamanho do efeito em relação ao horário nesse período. Quatro tentativas desse período se enquadram na faixa de
13,37 ±2 h de pico de LST e não podem influenciar significativamente as estatísticas das 217 tentativas que compõem essa região de LST. Com exceção desse período matutino, a distribuição do horário do relógio é estatisticamente plana.

Como uma forma alternativa de analisar o impacto das variações no tamanho do efeito com o horário local, os dados foram normalizados para remover a variação com o horário do relógio. Para isso, subtraiu-se do tamanho do efeito de cada estudo a diferença entre a média geral do conjunto de dados e a média dos dados no intervalo de 1 hora do relógio que contém aquele ponto. Esse conjunto de dados normalizado, portanto, teve um tamanho de efeito uniforme quando plotado em relação ao horário do relógio em intervalos de 1 hora. Quando plotado em relação à LST, produziu um gráfico praticamente indistinguível do gráfico não normalizado mostrado na

Figura 3. Portanto, qualquer contribuição para o pico de LST das variações de tempo de relógio no tamanho do efeito é insignificante.



Outro possível artefato poderia ser criado por uma i n t e r a ç ã o entre experimentos de tamanho de efeito diferente com faixas restritas de valores de LST. Devido ao lento deslocamento da LST em relação à hora solar em aproximadamente quatro minutos por dia, um experimento programado para coletar dados no mesmo horário todos os dias durante, digamos, um mês, produziria um conjunto de dados que se encaixaria em um intervalo de duas horas da LST. Se esse fosse um experimento que, por outros motivos, produzisse um tamanho de efeito alto, e em que os horários programados caíssem perto das 13 horas LST, então o aumento aparente do tamanho do efeito observado nesse valor de LST seria explicado pelo momento arbitrário de um experimento de tamanho de efeito tão alto.

Antes de abordar esse possível artefato, vale a pena esclarecer algumas suposições implícitas nessa análise retrospectiva. Supõe-se que o tamanho do efeito em um estudo de cognição anômala seja uma função de vários parâmetros: *ES:F(LST,R,E,X).* Onde R é o tipo de receptor, especialista ou novato, *E* é o experimentador, X representa todas as outras fontes desconhecidas de variação e *F* é uma função desconhecida, mas fixa. Também se presume que, em qualquer experimento*, R* e *E* foram mantidos constantes e que *R, E* e X não são funções do LST. Sob a hipótese nula de

sem efeito de LST, presume-se que a variação no tamanho do efeito entre os estudos se deve apenas a valores diferentes de *R, E* e X. Utilizando os 26 estudos com dados sobre e fora da 13,47 ±2 h de pico, o valor esperado para o tamanho médio do efeito no pico pode então ser calculado como a média ponderada dos tamanhos de efeito de estudos individuais, em que o fator de ponderação é o número de ensaios no pico para cada estudo. Isso resulta em um tamanho de efeito ponderado de 0,154, que não é significativamente diferente do tamanho de efeito de 0,148 para todos os dados dos 26 estudos. Em contrapartida, o tamanho do efeito observado no pico é de 0,342 para esses 26 estudos. Portanto, o pico de LST não pode ser explicado por uma combinação fortuita de *R, E* e X, ou pelo momento casual das tentativas em cada estudo. Como o LST é uma função linear da hora solar local e do dia do ano, ainda existe a possibilidade de que alguma relação sistemática não descoberta entre o tamanho do efeito e essas variáveis possa ser responsável pelo pico observado.

Discussão

Foram apresentadas evidências para apoiar uma relação entre o horário sideral local, no qual ocorre um experimento de cognição anômala, e o tamanho do efeito resultante. A principal associação é um aumento de aproximadamente quatro vezes no tamanho do efeito da CA às 13,5 h do horário sideral local. Essa associação foi encontrada em um grande conjunto de dados e confirmada em outro, cada conjunto compreendendo experimentos de CA com uma variedade de protocolos de resposta livre, de diferentes laboratórios e pesquisadores. É provável que o aumento do tamanho do efeito dos experimentos de AC que ocorrem às 13,5 h LST seja real, replicável em diferentes laboratórios e ocorra nos diversos protocolos dos experimentos de ganzfeld e de visualização remota.

A descoberta desse efeito foi motivada pela busca de um parâmetro físico que modulasse sem ambiguidade o desempenho da CA. Que classes de mecanismos são sugeridas pelo efeito LST encontrado aqui? A implicação *prima facie* é que existe uma relação causal entre uma influência desconhecida em um RA fixo no céu e o funcionamento do AC. Tais

Uma influência deve se originar de fora do sistema solar, pois dentro da heliopausa o ambiente espacial interplanetário é dominado por efeitos solares e planetários que não estariam presos a um RA fixo. Da mesma forma, todos os objetos conhecidos do sistema solar têm posições variáveis no céu; somente objetos tão remotos como Netuno e Plutão se moveram menos de 3 h de RA durante o período de coleta de dados desta análise. Quanto à natureza da influência em RA fixo, há uma ampla gama de sinais potencialmente disponíveis para o detector apropriado na superfície da Terra, que são bloqueados para o tempo sideral. A maior parte do espectro eletromagnético, desde os raios gama até o rádio de baixa frequência, tem fontes cósmicas conhecidas. Há também fluxos de partículas de fontes discretas. Pode ser possível destacar entre todas essas emissões um fator em 13,5 h RA, que está associado ao efeito descrito aqui.

Uma característica digna de nota do aumento do tamanho do efeito de 13,5 h é a estreiteza do pico, que foi de ±1,25 h até a metade. Conforme observado anteriormente, os dados de tempo de teste usados n e s t e trabalho podem diferir do tempo real das mentações do receptor. Esses erros ampliariam o pico e, portanto, o efeito real pode ser mais sensível ao tempo. Isso contraria a hipótese de que o aumento no tamanho do efeito se deve ao fato de uma região do céu estar simplesmente acima do horizonte, pois, se esse fosse o caso, o pico seria muito mais amplo. Se o efeito da LST dependesse da altitude de uma fonte, seria de se esperar que a largura do pico dependesse da latitude. Curiosamente, quando o pico de 13,5 h é examinado para dados obtidos em latitudes altas em comparação com latitudes baixas, há uma sugestão de que o pico é mais estreito para os dados de latitude alta, mas essa análise é confundida pelo fato de que laboratórios e protocolos específicos estão sendo selecionados pela divisão de latitude. Trabalhos adicionais nessa direção devem aguardar um conjunto de dados coletados com tempos precisos das mentações do receptor, usando um protocolo consistente e em uma ampla faixa de latitudes.

Outra implicação desse efeito LST é que alguma propriedade da Terra é importante para o funcionamento do AC. Por exemplo, uma classe de modelos que seria consistente com o efeito LST postularia um sinal de aumento de CA de uma direção no espaço associada a RA:13,5 h e que esse sinal foi pelo menos parcialmente bloqueado pela Terra. Uma classe alternativa de modelos postularia um sinal de uma direção oposta a 13,5 h RA agindo como um inibidor de CA, embora isso resultasse em um pico mais amplo do que o observado. Embora seja claramente impossível chegar a qualquer conclusão sobre o mecanismo desse efeito, parece que qualquer modelo deve incluir a Terra como parte causal do mecanismo, seja como absorvedor ou refletor. A esse respeito, é interessante observar que há evidências de que o desempenho da CA não diminui com a distância entre o alvo e o receptor, pelo menos até separações de vários milhares de km, e esses testes de longo alcance demonstram que não há diferença no desempenho da CA com a interposição da terra entre o receptor e o alvo.

Supondo que esse efeito seja replicado em testes prospectivos, ele terá algumas consequências importantes além de seu impacto na teoria. A parapsicologia tem se esforçado para estabelecer seu principal efeito, a cognição anômala, em parte devido ao pequeno tamanho do efeito observado nesses protocolos. O aumento de quatro vezes no tamanho do efeito produzido por testes de tempo no valor ideal de LST fará uma diferença considerável na elaboração de experimentos orientados para a prova, além de aumentar o poder estatístico de qualquer experimento que procure outros fatores moderadores.

Muito trabalho adicional precisa ser feito para elucidar esse efeito. Testes prospectivos da relação entre o tamanho do efeito da AC e a LST precisam ser realizados e, ao projetá-los, seria útil coletar dados em uma série de horários em torno do máximo de 13,5 horas para que a forma exata do pico possa ser encontrada. Também pode ser importante coletar dados de CA em uma ampla gama de latitudes para verificar se o tamanho do efeito da CA está relacionado à declinação do zênite no local dos testes. A evidência de um máximo no tamanho do efeito em relação à latitude

sugeriria que uma região limitada do céu, entre parênteses tanto em RA quanto em declinação, seria responsável por modular o desempenho da cognição anômala.

Agradecimentos

Primeiramente, gostaria de expressar minha profunda gratidão aos muitos laboratórios e pesquisadores individuais que generosamente forneceram seus dados para esta análise. Alguns até forneceram dados de trabalhos em andamento.

O manuscrito passou por muitas iterações e foi significativamente aprimorado em seu conteúdo e forma. As contribuições do Dr. Edwin C. May - CSL, da Professora Jessica Utts - Universidade da Califórnia em Davis, do Professor Peter Sturrock - Universidade de Standford e do Dr. Richard Broughton - Instituto de Parapsicologia são profundamente apreciadas. Este trabalho não poderia ter sido realizado sem seu apoio e aconselhamento.

Referências

Dobins, Y. H., Dunne, B. J., Jahn, R. G. e Nelson, R. D. (1992). Response to Hansen, Utts and Markwick: statistical and methodological problems of the PEAR remote viewing (sic) experiments (Resposta a Hansen, Utts e Markwick: problemas estatísticos e metodológicos dos experimentos de visão remota PEAR). *Journal of Parapsychology* 56, 115-146.

Dunne, S. J., Dobyns, Y. H., Intner, S. M. (1989). Precognitive remote perception III: Complete binary data base with analytical refinements (Percepção remota precognitiva III: Base de dados binária completa com refinamentos analíticos). Nota técnica PEAR 89002, Universidade de Princeton.

Hansen, G. P., Utts, J. e Markwick, B., (1992). Critique of the PEAR remote viewing experiments (Crítica dos experimentos de visão remota do PEAR). *Journal of Parapsychology,* 56, 97-113.

May, E. C, Utts, J. M., Spottiswoode, S. J. P., (1995). Decision augmentation theory: towards a model of anomalous phenomena (Teoria do aumento da decisão: rumo a um modelo de fenômenos anômalos). *Journal of Parapsychology,* 59, 195-220.

Puthoff, H. E., e Targ, R., (1976). A perceptual channel for information transfer over kilometer distances:

Perspectiva histórica e pesquisas recentes. *Anais do IEEE,* 64, 3, 329-354.

Radin, D. I., (1996). Um manuscrito em preparação para um livro. Comunicação particular.

Spottiswoode, S. J. P., (1993). Efeito das flutuações do campo magnético ambiente sobre o desempenho em uma tarefa de cognição anômala de resposta livre: Um estudo piloto. *Anais da 36ºConvenção Anual da Associação Parapsicológica,* 143-156.

Tart, C. X, (1988). Effects of electrical shielding on GESP performance (Efeitos da blindagem elétrica no desempenho do GESP). *Journal of the American Society for Psychical Research,* 82, 129-145.

Utts, J. M., (1996a). Science in the age of (misinformation). First World Skeptics Congress, 20ºaniversário do CSICOP, Amherst, Nova York.

Utts, J. M., (1996b). An evaluation of remote viewing: Research and applications. *Journal of Parapsychology,* 59 (4), 289-320.

Walker, E. H., (1975). Foundations of paraphysical and parapsychological phenomena (Fundamentos dos fenômenos parafísicos e parapsicológicos). Em Oteri, L., (Ed.), *Quantum physics and parapsychology* (*Física quântica e parapsicologia*) (pp. 1-53). Nova York: Parapsychology Foundation.

Apêndice C

O texto a seguir foi reimpresso com a permissão do autor, S. James P. Spottiswoode, Cognitive Sciences Laboratory, Palo Alto, Califórnia. Foi originalmente enviado ao *The Journal of Parapsychology,* **em 1998.**

FLUTUAÇÕES GEOMAGNÉTICAS E COGNIÇÃO ANÔMALA DE RESPOSTA LIVRE: UM NOVO ENTENDIMENTO

James Spottiswoode
Laboratório de Ciências Cognitivas, Palo Alto, Califórnia

Resumo

Os esforços para estabelecer se existe uma correlação entre o desempenho da cognição anômala (CA) e as flutuações geomagnéticas (GMF) obtiveram resultados mistos, com uma correlação negativa sendo observada em alguns estudos e não em outros comparáveis. Confirmando essa observação, em um grande banco de dados de 2.879 testes de resposta livre, a correlação *p* de Spearman entre o índice geomagnético *ap* e o tamanho do efeito da CA foi de -0,029 *(p:0,06).* No entanto, um grande aumento na magnitude da correlação foi encontrado aproximadamente às 13 horas do Tempo Sideral Local (LST), a coordenada astronômica longitudinal para a parte da esfera celeste que está diretamente acima da cabeça no momento da visualização. Esse aumento acentuado da correlação pode estar relacionado a um resultado anterior: que o tamanho do efeito AC aumenta em 380% dentro de ±1 hora de 13,5 LST. A correlação observada aqui para testes que ocorreram entre
11,2 h e 14,8 h LST foi de -0,192 (N:256, p:0,002), enquanto

a correlação foi efetivamente zero (p:-0,01, N:2.623, ns) em outros locais. A correlação de magnitude máxima de -0,33 (N:134, p:0,0001) foi observada no período de 12,9 (1 h LST). O pico de correlação negativa foi confirmado n o s protocolos de ganzfeld e de visualização remota e esteve presente de forma homogênea nos estudos individuais com testes no intervalo de tempo sideral relevante. Essa descoberta permite a compreensão de uma anomalia anterior na literatura: as correlações variáveis com o GMF encontradas em diferentes estudos. Por exemplo, um grande estudo de visão remota mostrou uma correlação geral quase nula, pois poucos testes ocorreram no período de tempo crítico. Em outro caso, um estudo comparável apresentou uma grande correlação de -0,22 e, por acaso, todos os testes foram realizados perto das 13 horas LST.

Introdução

Há alguns anos especula-se que o desempenho da cognição anômala (CA) pode estar correlacionado com as flutuações do campo geomagnético global (GMF). Essa ideia surgiu do trabalho de Persinger (p. ex., 1988), que descobriu que casos anedóticos de suposta CA ocorriam nos dias em que as flutuações do GMF eram significativamente menores do que nos dias anteriores e posteriores. Muitos pesquisadores investigaram se essa interessante observação poderia ser estendida à cognição anômala em laboratório, mas com resultados mistos. Tart (1988) e Persinger e Krippner (1989) encontraram uma associação entre testes de AC com pontuação alta e flutuações baixas do GMF, enquanto Haraldsson e Gissurarson (1987) e Nelson e Dunne (1986) não encontraram. Em uma meta-análise não publicada, esse autor coletou 1.468 tentativas de resposta livre de 21 estudos, argumentando que o efeito, se existisse, seria mais facilmente detectado em um grande banco de dados com alto tamanho de efeito; na verdade, a correlação geral foi um decepcionante -0,0002 (Spearman's *p*, N:1.468, ns).

O primeiro passo para entender a física da cognição anômala provavelmente será a descoberta de variáveis físicas que modulem inequivocamente o efeito.

variáveis físicas que modulem o efeito de forma inequívoca. Ao procurar uma nova abordagem para o problema de encontrar essas variáveis físicas, o autor foi levado a considerar se a orientação no espaço do sujeito poderia ser um fator. Recentemente, foi demonstrado que há uma relação entre o tamanho do efeito da resposta livre e o Tempo Sideral Local (LST) em que ocorre um teste (Spottiswoode, 1997). Em um banco de dados de 2.483 tentativas de resposta livre com um tamanho médio de efeito de 0,122 no geral, as tentativas que ocorreram dentro de ±1h de 13,5 h LST apresentaram um aumento de 380% no tamanho do efeito. Diante disso, considerou-se que valia a pena revisitar a correlação entre o desempenho da cognição anômala e as flutuações geomagnéticas, mas incluindo a LST como variável de filtragem.

Método

Conjuntos de dados

Os dados consistiam em 51 estudos de resposta livre, compreendendo 2.879 tentativas, com um tamanho médio de efeito de 0,140 e Z de Stouffer resultante de 7,503 *(p:3,1* x $10^{14)}$. Esses registros foram obtidos em resposta a uma solicitação de experimentos formais (ou seja, excluindo experimentos exploratórios) com design de resposta livre e para os quais a hora, a data, o local e a pontuação do experimento estivessem disponíveis. Os dados se enquadram em dois grandes grupos de protocolos. O primeiro inclui a maior parte do trabalho com ganzfeld realizado desde a década de 1980, compreendendo os dados completos do The Psychophysical Research Laboratories e dados parciais do The Institute for Parapsychology, do Departamento de Psicologia de Amsterdã, do Instituto de Parapsicologia de Utrecht e da Koessler Chair da Universidade de Edimburgo. O outro grupo principal consiste em testes de visão remota e abrange o trabalho da Princeton Engineering Anomalies Research, um conjunto parcial de dados da SRI International e da Science Applications International Corporation, experimentos de
M. S. Schlitz e experimentos de visão remota realizados pelo autor. Uma exceção para esta divisão pelo protocolo é

O trabalho de Carpenter, que foi obtido em um ambiente psicoterapêutico. Os experimentos de visão remota do PEAR foram submetidos a algumas críticas metodológicas (Hansen *et al.,* 1992; Dobyns, Y., 1992), mas foram incluídos aqui porque o tamanho do efeito observado é comparável ao observado em outros laboratórios que usaram um protocolo semelhante. Esse conjunto de dados não esgota a experiência de resposta livre, embora provavelmente inclua mais de 80% de todos os trabalhos desse tipo realizados nos EUA e na Europa nas últimas duas décadas. Em vez disso, o esforço de coleta de dados faz parte de uma pesquisa em andamento para elucidar os fatores físicos na CA e espera-se que mais testes sejam adicionados à medida que forem sendo realizados.

escavados em arquivos.

Técnica de análise

O horário de cada teste foi corrigido para o horário de verão, quando apropriado, e convertido em Tempo Universal Coordenado (UTC). As coordenadas geográficas dos testes foram obtidas do gazetteer do *Rand McNally International Atlas* e esses dados, com os horários UTC, foram usados para calcular o tempo sideral local de cada teste. Os dados do índice geomagnético para o índice *ap* foram obtidos do National Geophysical Data Center como arquivos de dados "Lenhart". Os dados de cognição anômala foram fornecidos com um tempo para cada teste e uma pontuação, dada como classificação feita a partir de uma série de escolhas, ou como uma pontuação z ou tamanho do efeito do teste. Nos casos em que o tamanho do efeito do teste foi fornecido, ele foi usado diretamente, mas quando apenas uma classificação estava disponível, ela foi convertida pela fórmula padrão em um tamanho de efeito:

$$es = \frac{r_{MCE} - r_{OBS}}{\sqrt{\left(N^2 - 1\right)/12}}$$

em que r_{MCE}é a classificação média da expectativa de chance, r_{OBS}é a classificação observada e N é o número de alvos usados no procedimento de classificação.

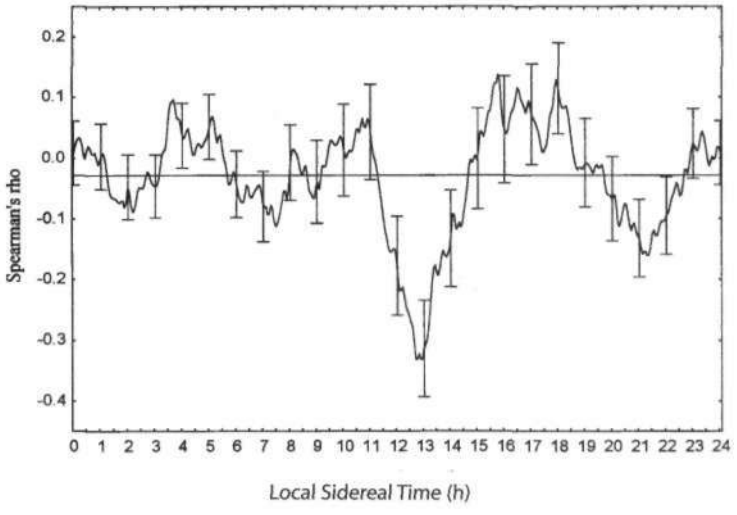
No caso de muitos dos experimentos de ganzfeld, como os que usaram o protocolo de auto-ganzfeld, o período de mentação começou depois que uma fita de relaxamento ou indução com duração de 15 minutos foi reproduzida. Nos experimentos em que se sabia que esse era o caso, o tempo de teste declarado foi ajustado em 0,25 h.

O índice *ap*< é relatado para intervalos de 3 horas de tempo universal e os coeficientes de correlação relatados aqui foram calculados entre o índice *ap* para o intervalo de 3 horas que engloba o experimento e o tamanho do efeito do AC. Em todos os casos, foi usada a função de correlação *p* de Spearman, baseada na ordem de classificação, em vez do *r* de Pearson, para permitir as propriedades estatísticas do índice *ap* (Spottiswoode, 1993).

Resultados

A distribuição da correlação no espaço do LST foi examinada calculando-se a correlação entre o tamanho do efeito e *o ap* em janelas de 2 horas de largura do LST. Esse cálculo foi repetido para janelas espaçadas de 0,1 h para todos os valores de LST de Oh a 24 h. Para garantir que as janelas com seus centros nos intervalos de tempo de 0 a 1 h e de 23 a 24 h tivessem um conjunto completo de tentativas, os dados de LST foram preenchidos com duas cópias de si mesmos, com os tempos siderais adiantados e atrasados em 24 horas. A Figura 1 mostra os dados de correlação resultantes plotados em relação ao tempo do centro da janela. A correlação geral dos dados (p:-0,029, N:2.879, p:0,06, 1-tailed) é mostrada tracejada. As barras de erro mostram o desvio padrão estimado dos coeficientes de correlação (Hedges & Olkin, 1985) calculados como:

$$\sigma = \sqrt{(1-\rho^2)^2/n}$$



Correlação entre ap e tamanho do efeito versus LST.

A correlação entre a CA e o índice geomagnético *ap* mostra-se fortemente dependente da região do tempo sideral considerada e existe uma correlação substancial perto do ponto de 13 h, onde o tamanho máximo do efeito foi encontrado. A correlação de magnitude máxima de -0,33 (N:134, p:0,0001) ocorre às 12,9 h, em concordância aproximada com o tamanho máximo do efeito para esses dados às 13,3 h. Em outras partes do espaço LST, há pouca correlação. Tomando como região de correlação o período entre 11,2 h e 14,8 h LST, onde a correlação mostrada na Figura 1 cruza zero, a correlação nessa "banda interna" foi de -0,192, *N:256,* p:0,002, enquanto a correlação externa foi de -0,010 (N:2.623, ns). É interessante ver como esse padrão se replica nos estudos individuais do banco de dados. A Tabela 1 mostra as correlações observadas nos estudos que tiveram cinco ou mais tentativas ocorrendo dentro dessa faixa, em ordem crescente de desvio padrão da correlação estimada dentro da faixa.

Tabela 1 - Correlações por estudo

	Geral	*In-band*			*Fora da banda*		
Estudo	*ρ*	*ρ*	*σ*	*N*	ρ	σ	*N*
Princeton (PEAR)	0.0025	-0.27	0.13	52	0.075	0.06	280
Amsterdã auto-ganzfeld1994	0.045	-0.82	0.14	5	0.14	0.17	32
IfP auto-ganzfeld Série FT2	-0.40	-0.60	0.21	9	-0.38	0.13	41
Ganzfeld de Utrecht (PA1993)	-0.15	-0.27	0.24	15	-0.11	0.17	35
PRL ganzfeld Série 301	0.14	0.43	0.25	11	0.086	0.16	39
PRLganzfeld Série 103	0.013	-0.51	0.26	8	0.12	0.15	42
IfP auto-ganzfeld Série CLAIR1	-0.12	-0.40	0.28	9	-0.0012	0.16	41
SJPSARV	-0.14	-0.10	0.29	12	-0.14	0.069	200
Schlitz e Gruber	-0.22	-0.22	0.30	10	-	-	0
IfP manual ganzfeld Série 203	-0.0081	0.025	0.30	11	-0.015	0.17	35
SRI Precognição vs. tempo real	0.15	0.084	0.30	11	0.12	0.12	70
SRI Estudo de fax	-0.16	-0.13	0.30	11	-0.046	0.19	29
SAIC Entropia II	0.051	0.40	0.32	7	0.028	0.11	83
Auto-ganzfeld de Edimburgo	0.14	0.24	0.33	8	0.14	0.089	120
Série PRLganzfeld 101	0.053	-0.43	0.33	6	0.086	0.15	44
IfP manual ganzfeld Série 301	-0.29	-0.34	0.33	7	-0.30	0.25	13
Carpinteiro	0.092	-0.042	0.35	8	0.094	0.11	82
PRL ganzfeld Série 104	0.18	0.37	0.35	6	0.18	0.15	41
Ganzfeld manual do IfP Série 988	0.34	0.21	0.36	7	0.28	0.19	23
Manual do IfP ganzfeld Série 987	-0.012	0.12	0.37	7	-0.068	0.16	41
SRI Estudo de hipnose	0.16	-0.23	0.42	5	0.23	0.15	39

A correlação negativa dentro da banda está presente em muitos casos em que a correlação geral do estudo é próxima de zero ou positiva. Por exemplo, no grande estudo do PEAR, com um tamanho de efeito AC de 0,33, a correlação GMF é próxima de zero para todo o estudo, mas é claramente observada na banda interna. Em uma situação diferente estavam Schlitz e Gruber, cujos dados foram, por acaso, obtidos inteiramente na banda interna, o que resultou em uma grande correlação com o *ap* e um grande tamanho do efeito do estudo. As 21 estimativas de correlação na faixa desses estudos foram convertidas em escores Z por meio da transformação de Fisher para testar a homogeneidade. O x^2 resultante (^{2},66, 20 df, ns) sugere que o mesmo efeito de correlação estava presente nesses estudos, mas esse resultado deve ser tratado com cautela, pois os tamanhos das amostras na região crítica do LST são muito pequenos para muitos desses estudos. Comparando os protocolos dessa amostra, para os dados de ganzfeld, a correlação geral

A correlação de todos os ensaios foi de -0,023 (N:1609, ns), enquanto que n a faixa (:-0,18, (N:145, p:0,03). No caso da visualização remota, a correlação de todos os dados foi de -0,032 (N: 1.254, ns), enquanto a correlação dentro da banda foi de -0,21 (N:113, p:0,03). Portanto, o efeito da correlação às 12,9 h também se replica nesses protocolos. Por fim, vale a pena examinar o subconjunto de dados que ocorreu com ±1 h de 12,9 h. Isso ocorreu durante uma ampla gama de condições geomagnéticas com valores *de ap* variando de 0 a *56* e as tentativas que ocorreram em momentos de baixo <*ap* constituem um subconjunto altamente significativo. Consulte a Tabela 2 para obter detalhes. Considerando especialmente os dados heterogêneos analisados aqui, esses resultados sugerem que tamanhos de efeito excepcionalmente altos podem ser observados em testes que ocorrem nesse período de tempo, quando as flutuações geomagnéticas também são mínimas.

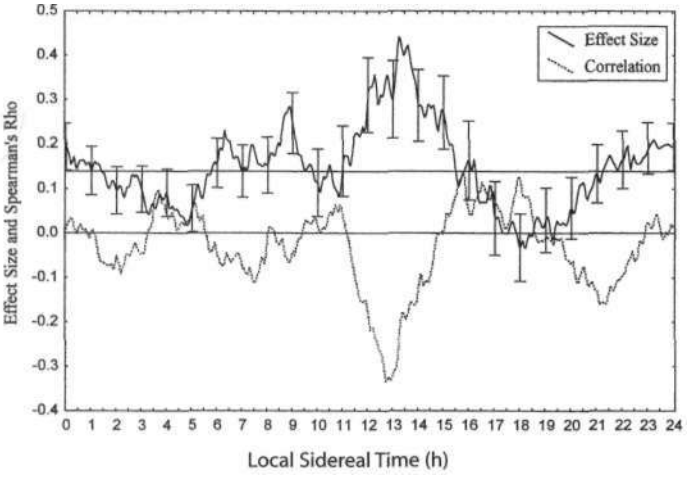
Tabela 2 - Tamanho do efeito para o período de 11,9 a 13,9 h LST.

intervalo ap	*Tamanho médio do efeito*	*Z de Stouffer*	*n*	P
0-5	0.71	4.93	48	$4.1 \times 10^{(-)(7)}$
0-10	0.52	4.75	83	$1.0 \times 10^{(-)(6)}$
0-20	0.47	4.92	111	$4.4 \times 10^{(-)(7)}$
0-40	0.36	4.04	128	$2.5 \times 10^{(-)(5)}$

Discussão

Descobriu-se que a correlação negativa entre o tamanho do efeito do CA e o índice geomagnético está restrita a uma região limitada de horários siderais locais e está efetivamente ausente desses dados fora desse intervalo. Como a correlação é observada em aproximadamente 4 horas de LST, ou 17% de todos os tempos de teste possíveis, não é de surpreender que as pesquisas retrospectivas do efeito em experimentos cronometrados sem levar em conta esse resultado tenham gerado resultados conflitantes.

A Figura 2 mostra a distribuição do tamanho do efeito do AC em relação ao tempo sideral local com a correlação com o ap superimposto. O tamanho médio do efeito nos dados de AC de 0,140 é mostrado tracejado.



Tamanho do efeito e correlação com *ap* versus LST.

Como pode ser visto, o máximo no tamanho do efeito ocorre um pouco mais tarde (es:0,434 às 13,3 h) do que a correlação máxima (ρ:-0,334 às 12,9 h), embora isso não possa ser estabelecido definitivamente devido ao ruído nos dados. Deve-se observar que a relação inversa aparentemente muito forte entre o tamanho do efeito e a correlação observada na Figura 2 é, em parte, um fato artificial, uma vez que os dados do tamanho do efeito contribuem para os gráficos de correlação e de efeito médio. O que parece estar ocorrendo é que, à medida que a cognição anômala melhora perto das 13 horas, o sinal sai do ruído e a correlação se fortalece.

Deve-se observar que a ocorrência dessa correlação entre *ap* e tamanho do efeito em uma região restrita de LST não implica que os estudos responsáveis pelo pico de correlação tenham ocorrido em horários locais semelhantes. Os 2.879 ensaios estudados aqui ocorreram em todos os momentos do dia e do ano ao longo de duas décadas, e a transformação do horário local para o horário sideral levou qualquer valor específico do horário local para todas as regiões do horário de verão. Por outro lado, os estudos responsáveis pelos picos de correlação e tamanho do efeito de 13 h ocorreram em todos os horários do dia e do ano ao longo de duas décadas.

durante o dia. Portanto, fatores fisiológicos e outros, que estão correlacionados com o horário local de cada sujeito, não podem ser responsáveis pelo pico das 13 horas.

A existência dessa correlação é intrigante. Os índices geomagnéticos globais, como o *ap,* medem as flutuações que ocorrem em períodos de tempo de alguns minutos a algumas horas na intensidade do campo magnético da Terra, em média, ao redor do globo. Em qualquer local específico, os distúrbios típicos produzem alterações na intensidade do campo da ordem de 50 a 200 nT em uma intensidade de campo total de aproximadamente 50.000 nT. Os sujeitos desses experimentos estavam tipicamente em ambientes urbanos, onde as alterações de campo devido a prédios e estruturas ferrosas podem ser muitas vezes maiores do que isso e ocorrem rapidamente à medida que o corpo se move através de gradientes de campo íngremes. Portanto, parece improvável que as flutuações geomagnéticas sejam responsáveis pela modulação do desempenho da CA. As flutuações do campo no nível da superfície são um resultado de interações complexas entre as emissões de partículas e a radiação do sol e do campo da Terra. É provável que a correlação com a cognição anômala relatada aqui se deva a algum outro parâmetro associado a essas interações.

A descoberta desse efeito foi motivada pela busca de variáveis físicas que modulassem de forma inequívoca o desempenho do CA. Agora temos duas: O tamanho do efeito do AC depende muito do LST do receptor e, na região limitada do LST em que o efeito é aprimorado, o tamanho do efeito provavelmente é modulado pela atividade solar, conforme refletido no índice GMF. Embora seja prematuro especular sobre o mecanismo responsável por esses efeitos, está claro que o mecanismo subjacente deve incluir um agente causador cuja ascensão direita (a coordenada do tipo longitude na esfera celestial) permaneceu aproximadamente constante durante os 20 anos de dados analisados aqui.

Agradecimentos

Os maiores agradecimentos são devidos a todos os colegas que coletaram e verificaram cuidadosamente os dados usados aqui e gentilmente os disponibilizaram para este estudo.

Referências

Dobyns, Y. H., Dunne, B. J., Jahn, R. G. e Nelson, R. D., (1992). Response to Hansen, Utts and Markwick: statistical and methodological problems of the PEAR remote viewing (sic) experiments (Resposta a Hansen, Utts e Markwick: problemas estatísticos e metodológicos dos experimentos de visão remota PEAR). *Journal of Parapsychology,* 56, 115-146.

Downey, E. C, (1997). Xephem V3.0 em http//iraf.noao.edu/~ecdowney/xephem.html. Dunne, S. J., Dobyns, Y. H., Intner, S. M. (1989). Precognitive remote perception III: Base de dados binária completa com refinamentos analíticos. Nota técnica PEAR 89002, Universidade de Princeton.

Hansen, G. P., Utts, J. e Markwick, B., (1992). Critique of the PEAR remote viewing experiments (Crítica dos experimentos de visão remota do PEAR). *Journal of Parapsychology,* 56, 97-113.

Haraldsson E. e Gissurarson, L. R., (1987). Does geomag- netic activity affect extrasensory perception? *Journal of Personality and Individual Differences,* 8, 745-747.

Hedges, L. V. e Olkin, I., (1985). Statistical methods for meta-analysis (Métodos estatísticos para metanálise). Orlando: Academic Press.

Nelson, R. D. e Dunne, B. J., (1986). Tentativa de correlação de anomalias de engenharia com a atividade geomagnética global. *Anais da 29ºConvenção Anual da Associação Parapsicológica,* 509-518.

Persinger, M. A. e Schaut, G. B., (1988). Geomagnetic factors in subjective telepathic, precognitive, and postmortem experiences (Fatores geomagnéticos em experiências subjetivas telepáticas, precognitivas e pós-morte). *Journal of the American Society for Psychical Research,* 82, 217-235.

Persinger, M.A. e Krippner, S., (1989) Dream ESP experiments and geomagnetic activity. *Journal of the American Society for Psychical Research,* 83, 101-116.

Spottiswoode, S. J. P., (1993). Efeito das flutuações do campo magnético ambiente sobre o desempenho em uma tarefa de cognição anômala de resposta livre: Um estudo piloto. *Anais da 36ª Convenção Anual da Associação Parapsicológica,* 143-156.

Spottiswoode, S. J. P., (1997). Associação entre o tamanho do efeito na cognição anômala de resposta livre e o tempo sideral local. *The Journal of Scientific Exploration* (no prelo).

Tart, C. T., (1988). Efeitos geomagnéticos no GESP: Dois estudos. *Journal of the American Society for Psychical Research,* 82, 193-215.

Apêndice D

Folhas de tempo e protocolo para visualização remota

A seguir, são apresentados esboços de protocolos a serem usados na visualização remota. São exemplos de tempo e ações a serem tomadas por diferentes indivíduos durante o processo de visualização remota. Quando há diferenças entre o treinamento e os aplicativos, elas são anotadas.

Visualização remota do outbounder

Requer:

POOL DE ALVOS: Trata-se de uma coleção de locais com instruções sobre como chegar até eles. Eles são selados individualmente em envelopes e são escolhidos aleatoriamente pelo Outbounder pouco antes de ir para o local-alvo real. Formal ou informalmente, o envelope não deve ser aberto até dez a quinze minutos depois de o emissor deixar o laboratório ou o local em que a visão remota será realizada. Em um experimento formal, a pessoa que cria o pool de alvos geralmente não participa além disso. Os conjuntos de alvos geralmente contêm pelo menos algumas dezenas de locais de alvos em um determinado momento. Os locais podem ser reutilizados, mas somente quando houver um número suficiente deles para evitar problemas de sobreposição analítica para o visualizador.

OUTBOUNDER: Um indivíduo que viaja para o local de destino. Ele nunca comunica o local para onde está indo a ninguém que esteja participando da visualização remota, até que a visualização remota tenha sido concluída.

VISUALIZADOR REMOTO: Pessoa que de fato faz a visualização remota. Está sempre totalmente cega quanto à localização do local-alvo, até que a visualização remota seja concluída.

MONITOR: pessoa que fica na sala com o visualizador remoto enquanto a sessão de visualização remota está ocorrendo. Essa pessoa sempre fica totalmente cega quanto à localização do local-alvo, até que a visualização remota seja concluída. (Um monitor só é necessário em pesquisas).

ANALISTA: pessoa que avalia se as informações foram transmitidas durante uma visualização remota. Essa pessoa sempre fica cega para o local de destino até que tenha realizado sua análise. (O analista só é necessário em pesquisas).

Outras regras:

Horário: sempre começa e termina em um horário especificado.

Participantes: O Outbounder, o Remote Viewer e o Monitor têm permissão para visitar o local real após a conclusão da visualização remota para fins de feedback e aprendizado. O analista pode visitar o local, mas somente quando visitar vários locais para fazer uma avaliação mais adequada dos materiais do visualizador remoto. É claro que o analista não é informado sobre qual site era o alvo real antes da conclusão de sua análise.

Avaliação: Esses alvos são avaliados formalmente quando são feitos para fins de pesquisa. Os visualizadores avaliam informalmente esses alvos durante a visita de feedback durante o treinamento. Eles quase nunca são usados para fins de aplicativos.

Exemplo de uma linha do tempo:

08:20 A.M. O espectador chega ao laboratório (ou local de visualização). 08H25MIN. O espectador e o monitor estão seguros na sala. 08:30 A.M. O emissor sai do laboratório.

08:55 A.M. O Outbounder chega ao local aleatório do alvo.

09:00 A.M. O espectador inicia a visualização remota, enquanto o Outbounder interage com o local-alvo.

09:30 A.M. O espectador encerra a visualização remota, enquanto o Outbounder deixa o local de destino.

(Observação: o período de tempo para visualização remota não é regulamentado. Em geral, o outbounder deixa o local-alvo após 30 minutos, mas não terá contato com o visualizador ou monitor até que a sessão de visualização remota seja encerrada).

09H35MIN Os materiais de visualização remota são formalmente registrados ou selados.

10:00 A.M. O visitante retorna ao laboratório (ou local de visualização remota).

10:05 A.M. O emissor, o visualizador remoto e o monitor retornam ao local de destino para receber feedback.

(Observação: se for um experimento formal, o visualizador poderá levar cópias de suas anotações e desenhos originais - os originais são sempre retidos pelo laboratório. Se for informal, o visualizador remoto leva apenas seu caderno de anotações. Se for necessária uma análise formal, ela será realizada por alguém que não esteja presente na visualização remota e que não se comunique com nenhum dos outros participantes relevantes ao local de destino ou aos resultados antes de sua análise).

Visualização remota sem contato com o exterior

Requer:

POOL DE ALVO: trata-se de uma coleção de locais locais ou distantes que podem ser visitados fisicamente ou por meio do uso de fotografias. Os locais são selados individualmente dentro de

Os envelopes são escolhidos aleatoriamente por um pesquisador pouco antes de a visualização remota ser realizada. Formal ou informalmente, o envelope nunca é aberto até que a visualização remota tenha sido concluída. Em uma experiência formal, a pessoa que cria o conjunto de alvos geralmente não participa além disso. Os conjuntos de alvos geralmente contêm pelo menos algumas dezenas de locais-alvo em um determinado momento. Os locais podem ser reutilizados, mas somente quando houver um número suficiente deles para evitar problemas de sobreposição analítica para o visualizador.

EXPERIMENTADOR: pessoa que de fato garante que um protocolo seja seguido. Normalmente, ela seleciona o envelope-alvo específico, mas não participa de nenhuma outra parte do esforço.

VISUALIZADOR REMOTO: Pessoa que de fato faz a visualização remota. Está sempre totalmente cega quanto à localização do local-alvo, até que a visualização remota seja concluída.

MONITOR: pessoa que fica na sala com o visualizador remoto enquanto a sessão de visualização remota está ocorrendo. Essa pessoa sempre fica totalmente cega quanto ao local do alvo, até que a visualização remota seja concluída. (Um monitor só é necessário em pesquisas).

ANALISTA: pessoa que avalia se as informações foram transmitidas durante uma visualização remota. Essa pessoa sempre fica cega para o local de destino até que tenha realizado sua análise. (O analista só é necessário em pesquisas e aplicações formais).

Outras regras:

Horário: sempre começa e termina em um horário especificado.

Participantes: O Visualizador Remoto e o Monitor têm permissão para visitar o local real ou ver as fotografias do local, após a conclusão da visualização remota, para fins de feedback e aprendizado. O Analista pode visitar o local ou ver as fotografias, mas somente quando estiver visitando vários locais,

ou ao ver várias fotografias do local para fazer uma avaliação da melhor correspondência com os materiais do visualizador remoto. É claro que o analista não é informado sobre qual local era o alvo real antes da conclusão de sua análise.

Avaliação: Esses alvos são avaliados formalmente quando são feitos para fins de pesquisa. Os visualizadores avaliam informalmente esses alvos durante a visita de feedback ou enquanto observam as fotografias representativas durante o treinamento. Nos aplicativos, o feedback nunca é fornecido até que se saiba que o visualizador remoto não terá motivos para revisitar o local em uma data ou hora posterior.

Exemplo de uma linha do tempo:

08:20 A.M. O visualizador chega ao laboratório (ou local de visualização).

08H25MIN. O experimentador seleciona um envelope-alvo.

(Observação: ele pode fornecer ou não o envelope para o espectador e o monitor. Desde que esteja bem lacrado, não importa).

08:30 A.M. O espectador e o monitor estão seguros na sala.

08H40 O espectador inicia a visualização remota.

09:10 A.M. O visualizador encerra a visualização remota.

(Observação: além de um horário de início especificado, o tempo permitido para a visualização remota não é regulamentado).

09h15 Os materiais da visualização remota são formalmente registrados ou lacrados.

09h20 O visualizador remoto e o monitor têm permissão para abrir o envelope e visitar o local ou ver as fotografias.

(Observação: se for um experimento formal, o visualizador poderá ter cópias de suas anotações e desenhos originais - os originais são sempre mantidos pelo laboratório. Se for informal, o visualizador remoto usará apenas os originais ou suas anotações para comparação. Se for necessária uma análise formal, ela será realizada por alguém que não esteja presente na visualização remota.

e não se comunicam com nenhum dos outros participantes relevantes ao local de destino ou aos resultados antes de sua análise).

Protocolo de aplicativos

Requer:

MATERIAL DE ALVO: esse é o material fornecido pelo cliente. Ele garante um link direto para o alvo real para o visualizador e pode ser qualquer coisa. Em um laboratório, o Experimentador é a única pessoa com acesso direto aos materiais de direcionamento. Nos aplicativos, é a pessoa responsável por atribuir tarefas ao visualizador, o Tasker. Eles usam esses materiais para criar um alvo para o visualizador remoto. O visualizador e o monitor estão sempre cegos para os materiais de direcionamento.

EXPERIMENTADOR/TASKER: pessoa que realmente garante que um protocolo seja seguido. Ela cria o envelope do alvo ou atribui as coordenadas relacionadas aos materiais específicos usados para atingir o visualizador. Ela não participa da visualização remota.

VISUALIZADOR REMOTO: Pessoa que de fato realiza a visualização remota. Está sempre totalmente cega em relação ao alvo, até que a visualização remota seja concluída.

MONITOR: pessoa que fica na sala com o visualizador remoto enquanto a sessão de visualização remota está ocorrendo. Essa pessoa também não sabe o que o alvo pode ser, até que a visualização remota seja concluída. (Um monitor não é necessário para os aplicativos, mas pode ser usado.) ANALISTA: pessoa que avalia se as informações foram transmitidas durante uma visualização remota. Essa pessoa sempre fica cega para o local de destino até que tenha realizado sua análise. (O analista só é necessário em pesquisas e aplicativos formais).

Outras regras:

Horário: sempre começa e termina em um horário especificado.

Participantes: O Visualizador Remoto e o Monitor recebem os materiais de direcionamento depois que o problema de visualização remota tiver sido resolvido, para fins de feedback e aprendizado. O Analista terá acesso aos materiais de direcionamento durante a avaliação dos materiais de visualização remota.

Avaliação: Esses alvos são avaliados formalmente sempre que uma visualização remota é realizada. Os visualizadores avaliam informalmente esses alvos durante seu processo de feedback, mas o feedback nunca é fornecido até que se saiba que o visualizador remoto não terá motivo para revisitar o local em uma data ou hora posterior.

Exemplo de uma linha do tempo:

08H20MIN. O espectador chega ao laboratório (ou local de exibição).

08H25MIN O experimentador/tarefa fornece as coordenadas do alvo ou o envelope.

(Observação: ele pode fornecer ou não o envelope para o espectador e o monitor. Desde que esteja bem lacrado, não importa).

08:30 A.M. O espectador e o monitor estão seguros na sala.

08H40 O espectador inicia a visualização remota.

09:10 A.M. O espectador encerra a visualização remota.

(Observação: além de um horário de início especificado, o tempo permitido para a visualização remota não é regulamentado).

09H15MIN Os materiais de visualização remota são formalmente registrados e, em seguida, passados para o Anlayst.

09H20 O Visualizador Remoto e o Monitor têm permissão para revisar os materiais de direcionamento, desde que não haja necessidade de mais visualizações.

(Observação: o feedback para o visualizador pode ser uma informação sobre o que está correto nas informações de visualização ou como as informações de visualização provaram ser valiosas. O feedback só é fornecido depois que não houver mais nenhuma exigência de visualização adicional).

Fotografias como alvos

Há alguns comentários adicionais que são pertinentes com relação ao uso de fotografias como alvos. *Alvos fotográficos* não são o mesmo que fotografias *de* alvos.

Ter muitas fotos de um alvo não é o mesmo que visitá-lo para obter feedback. Como há uma perda substancial de qualidade nos dados, dependendo do tipo de direcionamento que está sendo feito, isso pode ter um efeito substancial no treinamento.

Ao treinar, é melhor usar:

Primeiro - alvos de saída.

Segundo - Fotografias de um local de alvo. Terceiro -

Fotografias como o alvo.

Ao usar fotografias para identificar o local específico do alvo ou como o alvo real, aplica-se o protocolo de aplicativos ou de não saída.

Coordenar alvos

Os alvos de coordenadas são aqueles em que as informações escritas no envelope lacrado são usadas para identificar o alvo específico de interesse. Podem ser alfa ou numéricas, ou uma combinação de ambas. Esses dados de identificação não têm relação com o que está contido no envelope. O envelope pode conter a fotografia de uma pessoa, um local, o endereço físico de um local, uma pergunta impressa, o número do seguro social de alguém, uma mecha de cabelo, praticamente qualquer coisa que direcione o visualizador remoto ao alvo de interesse.

O protocolo para alvos de coordenadas pode ser o mesmo usado para o tipo de direcionamento de aplicativos ou de pessoas que não são de saída.

Protocolo de visualização remota associativa

Essa é uma forma de visualização remota usada para responder a perguntas binárias, como: "Sim ou Não", "Comprar ou Vender", "Parar ou Ir".

Requer:

MATERIAL DE TAREFAS: esse é o material fornecido pelo cliente. Geralmente é uma pergunta binária, algo que exige uma escolha entre duas questões. Em um laboratório, o Experimentador é a única pessoa com acesso direto a uma pergunta de escolha forçada. Nos aplicativos, é a pessoa responsável por atribuir tarefas ao visualizador, o Tasker. O visualizador e o monitor estão sempre cegos para a pergunta que está sendo feita, bem como para os alvos selecionados pelo experimentador ou pelo Tasker. **EXPERIMENTADOR/TAREFA:** Pessoa que de fato assegura que o protocolo seja seguido. Ele decide, com base na pergunta original que está sendo feita, quais alvos específicos serão representam o resultado específico pertinente à pergunta.

Por exemplo, a pergunta que está sendo feita é: "Invisto ou não invisto na Mickey Management?"

YES = Atribui um caminhão de bombeiros como alvo.

NO = Atribui um auditório de basquete como alvo.

Em seguida, eles decidem qual ação específica determinará qual *deveria ser* o alvo em algum momento no futuro. Por exemplo, no próximo dia 1º de julho, eles analisarão o relatório do mercado de ações da Mickey Management para ver se ela foi lucrativa o suficiente para ser investida. Portanto, a declaração de metas fornecida diretamente ao espectador é a seguinte:

"No dia 1º de julho do próximo ano, vou levá-lo a um lugar e mostrar-lhe algo. Descreva esse algo para mim".

Eles não participam da visualização remota.

VISUALIZADOR REMOTO: Pessoa que de fato faz a visualização remota. Está sempre totalmente cega para o que o alvo pode ser, até 1º de julho do próximo ano.

MONITOR: pessoa que fica na sala com o visualizador remoto enquanto a sessão de visualização remota está ocorrendo. Essa pessoa também não vê o que pode ser o alvo. (Um monitor não é necessário para aplicativos ARV, mas pode ser usado).

ANALISTA: pessoa que avalia se as informações foram transmitidas durante uma visualização remota. Ela recebe as percepções dos visualizadores remotos, bem como informações sobre as duas possibilidades de alvo. Não tem conhecimento do motivo da existência dos dois alvos. Eles determinam qual dos dois alvos o material do espectador descreve melhor. Eles fornecem essas informações ao Experimentador/Tarefa que, por sua vez, informa a resposta ao cliente.

Outras regras:

Tempo: sempre começa e termina em um horário especificado. Sempre tem uma data final em que a verdade básica será conhecida sobre qual deveria ter sido a resposta apropriada. (Neste caso, 1º de julho do próximo ano - por meio da análise dos relatórios do mercado de ações na Mickey Management).

Participantes: O Remote Viewer e o Monitor recebem uma visita ao alvo real em 1º de julho, que é decidido com base no que o mercado de ações diz que deveria ter sido feito. Se a ação tiver se saído muito bem, é um sim, e o espectador é levado a um quartel de bombeiros para ver um caminhão de bombeiros. Se o desempenho foi ruim, o espectador é levado a um estádio de basquete para receber feedback.

Avaliação: Esses alvos são avaliados formalmente toda vez que uma visualização remota é realizada. Os espectadores avaliam informalmente esses alvos somente durante o processo de feedback. O feedback, nesse caso, não virá até 1º de julho, um ano depois. Os alvos ARV podem ser configurados para fins de aprendizado e, nesse caso, o protocolo funciona exatamente da mesma forma que em um aplicativo.

Exemplo de uma linha do tempo:

1º de julho de 2000 Data específica em que o mercado de ações ditará se o Mickey Management deveria ter sido investido.

1º de julho de 1999 Data real de visualização remota do ARV.

08:00 A.M. O Experimentador/Tarefa decide quais serão os dois alvos (caminhão de bombeiros para sim, estádio de basquete para não).

08H30MIN. O espectador chega ao laboratório (ou local da visualização). 08H35 O Experimentador/Tarefa fornece a declaração do alvo

"Descreva o que eu vou levar e mostrar a você às 9h15 do dia 1º de julho de 2000".

(Observação: não é realmente necessário nenhum envelope lacrado, o espectador só precisa receber a declaração de alguma forma no momento da visualização remota).

08h40 O espectador e o monitor estão seguros na sala.

(Observação: o Monitor pode informar ao visualizador a tarefa. Ou, na ausência de um Monitor, o Visualizador simplesmente abre o papel ou envelope e lê a tarefa).

08H50MIN. O Viewer inicia a visualização remota.

09:10 A.M. O Viewer encerra a visualização remota.

(Observação: além de um horário de início especificado, o tempo permitido para a visualização remota não é regulamentado).

09H15MIN Os materiais da visualização remota são registrados formalmente e, em seguida, passados para o Analista.

09H20 O Experimentador/Tarefa passa dois possíveis alvos para o Analista.

09H30MIN. O analista informa qual alvo foi descrito pelo espectador ao Experimentador/Tarefa.

09H45 O Experimenter/Tasker informa ao cliente Sim ou Não, dependendo do alvo descrito.

(Observação: o processo é encerrado aqui e não continua até 1º de julho de 2000).

1º de julho de 2000	(Parte do feedback da visualização de um ano antes).
09:00 a.m.	O visualizador remoto (e o Monitor, se desejado) se apresenta no laboratório.
09:05 a.m.	O Experimentador/Tarefa verifica os relatórios do mercado de ações para o Mickey Management.
09h10	O Experimentador/Tarefa, o Visualizador Remoto (e o Monitor, se desejar) dirigem até o quartel dos bombeiros.
09h15min.	O espectador vê o caminhão de bombeiros e é informado se estava certo ou errado.

(Observação: O espectador nunca é informado sobre qual era o outro alvo, independentemente de estar certo ou errado. O feedback deve sempre ocorrer na hora e na data certas).

Visualização remota usando radiestesia

Quando a radiestesia é usada para a visualização remota, ela pode ser feita antes ou depois da visualização remota. Se for feita antes da visualização remota, então a radiestesia é sempre feita às cegas - mas imediatamente após a entrega do envelope lacrado ou a indicação das coordenadas do alvo.

Se a radiestesia for programada para seguir a visualização remota, ela deve ser feita antes de qualquer feedback ser dado a qualquer pessoa que esteja participando da visualização remota. Toda radiestesia é feita enquanto se segue o protocolo de visualização remota para aplicações.

O treinamento em radiestesia deve ser sempre feito às cegas e seguir as mesmas regras e estrutura usadas para o protocolo de aplicações.

Os mapas usados para radiestesia podem carregar o observador com informações pertinentes ao alvo real que ele estará visualizando remotamente em breve, portanto, é sempre melhor fazer a radiestesia às cegas.

A radiestesia é feita após a visualização remota ter sido realizada. A essa altura, o observador remoto terá desenvolvido um senso psíquico muito mais forte sobre o alvo e o que ele pode ser, o que só melhora os resultados da radiestesia.

O observador deve ficar o mais cego possível em relação ao alvo durante a radiestesia. Quase toda informação fornecida antecipadamente sobreporá o processo à lógica e anulará todo o propósito da radiestesia.

Radiestesia Remota Controlada (CRV)

O protocolo apropriado para uso com a Visualização Remota Controlada é o protocolo de aplicativos. Embora haja uma interação específica que ocorre entre o Visualizador Remoto e o monitor, nenhum deles deve ter conhecimento de detalhes sobre o alvo.

Dito isso, devo dizer que o treinamento em CRV é totalmente diferente. Ao ser treinado no CRV, o instrutor (ou monitor) sabe qual é o alvo real. O sistema foi projetado de forma a incorporar um conjunto específico de respostas entre o Remote Viewer e o treinador. Isso foi feito para que o visualizador pudesse *treinar* certas respostas inconscientes ou autonômicas.

Há argumentos positivos e negativos com relação a essa prática. Os que são a favor dizem que essa forma de treinamento ajuda a treinar a mente subconsciente para responder com informações apropriadas, sem que as informações sejam prejudicadas pelo processamento cognitivo - por exemplo, injetando fantasia ou sobreposição no processo. Os que são contra dizem que o processo em si é uma fantasia, pois tudo o que se aprende é como responder à pessoa sentada à sua frente de forma neurolinguística. Em outras palavras, a informação é passada de forma não verbal da pessoa que sabe qual é o alvo para a pessoa que não sabe, sem a necessidade de função psíquica.

Em vez de entrar nesse debate, vou afirmar enfaticamente que, para operar psiquicamente, é preciso operar dentro de um protocolo que requer ser psíquico. Portanto, independentemente de como você tenha sido treinado, quando estiver *aplicando a visão remota,* o alvo deve estar cego para quem quer que esteja na sala.

Em minha humilde opinião, não há cenários de treinamento perfeitos quando se trata de aprender a visão remota. Todos eles têm suas falhas e pontos positivos. Mas, quando se trata de aplicações, os únicos protocolos válidos são os cientificamente comprovados.

O protocolo apropriado para uso com a CRV é o protocolo de aplicações descrito acima.

Apêndice E

Influência remota, manifestações e aparições

Muitas coisas interessantes que acontecem em torno da visão remota quase nunca são comentadas, ou são comentadas em tom abafado e preocupado, dando a entender que algo está acontecendo que não deveria estar, ou que há algum tipo de perigo envolvido. Não sei por que as pessoas precisam trazer tanto mistério, paranoia e medo para o assunto, mas elas o fazem. A maior parte do assunto gira em torno de influência remota (que inclui cura ou, por padrão, ferimentos), entidades ou manifestações invasivas ou manipuladoras e afetar diretamente o futuro de si mesmo ou de outras pessoas.

Devido à própria natureza desses assuntos, muitos têm suas próprias opiniões a respeito deles. Basta dar uma olhada na Internet para ver que é assim. O que direi sobre eles se baseia puramente em minhas próprias observações de vinte e um anos de envolvimento, tanto na obtenção de informações quanto em pesquisas.

Influência remota

Gostaria de começar afirmando que em apenas alguns casos acredito que vi influência remota demonstrada.

Dito isso, posso acrescentar que, em alguns desses casos, nem todos os argumentos estão presentes, nem todos os caminhos de vazamento foram vedados e ninguém tem certeza de que a influência remota foi realmente demonstrada. Por quê?

Bem, em primeiro lugar, como afirma Dean Radin, Ph.D., em seu livro *The Conscious Universe* (Harper Collins, 1997, p.132), "ninguém foi capaz de projetar um experimento que separe claramente a precognição 'pura' da interação 'pura' entre mente e matéria".

Isso significa que há duas coisas que sempre podem estar acontecendo. Um sujeito pode estar usando a precognição para *prever* quando ocorrerá uma variação da norma ou pode estar *causando* a variação por meio de intervenção mental direta. Um experimento formal para diferenciar os dois ainda não foi projetado, pelo menos não que eu saiba.

Como exemplo de como isso pode funcionar, digamos que alguém separe os pacientes em dois grupos, um grupo-alvo e um grupo de controle. Em seguida, você seleciona um grupo de curandeiros para trabalhar remotamente no grupo-alvo, com a intenção de curá-los. Eles podem usar orações, bons pensamentos ou o que quer que pareça funcionar para eles. Os curandeiros nem sequer são informados de quem faz parte do grupo, nem os pacientes são informados de qual grupo fazem parte. Todos os pacientes têm essencialmente as mesmas doenças. Ao final de um período de estudo predeterminado, os médicos, que não sabem quais pessoas estavam em cada grupo, avaliam independentemente o desempenho dos pacientes. Você acaba com duas listas de pacientes, os que estão se saindo bem e os que não estão se saindo tão bem.

Você se surpreende ao ver que as pessoas que estão se saindo muito bem são as listadas como grupo-alvo. Você acabou de comprovar a influência remota? A resposta provavelmente é não. E o motivo é que a pessoa que dividiu os pacientes em um grupo-alvo e um grupo de controle no início do experimento pode ter usado a precognição para fazer as seleções.

Um argumento imediato seria ser algo como ,

"Certo, então vamos executar o experimento novamente e, desta vez, usaremos um gerador de números aleatórios para determinar em qual lista os pacientes serão colocados." Agora você só precisa provar que a geração de números aleatórios é realmente aleatória e que a interação com a máquina não é realmente uma seleção precognitiva - decidir quando apertar o botão de seleção para obter a sequência de números que você está p r o c u r a n d o .

O que f a z e r ?

O que é interessante nesse processo é que ele é totalmente motivado pelo desejo de provar a influência remota e não pelo desejo de curar mais pacientes. Na verdade, para algumas doenças, deve haver alguma evidência estatística de que apenas uma porcentagem muito pequena de pacientes ficará boa ou se recuperará. Esses tipos de doenças devem ser os alvos da tentativa de provar a influência remota. Se você viola contínua e estatisticamente a expectativa básica de melhora, então provavelmente está exercendo influência remota, já que nem mesmo a seleção precognitiva pode alterar significativamente essa estatística básica de quantos ficam bem.

Muitos não querem usar pacientes terminais por uma série de razões. Há questões éticas. E se você for bem-sucedido com os pacientes-alvo e não com os controles? Você deveria ter dito aos controles que eles eram controles? Você restringiu a cura a alguns pacientes selecionados aleatoriamente? Há questões ainda maiores. Para uma doença quase 100% terminal, uma estatística de 33% de cura abriria a porta para a ciência se intrometer no d e p a r t a m e n t o de milagres? Os argumentos são muitos.

Por que tudo isso é importante para a visão remota?

A importância está em uma suposição automática que é feita desde o início da visualização remota ou do funcionamento psíquico: a crença de que, de alguma forma, controlamos totalmente o que está realmente acontecendo. Quando o V i s u a l i z a d o r Remoto está penetrando no alvo, seja ele qual for, presumimos que o Visualizador Remoto está totalmente no controle. Também presumimos que o Visualizador Remoto, ou vidente, está acessando...

informações pertinentes ao alvo. Muitos acreditam que estão acessando essas informações de um arquivo de registros da realidade geral, um arquivo Akashic ou outro. Isso implica tanto o controle quanto o acesso, a escuta, a degustação ou até mesmo o roubo desse arquivo. Ninguém jamais supõe que as informações sejam transmitidas nos dois sentidos ou que haja um compartilhamento entre o Visualizador Remoto ou vidente e o alvo real. Mas, se você observar, acho que há muitas evidências de que isso certamente pode estar acontecendo com relação aos seres humanos.

Muitos de nós já tivemos a experiência de saber de repente que um de nossos familiares próximos está doente ou sofreu um acidente. Como isso aconteceu? Será que seus primeiros pensamentos, enquanto a dor corria por seu corpo, foram sobre nós, aqueles com quem eles se importam? Será que foi o medo de perder a conexão conosco que fez a conexão repentina? Não sabemos. Mas, de alguma forma, isso aconteceu. Fazemos a distinção entre enviar e receber informações. Talvez não seja isso que esteja acontecendo. Talvez, quando nos conectamos a uma pessoa, lugar, objeto ou coisa-alvo, na verdade compartilhamos informações com eles. Talvez vejamos isso de uma forma simplesmente porque a cognição está ocorrendo e sabemos quando ela está acontecendo. Ou, no caso de objetos ou coisas, talvez a simples compreensão do sistema de comunicação possa ajudar. Provavelmente não entendemos que todas as árvores se comunicam umas com as outras, simplesmente porque não entendemos a linguagem. Portanto, presumimos que a comunicação é algo que pegamos, em vez de compartilhar.

Acredito que quando percebemos algo - ou o visamos, como na visão remota - estamos na verdade abrindo e compartilhando informações. Não há emissão, transmissão ou obtenção real das informações. Ela é simplesmente compartilhada. Isso certamente explicaria o efeito observador observado em muitas áreas de pesquisa. Não vejo nenhuma diferença radical entre um efeito de observação resultante da observação física de algo e um efeito realizado por meio da observação psíquica.

A influência remota é uma questão importante que merece muita atenção.

muita atenção. Até que se prove o contrário, eu presumiria que está ocorrendo uma troca de informações com um alvo muito antes de presumir que estou simplesmente obtendo informações dele.

Manifestações e aparições

Por alguns motivos, apresento esse assunto em um livro que trata dos detalhes relacionados à visão remota. Primeiro, as interações com o que parecem ser entidades conscientes parecem estar acontecendo, ou pelo menos estão sendo relatadas, por videntes e pessoas que supostamente estão praticando a visão remota. Em segundo lugar, com base na experiência pessoal, elas parecem ser um subproduto natural da brincadeira com a visão remota e o paranormal.

Ocasionalmente, alguém relata ter interagido com um ser não físico ou uma entidade consciente efêmera ao tentar fazer a visualização remota. Há relatos não comprovados de entidades e seres desencarnados que interferem na obtenção de informações durante a visualização remota. Algumas pessoas me disseram especificamente que foram orientadas ou aconselhadas por essas entidades a não perseguir determinados alvos. Em casos raros, os espectadores relatam ter sido auxiliados por esses seres. Isso significa que as entidades são reais e existem de fato? Apesar de minhas próprias observações, devo dizer que seu palpite é tão bom quanto o meu! Sinceramente, não s e i o que fazer com esses eventos e ainda não cheguei a nenhuma conclusão definitiva. Só posso dizer o que minhas próprias observações dizem. As sessões têm sido.

Na maioria dos casos em que tive a experiência, recebi informações ou não me senti à vontade para buscá-las. Com isso, quero dizer que a experiência foi um tanto negativa ou um tanto positiva. Sinto que, quando foi um evento positivo, aceitei de bom grado as informações, que geralmente se revelaram

tão boas ou ruins quanto costumam ser as informações de visão remota. Certamente não foi significativamente melhor.

Quando se tornou uma experiência negativa, eu não atribuiria automaticamente a negatividade como uma tentativa de "me a v i s a r" ou de me a f a s t a r do alvo. Mas, como faço isso há vinte e um anos, vejo essas experiências mais com curiosidade do que qualquer outra coisa. Tento não tirar conclusões precipitadas, especialmente quando não há dados suficientes.

O que realmente pode estar acontecendo é que, de alguma forma, estou projetando uma figura ou arquétipo de dentro de mim mesmo, que tem sua origem em um espaço positivo ou negativo que está em uma parte mais enterrada do meu inconsciente. Em outras palavras, não há uma conexão clara ou consciente entre a informação que estou recebendo *em relação a* uma entidade criada por mim mesmo e aquele lugar dentro de mim que já tem uma convicção ou concordância com a informação que está sendo apresentada. Podemos traduzir isso como uma de duas coisas. Ou estou me dando informações que normalmente negaria ou r e j e i t a r i a, ou estou me e s f o r ç a n d o para enganar a mim mesmo. Depois de passar um tempo considerável pensando sobre isso, devo dizer que, de m o d o geral, pelo menos em minhas próprias experiências, esses eventos, quando acontecem, são distribuídos igualmente entre negativos e positivos. Portanto, se eu fosse forçado a adivinhar o motivo de tais experiências, seria difícil especular. Meus sentimentos provisórios no momento são de que, independentemente de meus sentimentos negativos ou positivos em relação a qualquer experiência específica, todos eles provavelmente estão enraizados em alguma questão pessoal que toca o medo, pelo menos em um grau suficiente para que internamente eu seja impedido de fazer uma conexão direta consciente-inconsciente para a transferência de dados. Em No momento, porém, isso é apenas uma suposição.

Então, as aparições ou comunicações com entidades são reais? Sim, eu diria que sim, pelo menos na medida em que têm um efeito profundo sobre quem as experimenta.

As informações recebidas ou fornecidas são precisas? Sim, pelo menos até o ponto em que qualquer outra informação autogerada possa ser; visão remota, psíquica ou outra. Eu assumiria quase que automaticamente que as mensagens estão conectadas de alguma forma com uma parte mais profunda do eu, um arquétipo ou uma área do inconsciente que está lidando com questões que ainda não pode trazer à tona ou que ainda não quer trazer à tona.

Neste momento, não tenho certeza se chegaria a qualquer outra conclusão sobre as entidades, independentemente de como elas possam interagir, aparecer ou se identificar.

Apêndice F

Lista de periódicos com revisão por pares

Revista Internacional of Parpsycbology
Parapsychology Foundation, Inc. 228 East
71st Street
Nova York, NY 10021

Revista of Scientific Exploration Allen
Marketing & Management 810 E. Tenth
Street, P.O. Box 1897 Lawrence, KS 66044-
8897

The Journal of the American Society for Psychical Research (Jornal da Sociedade Americana de Pesquisa Psíquica)
American Society for Psychical Research 5 West
73 (r) (d)Street
Nova York, NY 10023

Journal of Parapsychology
Centro de Pesquisa Rhine
402 N. Buchanan Boulevard Durham, NC
27701-1728

Sugestão de leitura zen

Kapleau, Roshi Philip. 1989. *The Three Pillars of Zen (Os Três Pilares do Zen): Teaching, Practice, and Enlightenment [Ensino, Prática e Iluminação]*. Nova York: Anchor Books.

Rosenberg, Larry. 1998. *Breath by Breath: The Liberating Practice of Insight Meditation [A prática libertadora da meditação do insight]*. Boston: Shambhala.

Suzuki, Daisetz Teitaro. 1987. *The Awakening of Zen [O Despertar do Zen]*.
Boston: Shambhala.

Suzuki, Shunryu. 1972. *Zen Mind, Beginner's Mind [Mente Zen, Mente do Iniciante]*. Nova York: Weatherhill.

Wangchen, Namgyal. 1995. *Awakening the Mind: Basic Buddhist Meditations [Despertando a Mente: Meditações Budistas Básicas]*.
Boston: Wisdom Publications.

Sobre o autor

Joseph McMoneagle, STARGATE Remote Viewer nº 001, ganhou reputação como o mais importante visualizador remoto da disciplina desde que começou a aprender o caminho do RV'do em 1978. Desde então, ele tem prestado suporte a uma longa lista de agências governamentais e institutos de pesquisa, e foi premiado com a Legião de Mérito por "produzir inteligência crucial e vital indisponível de qualquer outra fonte".

Ele é proprietário e diretor da Intuitive Intelligence Applications, Inc. e vive com sua esposa Nancy no sopé das Blue Ridge Mountains, na Virgínia. *Remote Viewing Secrets* é seu terceiro livro.

Índice

A

Modo de ação, 50, 59
Impacto estético (IA), 217
Nível de impacto estético (faixa laranja), 10-11 Estados alterados de consciência *(Tart),* 178 Visão alterada da natureza do mundo, 50, 59-60 Analistas, 56, 256, 258, 260, 264
Sobreposição analítica (AOL), 10, 217-218
Análise de material, 125. Ver também Relato não analítico Cognição anômala (CA), 217, 223
  dependência do Tempo Sideral Local, 168, 223-242 resposta livre, 223-253
Abertura, 4, 218
Aparições, 273-275
Aplicativos, 139-150
  melhor para visualização remota, 27-30
  definido, 25, 217
  diferenças entre aprendizado e, 108-112 Duplo-cego, 144-195
  Carregamento frontal, 146-147
  visualização remota múltipla, 147-149 não confiável para visualização remota, 30-32
  trabalhando sozinho como visualizador, 149-150
Protocolo de aplicativos, 260-262
Alvos de aplicativos, 78
Talento artístico, utilidade de, 48, 55-56 ARV.
Veja Visualização remota associativa
Visualização remota associativa (ARV), 26, 84-87, 218, 263, 266 equipamento usado em vez d e , 184
Suposições, 11, 98, 218
  controle, 121, 123
Viagem astral. Ver Experiências fora do corpo Apego.
Ver Ego
Registros de fitas de áudio, 159
Escrita automática, 99-100
Consciência de processos internos, 50, 59, 191

B

Nível iniciante (faixa branca), 7-8
Estrutura de crenças, 37-39, 63-66, 180-183
  capacidade de deixar de lado, 54, 104-106
Perguntas do tipo binário, 184-186

Direcionamento cego, 144, 218. *Veja também* Aplicações duplo-cegas Método de piscar, 188-189
Linguagem corporal, leitura, 110 Limites
importância de, 66
operação fora do normal, 51 , 62 Braud, William G., 49
Buchanan, Lyn, 214
Budismo, 2

c

Cayce, Edgar, 158 Uso de telefone celular, 166
Centralização, 50, 218
Canalização, 99-101
Trapaça, 110-111, 120
Lista de verificação, visualização, 133-134
Escolhas. *Ver* Requisitos de escolha forçada Avaliações da CIA, de visão remota, 157 Clarividência. *Veja* Experiências fora do corpo Mentalidade fechada, 54
Desordem, efeito negativo em visualizadores remotos, 174-175
Cognição. *Veja* Cognição anômala de resposta livre Laboratório de Ciências Cognitivas (CSL), xi-xv, 89, 167 Leitura fria, 21 , 109, 218
Coleta de informações, metodologias e estilos básicos usados por observadores remotos, 95-101
Combinação de metodologias, 89
Senso comum, 50
Comparação, 4
Alvos complexos, 113
Manutenção de registros por computador, 161-162
Nível de conceito (faixa preta - primeiro estágio), 14
Conceitos, investigação, 82-83
Preocupações, sobre visão remota, 37-44
Conclusões, 218
salto para, 12
perder a necessidade de, 123, 125 Mente consciente (ego), 218
eliminação de aspectos negativos da, 4
técnicas para enganar, 122-123
Universo consciente, O (Radin), 270 Formulário de consentimento, 127-129
Direitos constitucionais, 194
Contaminação, impedindo a possibilidade de, 72 Visualização remota controlada (CRV), 26, 97-99, 267-268
Visualização remota coordenada, 218. *Consulte também* Visualização remota controlada

Alvos de coordenadas, 26, 74-77, 218, 262
Loucura, *66*
Criação de grupo de alvos, 72
Criatividade, 51 , 62-63
Perfil criminal, 196
Pensamento crítico, 51 , 63
Crítica, capacidade de lidar com ela, 48, 55 CRV.
Veja Visualização remota controlada Crystal gazing.
Consulte Cristalografia
CSL. *Consulte* Laboratório de Ciências Cognitivas
Clientes, preparação de relatórios para, 162-166

D

Lado sombrio, 5
Datas, falta d e confiabilidade, 152-158
Pessoas mortas, encontrando, 32
Desmascaradores, 38-39, 219
Tomada de decisão, auxílio na, 30 Engodos, 113
Defesa de seu trabalho, preparação para, 159-160
Definições, 24-25, 217-222
Detalhes
prestar a t e n ç ã o , 209 montar, 12-13
Dieta, efeito sobre os espectadores remotos, 172
Diferença, 51 , 62. *Veja também* Efeitos de gênero
Disciplinas, outras disciplinas de apoio, 29, 175-183
Distrações. *Veja também* Interferência; Irritações
Capacidade de eliminar, 49, 58
Adivinhação, 189
Aplicações duplo-cegas, 144-146
Radiestesia, 88-89
fabricação e uso de equipamentos para, 184-189
visualização remota usando, 266-267
Sonho, lúcido, 176
Uso de drogas, efeito em visualizadores remotos, 172-173

E

Comunicações por e-mail, 166
Tamanho do efeito, associação com o tempo sideral local em experimentos de cognição anômala d e resposta livre, 223-242
Ego, 218. *Veja também* Mente consciente efeito em espectadores remotos, 174 controle, 122 e ganância, 198-199

Impacto emocional, 219
controle, 122
mulheres mais em contato com, 107-108 Criptografia, 165
Entidades. *Veja* Aparições
Respostas de arrastamento, em visualizadores remotos, 267 Equipamento
para radiestesia, 184-189
para vidência, 189-191
ERV. *Consulte* Visualização remota ampliada
ESP. *Consulte* Percepção extrassensorial
Aplicativos relacionados à espionagem. *Veja* Espionagem industrial; Envolvimento de agências de inteligência
Ética, 193-204 Avaliadores.
Consulte Analistas
Alvos relacionados a eventos, 30, 92-95
Folhas de exemplo. *Consulte* Folhas de exemplo de protocolo mostrando o tempo
Expectativas
evitar, 79, 120
de fracasso, 55
razoáveis, 207-209
de sucesso, 120
não razoáveis, 258, 260, 267
Experimentador/tarefa, 258, 260, 267 Experimentos
na cognição anômala de resposta livre, 233-242 manutenção de registros típicos, 130, 160-162
Visão remota ampliada (ERV), 26, 95-97 Percepção extrassensorial (ESP), 223-224

F

Fracasso
ser capaz de lidar com, 48, 55, 174 racionalização, 119
Gaiolas de Faraday, 225
Medo, eliminação, 4-5
Feedback, 219
Nível de sentimento (faixa marrom), 12-13
Sentimentos. *Veja também* Impacto emocional
conscientização de, 50, 58
investigação, 83
Relatórios finais, 164
Foco, 96
capacidade de, 58
Requisitos de escolha forçada, 84-87 Sessões formais de visão remota, 221 Unidade Fort Meade, xv-xvi, 96

Cognição anômala de resposta livre, 167 experimentos
em, 233-242
flutuações geomagnéticas e, 243-254 Abordagem de
resposta livre, *96,* 219
Livre arbítrio, 156
Carregamento frontal, 118
aplicativos, 16, 146-147
Metas futuras, 156-158

G

Configuração de Gansfeld, 48, 50
Efeitos de gênero e diferenças observadas no treinamento, 106-108 Flutuações
geomagnéticas (GMF), 171-172
e cognição anômala de resposta livre, 243-254 Gestalt, 219
geral, 8, 207, 212
em alvos, 113, 118
GMF. *Ver* flutuações geomagnéticas Bem e mal,
relatividade de, 50, 60 Ganância, 198-199
Crescimento, 4

H

Hábitos, 112
pessoais, 172-174
desaprendizagem, 3
Cura, uso da visualização remota para, 90-91, 270-271 Nível de
realidade oculta (faixa preta - quarto estágio), 18-19 Ambientes de
alta estimulação, 48, 52-53
História da visualização remota, xii-xvii Humor,
118
Hipnose, 178-179

I

Ideias, investigando, 83
Ideogramas, 219
Imagens, percepção de, 50, 59
Diferenças individuais, 214
Espionagem industrial, 197
Influência, 224. *Veja também* Influência remota Sessões
informais de visão remota, 221 Informações. *Veja também*
Comunicação telepática
estar aberto à probabilidade do paranormal, 48, 54-55 coleta, 27,
95-101
processamento, 95-101, 106, 117, 120-122

fonte de, 154
transmissão, 165
verificação, 35, 200
Talento inato, 66-67
Inovações, disposição para buscar, 51 , 62 Institute for Parapsychology, The, 241
Institute of Electrical and Electronics Engineers (IEEE), 46 Envolvimento de agências de inteligência, xi, 75. *Veja também* Espionagem industrial Intenção, para obter sucesso, 181
Interferência, 175, 211. *Veja também* Irritações Relatórios provisórios, 163-164
Processos internos, conscientização sobre, 50, 58-59, 191
Internet, 203-204
Interpretação, 116-117
evitando, 190
suspender, 50, 60 Inter-relacionamento das coisas, 50 Aplicativos de inteligência intuitiva, 65 Investimentos, investigação, 85-86
Irritações que podem interferir na visualização remota, 134

J

Journal of Communications, 49
Journeys Out of the Body (Monroe), 177 Julgamento, suspensão, 50, 60

K

Sequestros, investigação, 32, 87-88 Conhecimento, fonte de, 154

L

LaBerge, Stephen, 176 Leads, produzindo novos, 29 Caminhos de vazamento, 110
Aprendizado de visão remota, xviii-xix, 103-137. *Veja também* Treinamento em visualização remota
diferença entre aplicativos e, 108-112 por exemplo, 48, 54
individualidade de, 4
processo interminável, 118
estabelecimento de metas para, 14
Funcionamento do hemisfério esquerdo, 50, *59*
Níveis de visão remota, 7-19 nível de iniciante (faixa branca), 7-8 nível de percepção (faixa amarela), 9-10

nível de impacto estético (faixa laranja), 10-11 nível de
sentimento (faixa marrom), 12-13
nível de conceito (faixa preta - primeiro estágio), 14
nível tridimensional (faixa preta - segundo estágio), 15-16 nível de
história-alvo (faixa preta - terceiro estágio), 16-18 nível de realidade
oculta (faixa preta - quarto estágio), 18-19 nível final (faixa
vermelha/preta - grande mestre), 19
Luz, senso de, 11 Limites, indo
além, 16
Tempo sideral local (LST), 167-172
associação com o tamanho do efeito em experimentos de cognição anômala de resposta
livre, 223-243
Localização, investigando problemas de, 87-88 Registros.
Veja Notebooks
Objetos perdidos, como encontrar,
185 LST. *Veja* Hora sideral local
Lucid Dreaming, The Power of Being Awake & Aware in Your Dreams
(*Sonho Lúcido, O Poder de Estar Acordado e Consciente em Seus
Sonhos*), 176

M

Segurança de correio, 166
Estágios de "fazer ou
desfazer"
nível de impacto estético (faixa laranja), 10-11
nível tridimensional (faixa preta - segundo estágio), 15-16 nível de realidade
oculta (faixa preta - quarto estágio), 18-19
Mandelbaum, William, 40
Manifestações, 273-275
Radiestesia de mapas, 88-89, 185-188 Artes
marciais, visão remota como, 1-5 Maestria, 8,
16-19
May, Edwin C, xv, 34-35 Mídia, 34-
35
interesse em visão remota, 202-203
Condições médicas, investigação, 90-91, 270-271
Meditação, 49, 58, 178-179, 219
Homens e mulheres, diferenças observadas no treinamento entre eles, 106-108 Tarefas
domésticas, 52, 122
Processos mentais, consciência dos processos internos, 50, 59, 191
Relaxamento mental, 49, 58
Estado mental. *Veja também* Mente consciente (ego)
efeito sobre os visualizadores remotos, 172-174
próprio para visualização remota, 2-5, 37-44
Metodologias usadas por visualizadores remotos, 26-27, 95-101
combinação, 89
definido, 24-25, 69, 219
evolução de, 26-27

Efeitos de micro-PK, 224-225
Microestruturas, investigando, 91-92
Contribuição militar, 50-51, 75. *Consulte também* Projetos do exército; Envolvimento da agência de inteligência
Mind to Mind (Warcollier), xiii
Pessoas desaparecidas. *Veja também* Pessoas mortas; Investigação de objetos perdidos, 195-196
Monitores, 72, 220, 256, 258, 260
Monroe, Robert, 177
Moralidade, talento mediado por, 198 Motivação,
50
aumento, 61 , 173-174
lucro, 198
Alvos móveis, 80-81
Múltiplas visualizações remotas, 147-149 Música,
para relaxamento, 177-178

N

Comunicações neurolinguísticas, 179-180 Novas
abordagens, disposição para buscar, 51 , 62 Ruído, 52, 220.
Veja também configuração de Gansfeld
efeitos de, 170-172, 226
Relatórios não analíticos, 48
Visão remota de não-excursores, 257-260 Seres não
físicos. *Veja* Aparições
Alvos não físicos, 84-87
Nostrodamus, 158
Cadernos de anotações, 118, 126-127, 211
sugestões específicas, 160-161

O

Visualização remota operacional, 220 Opiniões,
sem medo de expressar, 51 , 63
Experiências fora do corpo (EFCs), 115, 176-177 Visualização remota
de outbounder, 26, 71-74, 255-257
Outbounders, 73, 220, 256
Sobreposição, 10, 146

P

Paranormal
estar aberto à probabilidade de, 48, 54-55 lidar com,
xv, 40-41
distinção entre visão remota e, 23 Parapsicologia, fraude dentro, 41-
42
Alvos passados, 154-155

Caminhos de vazamento, 110
Admiração dos colegas, 51 , 62
Pêndulos, 184-189
Percepções, 220
Perceptual Channel for Information Transfer over Kilometer Distances (*Canal perceptual para transferência de informações em distâncias de quilômetros*) (Puthoff e Targ), 46
Perfeição, abandono da expectativa de, 4 Hábitos pessoais, 172-174
Preconceito pessoal, capacidade de deixar de lado, 60
Pessoas
encontrar mortos, 32
investigação de desaparecidos, 195-196 Crenças filosóficas, 180-183. *Ver também* Ética Alvos fotográficos, 78-80, 262
Excitação física, capacidade de reduzir o nível de, 49, 58 Segurança física, 165, 166
Atitude mental positiva, 173-174 Pool de prática, 211
Soluções pragmáticas, abertura para, 51 , 62-63
Visualização remota precognitiva, 26, 220
Preconceito, 183
capacidade de deixar de lado, 60
Tempo presente, 152-153
Lista de verificação de visualização, 133-134
Grupo de Pesquisa de Anomalias de Engenharia de Princeton (PEAR), 227-228, 245-246
Privacidade, 150, 195-198
Probabilidades, 152
Problemas, soluções e inovações (PSI), 214 Resolução de problemas, 48, 57, 63, 105-106 Processamento de informações
controle, 9
duplo, 53
metodologias e estilos, 95-101, 123-125
compreensão, 11
Motivo de lucro, 198-199
Projeto STARGATE. *Consulte* Projeções do programa STARGATE, elaboração, 30
Folhas de exemplo de protocolo mostrando o tempo
para o protocolo de aplicativos, 260-262
para protocolo de visualização remota associativa, 263-264 para visualização remota controlada, 267-268
para alvos de coordenadas, 267
para visão remota de não-excitadores, 257-260 para visão remota de transcitadores, 255-257
para fotografias como alvos, 262
para visualização remota usando radiestesia, 266-267

Protocolos
visualização remota associativa, 26, 84-87, 263-264 científico básico,
implementação e fundamentação, 70-71 definido, 24, 69, 220
diferenças entre, 26
diferente de metodologias, 69-101 aplicação, 39
seguindo, 54, 140-141 operando fora do
aceitável, 22
tipos estranhos ou únicos de, 84-95 violações de,
110-111
Estados psi condutivos (Braud), 48, 55-56
Psychic Battlefield (Campo de batalha psíquico): Psychic Battlefield: *Psychics and Soldiers* (Mandelbaum), 40 Linhas diretas psíquicas, 201
Informações psíquicas. *Ver* Informações
Funcionamento psíquico, 220
Árvore psíquica, 52-53
Psíquicos, 220
diferentes dos observadores remotos, 22
identificando, 51 , 103-104
investigação, 37
inúmeras funções de, 21-22, 100-101, 122 Laboratórios de
pesquisa psicofísica, 245 Escrutínio público
ser capaz de lidar com, 48, 55 preparar-
se para, 159-160
Puthoff, Hal, xv, 46-47

Q

Silêncio, 175
Desistir, saber quando, 213-215

R

Radin, Dean, 270
Random, Michel, 1 Racionalização
do fracasso, 119 de
um alvo, 152
Reorientação de alvo, 94, 148
Realidade
interações intrincadas de, 19 relativa, de
tempo, 17, 50, 59, 155 separando da
imaginação, 50 de alvos, 27
Expectativas razoáveis, 207-209. *Ver também* Expectativas irracionais

Modo receptivo, 50, 59
Reconstrução de eventos, 30, 92-95
Manutenção de registros, 73, 123-127. *Consulte também* Cadernos de anotações; Folhas de exemplo de protocolo mostrando o tempo; Revistas científicas
relatório e formato, 159-166 retenção, 164
para aplicações específicas, 162-164 para
um experimento típico, 160-162
Relacionamentos, *56*
Relaxamento, 49, 58, 176-177
Viés religioso, 178-179
Influência remota, 220, 269-273
Visualizadores remotos, 33-34, 72, 256, 258, 260, 267
Características dos bons, 4-5, 48-63, 106-107
Características dos ruins, 63-66
alegações feitas por, 91 , 120, 140
determinação do nível provável de habilidades, 66-67
diferente dos médiuns, 22
respostas d e treinamento, 267
avaliação, 131-149
excepcional, 209
métodos usados por, 26-27, 69-101 hábitos
pessoais que afetam, 172-174 o que eles
veem, 114-117
trabalhando sozinhos, 149-150 Visão
remota.
reações adversas a, 65-66 associativa,
26, 84-87, 263-266 avaliações d a
CIA sobre, 157 preocupações sobre,
37-44
controlada, 26, 97-99, 267-268
desmascaradores de, 38-39, 219
definido, 24-25, 220 diferenças nos
métodos, 26-27 diferenças nos
protocolos, 26
conhecimento inicial no SRI-International sobre, 46-47 ética em, 193-204
fatores que colocam em questão, 170-171 para
cura, 89-90, 264-266
aprendizado, xviii-xix, 103-137
níveis de, 7-19 arte
marcial de, 1-5
interesse da mídia em, 202-203
contribuição militar, 50-51, 75
múltipla, 147-149
sem saída, 257-260
operacional, 220

outbounder, 26, 71-74, 255-257
precognitivo, 26
estado mental adequado para, 2-5, 37-44
confiabilidade do, 33
breve histórico do, xii-xvii tarefas
mais bem usadas para, 27-30 tarefas
não confiáveis para, 30-32
cronograma e folhas de protocolo para, 255-268
ferramentas para, 175
treinamento em, xviii-xix
características únicas e estranhas de, 62, 167-191 uso de
dados de, 32-33
uso de radiestesia, 266-267
Remote Viewing Instructional Services (RVIS) (Serviços de Instrução de
Visualização Remota), 214 Sessões de visualização remota
formais, 220-221
informais, 221
Metas de pesquisa, 77-78 Resultados
avaliação, 212-213
previsão, xviii, 66-67
Recompensas, 61 , 173-174
Ridicularização, ser capaz de lidar com, 48, 55
Certo e errado, 125. *Veja também* Bem e mal Funcionamento do
hemisfério direito, 50, 59
especialização em, 48, 57
RV'do, 2, 4, 221
centralização no, 11
aprofundamento, 17
ter sucesso no, 67

S

Science Applications International Corporation (SAIC), 209, 245 Revistas
científicas. *Veja também* Notebooks
elementos de, 126-130
Visualização remota científica (VRC), 26 Regras
científicas, 215
Cristalocação, 22, 99-101, 221
construção de equipamentos para, 185-187, 189-191
Segurança, 162, 164-166 "Ver" o
alvo, 114-117 Autoilusão, 43
Auto-hipnose, 178-179
Autorrealização, 19
Autosseleção de sujeitos, 48, 54 Nível sensorial
(faixa amarela), 9-10

Entrada sensorial, 221
capacidade de reduzir o nível de, 49, 58-59 Shinto, 2
Trituração, 165
Sinal, 221
Linha de sinal, 221
Ceticismo, 37-39, 54, 182, 221 Sono, efeito
nos visualizadores remotos, 173
D e s a c e l e r a ç ã o , importância da, 12
Smith, Paul, 214
Rejeição social, capacidade de lidar com ela, 48, 55 Hora
solar. *Consulte* Hora sideral local (LST) Busca de soluções.
Consulte Solução de problemas
Espaço, realidade relativa do, 50, 59
Spottiswoode, S. James P., 167-168, 170-172, 223, 243
SRI-International (SRI-I), 48-63, 74, 209, 245. *Veja também* Laboratório de Ciências
Cognitivas
conhecimento inicial sobre visão remota, 45-50 contribuição
militar, 50-51
SRV. *Consulte* Visualização remota científica
Estabilidade, definida, 64-66
Estágios. *Veja* Níveis de visão remota; estágios de "sucesso ou fracasso" Stanford
University Sleep Research Center, 176
Programa STARGATE, xi, xiv-xvii, 27, 37, 43, 45, 49, 51 , 71 , 157, 202
Estado de espírito. *Ver* Estado mental
Estatísticas, fraqueza de, 35
Investimentos no mercado de ações, investigando, 85-86
Força, internalizada, 63
Alvos de estudo, 77-78
Estilos usados por observadores remotos, 94-100
Estruturas subatômicas, investigação, 91-92 Mente
subconsciente, 221-222
Sujeitos. *Veja* Visualizadores remotos
Sucesso
consistente, 51 , 61
definição, 122-123, 205-206 intenção de
experimentar, 181
Disciplinas de apoio, outras, 29, 180-183
Suspensão de julgamento, 50, 60
Swann, Ingo, xii-xiii, 75, 97, 157

T

Talento
inato, 66-67
mediado pela moralidade, 198 Targ,
Russell, xv, 46-47

Nível de histórico de metas (faixa preta - terceiro estágio), 16-18
Conjunto de metas, 255, 257-258. *Veja também* Conjunto de práticas
exemplo de um treinamento pequeno, 135-137
pessoa que cria, 72, 210
Alvos, 22-23, 222, 260, 263. *Consulte também* Múltiplas visualizações remotas;
análise, 14
aplicativos, 78
complexo, 113
coordenadas, 26, 74-77, 262
relacionadas a eventos, 30, 92-95
familiaridade com, 92
futuro, 156-158
dicas sobre, 119
movimento, 80-81
não-físico, 84-87
passado, 154-155
fotográfico, 78-80, 262
racionalização, 152
realidade de, 27-29
pesquisa, 77-78
"ver", 114-117
estudo, 77-78
para treinamento, 14, 112-114, 135-137
desconhecido, 28-29, 71, 137
variedade, 112
Leitura de cartas de tarô, 99-101 Tart, Charles, 178
Ensino. *Ver* Treinamento em visualização remota
Visualização remota técnica (TRV), 26 Técnicas
definidas, 24-25
para enganar a mente consciente, 122-123 Comunicação telepática, 73, 154
Considerações éticas sobre, 195 Conversas telefônicas, 166
Terminologia, 24-25
Testes, 66-67
Crenças teológicas, 180-182 Pele grossa, importância da, 55 Pensar, ir além, 19 Pensamentos, investigar, 83-84
Nível tridimensional (faixa preta - segundo estágio), 15-16
Tempo, 151-158. *Veja também* Metas futuras; Metas passadas; Folhas de exemplo de protocolo mostrando o tempo, 255-268
sideral local, 167-172
presente, 152-153

realidade relativa do, 17, 50, 59, 155 gasto
em sessões de treinamento, 212
Tolerância, 194. *Ver também* Suspensão de julgamento
Ferramentas para visão remota, 175
Treinamento em visualização remota, xviii-xix, 103-137
práticas ruins, 119-220
exemplo de um pequeno grupo-alvo para, 135-137 boas
práticas, 117-118
diferenças observadas entre homens e mulheres, 106-108 recomendações, 205-215
recursos, 214
seleção de metas para, 112-114 definição
de cronograma para, 211-212 estágios em,
104-106
opiniões sobre, xiii, *67,* 109, 205
Trabalho em transe, 97
Clarividência itinerante. *Ver* Experiências fora do corpo Verdade,
busca da, 5
TRV. *Veja* Visualização técnica remota

U

Avistamentos de óvnis, 28-29, 31, 82
Nível máximo (faixa vermelha/preta - grande mestre), 19
Máquina do tempo suprema, 152, 157
Alvos desconhecidos, 28-29, 71, 141
Desaprendizagem, 104-105
Expectativas irracionais, 4, 32-35 Alvos não verificáveis.
Veja Alvos não físicos Usos para visualização remota
Melhores aplicações, 27-30
aplicações não confiáveis, 30-32
Instituto de Parapsicologia de Utrecht, 245

V

Variedade de alvos, 113-114 Descrições
verbais, 48, 56 Visualizadores. *Veja*
Visualizadores remotos Visualização,
116

W

Warcollier, René, xiv Guerreiro,
caminho do, 1
Mulheres, mais em contato com as emoções, 107-108
Trabalhar sozinho, como visualizador remoto, 149-150
Espaço de trabalho, sentir-se confortável nele, 174-175

Y

Perguntas do tipo sim/não. *Consulte* Perguntas de tipo binário

Z

Zen, 2-3, 179, 278